

DA MESMA AUTORA DE AOS PERDIDOS, COM AMOR

BRIGID KEMMERER

MAIS

DO QUE

PALAVRAS

PODEM

DIZER

PLATA
FORMA 31

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Table of Contents

Créditos

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

TÍTULO ORIGINAL *More Than We Can Tell*

© 2018 Brigid Kemmerer 2018. Esta tradução de *More Than We Can Tell* é publicada pela V&R Editoras mediante acordo com Bloomsbury Publishing Plc. Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Fabiane Zorn

REVISÃO Flávia Yacubian, Isadora Prospero e Raquel Nakasone

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO E EPUB Juliana Pellegrini

CAPA Jeanette Levy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kemmerer, Brigid

Mais do que palavras podem dizer / Brigid Kemmerer;

tradução Lígia Azevedo. – São Paulo: Plataforma21, 2018.

2MB; Epub

Título original: More than we can tell

ISBN 978-85-92783-87-7

1. Ficção juvenil I. Título.

18-58069 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br

plataforma21@vreditoras.com.br

Para minha mãe, que me ensinou a ser forte, mas também – o que é mais importante – a ser bondosa.

UM Emma

OutraTERRA • Tela do Jogador

NOME DO USUÁRIO: Emma Blue (PRIVADO)

NÍVEL: Administrador/Desenvolvedor

NICKNAME: Azure M

NOVA MENSAGEM

Quinta, 15 de março, 17:26

De: Pesade1o

Para: Azure M

Chupa. É isso que eu vou dizer quando te encontrar e meter no buraco da sua boca.

Eca. Pelo menos não mandou uma foto do próprio pênis.

Meus dedos vacilam em cima do botão BANIR USUÁRIO.

Eu deveria fazer isso. Sei que deveria.

Pesadelo está puto porque o tirei de uma equipe por assediar outro jogador. Foi bem no final da missão, o que o fez perder todos os pontos de experiência que tinha ganhado. Duas horas de jogo escorreram pelo ralo.

Mas OutraTERRA não tem uma base de fãs muito grande. Talvez duzentos jogadores, num dia bom. Só criei o jogo como parte de um trabalho para a escola. Coloquei o link no fórum 5Core porque precisava de alguns usuários-teste. Não achei que alguém fosse de fato jogar.

Mas jogaram. E agora... tenho usuários. Criei uma comunidade. E um idiota me xingando no 5Core pode ser o bastante para espantar todo mundo.

Já posso até ver o que ele vai escrever.

Azure M ficou putinha por causa de umas bobagens que falei e me excluiu. As garotas

estão acabando com o mundo dos games.

Porque, acredite em mim, ele é um *cara*. Ainda estou para achar uma mulher que diga “meter no buraco da sua boca”.

Suspiro e deleteo a mensagem.

Num clique, acesso o aplicativo de mensagens instantâneas e escrevo para Cait Cameron.

Emma: Um cara acabou de me mandar uma mensagem dizendo que vai meter no buraco da minha boca.

Cait: Buraco da boca? Isso não é meio redundante?

Emma: Né?

Cait: Tem dias que fico feliz quando o pior que preciso aguentar é as pessoas falando que sou feia.

Cait faz tutoriais de maquiagem no YouTube.

Ela não é feia.

Mas sua maquiagem pode ser um pouco exagerada. Ela curte cosplay e releituras de personagens (eu não sou tão geek assim). Mas o verdadeiro talento dela está nas próprias criações. Outro dia, Cait apareceu na escola com delicadas escamas de sereia nas bochechas. Uma vez, criou uma maquiagem que parecia um zíper abrindo sua pele, mas um professor a fez tirar.

Já eu não sou muito fã de maquiagem. Mesmo assim deixei que Cait me fizesse uma no mês passado, depois de ela muito suplicar, dizendo que tinha pensado em algo perfeito para mim. Cait fez um circuito elétrico ao longo das minhas têmporas e do meu maxilar, muito sutil, então passou delineador escuro e sombra prateada em mim. Achei que ficou bem legal – até que os babacas da escola começaram a me perguntar se eu tinha sido programada para o prazer.

A primeira aula ainda nem tinha terminado e eu já havia tirado a

maquiagem no banheiro.

Cait não disse nada. Nem eu.

Mando outra mensagem.

Emma: Vou entrar. Quer jogar?

Cait: Não posso. Combinei com minha mãe de testar um delineador nela.

Argh. É claro...

No instante em que penso isso, me sinto uma cretina. Cait e eu costumávamos ser unha e carne, mas em algum momento do começo do ano letivo nos afastamos. Não sei se é o jogo, a maquiagem ou outra coisa: o fato é que cada vez mais parece que uma de nós está fazendo *outra coisa*.

Queria saber como consertar isso. Mas se a solução for escamas de peixe ou um circuito elétrico, não vai rolar.

Suspiro e volto para o OutraTERRA, logando como jogadora, em vez de administradora.

Recebo na hora um convite para formar uma equipe com Ethan_177.

Sorrio e coloco o headset. Talvez a tarde não seja um fiasco *total*.

Não tenho ideia de quem é Ethan na vida real. Sei que está no ensino médio, porque o perfil no 5Core diz que estuda na Old Mill, mas não é como se isso resolvesse a charada. Ethan pode ser um nome falso, mas Ethan_177 não é exatamente um nome de personagem, então talvez seja real. No jogo, ele é um guerreiro de armadura preta e capa vermelha. Uma máscara cobre a metade inferior de seu rosto, e ele carrega duas espadas elétricas. Quando Ethan as saca numa batalha, o aço é tomado por uma luz e começa a zumbir – um dos meus melhores trabalhos.

Ele não sabe quase nada sobre mim, embora seja um dos poucos

a quem contei que criei OutraTERRA. Para todas as outras pessoas no jogo e no 5Core, sou só Azure M, uma jogadora qualquer. Ninguém aqui pode relacioná-la a Emma Blue.

Assim que estamos unidos numa equipe, podemos falar pelos headsets.

– Oi, M – Ethan cumprimenta. O avatar dele acena.

– Oi, E.

Abro um sorriso largo. Ele tem uma voz legal. Um pouco mais grave do que seria de se esperar, levemente rouca. É meio sexy.

Tá, sim, talvez eu tenha uma quedinha pelo Ethan. Não é como se passarinhos azuis de desenho animado sobrevoassem minha cabeça ou coisa do tipo, mas mesmo assim.

O que é ridículo. Old Mill fica a 45 minutos daqui. Não faço ideia de qual é a cara dele. Ethan poderia estar no primeiro ano. Meu Deus.

– Pensei em chamar mais algumas pessoas – ele diz. – Está a fim de sair em uma missão?

Essa é outra coisa que mantém os passarinhos a distância: embora ele seja simpático e engraçado, nunca fala de nada que não seja o jogo. *Ai, ai...*

– Claro – digo.

– Esqueci de contar: tem uma lacuna nos gráficos dos bosques élficos. Depois vou te mandar uma captura de tela no 5Core, pra você consertar.

– Legal. Obrigada.

Como eu disse. Só jogo. Só tecnologia.

E não tem problema. Eu deveria agradecer por Ethan não ter perguntado o tamanho do meu sutiã.

Logo o nome de outro jogador aparece na lista de membros da equipe. GundarWez. Seu avatar aparece junto com o nosso na tela. Ele é imenso e só usa preto – um completo desperdício das opções

de customização que passei tanto tempo desenvolvendo. Nunca joguei com ele.

– Oi, Gundar – digo no microfone.

– Oi – cumprimenta Ethan.

– Oi, Azure. Oi, Ethan.

Seguro uma risada. Com um avatar daquele tamanho, esperava uma voz mais grossa. Gundar parece ter 9 anos.

Outro jogador se junta a nós. Quando vejo o nome na lista da equipe, o sorriso some da minha cara.

“Pesade1o”. O sr. Buraco da Sua Boca em pessoa.

O avatar é feminino, claro. Tem peitos tão grandes quanto minha programação permite – o que não chega a ser obsceno, ainda bem. Cintura estreita. Quadris largos. Ele customizou as roupas e a pele para ficarem do mesmo tom de bege, de modo que ela parece pelada. Me dá vontade de tirar as opções de cor da programação.

Congelo em um estado mental entre a aversão e a irritação. Coincidência absurda, mas não teria como não ser. Como ele saberia que eu estava na equipe até que Ethan o adicionasse?

Talvez não tenha problema. Sei que muita gente diz coisas por escrito que não diria no microfone.

– Mal aí – ele diz, e sua voz sai rouca e grave. Por uma fração de segundo, acho que está mesmo se *desculpando*, mas então ele continua: – Achei que fosse uma equipe de verdade.

– E é – diz Ethan. – Estamos em quatro. Quer repassar a missão...

– Não. Não até você se livrar dessa vaca.

Aparentemente, tem gente que diz pelo microfone coisas que nunca deveriam ser ditas em voz alta. A aversão se transforma em raiva – e humilhação.

– Vá em frente. – Minha voz sai firme, embora meu coração pule no peito. – Só que a única vaca que estou vendo é você, Pesadelo.

– Nem vem. Vim aqui pra jogar. Só não quero fazer isso com uma

cadela no cio.

– E eu não quero jogar com um babaca – retruco.

– Gente – Ethan diz. Ele suspira. – Temos uma criança na equipe.

– Não sou criança! – Gundar diz.

Faço uma careta. Tinha me esquecido dele.

– Cara – diz Pesadelo. – Quer tirar logo essa garota da missão?

Ela não sabe jogar. Vai levar a gente pro buraco.

– Cara – diz Ethan, com um tom repleto de ironia seca –, ela *fez* este jogo.

Meu rosto se contorce. Tento não sair espalhando por aí.

– É por isso que esse jogo é tão merda?

– Qual é o seu problema? – pergunto.

– Você – diz Pesadelo. – Meninhas cheias de mi-mi-mi que acham que sabem jogar só porque fizeram algumas aulas de programação, quando na verdade são *ridículas*. Agora cala a boca ou vou manter minha promessa de meter aí...

Fecho o laptop correndo. Arranco o headset dos ouvidos. Meu coração bate acelerado. Sinto meus olhos queimarem.

Não tem nada de novo. Eu não deveria me abalar.

Sou boa nisso. Construí esse jogo. Sei o que estou fazendo.

Tem uma lacuna nos gráficos dos bosques élficos.

Tá, então talvez não seja perfeito. Mas *posso* consertar. O que esse tal de Pesadelo tem? Além de muito ressentimento. E uma mão direita exausta de tanto trabalhar.

Argh. Não acredito que pensei nisso.

Ouçõ unhas raspando na porta do quarto. Antes que possa me levantar para abrir, Texas, minha labradora amarela, escancara a porta com o focinho.

Parece fofo, mas é só seu jeito de me dizer que quer passear.

Ótimo. Preciso de uma distração. Largo o laptop, enfio o celular no bolso e corro escada abaixo.

Todas as luzes estão acesas, mas não tem ninguém por perto. Texas fica pulando enquanto olha impaciente para a porta dos fundos.

Pego sua coleira e dou uma olhada lá fora. Minha mãe está no quintal, com uma taça de vinho na mão. Está de jeans escuro e blazer, o cabelo preso no alto. Sem maquiagem. Ela acha que é perda de tempo. É cardiologista pediátrica, então seria de se imaginar que fosse muito simpática e carinhosa, mas talvez isso se restrinja ao trabalho. Por aqui, é muito rígida e exigente.

Comparado a ela, meu pai parece um maconheiro. Faz dias que não se barbeia, e está usando jeans e moletom de zíper. Está estirado em uma das cadeiras de madeira do jardim, com um laptop sobre as pernas. Tem uma garrafa de cerveja aberta ao lado dele, no chão.

A luz da fogueira reflete nos dois. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas, considerando sua expressão irritada, poderia apostar que minha mãe está lhe dando uma bronca.

Pego o fim de uma frase.

– ... não gosto da influência que pode ter sobre Emma.

O jogo. Ela está reclamando disso. Como sempre.

Quando me vê, sua expressão muda.

– Estamos conversando aqui – ela diz, parecendo exasperada.

São as primeiras palavras que minha mãe me dirige no dia.

Abro um pouco a porta.

– Texas precisa sair.

– Então vão – ela diz, como se não fosse exatamente o que eu ia fazer. Ela toma um gole de vinho. – É bom sair do quarto de vez em quando. Passar algum tempo no mundo real.

Ela está provocando meu pai. Ele passa a vida no computador, vivendo em reinos sobrenaturais. Ele é designer de games profissional.

Sim, eu sei. Filho de peixe...

Você pode imaginar o quanto isso desagrada minha mãe médica, que certamente me via comandando um grande hospital aos 25 anos. Não haveria nenhum problema se eu estivesse enfiada no quarto com um livro de biologia.

Meu pai suspira e passa a mão no rosto.

– Deixa ela, Catarine.

– Seria ótimo se você me apoiasse, Tom. – Uma pausa letal. – A menos que esteja ocupado demais com seu jogo.

Fecho a porta. Não preciso ouvir o resto. Posso prever o diálogo.

Ninguém nesta casa diria “buraco da sua boca”, mas o veneno é o mesmo.

Com um suspiro, pego a coleira de Texas e me dirijo à porta da frente.

DOIS

Rev

Feliz aniversa1rio, filho.
Espero que me deixe orgulhoso.
Robert.Ellis@speedmail.com

O bilhete estava na caixa do correio, dentro de um envelope endereçado a mim.

Não a mim *agora*. Ele nunca ia me chamar de Rev Fletcher. Talvez nem saiba que esse é o meu nome.

Está endereçado a quem eu era há dez anos. Não tem endereço do remetente, mas o carimbo do correio é de Annapolis.

Não consigo respirar. Me sinto exposto, como se estivesse na mira de um atirador de elite. Meio que espero a bala atingir minha nuca.

Ridículo. Estou de pé na calçada, num bairro do subúrbio. É março. Tem um friozinho no ar, enquanto o sol se põe a distância. Duas meninas que devem estar no ensino fundamental andam de bicicleta na rua, cantando uma música e rindo.

Meu pai não precisa de uma bala. A carta é o bastante.

Tampouco precisou de uma bala dez anos atrás.

Às vezes queria que tivesse precisado. Uma bala seria mais rápida.

Ele sabe meu endereço. Está aqui? Pode ser? As luzes dos postes se acendem, e passo os olhos pela rua novamente. Não tem ninguém aqui. Só eu e as meninas, que pedalam preguiçosamente, formando oitos.

Quando me tiraram do meu pai, não consegui dormir por meses.

Ficava deitado na cama esperando que me arrancassem da escuridão. Que me sacudissem, me batessem, me queimassem, me culpassem. Se conseguia dormir, sonhava com aquilo.

Agora me sinto como se estivesse em um pesadelo. Ou tendo um ataque de pânico. O resto da correspondência é uma bagunça amassada em minhas mãos.

Essa carta tem que sumir.

Antes que me dê conta, estou no quintal. As chamas consomem uma pilha pequena de gravetos e folhas em uma tigela de vidro da minha mãe. A fumaça forma uma espiral no ar, carregando um cheiro rico e doce que me lembra o do outono. Seguro o envelope sobre a tigela, e a labareda de fogo parece se esticar para pegá-lo.

É como se o papel tivesse sido dobrado e desdobrado centenas de vezes, em três e depois na metade. Os vincos estão tão desgastados que ele pode se desfazer se eu não tomar cuidado. Como se meu pai tivesse escrito isso há muito tempo, mas houvesse esperado até agora para mandar.

Feliz aniversário, filho.

Fiz 18 anos há três semanas.

Sinto um aroma familiar no papel, uma borrifada de perfume ou loção pós-barba que cutuca lembranças antigas e enterra uma faca de tensão no meu peito.

Espero que me deixe orgulhoso.

As palavras também são familiares, como se dez anos não me separassem da última vez que o ouvi pronunciá-las.

Quero enfiar a mão inteira no fogo.

Então penso no que meu pai costumava fazer comigo e me dou conta de que enfiar minha mão no fogo provavelmente ia mesmo deixá-lo orgulhoso.

O endereço de e-mail continua piscando no meu cérebro, como uma placa de neon com defeito.

Robert.Ellis@speedmail.com

Robert.

Ellis.

Robert Ellis.

A chama agarra o papel, que começa a desaparecer, desfazendo-se.

Um som engasgado escapa da minha garganta.

A folha está no chão antes que eu me dê conta de que a soltei, e tento apagar as chamas com o pé. Só a pontinha queimou. O resto continua intacto.

Tiro o capuz do moletom e passo as mãos pelo cabelo. Os fios se enroscam nos meus dedos trêmulos. Meu peito dói. Respiro como se tivesse corrido um quilômetro e meio.

Espero que me deixe orgulhoso.

Odeio que há uma parte de mim que quer fazer isso. Que *precisa* fazer. Não o vejo há dez anos, mas um bilhete breve já me deixa sedento por sua aprovação.

– Rev?

Meu coração quase explode. Por sorte, tenho reflexos afiados. Viro a tigela com um pé e tampo a carta com o outro.

– Oi?

A palavra sai mais como um alerta que qualquer outra coisa. Pareço possuído.

Geoff Fletcher, meu pai – adotivo – está à porta, olhando para mim.

– O que está fazendo?

– Um trabalho para a escola.

Minto, claro. Um bilhete breve me forçou a mentir.

Seus olhos me investigam com uma preocupação óbvia. Ele sai para a varanda.

– Está tudo bem?

– Sim. Tudo certo.

Não pareço bem, e ele não é um idiota. Vai até a beirada da varanda e me olha. Está usando uma polo salmão e calça cáqui – seu uniforme de professor. Fez 50 no ano passado, mas não daria para adivinhar. Ele se mantém em forma, e tem bem mais de 1,80 metro. Quando eu tinha 7 e um assistente social me trouxe, ele me pareceu assustador.

– Ei. – Seus olhos escuros estão definitivamente preocupados agora. – O que está acontecendo?

Meus pensamentos estão uma bagunça.

Eu deveria sair de cima da carta, pegá-la e entregá-la. Ele poderia dar um jeito nela.

Penso no meu pai biológico. *Espero que me deixe orgulhoso.*

Estou quase tremendo com o conflito interno. Não quero que Geoff saiba a respeito.

Geoff. Não “meu pai”. Meu pai já mexeu com a minha cabeça, e só faz 15 minutos que estou com essa carta. Agora que menti, tenho que seguir em frente.

Não gosto dessa sensação.

Não consigo olhar para Geoff.

– Já disse que estou bem.

– Você não parece bem.

– Mas estou. – Minha voz sai rouca, quase um grunhido. – Tá bom?

– Aconteceu alguma coisa?

– Não.

Enfio as unhas nas palmas. Meu coração acelera como se precisasse ser mais rápido que alguma outra coisa.

– Rev...

Finalmente perco o controle.

– Dá pra deixar quieto?

Ele espera, e minha raiva paira entre nós por um longo momento.

– Por que não entra e conversamos um pouco? – Sua voz sai baixa e aveludada. Geoff é o mestre da tranquilidade. É isso que o torna um bom pai adotivo. É isso que o torna um bom pai. – Está ficando tarde. Eu ia começar a preparar o jantar, para quando a mamãe chegar.

– Vou na casa do Declan.

Espero que ele diga não. Nem me dou conta do quanto *quero* que ele me diga não até que ouço:

– Está bem.

Não é uma rejeição, mas de alguma forma parece. De repente, quero implorar pelo seu perdão. Por ter mentido, por estar com raiva, por ter feito algo para proteger meu pai.

Mas não posso. Subo o capuz e deixo meu cabelo cair sobre o rosto. Minha voz sai penitente:

– Vou limpar isso primeiro.

Ele fica em silêncio por um longo tempo, e eu pego a tigela do chão, enfiando os pedaços queimados dentro dela, enquanto mantenho o pé sobre a carta. Meus movimentos são restritos e irregulares. Ainda não consigo olhar para ele.

– Obrigado – ele diz. – Não volte muito tarde.

– Tá. – Fico inquieto, com os olhos na borda da tigela. A brisa mexe meu capuz, mas ele me mantém escondido. – Desculpa.

Ele não responde, e uma tensão nervosa se acumula nos meus ombros. Arrisco um olhar. Não tem ninguém na varanda.

Então ouço a porta de vidro correr. Ele nem me ouviu. Voltou para dentro, me deixando aqui fora com essa bagunça.

* * *

Meu melhor amigo não está em casa.

Fico esperando nas sombras como um criminoso, sentado no chão, nos fundos da garagem. O ar frio não estava me incomodando antes, mas agora penetrou no meu corpo, me

paralisando.

A luz entra pelas janelas da cozinha, e eu posso ver a mãe e o padrasto dele se movimentando lá dentro. Eles me convidariam para entrar, se soubessem que estou aqui, mas o pânico e a indecisão tomaram conta do meu cérebro. Pego o celular para mandar uma mensagem.

Rev: Trabalhando?

Dec: Não, no cinema com a J. E aí?

“J” é Juliet, a namorada dele. Olho para o celular e me concentro em respirar. Até agora, não tinha me dado conta do quanto queria que Declan estivesse aqui.

Saio das sombras e começo a andar. Não posso ir para casa, tampouco ficar aqui, ou vou morrer congelado. Melhor ir para a academia, mas quinta é dia da turma de iniciantes. Se enfrentar alguém esta noite, talvez o cara não saia vivo.

Devo estar demorando muito para responder, porque Declan me manda outra mensagem.

Dec: Tudo bem?

Meus dedos hesitam sobre o celular. Estava preparado para contar a ele sobre a carta, mas... não parece certo.

Forço meus dedos a se moverem.

Rev: Tudo certo. Aproveita. Bjo pra J.

Meu celular toca em seguida. É ele.

– O que tá rolando? – ele diz, em um sussurro rápido. Fico pensando se está mesmo me ligando de dentro da sala de cinema.

– Nada. Tá tudo bem – digo, mas minha voz sai rouca e baixa.

Ele fica em silêncio por um tempo. Declan conhece todos os meus segredos. Não costumo ser reticente.

– Quer que eu vá pra casa? – ele pergunta, baixo.

Seu tom me lembra o de Geoff. Como se precisassem tomar cuidado comigo. Talvez precisem, mas não gosto de ser lembrado disso.

Forço minha voz a sair tranquila. Quase consigo.

– Pode pegar um sorvete de chocolate no caminho? Cara, não. Você tá no cinema.

– Rev.

– Não é nada.

– Aconteceu alguma coisa.

– Não aconteceu. Mais tarde a gente se fala, tá?

Encerro a ligação.

Tem mesmo algo de errado comigo.

O celular vibra na mesma hora.

Dec: O que tá rolando?

Meu pai me mandou uma carta e não sei o que fazer.

Não posso escrever isso. Só pensar já parece algo fraco e imaturo. Sou faixa roxa em jiu-jítsu, mas não posso lidar com três linhas de garranchos em um pedaço de papel que apareceu na minha caixa de correio.

Rev: Nada. Tô bem. Desculpa incomodar.

Ele não escreve mais. Talvez esteja puto. Ou talvez eu esteja.

Ótimo. Nem sei por que isso me deixa feliz.

Pego o celular de novo. Começo a escrever um e-mail. Para o meu

pai.

Escrevo "Me deixa em paz" no assunto.

E mais nada.

Só envio.

Então vou embora, deixando a escuridão me engolir.

TRÊS

Emma

O ar da noite é revigorante. Se fizesse um pouco menos de frio, estaria perfeito. Com sorte, a primavera chega logo. Texas trota ao meu lado, balançando o rabo levemente. Faz séculos que saímos. Eu deveria aproveitar a paz, o silêncio, o ar fresco, mas, em vez disso, repasso mentalmente minha interação com Pesadelo...

Vou manter minha promessa de meter aí.

Ela não sabe jogar.

Você é ridícula.

Meus olhos queimam de novo. Não estou pronta para isso. Puxo o ar para tentar me controlar.

Meu celular apita. Enrolo a coleira no pulso e o pego do bolso. É uma mensagem pelo 5Core. De Ethan.

Quinta, 15 de março, 18:46

De: Ethan_177

Para: Azure M

Oi! Aqui vai a captura de tela que prometi.

E aproveitando: aquele cara era um babaca. Tirei ele da missão. Sinto muito. Me manda uma mensagem se quiser voltar.

Isso afasta as lágrimas. Sorrio.

Abro o arquivo que Ethan mandou.

Levo um momento para entender o que estou vendo, então dou risada. O avatar corpulento dele foi cortado ao meio por uma encosta, e um dos braços segurando a espada está erguido no comando genérico para acenar. Parece que o personagem está pedindo ajuda.

Chego à esquina da igreja St. Patrick, onde há um enorme gramado em frente ao estacionamento. Quando eu era pequena, costumávamos vir todos juntos assistir à missa, até o dia em que meus pais pararam de se dar ao trabalho. Parece uma agressão deliberada eu ainda deixar Texas fazer cocô aqui. Só que trouxe uma sacolinha. Será que conta?

A rua é um poço de silêncio. Paro sob a luz do poste e solto Texas da coleira para que faça o que tem que fazer. Enquanto espero, digito uma resposta.

Emma: Valeu. Vou consertar quando voltar. Saí pra passear com minha cachorra. Umas 21h?

Ele está on-line, e responde quase instantaneamente.

Ethan: Tá ótimo. Sem babacas dessa vez.

Sorrio para o celular.

– Vamos, Tex. Temos compromisso.

Ela não vem.

Levanto a cabeça. O gramado está vazio.

Olho em volta. A rua está vazia. Uma luz vaga vem da igreja.

A brisa agita as árvores, entrando por baixo do meu casaco e me fazendo tremer. Tem cheiro de chuva no ar, e não deve demorar.

Tento ouvir a plaquinha de identificação de Tex tilintando. Nada.

– Tex! – chamo. – Taxy! Vem!

Como posso ter perdido uma cachorra de 9 anos em menos de trinta segundos?

Por causa do jogo.

Minha mãe vai me matar.

Então eu ouço: o leve tilintar da plaquinha de identificação. Ela

deve ter dado a volta na igreja. Começo a correr e a vejo nos fundos, embaixo dos vitrais. Está bem escuro aqui, mas Tex parece estar comendo alguma coisa.

Ah, meu Deus. Se ela encontrou um bicho morto, vou vomitar.

– Texas! – grito, correndo na escuridão. – Tex! Solta isso!

– Está tudo bem – ouço uma voz masculina dizer. – Fui eu que dei. Solto um gritinho e derrapo na grama, levando um tombo.

– Desculpa – o cara diz, não muito alto.

Agora eu o vejo, uma forma de capuz ao lado da parede da igreja. Ele está de jeans escuro e moletom, e o capuz é grande o bastante para deixar seu rosto inteiro oculto. Parece que estou falando com um mestre Sith.

– Desculpa – ele repete. – Não queria assustar você. Achei que tivesse me visto.

Tateio, e de alguma forma consigo me colocar de pé. Meu celular deve ter caído em algum lugar no gramado, e não tenho com o que me defender.

Nem consigo acreditar que estou preocupada com meu *telefone*.

– Quem é você? – pergunto, sem fôlego. – O que está fazendo com a minha cachorra?

– Nada! Só dei uns nuggets para ela.

Em sua defesa, Tex parece animadíssima. Ela vira a cabeça para mim, balançando o rabo e mastigando, alegre.

Não estou preparada para acreditar nele.

– Então estava aqui por acaso, só comendo uns nuggets?

– Isso. Quer dizer, eu só estava aqui por acaso. Quem está comendo os nuggets é a sua cachorra.

Sua voz é seca e baixa. Ele ainda não se moveu.

Engulo em seco.

– Não é veneno de rato nem nada do tipo, né?

– Claro que não – ele responde, parecendo ofendido.

- O que você está fazendo aqui?
- Gosto daqui.
- Porque é um bom lugar para esconder um corpo?
- Quê?
- Nada.

Texas acaba com os nuggets e vai até ele, enfiando o focinho em suas mãos vazias. Traidora. Ele faz carinho atrás das orelhas dela, e ela senta-se ao seu lado. Tem algo de familiar nesse cara, mas não sei dizer o que é.

Me inclino um pouco.

- Eu... te conheço?
- Acho que não. – O modo como ele diz isso é quase autodepreciativo. – Bom, talvez. Você estuda na Hamilton?
- Estudo. Você também?
- Estou no último ano.

Isso significa que ele está um ano à minha frente. Analiso sua silhueta.

E então me dou conta. Não sei o nome dele, mas sei quem é. O capuz devia ter entregado na hora, já que está sempre com ele. Já ouvi outros garotos o chamarem de Morte, mas não sei se ele sabe disso. Não tem uma reputação ruim nem nada do tipo, só de ser meio esquisitão. Não o *conheço* de fato, mas tenho uma *noção* de quem é. Todos aqueles que não se encaixam têm uma vaga ideia uns dos outros.

Deixo o medo de lado e começo a pensar em outros motivos pelos quais um adolescente poderia estar sentado na escuridão.

- Tá tudo bem? – pergunto.
- Ele balança a cabeça.
- Não.

Diz isso tão diretamente, sem nenhuma emoção, que preciso de um momento para processar. Suas mãos estão enterradas nos pelos

de Texy, que se inclina em sua direção.

Encontro meu celular jogado no chão.

– Quer que eu ligue para alguém?

– Acho que não.

Sento na grama. Está fria e meio úmida.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunto, baixo.

Ele hesita.

– É uma pergunta meio vaga.

É mesmo?

– Tem certeza de que não quer que eu ligue para alguém?

– Tenho.

Ficamos sentados em silêncio por um momento. Texy descansa a cabeça nas pernas dele, o pescoço dela sob o braço dele. Suas mãos continuam enterradas nos pelos da cachorra, até que ela começa a parecer uma boia salva-vidas à qual ele se agarra com toda a força.

Eventualmente, ele olha para mim. Não tenho certeza de como sei, porque o capuz só se move alguns centímetros.

– Você acredita em Deus?

Minha noite não poderia ser mais surreal. Umedeço os lábios e respondo honestamente:

– Não sei.

Ele não me desafia, o que era uma preocupação.

– Tem um versículo de que eu gosto – ele continua. – “Aquele que duvida é como uma onda no mar, levada e agitada pelo vento.”

Meus olhos se estreitam.

– Você acabou de citar a Bíblia?

– Sim – ele fala como se fosse a coisa mais normal do mundo. – Sabe do que gosto nela? De como faz a dúvida parecer inevitável. Tudo bem não ter certeza.

Pisco e absorvo o que ele disse. Deveria ser desanimador, mas de

alguma maneira não é. Parece que está compartilhando uma parte de si.

Queria saber seu nome.

– Também gosto disso – concordo.

Ele fica em silêncio por bastante tempo, mas posso sentir que está me avaliando. Olho em seus olhos – ou para onde acredito que seus olhos estejam. Não tenho nada a esconder.

– Lembrou de onde me conhece? – ele pergunta.

– Já te vi na escola.

– Sabe alguma coisa sobre mim?

A pergunta parece mais pesada do que deveria, o que me diz que tem algo nessa história além do fato de ele usar capuz.

– Até agora, tudo o que sei é que você gosta de sentar atrás de igrejas e citar a Bíblia – digo. – Apreendi isso nos últimos dois minutos.

Ele dá uma risada leve, sem um pinga de humor.

– Por que quer saber se acredito em Deus? – pergunto.

Ele faz uma careta e desvia o rosto.

– Esqueço como pareço bizarro quando falo essas coisas.

– Você não parece bizarro.

Ele enfia a mão no bolso e tira um pedaço de papel dobrado dali.

– Recebi esta carta pelo correio. Estava sentado aqui tentando decidir o que fazer.

Ele não me oferece a carta. Fico esperando em vão que diga mais alguma coisa. Então, pergunto:

– Quer compartilhar?

Ele hesita, então me entrega a carta. Desdobro o papel vincado, e cinzas caem no chão. Leio as três linhas e tento entender por que o chatearam tanto.

Volto a olhar para ele.

– Alguém te mandou uma carta queimada.

– Fui eu que fiz isso. Queimei a carta.

Umedeço os lábios.

– Por quê?

– Porque é uma carta do meu pai. – Ele faz uma pausa. – Não o vejo há dez anos. – Outra pausa, mais pesada. – Por um bom motivo.

– Um bom motivo – repito. Eu o avalio, tentando identificar a emoção que ouço na voz. Tentando descobrir o que inspiraria alguém a queimar uma carta, sendo que faz dez anos que não vê a pessoa que a mandou. Primeiro, penso que pode ser raiva, porque há um traço dela em sua voz, mas não é.

Quando me dou conta, fico surpresa.

– Você está com medo – sussurro.

Ele faz uma careta, mas não me corrige. Os dedos acariciando os pelos de Texy estão contraídos, quase brancos nas juntas.

Considero minha mãe hipercrítica; meu pai, relaxado demais. Já discutimos, mas nunca tive *medo* deles.

Por um bom motivo.

De repente, ele se levanta. É mais alto do que eu esperava, esguio e com ombros largos. Ele se mexe como um ninja, silencioso, com movimentos fluidos.

Olhando para ele agora, não posso imaginar que tenha medo de algo.

Então ele diz:

– Preciso ir pra casa.

Ele parece um pouco assustado, então fico surpresa quando estica a mão para me ajudar. O cara é forte. Me puxa como se eu não pesasse nada.

Mas ele não se move. Uma luz vinda de algum lugar reflete em seus olhos, que brilham sob o capuz.

– Obrigado.

– Pelo quê?

– Por me ver.

Então ele se vira, sai trotando pela rua e desaparece na escuridão.

QUATRO

Rev

Quinta, 15 de março, 19:02

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: RES: Me deixa em paz

De onde saiu esse "Rev Fletcher"?

Fico feliz que tenha me escrito. Se quisesse mesmo que te deixasse em paz, não teria mandado um e-mail.

Ele está certo, claro.

Você está com medo.

A garota também está certa. E o e-mail do meu pai parece dobrar esse medo.

Nem consigo acreditar que mostrei a carta a ela. Estou na metade do caminho de casa, quando me dou conta de que nem perguntei seu nome. Ela estuda na Hamilton, mas nem sei em que ano está.

Mas não é como se importasse. Faz tempo que abandonei a esperança de me relacionar com uma garota.

Fico pensando nos olhos dela. O modo como viu além da raiva e da incerteza, me marcando com aquelas poucas palavras.

Você está com medo.

E eu provei isso correndo.

Sou tão idiota.

Ouçõ a notificação de mensagem de texto no celular. É da Kristin.

Faço uma careta. Minha mãe.

Achei que ela ia perguntar se estava tudo bem, tenho certeza que meu pai disse que eu tinha bancado o adolescente petulante na volta da escola. Para minha surpresa, não tem nada a ver com isso.

Bom, não exatamente.

Mãe: Você volta logo? Temos uma realocação de emergência. Estou arrumando tudo.

Paro no meio da rua.

Uma realocação de emergência acontece quando uma criança precisa passar um tempo na casa de uma família voluntária. Geoff e Kristin são pré-aprovados para cuidar de bebês e crianças pequenas, então recebemos muitos. Alguns ficam por pouco tempo – os pais podem ter sofrido um acidente de carro, ou pode ter havido alguma emergência médica, e leva um tempo para resolver toda a questão de quem deve assumir a custódia. Alguns ficam mais – se a mãe tiver sido presa ou for para uma clínica de reabilitação, por exemplo. O último bebê que recebemos ficou por nove meses. Faz menos de uma semana que o quarto extra está vago – e ele nunca fica assim por muito tempo.

Normalmente, eu correria para casa para ajudar.

Esta noite, minhas emoções conturbadas me impedem. Continuo preocupado com meu pai biológico, imaginando quando algo vai se revelar dentro de mim. Imaginando quando vou me tornar perverso e cruel, como aconteceu com ele.

Quero mandar uma mensagem para Declan, perguntando se posso dormir na casa dele, mas as últimas mensagens que trocamos fazem minhas entranhas se retorcerem. Não vou conseguir me explicar sem mencionar meu pai. Não estou pronto. Ele não faria nada por mal, mas é parte de sua personalidade. Declan acende. Eu apago.

Provavelmente não estou sendo justo com ele. Tudo parece de cabeça para baixo.

Talvez esteja exagerando. Posso ir para casa. Posso sentar no

sofá e fazer gracinhas para um bebê.

Posso esquecer meu pai por um tempo.

Uma vez, recebemos uma bebê de apenas quatro dias – o mais novo que já tivemos. A mãe dela teve uma convulsão durante o parto e morreu no dia seguinte. A bebê ficou com a gente por seis meses, enquanto os avós brigavam no tribunal a respeito de quem receberia a custódia. Vimos seu primeiro sorriso, demos a primeira colherada de papinha para ela.

Kristin chorou por dias quando ela foi embora.

Ela sempre chora quando as crianças vão embora. Mesmo que só fiquem por 24 horas.

Então me abraça e diz que ela tem muita sorte por ter ficado comigo para sempre.

Até agora, isso nunca tinha me deixado desconfortável, mas me dou conta do segredo monumental que estou escondendo deles.

A carta do meu pai é como uma marca a ferro no meu cérebro.

Espero que me deixe orgulhoso.

Não posso contar.

Quando viro a esquina, tem um carro de polícia em frente à minha casa. Isso não é incomum, principalmente no caso de uma realocação de emergência. Entro pela porta da frente, esperando ouvir um bebê ou uma criancinha chorando, mas está tudo estranhamente quieto. Talvez seja um recém-nascido, dormindo no carrinho.

Ouçõ vozes baixas lá em cima, no quarto de Geoff e Kristin. Começo a subir as escadas.

Geoff aparece.

– Rev – ele diz, baixo. – Vamos descer. Precisamos conversar.

Hesito, e nosso confronto diante da tigela de vidro passa pela minha mente. A carta do meu pai queima no bolso.

– Eu não... desculpa por ter gritado.

– Sem problemas. – Ele começa a descer os degraus e me dá um tapinha gentil no ombro. – Você pode se comportar como um adolescente de vez em quando. Está tudo bem?

Não.

– Está.

– Vamos lá. Quero falar com você.

Geoff começa a descer, mas eu hesito no patamar da escada, olhando para ele. De repente é como se tivesse 7 anos, olhando para outro lance de escada, sem saber o que vou encontrar lá embaixo.

– Rev?

Pisco e volto a mim.

– Desculpa.

Ainda não ouvi um bebê chorando lá em cima – e tem que ser um bebê, porque crianças pequenas fazem muito, muito barulho. Geoff senta-se no sofá e faz um gesto para que eu me sente também.

Ele parece estar querendo conversar sério.

– Vou te poupar o trabalho – digo. – Já sei o que é sexo.

Ele sorri.

– Engraçadinho. – Então faz uma pausa. – Bonnie ligou. Eles precisam de uma casa para uma realocação de emergência.

Bonnie é assistente social. É bem amiga de Kristin.

– A mãe me mandou uma mensagem. E vi a viatura.

– O nome dele é Matthew.

– Tá.

Fico esperando que ele solte a bomba, porque a chegada de uma criança nova à nossa casa não é o tipo de evento que levaria a uma conversa especial. Estou acostumado. Em geral, até *gosto*.

– Ele tem 14 anos.

Congelo.

– Ah.

Não tenho certeza de como reagir. Eles nunca receberam um adolescente. A criança mais velha que já morou aqui tinha 9 anos, e ficou por uma única noite, porque seu pai tinha caído na escada do porão e a avó não conseguiria pegar um avião para Baltimore até a manhã seguinte. Penso um pouco a respeito e imagino que deveria ficar feliz que não vou ter que trocar fraldas.

Não me oponho a um garoto mais velho morando aqui. Pelo menos, acho que não. Parte do que eu amo em Geoff e Kristin é como estão prontos para receber quem quer que seja.

Mas assim que o pensamento se assenta na minha cabeça, a dúvida se junta a ele. Outro adolescente significa alguém com dúvidas e julgamentos acerca da nossa família. E de mim. Senti isso no instante em que a garota atrás da igreja se deu conta de quem eu era. Todo mundo na escola sabe, mesmo que só mais ou menos. É difícil esconder a bizarrice quando se usa moletoms com capuz no auge do verão. É difícil esconder que se é adotado quando você é branco e seus pais são negros.

Não que eu quisesse esconder. Mas as pessoas falam demais.

– Matthew passou por quatro lares temporários no último ano – Geoff diz. – Ele começou uma briga esta tarde, e a família chamou a polícia. Ninguém registrou queixa, mas não querem mais ficar com o garoto.

Quatro lares temporários em menos de *um ano*? Não tenho certeza do que dizer a respeito.

– E o que acontece se ele não se der bem aqui? – pergunto.

Geoff hesita.

– Ele irá para a Cheltenham. Já foi tirado de duas casas coletivas.

O centro de detenção juvenil.

– Nossa – solto, baixo.

– Bonnie não acha que ele vai dar problema – Geoff continua. – E você sabe que Kristin abriria a porta para todas as crianças da

região, se pudesse. Mas queria me certificar de que você está OK com isso.

– Estou.

Geoff se inclina na minha direção.

– Tem certeza?

Não faço ideia. Minhas emoções se disseminam em um milhão de direções diferentes. Não tenho certeza de nenhuma.

– Ele pode ficar. – Minha voz sai rouca.

– Rev. Você precisa ser honesto comigo.

Ele está falando de Matthew, não da carta escondida no meu bolso, mas as palavras fazem eu me contrair.

Preciso dizer algo para disfarçar, porque a expressão de Geoff já mudou em resposta.

– Tudo bem – digo rápido, então tenho que pigarrear. – Vai ser diferente, mas não tem problema.

Levanto o rosto.

– Onde ele vai dormir?

O quarto extra foi montado para receber uma criança. Tem uma cama pequena e um berço, além de uma cômoda, um trocador e uma cadeira de balanço. Tudo é pêssego e branco, com letras pintadas com estêncil ao longo do teto. Fora a cadeira de balanço, nenhum dos móveis suportaria o peso de um adolescente.

Geoff suspira.

– Isso é outra coisa sobre a qual precisamos conversar.

* * *

Não é a primeira vez que divido o quarto. Declan dorme aqui o tempo todo. Geoff e Kristin colocaram um futon no meu quarto. Geoff disse que é só até sábado, quando vai comprar uma cama normal, exigida pela lei, para Matthew, que já chegou.

Passa da meia-noite. Ele não está dormindo.

Nem eu.

Matthew é menor do que eu esperava, embora seja meio musculoso. Geoff disse que ele começou uma briga, mas certamente não venceu. O lado esquerdo de seu rosto está uma bagunça, com hematomas e inchaços da têmpora à mandíbula. Ele tem um corte na bochecha e um pouco de sangue seco no rosto, onde deve doer demais para esfregar. Seus movimentos são duros e cuidadosos. Queria saber com quem brigou.

Provavelmente vou continuar curioso. Ele me disse duas palavras apenas.

“Oi”, quando Kristin nos apresentou.

“Tá”, quando eu disse onde poderia pôr suas coisas, que ele carregava em um saco de lixo.

E só. Matthew escovou os dentes e se deitou. De roupa. Calça jeans e tudo o mais.

Não sou ninguém para julgar. Estou de mangas compridas e calça de moletom.

Depois da descrição de Geoff, eu esperava... outra coisa. Beligerância. Raiva. Provocação. Certa arrogância.

Matthew é silencioso, mas atento. Ele está me olhando de canto de olho, embora pareça encarar o teto. A tensão se assemelha a um cobertor pesado demais sobre o quarto.

– Dorme – digo, baixo. – Pode confiar em mim.

Ele não responde. Não se mexe. Nem mesmo pisca.

Recebo um alerta de mensagem. Declan.

Dec: E o seu novo companheiro de quarto?

Mandei uma mensagem contando o que estava rolando, mas continuei sem responder aquela primeira, sobre o que havia de errado. Ela está acima das mensagens mais recentes, como um elefante gigante na sala. Ou na tela. Sei lá.

Me atendo ao que perguntou.

Rev: Quietos.

Dec: Como ele se chama?

Rev: Matthew.

Dec: Ele vai para a escola com a gente amanhã?

É uma boa pergunta. Sempre pego carona com Declan. Vou ter que ver com Kristin.

– Estamos trancados? – A voz de Matthew sai baixa e rouca.

Olho para ele. Finalmente desisti de encarar o teto.

Não entendo a pergunta direito.

– Trancados?

– No quarto. – Ele olha para a porta fechada. – Eles trancam a porta durante a noite?

Preciso de um segundo para assimilar o que ele quer dizer. Deixo o celular de lado.

– Não.

– Posso ir ao banheiro?

– Sim.

Tento não mostrar como aquela pergunta me soa estranha, mas ao mesmo tempo não quero que pareça que estou lhe dando permissão. É muita coisa a se exigir de uma palavrinha com três letras.

Quando ele sai, pego o celular de volta.

Rev: Ele acabou de perguntar se meus pais trancaram a gente no quarto.

Dec: ???

Exatamente.

Mordo o lábio e avalio nossa troca de mensagens. Talvez eu esteja imaginando certa distância entre nós, mas odeio esconder qualquer coisa de Declan. Já é difícil o bastante esconder de Geoff e Kristin.

Entretanto, agora que já guardei esse segredo monumental, não tenho certeza de que quero revelá-lo.

Penso um pouco a respeito, então me dou conta de que já faz um tempo que Matthew saiu. Não ouvi a torneira aberta ou o som da descarga.

Enfio o celular no bolso e saio do quarto descalço. A porta do banheiro está aberta, com a luz apagada. O quarto de Geoff e Kristin está fechado. A escuridão toma conta da casa.

O silêncio cresce à minha volta. Desço a escada, pensando em ir para a cozinha.

Então o vejo, lá embaixo, olhando para a porta, que está trancada e sem a chave.

Paro no alto da escada.

– Nós *estamos* trancados na casa – sussurro.

Ele se vira, apoiando as costas na porta. Tem uma faca na mão.

Meu cérebro demora a reagir.

Ele tem uma *faca*. Na *mão*.

É uma faquinha de cozinha, mas ainda assim uma faca.

Nenhuma das crianças menores pegou uma arma antes.

O dia já foi longo o bastante. Quase digo isso, então olho para seu rosto e percebo que seu dia foi mais longo ainda. Eu recebi uma carta. Ele teve o rosto desfigurado.

Não tenho ideia do que fazer. Grito para chamar Geoff e Kristin? Eles acabariam mandando Matthew para o centro de detenção juvenil? Dou uma folga para o cara ou acabo com isso aqui mesmo?

Considero como o encontrei. Estava tentando sair com a faca. Não foi atrás de mim. Não foi atrás de ninguém nesta casa.

Se eu demorasse mais um pouco, ele provavelmente tentaria a porta dos fundos – que é de correr e só tem uma trava simples – e conseguiria fugir.

Sento-me no degrau de cima.

– Eu disse que você pode confiar em mim.

Minha intenção é tranquilizá-lo, mas também falo comigo mesmo. Eu poderia trair a confiança dele. Poderia causar mais estrago do que quem quer que tenha feito aquilo com o rosto dele.

Tal pensamento faz eu me lembrar do meu pai, mas o afasto.

– Larga essa faca e volta para a cama. Vamos fingir que nada aconteceu.

Matthew me olha sem dizer nada. Seu peito sobe e desce devagar.

Não me mexo. Posso esperar.

E parece que ele também.

Dez minutos se passam. Vinte. Apoio a cabeça na parede. A respiração dele normaliza, mas sua mão continua segurando a faca.

Meia hora. Ele escorrega pela porta até sentar-se sobre o tapete da entrada. Levanto as sobancelhas, mas ele sustenta seus olhos nos meus ainda com a faca na mão.

Tá.

Uma hora se passa. O silêncio é pesado. Contra minha vontade, meus olhos começam a se fechar.

Os dele provavelmente também.

Porque é exatamente assim que Kristin nos acha, dormindo profundamente, às seis da manhã.

CINCO

Emma

Sexta, 16 de março, 3:28

De: Pesade1o

Para: Azure M

Não me obriga a ir atrás de você, sua putinha.

Bom dia para você também!

Não deleteo essa mensagem. Ainda não o expulso do jogo. Não antes de tomar o café da manhã.

Encontro minha mãe na cozinha. Ela está na bancada, comendo fruta com queijo cottage. Mal passa das 6h30, mas ela já tomou banho e está pronta para ir trabalhar. E já correu oito quilômetros, como faz toda manhã. É o retrato da disciplina.

– Você parece cansada – ela me diz.

Me pergunto se isso é pior do que um cara aleatório da internet me chamar de putinha.

Dou de ombros e pego uma caneca.

– Diga isso pra escola. Não sou eu que faço os horários.

– Até que horas você ficou acordada?

Até as 2h00. Cumpri missões com Ethan até meus olhos ficarem embaçados. Cait se juntou a nós depois que a mãe dela foi dormir e não tinha ninguém para ficar vigiando o computador da família. Começamos com OutraTERRA e depois passamos para um jogo de batalha quando Ethan nos perguntou se queríamos fazer algo diferente. Não é um jogo em que eu entro muito, porque foi feito pela empresa que concorre com a do meu pai, mas de jeito nenhum ia recusar o convite. Isso nunca me aconteceu. Em geral, o cara sai

para jogar com outras pessoas.

Dou de ombros de novo e tiro o leite da geladeira.

– Não sei. Fiquei lendo.

– Já falei que não gosto que você tome café, Emma.

E eu já a ignorei e tomei. Coloco bastante açúcar na caneca.

– Desculpa, o que você disse?

Ela aperta os lábios.

– Sei que seu pai fica acordado até tarde da noite, mas ele não precisa estar na aula às 7h30.

– Ele tem *sorte*.

– Ele é um adulto. – Ela faz uma pausa. – Ou pelo menos *finje* ser...

– Mãe.

Eu a encaro. Ela sabe que não gosto que fique falando mal dele.

– Sei que você gosta de computadores e jogos, mas quero que tenha em mente que é uma área muito difícil...

– E medicina é moleza? – Tomo um gole de café e sigo em frente.

– Porque foi tão fácil para você entrar na Columbia...

– Emma. Emma, volta aqui.

Já estou na metade da escada.

– Preciso tomar banho.

O som da água batendo contra o fundo da banheira me agrada. Deixo-a tão quente quanto consigo aguentar e entro. Sinto o couro cabeludo queimar.

Não me obriga a ir atrás de você, sua putinha.

Meus olhos ardem, e eu levanto o rosto para a água caindo. Odeio esse tipo de gente. Odeio.

Meu pai tem uma colega de trabalho que ouve coisas piores. Ameaças de morte. De estupro. É comum na indústria. Preciso aprender a lidar com isso, se quiser seguir na carreira.

Mas mesmo assim. As palavras se alojaram no meu cérebro, como

um tamborilar constante em alerta. *Não me obriga a ir atrás de você.*

Lembro a mim mesma que deve ser só um garoto de 13 anos entediado.

Ouço o clique da maçaneta se abrindo.

– Emma. Quero falar com você...

– Mãe! Meu Deus! Tô tomando banho!

– Você sabe que tem uma cortina, né? E sou sua mãe. E médica. Já vi...

– Mãe!

– Emma. – Sua voz soa mais próxima. – Não ligo de você ficar no computador ou de vir com essa história de programação. Espero que saiba disso. Mas me preocupo que os hábitos do seu pai possam ter dado a você uma expectativa irreal...

– Mãe. – Tiro o rosto de trás da cortina e olho para ela, que está sentada sobre a tampa da privada. O vapor já enrolou os fios de cabelo que escapam do seu rabo de cavalo. – Papai trabalha tantas horas quanto você. Sei que não é só diversão.

– Só quero ter certeza de que sabe que áreas criativas são sempre mais complicadas. Teríamos essa mesma conversa se quisesse ser pintora... ou escritora... ou atriz...

A voz dela vai se perdendo, como se ficasse mais descontente a cada carreira.

O xampu escorre para os meus olhos, e enfio a cabeça na água.

– Uau, obrigada pela conversinha sobre a importância de acreditar nos próprios sonhos.

– Sonhos não pagam as contas, Emma. Só quero que pense objetivamente nisso. Ainda tem tempo.

– Mãe, tenho certeza de que saber programação vai me ajudar a encontrar um trabalho.

– Eu sei. Mas ficar jogando até as duas da manhã e mal se

aguentar de pé durante o dia, não.

Não tenho como responder. Ela faz com que eu me sinta uma preguiçosa.

A combinação disso com a mensagem que recebi pela manhã faz meus olhos arderem de novo.

– Já fez a lição de casa? – ela pergunta.

– Claro.

Minha voz quase falha. Espero que o barulho do chuveiro esteja alto o bastante para que ela não perceba.

– Emma? – Ela parece surpresa. – Você ficou chateada?

– Não.

Ela começa a puxar a cortina do chuveiro.

Eu a seguro e fecho na hora.

– Mãe! Você só pode estar de brincadeira!

– Só queria ver...

– Pode sair daqui? Preciso me aprontar para a escola.

Por um longo momento, ela não diz nada.

Nesse meio-tempo, penso em todas as coisas que quero dizer a ela.

Sabe que criei meu próprio jogo? Fiz toda a programação. E as pessoas jogam. Centenas. Eu fiz isso. EU FIZ ISSO.

Morro de medo de que ela ache tudo uma perda de tempo.

E que então me faça deletar o jogo para eu voltar a me focar em algo “mais produtivo”.

– Emma – ela diz, baixo.

Tiro a água do rosto.

– Mãe, tá tudo bem. Estou bem. Vai trabalhar. Os pacientes já devem estar esperando.

Prendo o ar, dividida entre a esperança de que ela fique e a esperança de que vá embora.

Não sei por quê. É ridículo. Ela despreza tudo o que eu amo.

Então ouço o clique da porta se fechando, e não importa mais. Minha mãe fez exatamente o que pedi.

* * *

– Por que eles não vendem café aqui? – Cait pergunta. Ela também está pagando o preço por nosso joguinho até as duas da manhã. Estamos quase dormindo na mesa do refeitório. Até a maquiagem dela parece sem brilho esta manhã: o máximo que conseguiu fazer foi passar um delineador com glitter.

– Porque eles são sádicos. – Cutuco o pedaço de pizza na minha bandeja. – Quer matar a próxima aula e ir até a cafeteria?

– Se eu for pega matando aula, minha mãe vai jogar toda a minha maquiagem no lixo e vender minha câmera.

– Que tragédia...

Ela se sobressalta um pouco, e eu me dou conta do que acabei de dizer. Pisco.

– Desculpa. Não quis... Nem sei o que estou falando.

A expressão dela congela em algum lugar entre a mágoa e a confusão.

– O que você quis dizer?

– Nada, Cait. Sério.

Ela me olha como se tentasse decidir se insiste ou deixa para lá.

Não sei por que fiz isso. Minha boca parece desconectada do meu cérebro.

– Bobeira minha. Uma tentativa fracassada de piada.

Uma leve ruga surgiu entre suas sobrancelhas, mas ela se recosta na cadeira.

– Tá.

O muro que tem crescido lentamente entre nós ganha mais alguns tijolos.

Pensei em contar a ela sobre Pesadelo, porém o clima está tenso. Cait não entenderia, de qualquer maneira. Os piores trolls com que

ela tem que lidar são aqueles que a acusam de copiar maquiagens ou a chamam de feia. Não é difícil ignorá-los. Ela não entenderia por que não posso fazer o mesmo.

Uma movimentação no refeitório me chama a atenção. O cara que encontrei atrás da igreja está sentado a uma mesa no canto. Usa um moletom marrom hoje, com o capuz baixo o bastante para esconder seus olhos. Tem meia dúzia de potes de plástico espalhados a sua frente. Parece que vai dividi-los com outro cara de cabelo meio avermelhado.

Posso contar com os dedos de uma única mão o número de vezes que vi dois garotos dividirem o almoço.

Saca só. Posso contar com um único dedo.

É mais ou menos o mesmo número de vezes que um garoto citou a Bíblia para mim.

Pego uma caneta roxa da mochila e desenho listras nas unhas, só para ter o que fazer enquanto observo o sr. Alto, Sombrio e Encapuzado. Uma garota se junta a eles no canto. Ela é bonita, com cabelo preto comprido e brilhante, e roupas que lhe caem como uma luva. Arrumada. Resplandecente. O tipo de garota que costumo evitar pela simples razão de que elas sempre parecem completamente no controle, enquanto eu preciso de um computador a minha frente para conseguir me comunicar. Não faço ideia de quem seja.

Mas ela está sentada com o Morte em pessoa, e não no meio do refeitório, fofocando sobre ele, então talvez ela não seja *tão* ruim.

– Por que você pode ficar desenhando nas próprias unhas, mas eu não posso fazer maquiagem de verdade? – pergunta Cait.

Minha mão congela.

– Você pode fazer o que quiser – digo, tensa. – Foi um comentário idiota.

– Tá.

Mas não parece que ela acreditou. Eu hesito, desejando poder consertar tudo.

– Eu estava olhando para aquele cara ali. Sabe quem ele é?

Ela se vira no banco para olhar.

– Sei – diz. – Ele está na minha turma de sociologia. Por quê?

– Qual é o nome dele?

– Rev Fletcher. *Por quê?*

Eu o observo comer a comida do pote com um garfo. Um garfo de metal de verdade.

– Ele é gay?

– Espera que eu já vejo. – Ela faz uma careta. – Opa, desculpa, meus dons telepáticos não estão funcionando de novo.

Não sei se ela está tentando aliviar o clima ou piorar ainda mais.

– Você sabe qual é a do capuz?

Ela olha por cima do ombro de novo.

– Não. Mas a sra. Van Eyck pede para ele tirar durante a aula.

– Fora isso, ele usa o dia todo?

Não sei por que me preocupo, mas é como se eu tivesse encontrado uma fonte de informação, e a velocidade do download fosse ridícula.

– Usa. Mas não é sempre o mesmo moletom. O cara não é fedido nem nada. E é bem quieto. Não fala muito. – Ela faz uma pausa. – Por que está tão interessada em Rev Fletcher?

Não sei. Não consigo entender.

Está tudo bem?

Não.

Ele parece bem agora. Só que, ao mesmo tempo, não parece. Uma parte pequena e escondida de mim quer ir até lá e perguntar de novo.

Posso até ver: *Oi, lembra de mim? Você me assustou atrás da igreja. Deu nuggets pra minha cachorra. Discutimos*

existencialismo.

Até parece.

Ele tem amigos. Está comendo. Não precisa de mim.

Mas se tem amigos, por que estava escondido atrás da igreja com aquela carta?

– Emma?

– Não é nada – digo para Cait. – Topei com ele quando estava passeando com a Texas.

– Foi estranho? Tenho a impressão de que ele é estranho fora da escola. – Ela faz uma careta. – Bom, ele já é estranho *na* escola...

– Ele não é estranho. – Faço uma pausa. – É incomum.

– E tem diferença?

– Me diz você, que usa um rosto diferente a cada dia.

Ela recua, e eu gostaria de poder retirar o que disse. Não queria insultá-la – ou talvez quisesse. Estou cansada demais para saber.

Cait joga a mochila no ombro.

– Preciso pegar alguns livros antes da aula. A gente se vê mais tarde.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, ela se mete no meio de uma multidão de alunos.

Com um suspiro, recolho minhas coisas e vou para a classe.

Sou a única aluna da aula de ciências da computação avançada que não está no último ano. Também sou uma das três únicas meninas. Foi um saco fazer introdução à programação no ano passado, mas era pré-requisito. Eu poderia ter dado aquela aula. Quando o sr. Price notou que eu estava fazendo lição de casa de outras disciplinas enquanto ele explicava a matéria, me ofereceu pontos extras se eu programasse alguma coisa. Acho que ele esperava algo básico e até meio ridículo, para que pudesse dar um tapinha no meu ombro e se sentir orgulhoso por ter me desafiado. Quando entrou no OutraTERRA, engasgou com o café.

Sério. Quase cuspiu em mim.

Esse não é meu primeiro jogo. É o sexto. Ninguém começa com um jogo on-line de RPG. Bom, ninguém que eu conheça. Nem mesmo meu pai. Ele começou a me ensinar a programar quando eu tinha 7 anos, ao me mostrar o Pong e sugerir que eu tentasse recriá-lo. Aos 10, já estava fazendo jogos bidimensionais básicos. Com 13, podia lidar com gráficos 3-D. OutraTERRA é o jogo mais complexo que já fiz.

Meu pai nunca jogou. Nem sabe de sua existência.

Ele é um programador sênior da Axis, uma empresa de games. Seu próximo lançamento deveria ser integrado com o celular, de modo que as pessoas pudessem passar de uma plataforma à outra sem qualquer perda, seja em meio a batalhas ou patrulhas. Já vi algumas capturas de tela. Parece incrível.

Mal posso esperar para mostrar o OutraTERRA a ele. Mas tem que estar perfeito antes.

Ou seja, um personagem não pode desaparecer por causa de uma montanha.

O sr. Price está digitando algum código na máquina ligada ao projetor. Todos os computadores têm proteções para evitar que se copie o código do outro, então posso fazer o que quiser aqui e ninguém vai ver. Entro no servidor do OutraTERRA e pego um bloco para fazer anotações.

E então me deparo com a mensagem que Pesadelo me mandou de manhã, como se esperasse por mim.

Meus dedos vacilam sobre a opção Banir Jogador.

Então o faço. Clico.

E deleteo a mensagem.

Acabou. Está feito. Ele é história. Não pode mais me incomodar aqui. Sinto um intenso alívio.

Ele pode me incomodar no 5Core, mas o site é controlado pelo

sistema escolar da cidade. Posso denunciá-lo ao administrador, caso ele me mande mais mensagens como aquela.

Olho para a tela na frente da sala. O sr. Price continua falando. Então começo a rascunhar um mapa. Quero construir um reino povoado por insetos. Ainda não fiz nada que voe, e preciso de um desafio. Posso fazer enxames de abelhas, teias de aranha, escorpiões perigosos, borboletas que carregam poções curativas...
Hum.

Recebo um alerta.

Nova mensagem. Meus olhos correm para o remetente, e eu congelo.

Sexta, 16 de março, 12:26

De: Pesade1o2

Para: Azure M

Bela tentativa.

Agora é pessoal.

SEIS

Rev

Sexta, 16 de março, 17:37:56

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Silêncio

Acho que os momentos quietos são os mais barulhentos.

O silêncio fala alto, filho.

Duas frases, e a culpa me consome. Meu silêncio parece um crime contra todo mundo na minha vida...

Não respondi meu pai.

Não contei a Geoff e Kristin.

Não contei a Declan.

Esta noite, esse silêncio alto me sufoca. Estamos jantando "em família", mas ninguém fala. Kristin fez torrada, ovo frito, linguiça, bacon, batata assada e salada de frutas com chantili. Algo reconfortante, já que nossa casa não está nada reconfortante no momento. Encho o prato e mantenho os olhos no jogo americano.

Matthew faz o mesmo do outro lado da mesa.

Fiquei surpreso ao encontrá-lo aqui quando voltei para casa. Tinha certeza de que o lance da faca ia mandá-lo de volta para o serviço de proteção à criança. Quando Kristin nos encontrou pela manhã, entendeu tudo, pôs a mão em meu ombro e pediu para eu me arrumar para a escola.

Olho para o outro lado da mesa. Matthew parece exausto. Os hematomas no rosto se estabeleceram de vez, mais escuros agora. Aparentemente, Bonnie, a assistente social, veio e os dois tiveram

uma longa conversa.

Não sei o que foi dito, porém lhe rendeu mais uma noite aqui. Matthew não parece nem um pouco arrependido. Tampouco agressivo. Isso conta a seu favor? Não tenho ideia.

Geoff disse que ele prometeu avisar antes de sair de casa.

Tão reconfortante. Vamos comemorar.

– Pode passar a linguiça, Rev?

A voz de Kristin sai com uma animação falsa. É a voz que usa quando as crianças atiram comida – ou coisa pior – nas paredes, em desafio.

Sou obrigado a levantar o rosto, e percebo que Matthew está me observando de canto de olho, como fez ontem à noite.

Sinto uma tensão familiar nos ombros. Já estou na defensiva, e nem aconteceu nada ainda.

Geoff nos avalia da cabeceira da mesa. Não diz nada. E não parece feliz.

Kristin mantém a informalidade na voz.

– Você não contou como foi seu dia na escola, Rev.

– Foi normal.

Enfio um pedaço de torrada na boca, para não ter que falar mais.

– Declan não quis jantar aqui?

Ele costuma comer na minha casa às sextas, uma tradição de longa data vinda da época em que procurava evitar o padrasto. Eu me forço a engolir.

– Ele saiu com Juliet.

De novo.

Mas tudo bem.

– Falei com o sr. Diviglio esta tarde. Matthew vai começar na segunda. Achei que seria legal se você mostrasse tudo para ele.

O sr. Diviglio é o vice-diretor. A torrada se transforma em pedra na minha boca. Engolir dói. Quando consigo falar, cravo os olhos em

Matthew, quase o obrigando a fazer contato visual.

– Se você for pego com uma faca na escola, vai ser suspenso.

– Rev – Kristin diz, com tranquilidade. Sem me repreender, mas quase.

– Já estudei na Hamilton – Matthew diz, com os olhos no prato. – Conheço o lugar. – Ele faz uma pausa. – E as regras.

Geoff pigarreia. Sua voz sai baixa e tranquila, dissipando parte da tensão no ar.

– Ótimo. Isso deve facilitar as coisas.

Sua calma me lembra de que grande parte da tensão no ar vem da minha própria cabeça. Preciso relaxar. Dou de ombros e pego outro pedaço de torrada.

– Ele pode ir com a gente. Declan não vai ligar.

Na verdade, provavelmente vai, e nem vai disfarçar. Imagino meu amigo encontrando Matthew no corredor com uma faca.

Ia colocá-lo contra a parede.

– Não tem ônibus daqui? – Matthew pergunta, com os olhos ainda fixos no prato.

A mesa fica em silêncio por um instante.

– Tem – Kristin diz, com cuidado. – Mas leva 45 minutos para chegar à escola. Você teria que estar no ponto às 6h20.

Ele não diz nada.

Eu o avalio. Sinto que estraguei tudo sem nem tentar.

– Não precisa. Você pode ir com a gente.

– Seis e vinte tá bom. – Ele mastiga a comida lentamente, e fala baixo. – Posso levantar cedo.

Suas palavras parecem calculadas. Não consigo concluir se isso é verdade ou se é o meu processamento mental zoado que leva tudo para o lado errado.

O silêncio fala alto, filho.

Afasto a cadeira da mesa.

– Posso ir?

Geoff e Kristin trocam um olhar, então ela vira o rosto para mim.

– Você mal comeu.

– Você mandou comida demais no almoço. – Hesito, porque não quero ser babaca. – Me avisem quando tiverem terminado que eu tiro a mesa.

Ela se inclina e pega minha mão, apertando-a de leve.

– Não se preocupe. Faça o que tem que fazer.

* * *

Me troco para ir à academia, mas, no último minuto, mudo de ideia. Preciso desesperadamente sair de casa, porém a mera ideia leva meu nível de estresse ao limite. Queria poder ir até a casa do Declan. Queria poder contar a ele.

Ao mesmo tempo, não quero. Me sinto exposto demais. Despreparado.

Não. Tenho vergonha.

Penso na garota atrás da igreja.

Você está com medo.

Passei anos aprendendo a não ter medo. Agora, com algumas poucas frases, meu pai derrubou todas as minhas defesas.

Ataco o saco de pancada que fica no porão. Começo com chutes, então socos, depois ganchos e joelhadas, antes de recomeçar a sequência. A princípio, estou fora de ritmo, desajeitado, como não me sinto há um século. Eventualmente meu cérebro se dá conta de que estou falando sério, e minha memória muscular assume o controle. Fico absorto na força de cada movimento.

Eu fui a primeira criança que Geoff e Kristin receberam. Passava cada noite aterrorizado com a possibilidade de que meu pai me conseguisse de volta e me torturasse por gostar deles um pouquinho que fosse. Kristin entrava no meu quarto toda noite e me lia uma historinha enquanto eu olhava para o teto e fingia não

ouvir. Antes, eu não podia ter livros de fantasia ou magia, só religiosos, então, ao ouvi-la lendo *Harry Potter e a pedra filosofal*, tinha certeza de que o diabo ia aparecer num buraco no chão e me arrastar com ele para o inferno.

O que não aconteceu. Claro.

No segundo mês, ela já tinha passado para *Harry Potter e a câmara secreta*, e eu já não olhava para o teto. Às vezes dava risada. Ela aproximava a cadeira da cama para que eu pudesse ver as ilustrações de abertura de capítulo.

Mal me lembro da história.

Mas me lembro que, quando fechou o livro, irrompi em lágrimas.

– O que foi? – Kristin perguntou.

– Não quero voltar.

Ela não precisou de nenhuma explicação. Sabia o que eu queria dizer.

Foi uma das poucas vezes que sua voz me pareceu de aço.

– Você *nunca* vai voltar.

O silêncio fala alto, filho.

Sinto um nó na garganta, minha vista embaça. Suas palavras me afetam em uma via dupla. Não estou evitando apenas meu pai. Também estou evitando Geoff e Kristin. E meu melhor amigo.

Enfio o punho no saco, e meu braço treme de fadiga. Recuo, arfando, e tiro o cabelo dos meus olhos. Geoff e Kristin estão conversando lá em cima; suas vozes formam um leve murmúrio.

Me jogo no banco de levantamento de peso, tiro as luvas e viro metade da garrafa de água sem nem pensar. Está tão gelada que quase me queima, o que é ao mesmo tempo agradável e horrível. A tranquilidade do porão me oprime.

E então, num estalo, me dou conta de que não estou sozinho. Não sei se é o ar que se desloca, ou uma sombra que se movimenta, mas a atmosfera muda.

Tomo outro gole de água, com os sentidos afiados. Tem que ser Matthew.

Não consigo ouvi-lo respirar, porém sei que está aqui. Não tenho medo. Não exatamente. Se eu for racional, saberei que não é uma ameaça para mim.

Contudo uma parte sombria e primitiva do meu cérebro não gosta de nada que pareça nem remotamente com uma ameaça. Principalmente agora, com as lembranças do meu pai abrindo caminho para a superfície.

– Aparece – digo em voz baixa, sem deixar espaço para discussão.

Tenho a impressão de que tudo está ainda mais parado. Mais silencioso.

– Aparece – repito.

Nada.

Meu coração acelera, como se martelasse. Um fio de suor começa a escorrer do meu peito. Quanto mais ele se mantém nas sombras, mais incomodado me sinto.

Me levanto, porque a ansiedade me impede de ficar sentado, e me viro para o outro lado.

– Não vem querer se esconder.

Silêncio.

O silêncio fala alto.

Talvez não seja Matthew. Meu pai tem esse endereço. Ele sabe como me encontrar.

O medo toma conta do meu peito de maneira rápida e mortal. Não consigo falar. Não consigo me mover.

Não é meu pai. Não pode ser meu pai.

Não pode ser.

Não pode ser.

Cravo as unhas nas palmas. O cômodo parece encolher. Estou encurralado.

Saio correndo do porão. Nem sinto os degraus sob meus pés. Pego um moletom do cabideiro ao lado da porta e escancaro a porta da frente. O ar frio da noite funciona como um muro. Eu o atravesso.

A lua está alta no céu; as estrelas, formando arcos. O ar mal cabe dentro dos meus pulmões.

– Rev!

Ouço a voz de Kristin atrás de mim.

Me viro e olho para ela, que está de pé nos degraus da frente. Parece a mais de um quilômetro de distância.

– Preciso de um ar.

Minha voz sai como se eu tivesse corrido uma maratona. Puxo o capuz por cima da cabeça enfio as mãos para dentro das mangas.

– Espera – ela diz. – O papai vai com você.

– Não – solto por entre os dentes. – Não. Preciso ir.

– Está com o celular?

Talvez. Vai saber. Poderia estar em Marte agora e nem ia perceber.

Mas é uma pergunta tão normal que parece que um dardo foi jogado contra meu ataque de pânico, fazendo-o desinflar. Consigo respirar. Consigo apalpar o bolso. Consigo responder.

– Estou.

– Me manda uma mensagem se for demorar mais que uma hora.

O ar fica mais frio. Meu corpo fica mais quente.

– Tá. – Minha voz quase falha. – Tá.

Ela olha para trás, então de novo para mim.

– O papai disse que quer dar uma volta. Por que não o espera? Ele só foi pôr os sapatos.

Se ela continuar falando comigo, vou desmaiar. Ou começar a chorar.

Ou socar alguma coisa.

– Vou dar uma corrida, tá?

Não espero pela resposta. Me viro e começo a correr.

SETE

Emma

Estou jogando OutraTERRA de novo. Minha mãe ficaria tão orgulhosa...

Perdeu parte da graça, no entanto. Não é só aquele idiota, que eu excluí do jogo pela segunda vez. É a tensão bizarra com Cait, que costumava jogar comigo o tempo todo, mas que agora deve estar fazendo um vídeo sobre cílios postiços. São os comentários da minha mãe sobre sonhos não pagarem as contas, como se eu não soubesse.

Não entendo qual é a dela. Meu pai ganha bem. Ele também trabalha bastante. Só porque fica debruçado sobre o laptop no sofá enquanto ela fica debruçada sobre camas de hospital não significa que ele está perdendo tempo.

Ouçõ a voz de Ethan pelo headset.

– Você parece distraída.

Estamos em uma missão no reino dos elfos. Nunca joguei sozinha com ele, mas, depois do que aconteceu com Pesadelo, quando Ethan me adicionou à sua equipe, perguntei:

– Podemos jogar só nós dois? Quero procurar mais buracos na programação.

Ele não disse nada, só ativou a missão.

Nem percebi quão tensa estava até ele comentar.

– Desculpa – digo. – Só estava pensando.

– Escola ou pais?

Seu avatar rapidamente destroça um elfo que sai de trás de uma árvore.

– Quê?

– O que está distraíndo você? A escola ou seus pais? – Ele faz uma pausa. – Ou seu namorado?

– Não tenho namorado.

Minhas bochechas queimam, embora não haja nenhum sinal de segundas intenções na voz dele. É só amizade. Se tanto.

– E namorada? – ele acrescenta. – Não quero assumir nada.

Dou risada.

– Não tenho namorada. E está tudo bem na escola. São meus pais. Bom, minha mãe. Meu pai é legal. – Meu avatar o segue, correndo por um gramado. – Espera aí. Quero adicionar mais textura aqui. Preciso anotar.

O avatar dele para.

– Me deixa adivinhar. Você anda jogando demais, não se concentra na escola, tem que tomar um pouco de sol antes que o médico recomende comprimidos de vitamina D...

– Exatamente! Como sabe?

Ele solta um ruído de escárnio.

– Por experiência própria. – Ethan faz outra pausa. – Mas eu só jogo. Sua mãe sabe que você tem um game próprio? Acho que a minha largaria do meu pé se achasse que estou sendo produtivo, pelo menos.

É a minha vez de soltar um ruído de escárnio.

– Minha mãe acharia uma bolsa em medicina em Harvard produtiva.

– E alguém não acharia? – Seu personagem dá alguns passos adiante. – Pronta?

– Sim. – Ele começa a correr. Bem, nossos avatares começam. – Não, ela não sabe sobre OutraTERRA.

– Tá brincando? Você *programou* um jogo.

– Pois é. – Fico em silêncio por um momento. – Ela acha idiotice. Tenho medo de que me mande deletá-lo.

- Sua mãe quer que você seja médica?
- Acho que ela sabe que não quero fazer medicina.
- Não tenho ideia de como ia se sair como médica, mas como designer de games acho você muito foda.

A voz dele sai tão sem emoção como sempre, porém o comentário me deixa um pouco mais animada. Ninguém nunca me chamou de foda. Certamente não num jogo.

Então ele continua:

– Quer dizer, é meio básico, e os gráficos não são tão fortes, mas...

– Não, não – retruco. – Vamos nos concentrar no “muito foda”.

Ele ri.

É uma boa risada.

Preciso parar de ficar vermelha.

Recebo uma mensagem na tela. Congelo. Meu avatar para de correr.

– M? – Ethan chama.

– Espera. Tenho uma mensagem.

Clico no alerta.

Sexta, 16 de março, 19:29

De: Pesade1o3

Para: Azure M

Posso fazer isso o dia todo, gracinha. Me diz, você cobra pra chupar?

Minha respiração fica rasa. Odeio isso.

Não posso excluir o cara no meio do jogo. Tenho que logar como administradora.

– Preciso ir – digo a Ethan.

– Tá tudo bem?

Ele deve ter notado a mudança no meu tom de voz, porque parece desconcertado.

– Tá. Só... preciso ir.

Fecho o laptop.

Deveria reabri-lo. Deveria logar como administradora e excluir o cretino.

Mas não posso ver aquilo de novo. Agora não.

Sinto meus olhos queimando. Preciso sair de casa. Enfio o celular no bolso e desço depressa os degraus. Texy está esperando por mim lá embaixo, balançando o rabo.

– Vamos – chamo. Minha voz falha. Minha vista está embaçada. Texy me segue, obediente, ignorando minhas mãos que se atrapalham ao tentar pôr a coleira nela. Está animada com o passeio, as unhas fazendo barulho contra o piso de mármore da entrada.

– Emma? – minha mãe chama da cozinha. Ela aparece à porta, com uma taça de vinho na mão. – Aonde você vai?

Não posso olhar para ela.

– Vou levar Texy pra passear.

Torço para parecer gripada, e não prestes a chorar.

– Ótimo! – ela diz. – É bom se exercitar um pouco.

Missão cumprida. Acho.

Então saímos.

Preciso me acalmar. Estou sendo ridícula. Mulheres recebem esse tipo de mensagem *o tempo todo*. Não é certo, não é aceitável, mas não tenho como impedir. Só posso bloqueá-lo. O jogo é grátis e está disponível a todo mundo. Não é como se as pessoas precisassem cadastrar um cartão de crédito para jogar. Como Ethan disse, é bem básico. Todo o meu esforço em termos de segurança se concentrou em impedir que invadissem minha rede. Não tenho como saber a identidade dos jogadores. Nunca achei que precisasse me importar.

E não me importo agora. Não me interessa quem ele é. Só quero

que pare.

A voz de Ethan ressoa nos meus ouvidos, mas agora parece uma brincadeira. *Acho você muito foda.*

A última coisa que me sinto agora é *muito foda*. Respiro. Preciso me recuperar.

O celular vibra na minha mão tão de repente que quase o derrubo. A tela brilha com uma ligação. *Papai.*

Deslizo para atender.

– Alô?

Falo como se estivesse chorando. Não consigo evitar.

– Emma? – Ele parece preocupado. – Está tudo bem?

– Está.

Minha voz falha.

– Não está, não. – Sua voz é calorosa e agradável aos meus ouvidos. – O que foi?

Não posso contar sem falar do jogo.

E, mesmo que pudesse, sei o que ele diria. Já passei por isso.

É horrível. Mas as pessoas descontam toda a sua raiva na internet, só porque podem. Isso me enoja. A única coisa que a gente pode fazer é bloquear.

E ele estaria certo. É a única coisa que posso fazer.

– Tá tudo bem – digo. – É só um idiota me trollando. Eu bloqueio toda vez, mas ele volta com um nome novo.

– Já falou com o administrador? Às vezes eles podem impedir que um endereço de e-mail volte a se inscrever.

Ótima ideia. Só que a administradora sou eu, e não peço endereço de e-mail para entrar.

– Vou tentar – digo, e fungo.

– É muito ruim? – ele pergunta. – Ele ameaçou você?

– Bom, mais ou menos...

– Espera aí, M&M. Alguém acabou de entrar.

Acho que ele coloca a mão sobre o telefone, porque sua voz fica abafada. Um minuto se passa. As lágrimas no meu rosto secam.

Começo a me perguntar se meu pai esqueceu que estou na linha. Finalmente, ele volta.

– Preciso ir. Acabamos de descobrir um problema sério no servidor, e você sabe que falta pouco para o lançamento. Você tá bem?

– Claro. Vai lá.

– Provavelmente vou chegar tarde, mas te vejo amanhã de manhã, tá? Não deixa a fera te pegar enquanto eu estiver fora.

A fera é minha mãe. Quando eu era pequena, o apelido me fazia rir. Ultimamente, parece um pouco certo demais.

– Tá bom.

– Só queria ouvir sua voz.

Esses momentos são tão espaçados e tão poucos agora! Quando suas palavras são só para mim.

– Te amo, pai.

– Também te amo. Independentemente de qualquer coisa.

Ele desliga.

Independentemente de qualquer coisa? Como assim?

Texy pula e late baixo. Deve ter visto um esquilo. Minha mão não está muito firme na coleira, mas consigo puxá-la.

– Anda. – Fungo. – Deixa isso para lá.

Ela late com toda a força agora. Então sai correndo. A coleira escapa da minha mão.

ARGH.

Ela não vai muito longe. Atravessa a rua e para do outro lado, pulando em um cara que está fora da luz do poste. Texy sacode o corpo todo, não só o rabo.

Corro atrás. Ainda está sobre as patas traseiras; as dianteiras estão apoiadas no peito dele, que coça atrás de suas orelhas. O

cara está de tênis e calça de agasalho – saiu para correr. Texy inclina a cabeça de lado, com a língua para fora. Tipo: *Não está vendo como estou feliz?*

Me inclino para pegar a coleira.

– Desculpa. Desculpa mesmo. Texas. Texy. Para.

– Tudo bem.

Reconheço a voz e levanto a cabeça. O capuz onipresente esconde a maior parte de suas feições, mas tenho certeza de que é ele.

– Ah – digo, surpresa. – É você.

– Sou eu.

– Rev Fletcher – digo, sem pensar. Como se ele não soubesse o próprio nome.

Ele continua fazendo carinho em Texy, mas isso chama sua atenção.

– É. – Faz uma pausa. – Rev Fletcher.

Diz isso de um jeito interessante, como se precisasse lembrar a si mesmo. O que é estranho.

Então ele se inclina, só o bastante para a luz chegar a seus olhos.

– Você está chorando?

Eu me afasto e passo a mão no rosto. Me esqueci completamente desse detalhe...

– Não. – Minha voz sai anasalada. É claro que eu fungo em seguida. – É só... alergia.

Mas, tão perto dele, com seu rosto voltado para mim, consigo ver que suas bochechas estão vermelhas também e seus olhos, arregalados.

É o bastante para fazer eu me esquecer do meu drama. Penso na carta que ele me mostrou ontem à noite, no medo no ar.

– *Você está?* – pergunto, surpresa.

– Não – ele responde, imitando meu próprio tom de forma seca. –

É só alergia.

Não acredito nem um pouco.

Texy finalmente para, e Rev enfia as mãos nos bolsos do agasalho.

A noite nos cobre como uma capa, acumulando toda a emoção no espaço entre nós. Sei que construí muros a minha volta, mas nunca encontrei ninguém cujos muros parecessem igualmente impenetráveis.

Pela primeira vez, uma pontada de medo atinge meu peito. Penso na mensagem de Pesadelo.

Não me obriga a ir atrás de você, sua putinha.

Mas Rev não veio atrás de mim. Eu vim atrás dele. Bem, Texy veio. E, quando ele fala, é com um tom rico, cheio, quase tangível. Muito diferente do cara do jogo.

O capuz parece injusto. Olho para ele.

– Pode tirar isso daí pra eu conseguir te enxergar?

Fico esperando que ele se recuse, mas Rev levanta a mão e tira o capuz.

– Não tem nada para ver – ele diz.

Mas está errado. Tem muita coisa.

O cabelo vai até um pouco abaixo do queixo, de uma cor escura e opaca sob a lua. Não deve ter nem um grama de gordura no cara – seu rosto é afiado, do maxilar anguloso às concavidades nas bochechas. Seus olhos são escuros, de uma cor misteriosa. Ele tem o corpo de um atleta e se move como tal, mas nada nele grita “espírito esportivo”, então não posso ter certeza.

– Você tá encarando – ele diz.

– Você também.

Ele desvia o olhar.

– Desculpa.

– Não precisa pedir desculpa – digo, depressa. – Pode olhar.

Argh, sou tão esquisita. Me saio melhor com um teclado e uma tela, principalmente quando meus pensamentos parecem ter sido sacudidos e misturados como pecinhas de um jogo.

Inquieta, olho para o outro lado.

– Quer dizer, não tem problema. Estamos só nós aqui. Eu não estava reclamando. É claro que vai olhar para mim.

Seus olhos voltam a encontrar os meus, mas ele não diz nada. Não consigo ler sua expressão.

Ótimo. Consegui deixar as coisas ainda mais desconfortáveis.

Puxo a coleira de Texy e faço menção de ir embora.

– Não queria segurar você.

– Espera.

Eu espero.

Ele franze a testa.

– É engraçado a gente ter se encontrado de novo.

– Acha que estou seguindo você?

Ele consegue abrir um sorriso, hesitante.

– Não. Nem um pouco.

Levo um segundo para entender. Considerando nossa conversa de ontem à noite, demoro demais.

– Acha que é o destino? – Eu o avalio. – Ou Deus? Acha que tem alguém lá em cima controlando minha cachorra?

– Não exatamente. – Ele faz uma pausa. – Mas talvez a gente não deva ignorar isso.

Não sei o que dizer. Talvez nem ele saiba, porque ficamos ali por um longo tempo, sem fazer nada.

Quando Rev fala, sua voz sai baixa:

– Quer ir sentar debaixo dos vitrais de novo?

– Pra conversar?

– Ou enterrar um corpo.

Sua voz é neutra, mas sei que está brincando com o que eu disse

ontem.

– Isso, pra conversar – ele diz, com um tom deliberado, como se eu não tivesse entendido.

Vou fazer uma lista das vezes que um garoto me convidou para sentar e conversar.

1. Esta.

Se o destino é algo real, talvez seja sua maneira de me dizer para controlar meu próprio futuro.

Cara, estou começando a soar como ele. Mas não tenho certeza se me importo.

– Claro. – Olho para ele na escuridão. – Vamos lá.

OITO

Rev

Ela me segue até o gramado atrás da igreja. Sentamos, escondendo-nos na escuridão, onde as luzes dos postes não nos encontram. Nos reclinamos contra a parede de tijolos. A sensação da alvenaria fria contra minhas costas quentes é boa.

Não tenho ideia do que estou fazendo. Não sei nem o nome dessa garota.

A cachorra se joga no chão ao meu lado, e eu enterro meus dedos em seus pelos. Ela se aproxima de mim, apoiando a cabeça nas minhas pernas. Sempre quis um cachorro, mas Geoff e Kristin dizem que as crianças menores podem ter medo ou alergia, então nunca pegamos um.

Olho para a garota. Seu cabelo castanho-avermelhado está caído sobre um ombro em uma trança comprida e meio solta. Ela brinca com a ponta, enrolando as mechas no dedo. Suas feições são suaves, embora seus olhos pareçam muito alertas, emoldurados pelos óculos. Ela tem sardas *em toda parte*. Com uma caneta prateada, ligou algumas nas costas da mão, criando constelações. Ela relaxa contra a parede, olhando para a rua.

É um milagre que tenha aceitado sentar e conversar. Sou tão esquisito! Declan nunca me deixaria em paz se soubesse.

Você finalmente chama uma garota para conversar e a leva para trás da igreja? Cara...

Mas provavelmente esse é bem o tipo de coisa que ele esperaria de mim.

Olho para ela mais uma vez.

– Posso fazer uma pergunta pessoal?

– Manda.

– Qual é o seu nome?

– Emma Blue. E não é uma pergunta muito pessoal.

– Você já sabia o meu. Me senti mal por não saber o seu.

– Só sei o seu porque perguntei a uma amiga... – Emma se interrompe, ficando vermelha, então percebe que não adianta tentar disfarçar. – Eu te vi no refeitório hoje. Ela está na sua turma de sociologia.

– Vi você também.

Ela faz uma careta e vira o rosto.

– Desculpa por encarar. De novo.

– Estou acostumado. – Faço uma pausa. – Fiquei pensando se deveria ter ido falar com você.

Ela olha para mim na escuridão.

– Você podia ter feito isso.

– Você também. – Silêncio. – Mas achei que talvez tivesse te assustado ontem à noite.

– Acho que meus padrões de esquisitice são um pouco diferentes.

– Ela fica ainda mais vermelha. – Não sei se notou, mas não sou o tipo de garota que vai até um cara e começa a falar com ele.

– Temos isso em comum.

– Você tem dificuldade de falar com outros caras?

– Não consigo dormir pensando nisso.

Ela sorri. Não sei se estamos brincando ou dando em cima um do outro, mas sei que é a primeira vez em dois dias que não estou à beira de um ataque de pânico.

Então Emma diz:

– Posso perguntar uma coisa pessoal de verdade?

Titubeio. Sei o que vai ser.

– Claro.

– Qual é a do capuz?

Tenho que resistir à vontade de me contrair. De me esconder.

– É... uma história longa e complicada.

Ela fica em silêncio por um momento, então chuta:

– Você é supercabeludo?

Isso é tão inesperado que dou risada.

– Não.

Ela pensa mais um pouco.

– Um ciborgue?

Gosto que mantenha o clima leve.

– Agora que sabe, vou ter que matar você.

Emma sorri, mas sua voz é séria.

– Cicatrizes?

Hesito de novo. Está chegando perto.

– Não exatamente.

– Não exatamente?

– Bem... – Faço uma pausa, sentindo a tensão se acumular nos meus ombros de novo. Pensar nas minhas cicatrizes faz com que eu pense no meu pai. Dobro os joelhos e descanso um braço neles. A outra mão continua enterrada nos pelos da cachorra. – Tenho algumas cicatrizes. Minha infância foi... difícil. Mas não é por isso que vivo de capuz.

Eu me preparo, esperando que insista no assunto, porque Emma sabe sobre a carta – mas não faz isso. Ela cruza as pernas e apoia as costas na parede.

– Tá, sua vez.

Franzo a testa.

– Minha vez?

– De fazer uma pergunta pessoal.

Ela me lembra Declan. Um pouco. De um jeito bom.

– Por que você estava chorando?

Emma hesita.

– É... uma história longa e complicada.

Mereço isso. Suspiro e olho para a noite.

Ela faz a mesma coisa ao meu lado.

– Sua vez – digo, baixo.

Ela fica quieta por alguns segundos.

– Seu pai é o motivo da sua infância difícil?

– É.

– Ele te mandou outra carta?

Engulo em seco.

– Um e-mail.

– Um *e-mail*?

– Eu escrevi para ele... Disse para me deixar em paz. E ele respondeu.

– Ele é a razão do capuz?

– É.

Minha tensão sobe de nível, e meus dedos agarram meus joelhos com mais força.

Então ela pergunta:

– Você não fica com calor?

Solto o ar.

– Às vezes.

– Está com calor agora?

– Um pouco.

Eu estava correndo antes que a cachorra me encontrasse, depois de uma hora atacando o saco de pancada.

– Você pode tirar – ela diz. – Seu pai não está aqui agora.

Sua voz é pragmática. Não é um desafio. Só que parece, dentro da minha cabeça.

Estou com uma camiseta de corrida de mangas compridas por baixo do moletom, então não teria problema. Emma não veria nada.

Penso na sensação no porão, quando eu tive certeza de que Matthew estava me observando.

Agora, o moletom faz com que eu me sinta um covarde. Faz com que pareça que estou me escondendo.

O silêncio fala alto, filho.

Eu *estou* me escondendo.

– Não quis provocar um conflito interno – Emma diz, baixo.

– Você não provocou nada.

Mas é claro que provocou. Mais ou menos.

E isso é ridículo. Estamos falando de um *moletom*.

Pego a barra e o puxo pela cabeça, tirando-o.

– Uau. – Ela solta o ar depressa.

Congelo. O moletom é um emaranhado no chão ao meu lado.

Emma me encara. É como se seus olhos soltassem raios laser, de tão pesados em mim.

– Rev... eu não...

– Para – digo. A camiseta deve ter subido um pouco quando tirei o moletom. Emma deve ter visto algumas das marcas que meu pai deixou. Isso foi um erro. Sou um *idiota*.

Puxo as mangas, mas já estão nos meus punhos.

– Por favor. Para.

– Desculpa. – Sua voz sai baixa, e ela se vira para a rua. –
Desculpa.

A tensão nos meus ombros se intensifica.

– O que você viu?

– Nada.

– Você viu alguma coisa. – Minha voz sai tensa, irritada, temerosa. Nada disso tem a ver com Emma, mas ela está aqui, e eu me sinto exposto, e nada disso está indo do jeito que imaginei.

– Você disse “uau”.

– Ei – ela diz, baixo. – Rev. Eu não vi nada.

As lembranças do meu pai passam pela minha mente, tão rápidas que nenhuma se fixa. Não importa – nenhuma é boa. Meus dedos se contraem sobre meu abdome. Estou morrendo de medo de que ela me toque, fazendo com que eu perca o controle e a machuque.

– Não encosta em mim – eu me forço a dizer, mantendo a voz tão baixa quanto possível. – Não... Você deveria ir pra casa.

Ouçó Emma se movimentar, como se estivesse indo embora. Ótimo. Agora posso respirar.

Então ela fala, bem na minha frente:

– Ei. Abre os olhos. Olha para mim.

Não me lembro de ter fechado os olhos, mas devo ter feito isso. Obedeço.

Emma está ajoelhada na grama, segurando meu moletom.

– Não vi nada – ela repete. – De verdade.

Engulo em seco.

– Tudo bem. Eu tô bem.

Mas não está tudo bem. E eu não estou bem. Ainda não consigo me mexer.

– Tá. Olha, não sei o que acha que eu vi – Emma fala depressa. – E não acredito que vou admitir em voz alta. Mas eu disse “uau” porque seu corpo é bem impressionante.

Meus pensamentos são interrompidos.

O mundo para de girar.

Ela continua tagarelando:

– Só tinha visto você de moletom largo, então não estava preparada para... – Ela aponta. – *Isso*.

Franzo a testa.

– Está tirando uma com a minha cara?

– É sério? Olha só pra você, eu teria que ser uma *idiota* completa pra tirar uma com a sua cara. Já se olhou no espelho?

Faço uma careta.

- Para com isso.
- Foi tipo ver o Clark Kent se transformar no Super--Homem.
- Ei. – Aperto os maxilares, de modo que minha voz sai mais cortante: – *Para com isso.*

Ela volta a sentar-se sobre as pernas. Alguns fios se soltaram da trança e caíram sobre seu rosto. Emma os sopra para longe, impaciente.

- Não estou tirando sarro de você, Rev.
- Me sinto um bobo. Olho para o meu moletom todo enrolado. Não sei o que dizer.

O silêncio fala alto, filho.

Sinto os olhos queimando e tenho que segurar o ar. Enterro os dedos no tecido.

Emma se ajeita, cruzando as pernas.

- Minha vez.
- Isso me traz de volta à terra. Minha voz sai fraca:

- Sua vez.
- Também ando recebendo mensagens – ela diz, baixo. – Não do meu pai. De algum idiota, por meio de um game. Ele não está me ameaçando, mas... não é coisa boa.

Fico parado.

- Eu não o conheço – Emma continua, sua voz leve e pesada ao mesmo tempo. – E sei que parece maluquice, mas é bem comum no mundo dos jogos on-line. As garotas são um alvo. Então ele acha que pode me mandar mensagens dizendo coisas como...

A voz dela falha. A noite está tão tranquila que posso ouvir os carros a distância.

- Como o quê?
 - Não consigo repetir.
- Levanto a cabeça. Seus olhos estão úmidos, mas ela não chora.
- Pode me dizer – falo com calma. Pego suas palavras

emprestadas. – Ele não está aqui agora.

Por um momento, não acho que Emma vá responder, mas então ela pega o celular do bolso do jeans e passa o dedo pela tela.

Então o vira para me mostrar.

Posso fazer isso o dia todo, gracinha. Me diz, você cobra pra chupar?

As palavras são como um soco no estômago. Não posso imaginar o impacto que devem ter sobre ela. Afasta qualquer preocupação minha na hora.

– Emma... isso é de outro jogador?

– E tem mais. – Ela se estica e muda a tela. – Essa é de ontem.

Chupa. É isso que eu vou dizer quando te encontrar e meter no buraco da sua boca.

A raiva espanta meu medo.

– Quantas mensagens do tipo você recebeu?

– Não é grande coisa. É só um trouxa com tempo livre demais.

– Emma... ele está ameaçando você...

– Mas não está. Ele nem me conhece. Não sabe nada sobre mim. É só um cretino mandando mensagens. – Apesar das palavras firmes, lágrimas rolam por sua bochecha. – É bobeira.

– Não é bobeira. – Queria ter um lenço para oferecer. – É... horrível.

– Não. – Ela funga. – É comum. Acontece o tempo todo. É só um troll. Eu não deveria ficar tão chateada.

– Emma... isso é sério.

– Não é. – Ela enxuga o rosto. – De verdade, não é. Você está tendo que lidar com estresse pós-traumático ou algo do tipo, e eu estou chorando por causa de um babaca.

Faço uma careta.

– Não é uma competição.

– Não! Não foi o que eu quis dizer. – Ela se recompõe. – Não achei que sugerir que você tirasse o moletom fosse... acabar *nisso*.

– Acho que você pode chorar por causa de um cretino, se eu posso perder a cabeça por causa de um moletom idiota.

Passo uma mão pelo cabelo. Me sinto do avesso.

Ela me olha nos olhos.

– É mais que um moletom.

– Bem... – Visto o moletom e escondo as mãos dentro das mangas. – Também acho que é mais que um jogo.

Ela engole em seco.

– Você tá certo.

– Você também.

Ficamos sentados no escuro, nos encarando. Desafiando um ao outro sem arriscar nada.

Ouçõ um alerta de mensagem, e pego o celular do bolso. Kristin.

Mãe: Só pra saber se tá tudo bem.

Eu o enfio de volta no bolso.

– Minha mãe.

– Ela não sabe sobre as mensagens do seu pai?

Balanço a cabeça.

– Não. E ela não é minha mãe mesmo. Nem conhece o cara. Ela é... Sou adotado.

Emma franze a testa, como se quisesse mais informações, então o celular *dela* toca, e *ela* o tira do bolso.

– A *minha* mãe.

Ela suspira.

Vacilo, então me levanto.

– A gente deveria voltar, antes que comecem as buscas. Eu estava bem mal quando saí de casa.

– Eu também.

Ela se levanta, enrolando a coleira da cachorra no pulso.

Ficamos ali, sem nos mover, respirando o mesmo ar.

– Você... – começo, depois me interrompo. Não tenho experiência

com isso. Nem sei bem o que quero perguntar.

Emma espera.

Inspiro fundo e tento de novo.

– Seria esquisito eu perguntar se você quer fazer isso de novo?

– Quer dizer te encontrar atrás da igreja e pirar juntos?

Solto o ar.

– É...

– Provavelmente. Seria esquisito eu aceitar?

Sorrio.

– Provavelmente. Amanhã à noite? Às 20h?

– Claro.

Ela se vira para ir embora.

Eu a vejo se afastar pela grama; a cachorra trotando preguiçosamente ao seu lado.

– Ei, Emma! – chamo.

Ela se volta para mim.

– Oi?

– Não tem desculpa – digo. – O que ele escreveu para você. Sabe disso, né?

– Sei.

Ela continua a andar.

Então se vira de novo, mas segue andando de costas.

– Ei, Rev.

Permaneço parado ali, e sorrio.

– Oi?

– Seja lá o que seu pai fez com você, não tem desculpa também. Sabe disso, né?

As palavras me atingem com força. Não consigo falar. Só assinto.

– Ótimo.

Então ela me dá as costas, sai correndo e desaparece.

NOVE

Emma

A mensagem de Pesadelo aparece na tela quando abro o laptop.

Perdeu grande parte da sua força, no entanto...

Não tem desculpa. O que ele escreveu para você. Sabe disso, né?

Eu sabia. Sei. Mas, por alguma razão, quando ditas por alguém que não está envolvido com a situação, essas palavras ganham peso.

Quando ditas por *Rev*, essas palavras ganham peso.

Nunca conheci ninguém como ele. *Rev* é intrigante. Eu disse que vê-lo tirar o moletom era como ver Clark Kent se tornar o Super-Homem, mas isso nem chega perto de descrever o que aconteceu. É mais como encontrar o sombrio e ensimesmado Oliver Queen por baixo do capuz do Arqueiro Verde.

Em geral, não conto a ninguém sobre o assédio nos jogos – é tão comum que raras vezes penso em mencionar. Se alguém ataca você cara a cara, pode contar para o professor, falar com o responsável no local, chamar a polícia. É uma única pessoa, e você pode pedir ajuda.

Se alguém ataca você on-line, é possível bloquear – mas ele pode voltar em segundos, fingindo ser outra pessoa. De novo e de novo. No anonimato.

Fecho a mensagem de Pesadelo, faço login como administradora e o bloqueio de novo.

Só que isso está começando a parecer inútil. Pesadelo já se mostrou mais do que disposto a criar novos usuários para me assediar. Estou presa nessa posição, dando a ele o que quer – atenção –, desejando ter maneiras mais efetivas de contra-atacar.

Não tenho. Então aqui estou.
Também recebi uma mensagem de Ethan.

Sexta, 16 de março, 20:11

De: Ethan_177

Para: Azure M

O que aconteceu? Tudo bem? Vou ficar on-line por um tempo. Se conseguir entrar.. Se não aqui, no Battle Realms.

Sorriso. Estamos ficando amigos.

Que noite estranha!

No momento que penso isso, ouço uma batida na porta. Baixo o headset e suspiro. Só pode ser minha mãe.

– Entra.

Ela abre a porta. Está com calça larga de pijama e regata; o cabelo preso num rabo de cavalo, como sempre. Às vezes me pergunto se está tentando mandar uma mensagem ao mundo de que não tem tempo para seguir os padrões a que se sujeitam as mulheres – mas na verdade acho que só está ocupada demais para se preocupar.

Texy levanta de onde está jogada e cheira as mãos dela.

Minha mãe faz carinho atrás de suas orelhas, sem prestar muita atenção.

– Você está jogando?

Me eriço toda.

– É sexta à noite. – Olho para o relógio. – E nem é tão tarde.

– Eu não estava reclamando. Só queria saber se estava interrompendo.

Claro.

– Não. Tudo bem.

– Posso entrar?

Gostaria de poder dizer não, mas só fecho o laptop. Não quero ter

que ouvir um sermão, então é melhor acabar logo com isso.

– Tá.

Ela se senta na cadeira da escrivaninha e olha em volta.

– Queria conversar sobre o que aconteceu hoje de manhã.

– Ah. Quando eu estava no banho?

– Isso, Emma. – Minha postura parece deixá-la exasperada. – Quando você estava no banho.

Texas está encostada nas pernas da minha mãe, descansando a cabeça. Quero chamá-la, mas minha mãe está fazendo carinho nela. Talvez seja uma maneira de liberar a tensão.

– Não precisamos conversar – digo. – Sei que não gosta que eu jogue.

– Emma, não é que eu não goste que jogue. Só quero que seja realista quanto a seus objetivos de vida.

Solto uma risadinha de escárnio.

– E o que você sabe sobre meus objetivos de vida?

– Sei que acha que seu pai tem um trabalho incrível. Sei que gostaria de ser designer de games também. Mas é preciso ter sorte para isso, e sorte não é algo com que se possa contar.

– Eu sei, mãe.

– Sou super a favor de mais mulheres nas áreas de tecnologia, mas acho que seria prudente você ter algum tipo de...

– Eu sei. Já entendi.

– Não acho que tenha entendido. Estou pedindo que tenha a mente aberta...

– Se eu *tivesse* dito que você estava interrompendo alguma coisa, esta conversa não estaria acontecendo?

– Não gosto desse seu jeito, Emma. Toda vez que tento conversar...

– Olha. – Um nó se forma na minha garganta, porque ela nunca vai entender por que isso é importante para mim. – Não quero ser

médica. Sinto muito, tá? – Subo o headset e abro o laptop antes que a emoção transpareça em minha voz. – Desculpa por ser uma decepção tão grande.

A expressão dela parece congelada entre a surpresa e a irritação.
– Emma. O que...

Aperto um botão. Rock pesado começa a tocar nos fones de ouvido. Ela continua falando, mas não faço ideia do quê.

Mantenho os olhos na tela. Se ouvir uma palavra que seja, vou começar a chorar.

Minha mãe não para. Fico pensando por quanto tempo vou aguentar.

Entro no OutraTERRA e mantenho os olhos fixos na janela do jogo.

Cait me escreve uma mensagem.

Cait: Tá jogando?

Emma: Não, só ignorando minha mãe.

Cait: Como assim?

Emma: Ela tá aqui na minha frente, mas não tô nem ouvindo. E aí, o que tá rolando?

Cait: Arrumei tudo pra fazer um vídeo, mas o Calvin precisava do laptop pra fazer a lição de casa, então tô à toa aqui.

Calvin é o irmão mais novo dela. Eu devia perguntar o tema do vídeo, mas não estou com a menor vontade de falar sobre delineador, cosplay ou base.

Ao mesmo tempo, não gosto dessa distância estranha entre nós. Escrevo rápido.

Emma: Quer vir aqui?

Cait: Sua casa não parece um lugar muito feliz no momento.

É verdade. Levanto os olhos. Minha mãe ainda está aqui. Olhando para mim.

Na verdade, é até bom. Pelo modo como me olha, sei que está brava, não bancando a compreensiva. Posso lidar com isso.

Tiro os fones de ouvido.

– Quê?

– Estou tentando conversar. Me ignorar não vai ajudar a provar sua maturidade.

– Olha, sei que você acha que papai é um inútil. E sinto muito por ter puxado a ele. Deve ser difícil para você.

Minha voz ameaça falhar. Volto a colocar os fones.

Me forço a manter os olhos na tela, mas posso ver minha mãe de canto de olho. Seu rosto está vermelho; seus maxilares, cerrados. Ela parece prestes a gritar. Ou socar a parede.

Em vez disso, vai embora.

Emma: Pronto, foi embora. Até que foi rápido.

Cait: O que tá rolando?

Emma: Ela tá brava porque não quero ser médica.

Cait: Você mostrou o jogo?

Emma: Acho que não faria diferença.

Três pontinhos aparecem sob minha mensagem, mostrando que ela está escrevendo de volta. Demora uma eternidade.

E nada aparece.

Começo a jogar enquanto espero.

Uma caixa de alerta pula na tela: *Sem conexão.*

Como assim? Olho para a prateleira e encontro o roteador.

Todas as luzinhas estão apagadas.

QUÊ?

Levanto, desligo e espero um minuto.

Volto a ligar, mas não adianta.

Vou até a porta e a abro.

Antes que possa dizer qualquer coisa, minha mãe grita de dentro do quarto dela.

– Algum problema, Emma?

A irritação toma conta de mim. Só por sua voz, sei que fez alguma coisa.

– Você cortou a internet?

– Talvez tivesse notado, se não estivesse tão ocupada me ignorando.

Quero socar a parede.

– E acha que *eu* sou imatura?

Ela vai até a porta. Está passando creme nas mãos. Por um momento, parece que está se preparando para lutar.

– Talvez uma noite sem internet faça bem a você – ela diz. – Pode usar esse tempo para pensar.

– Não sei como papai te aguenta – solto.

Minha mãe afasta o corpo, como se eu tivesse batido nela.

E o fato de ter desligado a internet é como se *ela* tivesse batido *em mim*.

Volto para o quarto e bato a porta. O nó na garganta não se desfaz. Já estou me arrependendo do que falei.

A pior parte é que me fez parecer igualzinha a ela. A coisa dos jogos pode ter vindo do meu pai, mas a agressão verbal é totalmente da minha mãe.

Fecho o laptop e pego o celular. Entro na internet pelo plano de dados, mas a conexão não é o suficiente para jogar. A única maneira de minha mãe ter cortado o acesso é através da central do provedor, que fica no porão, então só preciso esperar ela dormir e ir até lá. Não é uma crise total, mas é um saco.

Emma: Minha mãe acabou de cortar a internet.

Cait: Acho que ela não gosta de ser ignorada.

Emma: De que lado você tá?

Cait: De lado nenhum! Só falei.

Não sei o que dizer. Meu estado mental degradingolou em questão de minutos. Quero brigar com todo mundo agora.

Onde está Pesadelo quando preciso dele?

Demora um pouco para que os três pontinhos voltem a aparecer depois da última mensagem de Cait.

Cait: Bem, obrigada pelo convite pra ir aí, mas acho que vou dormir.

Emma: Tá.

Fico parada no mais absoluto silêncio por um bom tempo. Texy sobe na cama e joga seu corpo pesado ao meu lado, apoiando a cabeça na minha perna.

Pego o celular para escrever para Ethan pelo 5Core. Não quero reclamar de Pesadelo. Só faria com que eu parecesse fraca, como se não pudesse lidar com um cara falando bobagem.

Sexta, 16 de março, 21:14

De: Azure M

Para: Ethan_177

Minha mãe cortou a internet. Estou esperando ela dormir para reconectar.

Ele responde quase de imediato.

Sexta, 16 de março, 21:15

De: Ethan_177

Para: Azure M

Essa é nova. Vou ficar aqui a noite toda. É sexta!

Sorriso. É sexta!

Sexta, 16 de março, 21:15

De: Azure M

Para: Ethan_177

Me dá uma hora. Dependendo de quantas taças de vinho ela tiver tomado, menos.

Uma nova mensagem aparece quase instantaneamente. Sorriso. Mas então vejo de quem é.

Sexta, 16 de março, 21:16

De: Pes@de1o4

Para: Azure M

Olha só, achei você no 5Core. Bela foto.

Congelo, encarando a mensagem.

Uso o mesmo nome no jogo e no 5Core. Não é nada de mais.

Mas o conteúdo da mensagem me deixa perturbada.

Ninguém nunca conectou Azure M a Emma Blue, mas, olhando para a tela, penso em como seria simples ligar os pontos. Minha foto de perfil não mostra meu rosto, mas mostra minhas costas. Cait a tirou em outubro, durante o Festival de Outono. Meus braços estão levantados, em comemoração depois de ter enfiado uma torta de chantili na cara do quarterback.

Estou de trança.

E usando uma camiseta da escola. Não posso deletar a foto agora. Preciso ir lá embaixo e reconectar o roteador. Meu coração bate tão acelerado que quase dói, e a adrenalina corre em minhas veias. Meus dedos tremem sobre a tela do celular.

Tento me acalmar.

Azure M não é *tão* óbvio.

Nem o fato de que estudo na Hamilton. Minha trança cobre metade do nome. Sei o que diz porque a camiseta é minha, mas, na imagem minúscula, fica quase ilegível.

Sem mencionar que tem outros dois mil alunos na escola.

E ele não me ameaçou. Só disse "bela foto". Poderia ser por causa da minha bunda. Provavelmente foi.

É uma tentativa calculada de me deixar desconfortável. Funcionou, mas não é crime.

Nem é uma mensagem que eu possa usar contra ele. O que eu diria? *Um cara me disse "bela foto"?*

Mas posso aproveitar e clicar no nome dele.

Claro que o perfil está quase completamente em branco. O "nome" é Pesa Delo. Muito engraçado.

Suspiro. Odeio isso. Deleto a mensagem.

De repente, não quero mais entrar na internet. Não quero ver o que mais ele pode ter me mandado pelo jogo.

Não tem desculpa. O que ele escreveu para você. Sabe disso, né?

Sei disso.

Mas não posso fazer nada a respeito.

DEZ

Rev

Sábado, 17 de março, 12:06

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Meia-noite

Lembra-se da parábola do filho pródigo? Que filho é você? Gostaria de saber.

Sim, eu me lembro.

Quase posso recitá-la, versículo a versículo.

Basicamente, é sobre um pai com dois filhos. O mais novo quer viver a vida, ganhar o mundo, então pede para receber sua herança adiantada. Ele vai embora e gasta todo o dinheiro, até estar completamente quebrado, morando na rua. Já o filho mais velho se mantém ao lado do pai.

Quando o mais novo se lembra de que os criados de seu pai sempre têm comida de sobra, ele decide retornar e implorar para trabalhar como servo na casa dele. O pai o vê voltando e organiza uma grande festa para lhe dar as boas-vindas.

O filho mais velho fica furioso. Permaneceu ali o tempo todo, mas ninguém nunca deu uma festa para ele por ser um bom filho. O irmão mais novo insultou o pai, desperdiçou sua herança e agora era celebrado.

No fim, o pai lhe diz: "Meu filho, você sempre esteve comigo, e tudo o que eu tenho é seu. Mas temos que ficar felizes e comemorar, porque seu irmão estava morto, mas agora vive de novo; estava perdido e foi encontrado".

Honestamente, nenhum desses filhos parece muito gente fina.

Que filho é você? Gostaria de saber.

Nenhuma das opções me agrada. Desligo o celular.

Estou exausto, mas a possibilidade de pegar no sono parece muito distante.

O mesmo deve ocorrer com Matthew, que encara o teto, deitado na cama.

Ele não disse nada desde que cheguei. Nem eu. A paz que encontrei com Emma é coisa do passado agora.

Meu quarto se transformou em um cubo silencioso de ansiedade. Quero pegar o lençol e o travesseiro e ir dormir no sofá, mas não gosto da ideia de ir para o outro lado da casa, ou para o porão.

Não sei por que ele insiste em pegar o ônibus. Não sei por que me observava, escondido no escuro.

Não entendo a faca, ou a pergunta sobre a porta trancada, ou por que o encontrei tentando fugir.

Viro a cabeça e olho para ele. Mantenho a voz tranquila ao perguntar:

– Ei, por que você precisava da faca?

Matthew não diz nada.

– Você estava tentando sair, então não acho que pretendesse machucar Geoff e Kristin.

Nada.

– Queria encontrar alguém? Ia *atrás* de alguém?

Nada.

É exaustivo. Suspiro.

– Sei que está me ouvindo.

Nada.

Suspiro e viro o corpo de lado, me apoiando no cotovelo para vê-lo melhor.

Matthew se levanta. Parece pronto para fugir. Posso ouvir sua respiração.

Mas não me movo, tampouco ele. Só me observa; seus olhos brilhando sob o luar, que entra pela janela.

– Já disse que pode confiar em mim – repito.

Ele nem se mexe. Que surpresa! Não posso continuar no quarto, se isso quer dizer que nenhum de nós vai dormir.

Vejo no celular que é meia-noite e meia. Talvez Declan ainda esteja acordado.

Titubeio.

Três dias atrás, não teria titubeado.

Preciso parar com isso. Mando uma mensagem.

Rev: Acordado?

Espero um minuto, com o coração acelerado, mas ele não responde.

Então ligo.

Ele atende no terceiro toque, e fica óbvio que estava dormindo. Sua voz sai lenta e letárgica.

– Hum?

– Posso passar aí?

– Hum.

Encaro como um sim. Encerro a ligação. Matthew continua me olhando. Isso me deixa louco.

Saio de baixo do cobertor.

– Se deu bem – digo. – O quarto é todo seu.

* * *

Cruzo o jardim descalço e uso a chave escondida para entrar pela porta dos fundos. Tomo o cuidado de fechá-la devagar, porque sei que range. Os pais de Declan não ligariam se soubessem que estou aqui, mas aparecer depois da meia-noite levaria a uma série de perguntas que não quero responder. Eu me esgueiro pela escuridão,

subindo devagar a escada que leva ao seu quarto.

Ele já voltou a dormir.

– Ei – sussurro. – Dec.

Ele se remexe e passa a mão no rosto.

– Ei.

Encosto a porta, para não acordar os pais dele, então me apoio contra a parede.

– Preciso falar com você.

Ele nem abre os olhos.

– Estou acordado – diz, sem ser muito convincente. – Quer o colchão de ar?

– Não.

Meu cérebro trabalha acelerado. Nem sinto sono.

– Tá. Aqui.

Ele pega o travesseiro que estava sob sua cabeça e o joga do outro lado da cama.

Não dormimos na mesma cama desde que éramos pequenos, mas o fato de ele me atirar um travesseiro tão casualmente é prova de quão amigos somos.

Pego o travesseiro e sento na cama de pernas cruzadas, me apoiando contra a parede. Mantenho a voz baixa.

– Desculpa ter acordado você.

Declan não diz nada. Então percebo que está dormindo *de novo*.

Mas tudo bem. A casa está tão diferente da minha no momento. No lugar de ansiedade e desconfiança, o quarto dele oferece silêncio e sono. Fico sentado no escuro por alguns minutos, permitindo que meus pensamentos reprimidos se soltem.

– Rev?

Olho para Declan, que pisca para mim, confuso.

– Há quanto tempo está aqui? – ele pergunta, meio grogue.

Em qualquer outra noite, eu acharia isso hilário.

– Não muito.

Ele esfrega os olhos, depois confere as horas.

– O que tá rolando?

Assim que ele pergunta, percebo o quanto nos afastamos nos últimos dias. Tudo por causa de um segredinho.

– Matthew fica me observando. Isso me deixa louco.

– Observando como?

– Só... observando. Me deixa nervoso.

– Espera. – Declan esfrega os olhos de novo. – Ainda não acordei direito.

– E conheci uma garota. Mais ou menos.

– Como assim?

– A gente se encontrou duas vezes atrás da igreja.

Ele me olha como se tivesse dificuldade de acompanhar a conversa.

– Rev.

– Sabe o que seu quarto me lembra agora?

– Não tenho ideia do que está acontecendo, então não.

– Um salmo. “Faz cessar a tormenta e acalmam-se as suas ondas.” – Aguardo por um momento, saboreando o silêncio. – A noite toda, meu cérebro ficou igual uma zona de guerra. De repente estou aqui e tudo parece quieto.

– Você *veio* pra cá, Rev. E está quieto porque eu estava dormindo. Não por causa de Deus.

Enrugo a testa.

– Por que você sempre faz isso?

– Cara, sério. – Sua expressão é uma mistura de incredulidade e irritação, mas pelo menos parece desperto. Ele olha de novo para o relógio na cômoda. – É quase uma da manhã. Quer discutir religião?

– Não.

Agora não quero falar sobre nada. Passo os olhos dele para a rua

sob o luar. Me pergunto se Matthew pegou no sono.

Me pergunto se está aproveitando a chance de fugir.

Declan suspira, então se senta, ajeitando o travesseiro para apoiar as costas na parede também. Ele solta o ar e passa a mão pelo cabelo.

– Você disse que encontrou uma garota atrás da igreja?

– Esquece.

– Rev, eu juro...

– Responde.

Me viro para olhá-lo. Suas pálpebras estão pesadas, seu cabelo está todo desarrumado. Ele está sem camisa. Embora eu não ligue – na verdade, invejo o quão confortável ele fica –, não consigo deixar de ouvir a voz de Emma na minha mente: *Eu disse "uau" porque seu corpo é bem impressionante.*

Na verdade, meu corpo é prova de todas as vezes que falhei com meu pai.

– Qual era a pergunta? – Declan diz.

– Por que você sempre faz isso? Por que sempre... – Procuo a palavra certa. – *Se esquiva?* Quando falo de Deus, da Bíblia, de qualquer coisa que não seja concreta.

– Posso ir dormir na sua cama enquanto você tem essa discussão sozinho?

Não respondo. A raiva começa a crescer dentro de mim. Não posso ignorar como queima.

A maçaneta gira e clica. O padrasto de Declan, Alan, enfia a cabeça no quarto. Eles não se dão muito bem, mas aprenderam a tolerar um ao outro. Alan me vê sentado na cama, mas demora a reagir.

– Rev. Quanto tempo faz que está aí?

Dez minutos não é uma resposta que seria bem aceita. Encolho os ombros.

– Não muito.

Parece que ele vai exigir uma resposta melhor, mas então faz uma careta e se vira para olhar o corredor.

– Declan, vou levar sua mãe ao hospital. Ela acha que as contrações começaram.

Meu amigo abandona qualquer postura defensiva. Seus olhos se arregalam.

– Ela tá bem? Vou me trocar.

– Não, não, fique aí. Ela não tem certeza. Vamos só confirmar. Deve demorar. – Ele pausa, e sua expressão se abrandando. – Mando uma mensagem para avisar que está tudo bem. Certo?

– Tá. Certo.

Alan fecha a porta devagar, nos prendendo de novo com o silêncio.

Declan não o quebra. É outra farpa em nossa amizade, e não gosto nada disso.

– Desculpa – digo, baixo. – Não vim até aqui pra brigar.

– Rev... – Ele para e suspira. Então abre a gaveta da mesinha de cabeceira, pega uma caixa laranja de Tic Tac e coloca algumas balinhas na mão. – Tem dias que odeio Juliet por ter me feito parar de fumar.

Estico a minha mão para que me dê algumas também.

– Odeia nada.

– Confia em mim, odeio.

Declan leva as balas à boca, e eu o imito. Só mastigamos por um tempo.

Finalmente, ele diz:

– Não sei o que existe lá fora. Você sabe que tenho dificuldade com essa coisa de Deus. Principalmente depois que meu pai... depois que Kerry morreu.

Ele não o vê porque está preso.

Declan me olha.

– E você sabe que não entendo como *você* pode acreditar. Depois do que seu pai fez. – Outra pausa. – Mas não quero me esquivar. É importante pra você. Não quero agir como um babaca.

Ele para, mas dá a impressão de que tem mais a dizer, então espero.

– Essa cicatriz no seu pulso – ele diz. – Em meia-lua.

Congelo. Sei de que cicatriz está falando.

Me lembro de como a consegui.

Eu tinha 7 anos. Estava sem comer fazia dois dias. Sentia tanta fome que só a ideia de comida já me deixava tonto. Até a lembrança é nebulosa.

– Por favor – eu disse a meu pai. – Podemos comer alguma coisa?

Ele se virou para o fogão.

Como um idiota, imaginei que ele fosse cozinhar algo.

– Rev. – A voz de Declan sai baixa. – Não temos que falar disso.

Seguro com força meu pulso, no lugar da cicatriz coberta por duas camadas de tecido. Prendo o ar. Foi uma das últimas coisas que meu pai fez comigo.

Me forço a respirar. Olho para os dedos.

– O que tem a cicatriz?

– Só me dei conta do que era quando já tínhamos uns 15 anos. É uma boca de fogão, não? Sei de tudo o que aconteceu, mas isso em particular, essa descoberta... Nunca odiei tanto alguém, Rev. Perguntei a Geoff onde podia encontrar o cara. Queria acabar com a raça dele. – Ele pega mais balas, e parece que vai esmagar a caixinha. – Droga, só de pensar, já quero ir atrás do cara e fazer isso *agora*.

– Você falou com Geoff? – Eu o encaro. – Nunca me contou.

– Ele me disse pra não comentar. Porque poderia chatear você.

É muito estranho descobrir que eles tiveram uma conversa sem

que eu soubesse.

– Mas essa cicatriz... nem é tão ruim assim.

Ele solta a caixinha de balas na mesa de cabeceira e se vira para mim.

– Ah, não. Você tá brincando? *Tudo* é ruim assim, Rev. Tudo! Você nem usa manga curta! Já entrou numa piscina? Não posso acreditar que Geoff e Kristin não quiseram ir à praia nenhuma vez nos últimos dez anos. Estamos a duas horas do mar! Aquele cretino se defendeu dizendo que o que fez com você era o trabalho de Deus, e de alguma forma você acredita que é verdade. E acha que Deus o salvou dele. Cara, você encontra minha casa calma e silenciosa e já acha que uma força divina te trouxe aqui. Tem ideia de como soa?

Meu rosto se contorce.

– Rev – ele continua. – Se quer acreditar em Deus, tudo bem. Se quer debater teologia, tudo bem. Se quer acreditar que uma força maior protegeu você, *tudo bem*. Mas foi seu pai quem fez cada marca no seu corpo. Seu *pai*. E você sobreviveu ao que ele fez. Você conseguiu escapar. E *você* decidiu vir até aqui esta noite. Você, Rev. Foi você quem fez tudo isso.

Não consigo respirar. Ele nunca me disse nada do tipo. Sinto como se fosse feito de pedra e Declan tivesse me atingido com um cinzel, com as rachaduras se espalhando por toda a superfície.

De repente, sei que não posso contar sobre a carta. Sobre os e-mails. Não esta noite. Ele não vai entender por que mandei a primeira mensagem. Não vai entender por que deixo que continue.

– Você tá bem? – Declan pergunta.

Minha respiração sai trêmula.

– Você conhece a história do filho pródigo?

– Ai, meu Deus. Rev...

– Conhece?

Ele suspira.

– Não lembro direito.

Então eu conto.

Declan ouve. Quando termino, ele pergunta:

– E o que tem a ver?

– Quem sou eu? – finalmente pergunto.

– Rev...

– Não quis ficar com meu pai, então obviamente não sou o filho devotado.

– Cara.

– Mas isso quer dizer que, se eu voltar pra ele, vai me receber de braços abertos? Devo ser esse filho?

– Você consegue se ouvir?

– Não. – Eu o avalio. Minha voz quase falha. – Me ajuda, Dec. Quem sou eu?

Seus olhos ficam sérios e sombrios.

– Nenhum deles. É isso que você precisa que eu diga? Você não é nenhum dos filhos.

– Mas...

– Você não é egoísta. Não seria o filho que pede dinheiro e vai embora. E não é rancoroso. Não se ressentido de ninguém, nem mesmo de quem *deveria*.

Meu rosto se contorce de novo.

– Você não entende? Tenho que ser um ou outro.

– Não, não tem! Tem três pessoas na história, seu retardado.

– Como?

– Você não é nenhum dos filhos, Rev. Se tem que ser alguém, é o homem que vê os dois se comportarem como otários só para abrir os braços e perdoar os dois.

Não sei o que dizer. Talvez esteja boquiaberto. Por mais vezes que tenha lido a parábola, nunca considerei essa terceira perspectiva. Mas obviamente é a certa. Está muito claro.

Declan afasta o travesseiro da parede, afofa-o e deita. Ele boceja.
– Agora me conta sobre a garota.

ONZE

Emma

Sábado, 17 de março, 3:22

De: Ethan_177

Para: Azure M

Não quero soar como um stalker, mas não te vi on-line. Espero que esteja tudo bem com sua mãe. Vou dormir.

A internet voltou. Acordo com as luzes do roteador piscando.

Quando vi o alerta de mensagem do 5Core no celular, quase tive medo de abrir para ver. Ainda bem que era só Ethan.

Dito isso, não quero ficar on-line agora. Não quero ter que lidar com Pesadelo. Sei que preciso bloqueá-lo, mas isso pode esperar dez minutos. Então desço para pegar café.

Minha mãe está na sala fazendo ioga. Música country sai dos alto-falantes perto dela, o que me parece curioso. Ela nunca ouve nada tranquilo. É como se tivesse que ser do contra, mesmo quando precisa de concentração.

Ela está na postura do arco, segurando as pernas, deitada de bruços. Me obrigava a fazer ioga com ela todo sábado, até que me dei conta de que podia parar de aparecer.

– Levantou cedo – ela diz. – Dormiu bem?

Faço uma careta e vou para a cozinha. Poderia não ser uma provocação, mas sei que é.

O que minha mãe quer dizer é: *Dormiu bem, já que não podia passar a noite jogando?*

Ponho café numa caneca.

– Quer se juntar a mim? – ela pergunta.

– Gosto da minha coluna reta, muito obrigada.

– Tem que levar o lixo reciclável para fora.

Não é um pedido, mas, ao mesmo tempo, é. Não quero fazer, tampouco quero que ela ligue para o provedor e cancele a internet. Deixo o café na bancada e vou para a garagem. A lata de lixo amarela está encostada na parede, ao lado da BMW da minha mãe.

Meu pai saiu com o carro.

Hum. Não sei bem o que concluir.

Levo o lixo até a calçada e volto para dentro.

Não quero falar com minha mãe, principalmente sobre meu pai, então pego o café e começo a subir a escada.

– Você não deveria estar tomando isso! – ela grita.

– Tá! – grito de volta. Então me fecho no quarto com a caneca.

Abro o laptop para escrever a meu pai.

As últimas mensagens trocadas com Cait continuam ali, me julgando em silêncio.

Bem, obrigada pelo convite pra ir aí, mas acho que vou dormir.

Escrevo para ela.

Emma: Oi. Tá aí?

Cait: Tô. Já acordada?

É algo *tão* absurdo? Faço uma careta.

Emma: Você parece a minha mãe.

Cait: São 7h30. Você só costuma dar as caras ao meio-dia.

Emma: Hum.

Ela não diz nada. Não sei o que esperava que eu dissesse.

Não gosto dessa sensação.

Mando uma mensagem para meu pai.

Emma: Oi, pai! Saiu cedo hoje <3

Espero. E espero. E espero.

Ele não responde.

Chega uma nova mensagem de Cait.

Cait: Tá tudo bem?

Emma: Não sei.

Cait: Não sabe se tá tudo bem? Foi você que escreveu. O que tá rolando?

Fecho a janela sem responder. Não sei o que tem de errado comigo.

OutraTERRA leva um minuto para carregar. Não tem nenhuma mensagem de Pesadelo. Não faço nada com a nova conta dele. Talvez bloquear tenha sido a estratégia errada. Talvez tenha lhe dado uma atenção que ele não merece. Ignorar pode ser a melhor opção.

Meu celular toca.

Ligação de Cait.

Silêncio o toque.

Sou uma péssima amiga.

No último segundo, deslizo a barra para atender.

– Oi.

– Oi – ela responde, com a voz baixa. – Tudo bem?

– Tudo.

– Não parece.

– É? E o que parece, Cait?

Ela fica em silêncio por um momento.

– Parece que você tá brava.

- E estou.
- Certo. E é comigo?
- Acho que não.
- *Acha* que não?
- Você vai repetir tudo o que eu disser?
- Oi?

Quase dá para ouvir sua testa se franzir do outro lado.

- Não tô brava com você, Cait.

Não consigo nem pensar em um motivo para estar. Ela não fez nada de errado. E certamente não estou com ciúmes.

Por algum motivo, não é uma sensação boa.

– Continua sem internet para jogar? – pergunta Cait. – Está brava com sua mãe?

– Não, ela ligou o aparelho de novo. Provavelmente para poder usar.

Depois de alguns momentos de silêncio, Cait pergunta:

- Quer vir aqui?
- Não.
- Quer que eu vá aí?

Talvez. Não sei.

- Preciso acordar direito antes.

Ela suspira.

– Aconteceu alguma outra coisa? Eu só... tô tentando entender o que foi.

Meu pai não está em casa, e tem alguma coisa estranha nisso. Minha mãe fica sempre no meu pé. Um cretino fica me mandando mensagens horríveis pelo jogo. Sou uma preguiçosa que não serve para nada além de passar a noite on-line.

- Não, tudo bem – digo. – Só tô de TPM.
- Minha mãe tá fazendo panquecas com gotas de chocolate – ela diz. – Tem certeza de que não quer vir?

– Claro que ela está.

Tenho certeza de que Cait e sua família vão se divertir muito tomando um café da manhã especial juntos. Meus pais não conseguem nem ficar no mesmo cômodo sem discutir.

– Você vai retrucar tudo o que eu disser? – pergunta Cait.

– Talvez. Fala mais alguma coisa.

Estou brincando, mas parece que fiz o que ela acabou de dizer.

– Minha mãe tá chamando – Cait diz, resignada. – Preciso ir.

– Espera – digo.

– O que foi?

Preciso me desculpar. Eu acho.

Isso ficou tão complicado. Não sei por que estou descontando tudo nela.

Sei que não quero que desligue. Se fizer isso, vou estar à mercê da minha mãe. Ethan não deve estar acordado, se ficou jogando até as 3h30, e não quero me arriscar com Pesadelo.

Respiro fundo.

– Vou ver Rev Fletcher hoje à noite.

Há um momento de silêncio estupefato.

– É um... encontro?

– Mais ou menos.

– É por causa disso que você anda tão tensa?

– Não. Talvez. – Fecho os olhos com força. – Não tenho ideia, Cait.

– Como foi que isso aconteceu?

Demoro uns segundos para responder.

– Encontrei ele de novo por acaso. A gente... conversou.

– Ele disse mais do que duas palavras?

Minha infância foi... difícil.

– Falou. Ele... Acho que ele talvez seja meio incompreendido. Acho que tem um motivo para ser tão calado.

Seu tom passa a ser irônico:

– Acha que ele não é a Morte de verdade?

– Para com isso.

– Credo, Em. Só estou brincando. – Ela faz uma pausa. – Ele não me parece do tipo que sai com garotas.

– A gente vai se encontrar atrás da igreja. – Me dou conta do que posso estar dando a entender, e o calor sobe pelas minhas bochechas. – Para conversar.

– E isso não parece nada suspeito...

– Não, eu... não sei. Ele é muito atencioso.

– Como assim? Ele te dá presentes?

Ela parece confusa.

– Não! Não. Só quero dizer que ele me ouve. Ele parece... Não sei, Cait. – Eu me jogo contra os travesseiros. – Ele parece real.

Um longo silêncio paira no ar.

Tão longo que eu pergunto:

– Você continua aí?

– Sim. Acho que isso é bom. – Ela para um segundo. – Não quero que fique brava comigo, mas...

– Mas o quê?

– Acho mesmo que isso é bom. – Outra pausa. – Acho que você precisa de alguém real, Em.

Não fico brava com ela.

Mas tenho vontade de chorar.

– Também acho que preciso de alguém real – digo.

Ela deve ter identificado a emoção na minha voz, porque diz:

– Tem certeza de que não quer que eu vá aí?

Quero, me dou conta. Eu quero. Desesperadamente.

Não gosto de ficar desesperada por alguma coisa, então inspiro e me recomponho.

– Não precisa – digo. – É melhor você ir... antes que seus irmãos

comam todas as panquecas.

DOZE

Rev

Sábado, 17 de março, 4:09

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Decepção

Não se lembra das aulas? Talvez fosse novo demais.

Aqui vai um provérbio de que me recordo bem: se amaldiçoares o teu pai e a tua mãe, a luz da tua vida se extinguirá na mais profunda das trevas...

O e-mail não me desperta, mas é uma bela surpresa com que começar o dia. Ele nunca dorme?

Kristin me manda uma mensagem às 8h00, quando já faz uma hora que estou à janela, vendo o sol nascer.

Mãe: Por favor, me diz que você tá no Declan.

Rev: Tô. Desculpa. Devia ter deixado um bilhete.

Mãe: Aconteceu alguma coisa?

Como posso responder isso?

Rev: Não. Tudo bem.

Mordo o lábio, à espera, mas ela não escreve mais nada.

Matthew provavelmente está lá, ou estou certo de que ela teria comentado. Eu deveria me sentir aliviado, mas não é o caso. Entretanto não sinto medo. Não sei o que sinto.

Declan continua roncando ao meu lado, porém sei que não vou

conseguir dormir de novo. Saio da cama e vou para a cadeira da escrivaninha. Fico sentado à luz fraca da manhã, pensando.

O e-mail do meu pai não deveria ter sido um soco no estômago, mas é. Queria ter um pouquinho que fosse da coragem de Declan, de sua facilidade em desafiar a autoridade. Ele não hesitaria. Tiraria uma selfie mostrando o dedo do meio e mandaria como resposta.

Não gosto de ser insubordinado. Não é preciso um diploma em psicologia para adivinhar o motivo: quando seu pai tortura você por quebrar uma regra, é difícil esquecer.

Mas esse é só um lado da coisa. Meu pai nem sempre foi horrível. Quando ficava satisfeito comigo, fazia com que eu me sentisse a criança mais amada do mundo. Aprendi a buscar essa sensação.

Sem aviso, Declan se vira e esfrega os olhos. Ele me encontra sentado à escrivaninha.

– Faz tempo que acordou?

Olho para o relógio na cômoda. São quase 9h00.

– Faz.

– Devia ter me acordado.

– Tudo bem – interrompo, mantendo a voz baixa. – Alan e sua mãe voltaram faz um tempinho. Nada de bebê.

Declan senta-se e olha para a porta.

– Eles estão acordados?

– Acho que não. Ouvi a porta do quarto se fechando.

– Tá. – Ele passa a mão no rosto de novo. – Preciso de dez minutos. Você pode fazer café?

Ótimo. Uma tarefa. Vem bem a calhar.

– Claro.

Conheço a cozinha da casa dele tão bem quanto a minha. Os armários brancos, a gaveta que emperra, o puxador que sai quando alguém puxa. Poderia fazer isso de olhos fechados. Em um minuto.

O que é um saco.

Então leio o e-mail de novo. Sei o versículo de cor. Era um dos favoritos do meu pai.

Quero torcer o celular em minhas mãos até que a tela rache. Pior: quero responder implorando por seu perdão por ter ignorado os três e-mails anteriores.

Arregajo a manga e passo os dedos pelo arco queimado em minha pele. Não me lembro de nada, só do fogão. A dor foi tão forte que se tornou mais do que isso: um grito no meu ouvido, uma luz forte nos meus olhos. Eu podia sentir seu gosto.

Eu nunca tinha corrido do meu pai.

Ele me pegou, claro. Eu tinha 7 anos. Ele me pegou e me puxou com tanta força que tive uma fratura no antebraço.

Eu tinha conseguido chegar ao lado de fora da casa antes que me pegasse. Os gritos chamaram muita atenção.

Isso e o fato de que eu tinha vomitado em mim mesmo.

– Rev.

Pulo e baixo a manga. Declan está à porta da cozinha.

– O café está quase pronto – digo, sem fazer ideia se é verdade.

Ele entra na cozinha e pega duas canecas metálicas do armário.

– Tem mais alguma coisa rolando.

Pisco, assustado.

– Do que você tá falando?

– Não sei. Mas você estava bem, antes de pegarmos no sono, e agora está um caco.

Declan está certo, contudo não sei o que posso lhe dizer. Ele pega uma colher da gaveta e coloca uma quantidade obscena de leite e açúcar nas canecas.

Ele mexe e depois me entrega uma.

– Quer falar a respeito?

– Não.

– Tá, então vamos.

Ele me dá as costas e se dirige à porta dos fundos, sem nem esperar que eu o siga.

Mas eu sigo. O ar está frio, mas há uma promessa vaga de calor. Nuvens se formam no céu, e a umidade promete chuva mais tarde.

– Vamos aonde?

Declan para e tenta abrir o portão entre nossos jardins. Em seguida, olha para mim.

– Essa garota que você encontrou na igreja não pode ter te deixado tão tenso. Você mal a conhece.

Não me movo.

– E?

O portão se abre, e ele o empurra.

– Só tem mais uma variável possível.

Um arrepio percorre minha espinha. Ele de alguma forma descobriu sobre os e-mails?

– Mais uma o quê?

– Acho que preciso conhecer esse Matthew.

Ele acelera até os degraus da frente da varanda e passa pela porta de correr sem me esperar.

Ah. Ah, não.

Nos dez segundos que levo para cruzar o jardim, imagino como isso vai acabar: mal, em todos os cenários em que consigo pensar. Quando chego à cozinha, espero encontrar Declan encurralando Matthew enquanto Kristin e Geoff levantam as mãos e imploram que pare.

Porém eu deveria conhecer melhor meu amigo – e meus pais. Declan já pegou uma fatia de bacon de um prato na bancada e está jogado em uma das cadeiras da cozinha. Tem dois quiches esfriando sobre o fogão. Matthew não está em lugar nenhum.

– Como sua mãe está se sentindo? – Kristin pergunta a Declan

quando irrompo pela porta.

Ela me olha de um jeito estranho, mas Declan age como se estivesse tudo normal.

– Bem – ele diz. – Alan a levou ao hospital ontem à noite, mas não era nada.

– Deve estar chegando a hora.

– Eu disse a ela que vou me mudar pra cá só pra não ter que ficar ouvindo choro de bebê. – Ele pega outro pedaço de bacon. – Mas fiquei sabendo que Rev já tem outro companheiro de quarto.

– Talvez a gente possa trocar – digo. – Não me importo com bebês chorando.

Kristin olha para mim, mas deixa o comentário passar. Só pega uma panela para lavar em meio à pia cheia de louça.

– Não vai ser por muito tempo. Vamos comprar uma cama para o outro quarto hoje à tarde. O berço e a cadeira de balanço vão ficar na garagem, por enquanto.

Ótimo.

Assim que o pensamento passa pela minha cabeça, enrugo a testa. Acho que não ando muito receptivo.

– Onde ele está? – pergunto, como quem exige saber. Ou ameaça.

– Tomando banho. – Kristin está com a panela e um pano de prato nas mãos. – Seca isto, por favor.

Obedeço, e ela começa a lavar um prato. Meus movimentos saem tensos e forçados.

– Me diz o que está acontecendo – ela pergunta, baixo.

– Não sei.

Assim que falo, me dou conta de que é verdade. Não sei o que está acontecendo. O que deveria dizer? Matthew não fala comigo durante a noite? Acho que ele ficou me observando malhar? Ele não quer ir para a escola comigo e com Declan?

Tudo parece tão... *juvenil*. Seria como me recusar a comer brócolis

ou a arrumar meu quarto.

Kristin fica me olhando enquanto lava outra panela e a entrega para que eu a seque. Sua voz continua baixa, evitando o confronto:

– Aconteceu alguma coisa?

Ela sempre teve um jeito mágico de fazer as pessoas falarem, e comigo não é exceção. Às vezes brinco dizendo que ela deveria ter sido terapeuta, não contadora. Tenho um relacionamento ótimo com ela e com Geoff, mas Kristin, com sua aceitação calorosa de tudo, torna especialmente difícil manter os e-mails de meu pai em segredo.

Inspiro fundo e seguro o ar por um momento, embora saiba que ela não vai me julgar por nada que eu possa dizer.

– Matthew me deixa nervoso.

Outra panela pingando é estendida à minha frente.

– Interessante.

– Por quê?

– Meia hora antes, ele estava sentado aqui me contando que você o deixa nervoso.

Paro, com o pano de prato nas mãos.

– E como é que eu deixo o cara nervoso?

– Ele não explicou. – Kristin faz uma pausa, então me entrega outro prato. – Mas achei que você deveria saber.

Repasso na minha mente a reação de Matthew ao menor sinal de movimento ontem à noite. Reconsidero o que ele disse – e o que não disse – nos últimos dois dias. Geoff mencionou que o garoto havia passado por quatro lares temporários diferentes este ano. Disse que Matthew tinha começado uma briga no último. Com tudo isso, assumi que ele era o problema.

E não é como se Matthew tivesse feito alguma coisa para corrigir o que presumi.

Declan estava errado. Sou totalmente o filho ressentido.

– Ei, cara – Declan chama, e pela voz sei que está falando com alguém que não conhece. – Quer bacon?

Me viro para olhar. Matthew está na escuridão do corredor. Seu cabelo molhado foi penteado para trás, o que o faz parecer ainda mais jovem e deixa os machucados em seu rosto mais pronunciados.

Seu olhar passa de mim a Declan e para mim de novo. Então para Kristin.

– Tem bastante – ela diz, animada.

– Não, obrigado.

Ele se vira e desaparece no corredor.

Entrego a Kristin a panela seca, então agarro outro prato no corredor. Ela não diz nada, muito menos eu.

Declan se levanta da cadeira e vai pegar mais bacon. Ele mantém a voz baixa:

– Rev, sério. Você é tipo vinte quilos mais pesado que o menino.

– Não é por isso que ele me deixa nervoso.

– Então por quê?

Não sei responder.

Kristin entrega uma jarra de medir e outro pano de prato a Declan.

– Se você vai comer todo o bacon, pode ajudar com a louça.

Ele enfia outro pedaço na boca e pega um prato sem reclamar.

– Quem fez aquilo com o rosto dele? Cara, se eu estivesse desse jeito, também teria medo de você.

– Cala a boca.

– Não estou brincando.

Seco uma assadeira. A tensão se acumula nos meus ombros de novo. Não sei o que fazer com ela.

– Podem me ajudar a carregar os móveis esta tarde? – Kristin pergunta. – Seu pai não quer admitir, mas anda sentindo as costas

de novo.

– Claro – Declan responde, pegando o que deve ser sua décima fatia de bacon. – Continua me alimentando e consigo carregar a casa inteira.

– Combinado. Podem já ir liberando os móveis agora, se quiserem. A única coisa que vai ficar é a cômoda.

Não olho para ela. Permaneço secando a louça. Poderia ficar secando a louça o dia inteiro, em vez de ter que lidar com tudo isso.

Declan tira uma tigela das minhas mãos.

– Já recebemos nossas ordens. Anda.

* * *

Não sei por que estava preocupado. Matthew não vai nos ajudar. Não tenho ideia de onde está. Provavelmente se escondendo no meu quarto.

Escondendo.

Não gosto disso.

A vergonha devora minhas entranhas, como se fosse algo vivo. Já pensei em como meu pai se tornou o homem que ele era. O homem que é. Sei tudo sobre o círculo vicioso do abuso, e passei muitas horas me perguntando quando eu começaria a mudar.

Fiz algo sem perceber? Matthew sente alguma coisa em mim que o deixa nervoso? Penso no dia em que encontrei a carta, em como a escuridão se entrelaçou em meus pensamentos, voltando minha raiva contra Geoff e Declan.

Fico feliz por ter uma desculpa para sufocar minhas preocupações com algo físico. Esvaziar os móveis do quarto extra é uma tarefa muito maior do que eu esperava, porque precisamos abrir espaço na garagem primeiro, o que exige mover caixas de plástico de brinquedos e roupas para o sótão, dentro de casa. E Kristin ainda quer que a gente deixe a garagem limpa antes de levar os móveis de bebê para lá.

Assim que Geoff volta da loja, temos que descarregar a mobília *nova*.

Quando terminamos, já é meio da tarde, e estamos imundos. Nuvens escuras se aproximam, prometendo chuva. Declan se joga no gramado com uma garrafa de Gatorade nas mãos. Ele está deitado de costas, encarando o céu.

Ouçó um trovão. A chuva começa a cair.

Ele nem se mexe.

– Maravilha.

Eu não me mexo também. A sensação das gotas de chuva na pele é boa. Estou sentado de pernas cruzadas com minha própria garrafa de Gatorade. Tirei o moletom há horas, porque estava suando demais, mas continuo de mangas compridas. Só tenho *uma* camiseta de manga curta. Não tenho nenhuma bermuda.

– Acho que vou encontrar Emma hoje à noite – digo a ele.

– Outro encontro animado atrás da igreja?

– Cala a boca. – Declan estava meio dormindo quando lhe contei, mas é claro que desse detalhe ele se lembra. – Mas sim.

– Você gosta dela?

– Gosto.

Minha resposta deve parecer fácil demais, literal demais, porque ele vira a cabeça para me olhar.

– Gosta *mesmo*?

As gotas de chuva se acumulam no meu cabelo enquanto tento acompanhar o rumo tortuoso dos meus pensamentos. Gosto da maneira como as perguntas dela me movem sem pressionar demais. Gosto de como ela me mostrou vulnerabilidade quando minhas próprias emoções me arranhavam por dentro.

Gosto de suas sardas, de sua trança, de seus olhos analíticos. Da curva suave dos seus lábios.

Declan me bate com a garrafa de Gatorade.

– Você gosta mesmo.

– Não sei o que fazer.

– Seja você mesmo.

– Obrigado pelo conselho. Tem algum panfleto explicando como?

Declan se faz de ofendido.

– Sei lá, cara. Metade das vezes acho que é um milagre que Juliet fale comigo. – Ele tira as gotas de chuva das bochechas. – Provavelmente não sou a melhor fonte para conselhos amorosos.

Talvez não, mas é minha única fonte.

Ficamos sentados na chuva por um longo tempo. O céu lampeja, mas demora um tempo para ouvirmos o barulho.

– Obrigado pela ajuda – digo.

– Só fiz isso pela comida.

Kristin preparou sanduíches de atum para o almoço. Acho que Declan realmente mudaria para nossa casa, se achasse que poderia escapar impune.

A porta dos fundos é aberta, e não sei se o que ouço é Geoff ou Kristin vindo nos dizer para entrar antes que a tempestade comece.

Então escuto a voz de Matthew:

– Kristin falou que é pra vocês entrarem.

A porta se fecha.

Suspiro.

Declan se senta. Ele me dá um soquinho braço.

– Vou pra casa. Dá um jeito nisso.

– Não sei como.

Ele fica quieto por um momento.

– Claro que sabe. Você se lembra de como se brinca de Lego, né?

Declan se levanta do chão e se dirige ao portão.

TREZE

Emma

Sábado, 17 de março, 16:16

De: Pes@de1o4

Para: Azure M

O que foi? Não te vejo há um tempo. Tem alguma coisa prendendo você?

E então vem a foto. É uma captura de tela do meu avatar, alterado no Photoshop para parecer que estou amarrada, nua e inconsciente. Talvez morta. Nem me dou ao trabalho de tentar entender, antes de fechar a mensagem.

Respiro tão rápido... Vou passar mal.

Bloqueio o cara de novo.

Meu coração precisa se acalmar.

Fico feliz por estar sozinha em casa – mas, ao mesmo tempo, não.

Imagino a conversa que teríamos.

Mãe, um cara me mandou uma imagem do meu avatar todo amarrado.

Emma, eu disse para você ficar longe do computador. Quando vai aprender?

Engulo em seco. Não, obrigada.

Clico no programa de mensagens. Meu pai ainda não me respondeu.

Não posso falar com Cait a respeito. Ela não entenderia.

Então me lembro da mensagem que recebi de Ethan pela manhã. Ele deve estar on-line. Coloco os fones e entro no jogo.

Não, ele não está. Então vou procurar por ele no Battle Realms.

Bingo! Mando um convite para formar equipe.

– Oi! – ele diz, parecendo surpreso. – Tudo bem?

– Oi. Tudo bem, é só... drama familiar.

Ele dá uma risadinha irônica.

– Entendo totalmente. – Ficamos em silêncio. – Parece chateada.

Estou chateada. Preciso seguir em frente. É só uma captura de tela alterada. Já recebi isso antes.

– Estou bem. Sério.

– Quer conversar?

– Nossa, não. Só quero jogar.

Ethan ri.

– Essa é minha garota.

Eu mal o conheço, mas ouvir sua voz faz com que me sinta menos sozinha. No jogo, com o headset, nunca estou sozinha.

Respiro fundo e começo a jogar.

CATORZE

Rev

Eu tinha 7 anos quando fui trazido para a casa de Geoff e Kristin. Nunca tinha ficado aos cuidados de qualquer outra pessoa que não meu pai. Já me perguntaram por que não o havia denunciado antes. Para mim, é uma pergunta bizarra. Como você denuncia alguém por fazer algo que sempre lhe disseram que era *correto*?

Meu pai não era idiota. Sei disso agora. Minha primeira experiência na escola foi quando já estava morando com Geoff e Kristin – eu tinha estudado em casa até então. Às vezes me pergunto se um professor teria denunciado algo, mas duvido. Meu pai tinha um carisma bizarro que fazia com que as pessoas o adorassem. Ele era admirado e respeitado como um homem de Deus. Nem percebi na época, mas sua igreja era uma ramificação do que as pessoas consideram uma religião. Seguíamos a Bíblia, acreditávamos em Deus, mas na verdade pertencíamos à igreja *do meu pai* – que, na época, era tudo o que eu conhecia. Tudo o que eu vivia era seguindo sua interpretação. Todo mundo que não vivia daquele jeito era um pecador – ou algo pior.

Eu me lembro de ficar sentado em um banco na frente da igreja enquanto ele dava um sermão sobre ser pai, sobre como a disciplina era o maior ato de amor. Uma mulher mais velha se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Você foi abençoado.

Acreditei nela. Não importava o que fizesse comigo, meu pai dizia que ia nos deixar mais próximos de Deus. Era meu *dever* receber aquilo bem.

Quando meu pai levou meu punho à boca do fogão e quebrou

meu braço, saí de casa correndo. Um vizinho me viu e perguntou o que estava acontecendo, mas meu pai quase conseguiu se livrar na lábia. Lá estava eu, com o braço quebrado e todo vomitado, enquanto ele falava sobre a gripe que tinha me deixado tão desorientado ao ponto de eu até cair da escada. Em algum momento, o vizinho deve ter desconfiado – ou talvez meu estado fosse patético demais. Minhas lembranças são nebulosas, o que provavelmente é fruto da combinação de dor e fome que eu sentia, e do medo de não saber se alguém tomaria uma atitude ou não.

E a questão é: na época, fiquei com vergonha de ter corrido. Não queria ser levado embora.

Mas então fui. Primeiro encaminhado ao hospital, um lugar aonde nunca tinha ido. Não sabia nada sobre médicos, enfermeiros, vacinas, máquinas de raios X. Me lembro das agulhas, de pessoas me segurando. Na época, teria dado qualquer coisa para voltar à “segurança” da minha casa. Lembro-me de gritar por isso. Tenho certeza de que me sedaram.

Na manhã seguinte, uma assistente social me deixou com Geoff e Kristin, que não poderiam ter sido mais bondosos ou receptivos. Kristin quase sempre cheira a torta ou biscoito, e ninguém é imune ao seu calor.

Mas eu fui. A princípio. Achava que estava no inferno. Meu pai tinha me ensinado que negros trabalhavam para o diabo. E eu acreditei nele.

Assim que os dois viraram as costas, fugi.

Fui parar na casa de Declan, cuja porta dos fundos estava aberta. A mãe dele estava cuidando do jardim, virada para o lado oposto. Me esgueirei para dentro, encontrei um quarto e me escondi no armário, atrás de uma caixa enorme de Lego.

Eu era bom em me esconder.

Declan me encontrou. Eu me lembro da luz repentina do sol

quando ele abriu a porta do armário. Do pânico tomando conta do meu peito. Da surpresa em seu rosto. Eu tinha 7 anos.

– Oi! Quer brincar? – Declan perguntou.

Eu nunca tinha brincado com outra criança. Nunca havia tido brinquedos.

– Não sei como – sussurrei.

– É fácil. Eu mostro.

E, simples assim, ele começou a construir com as pecinhas.

* * *

Encontro Matthew em seu novo quarto, sentado na cama novinha em folha. Geoff comprou um lençol cinza e um cobertor azul-marinho na loja de departamento. Há uma escrivaninha nova, com luminária, encostada na parede, ao lado da cama. Tudo parece novo e limpo. Não que o quarto estivesse fedido antes, mas agora é todo feito de tecido e madeira, em vez de talco e pomada.

Matthew tem um livro junto dele, mas não está lendo. Ele olha para a chuva através da janela.

Paro à porta, sem me atrever a ir mais longe.

– Oi.

Ele não me olha, mas seu corpo fica imóvel de repente.

Não sou Declan. Não sei como fazer isso.

Digo a mim mesmo para deixar de ser covarde.

– Posso entrar?

Matthew não diz nada.

Franzo o cenho e tento manter minha voz impassível:

– Se não quiser, é só dizer.

Ele não diz. Não gosto de insistir, mas vou ser obrigado, ou vamos ficar presos nesse silêncio desconfortável para sempre.

Passo pela porta, e ele se move só alguns centímetros. É um movimento reduzido, ainda que mínimo.

A única cadeira no quarto é a da escrivaninha, que fica ao lado da

cama. Não quero forçar a barra, então me sento no chão, com as costas na parede, do lado oposto à porta. Ele pode sair daqui, se quiser.

Não digo nada. Nem ele.

Não tem nenhuma faca entre nós, mas é como a outra noite. Um confronto.

Os machucados em seu rosto e em seu pescoço começaram a amarelar nas bordas, e a maior parte do inchaço passou.

– Você começou mesmo uma briga? – pergunto.

Nada. A chuva castiga a casa, pontuando o silêncio.

– Não acho que seja verdade – digo.

Isso chama sua atenção. Ele mal pisca, mas seus olhos se deslocam para mim.

– Se você fosse o tipo de garoto que começa uma briga, já teria começado uma comigo. – Espero. – Alguém te encurralou e fez isso com você?

Sua expressão é neutra, mas posso sentir que me avalia.

Encolho os ombros.

– Essas marcas no seu pescoço parecem de dedos.

Matthew leva a mão à garganta.

Mantenho a voz doce:

– Por que deixou que pensassem que foi culpa sua? Kristin disse que correu o risco de ser mandado para um centro de detenção.

– Teria sido melhor.

Sua voz sai rouca e muito suave.

Levanto as sobrancelhas.

– Melhor que aqui?

Ele balança a cabeça, em um movimento discreto. Fala como se não tivesse certeza de que quer falar.

– Melhor que aqui.

Caímos no silêncio de novo. Ouço o estrondo do trovão lá fora, e

ele pula. A tempestade chegou depressa, e o sol da tarde já foi embora. Ele está com os braços cruzados sobre a barriga.

– Quer que eu vá embora? – pergunto.

Matthew não responde.

De repente, penso nos e-mails do meu pai, parados na minha caixa de entrada sem que eu responda. Me pergunto se Matthew não sabe o que me dizer, assim como eu não sei o que dizer ao meu pai.

Sentar aqui e interrogá-lo de repente parece o pior tipo de crueldade.

– Tudo bem – digo. – Eu vou.

Ele não me impede. Sigo pelo corredor até meu quarto e me jogo na cama.

O dia foi exaustivo, e ainda estamos no meio da tarde. O celular acende na mesa de cabeceira. Sei que é um e-mail pelo ícone que surge.

Nem quero olhar.

Mas preciso.

É só uma coisa da escola.

Quando devolvo o celular, noto que Matthew está de pé à minha porta. Ele está apoiado contra o batente, como uma sombra.

Ajo como se isso não fosse superestranho.

– O que foi?

– Você é desse tipo?

Hesito.

– Que tipo?

– Do tipo que começa uma briga.

– Não.

Ele pensa a respeito por um minuto.

– Tá.

Do nada, ele se vira e some no corredor.

QUINZE

Emma

Fiquei contando os minutos até as oito. Então começou a chover forte.

Típico.

Aperto o nariz contra a janela da sala de jantar, embaçando o vidro com minha exalação. Minha mãe me daria uma bronca por sujar a janela. Se estivesse aqui. Não faço ideia para onde foi. Depois da ioga, ela pôs uma calça social e disse que precisava resolver umas coisas. Ficou fora o dia todo.

Assim como meu pai. Ele ainda não respondeu a mensagem que mandei pela manhã.

A chuva se espalha pelo telhado.

Isso significa que o encontro com Rev está *cancelado*? Então por que o destino teria me colocado no caminho dele duas vezes?

Esse é o problema de confiar no destino. Ou em Deus. Ou no que for.

Solto o ar por entre os dentes.

– Anda, Taxy. Vamos nos molhar.

A chuva está mais fria do que eu imaginava – o que é ridículo, dada a época do ano. Em dois quarteirões, minhas bochechas já estão congelando e meu cabelo encharcado pesa sobre o ombro. Meus óculos estão tão molhados que os enfio no bolso. Antes de sair, coloquei um casaco da minha mãe por cima da malha que estava usando, pensando que era impermeável, mas me enganei.

Quando finalmente viro na igreja, me pergunto se sou uma idiota por ter vindo. Está chovendo tão forte que uma neblina se forma sob os postes de luz e mal dá para ver alguma coisa na escuridão.

Meus tênis molhados guincham na grama. Chego ao local em que nos sentamos nas últimas duas noites.

Mas é claro que ele não está aqui.

Suspiro. Só um idiota completo viria encontrar alguém na chuva.

Então Texy late e sobe nas patas de trás.

Me viro, e é como se eu estivesse numa comédia romântica. Sua figura sombria trota pela grama.

Tá, talvez a escuridão e a chuva façam parecer mais um filme de terror, MAS MESMO ASSIM.

Ele para à minha frente. Foi inteligente o bastante para vestir um casaco impermeável pesado por cima do moletom, mas o capuz está ensopado e a chuva escorre por seu rosto.

– Oi – ele diz, com a voz um pouco mais alta por causa da chuva.

Fico vermelha. Digo às minhas bochechas para pararem.

– Oi.

– Não sabia se você ia aparecer, mas não tinha como te mandar uma mensagem...

– Pensei a mesma coisa.

Texy cheira a mão dele. Rev coça atrás de suas orelhas, mas mantém os olhos em mim.

– Quer sentar lá na frente? Tem um átrio. Assim a gente sai da chuva.

– Ótimo.

A igreja passou por uma reforma parcial há alguns anos, e agora tem uma entrada grandiosa de madeira e pedra, que forma um pátio coberto. Alguns bancos de madeira flanqueiam a porta principal. Uma luz de segurança brilha acima dela, deixando tudo amarelado, mas os bancos estão cheios de sombras.

Rev senta-se de lado em um banco, com a lateral do corpo para a parede de vidro da igreja e as pernas cruzadas. Não sou tão flexível, mas consigo me sentar de pernas cruzadas no banco, de

frente para ele. Taxy deita no chão de concreto abaixo de nós.

Rev tira o capuz ensopado e seca as mãos no jeans. Seu cabelo está molhado e emaranhado. A luz reflete nas gotas d'água em seu rosto, fazendo com que tenha um aspecto quase etéreo.

Devo estar parecendo um rato afogado. Minha trança está jogada sobre o ombro como se fosse uma corda velha. Envolvero o corpo com meus braços e tremo.

Ele franze a testa.

– Tá com frio?

Dou uma puxada no casaco da minha mãe.

– Não sei por que achei que era impermeável.

Rev tira o próprio casaco.

– Aqui. Pode pegar.

Ele faz isso como se não fosse nada, mas ninguém nunca me ofereceu o casaco. Minha mãe me daria um sermão por não ter me vestido de forma apropriada para o tempo ruim e então diria para eu aguentar. Balanço a cabeça em negativa.

– Não. Você vai ficar com frio.

– Minha blusa tá seca. Não tem problema. – Ele me estica o casaco e dá uma sacudida. – Sério.

Uma parte de mim quer que isso seja um grande gesto romântico – a mesma parte que manda calor para minhas bochechas. Mas sei que ele não está tentando me conquistar. Só está sendo bonzinho.

Tiro meu próprio casaco, para não molhar o dele, antes de enfiar os braços nas mangas. Sobram uns 15 centímetros. O casaco pesado retém o calor do corpo dele. Quero me aconchegar e desfrutar da sensação.

– Melhor? – Rev pergunta.

– Sim. – Ainda estou corada. – Obrigada.

– Imagina.

Então ficamos em silêncio, quase sem querer. A chuva instala uma

calmaria ritmada, encasulando-nos com seu ruído e fazendo com que o pátio pareça muito privado.

Estudo suas mãos, descansando sobre as pernas. Seus dedos são compridos, as unhas curtas e uniformes. No pulso direito, uma cicatriz se insinua por baixo da manga, quase como se apontando para o dedão. Há uma linha de tinta preta sobre ela.

Uma tatuagem? Não sei dizer. Poderia ser uma marca de caneta, mas parece incorporada à pele.

Levanto os olhos e encontro Rev me encarando.

Engulo em seco. Não sei o que dizer.

Ele se move, só um pouquinho, mas o bastante para que a manga cubra a cicatriz e a marca. Parece algo deliberado.

– Recebeu mais e-mails do cara do jogo?

– Recebi. – Forço minha voz a sair leve, mas a menção a Pesadelo é o bastante para me deixar tensa. – Recebeu mais e-mails do seu pai?

Os olhos dele se fixam nos meus.

– Recebi.

Pego o celular do bolso e libero a tela, então o toco algumas vezes para entrar na última mensagem de Pesadelo. Quase não quero mostrá-la, mas Rev é o único que sabe como os e-mails foram ficando cada vez piores, e passei o dia todo desesperada para conversar com alguém a respeito.

Estendo o celular para ele.

– Quer trocar?

Por sua expressão, eu poderia ter perguntado se ele queria roubar um banco. Rev pega seu celular mesmo assim, dá alguns toques na tela e me entrega o aparelho.

Leio. O pai dele parece mesmo um ótimo...

Então Rev chama:

– Emma.

Levanto o rosto. Ele está encarando meu celular. Seus olhos estão sombrios; sua expressão, tensa.

– O que foi? – pergunto.

– Por que alguém mandaria uma foto assim?

A imagem que recebi de Pesadelo está praticamente gravada nas minhas retinas.

– Tudo bem. Não é nada. Não é nem uma pessoa real na imagem...

– Essa... essa é sua personagem no jogo?

De repente, me arrependo de ter trocado os celulares, como se eu tivesse mostrado a ele uma foto de mim mesma amarrada e nua. Minhas bochechas esquentam.

– Esquece. Eu não devia ter mostrado.

– Você contou aos seus pais?

Olho para ele.

– Seu e-mail é de alguém que você *conhece*. Alguém que claramente te *machucou*. Você contou pros seus pais?

Ficamos nos encarando por um longo minuto. Então ele solta um ruído exasperado e desvia o rosto.

– Desculpa. Não sou bom nisso.

– No quê?

Ele faz um gesto que abarca nós dois.

– Isto. Não sou bom com gente.

– Nem eu. – Inspiro fundo e solto o ar. – Sou *muito* melhor com uma tela e um teclado.

– Meu melhor amigo ficou trocando cartas por um mês antes de encontrar a menina que ele namora. Que inveja.

– Sério?

– Sério.

– Tá – digo. – Vira. Olha pro outro lado.

A expressão dele diz "sério?".

Mas já estou me virando. Rev não faz nenhum barulho, então não tenho ideia se me imitou ou não.

Daí sinto suas costas quentes e pesadas contra as minhas. Respiro fundo. Não estava sugerindo que nos apoiássemos um no outro, mas, já que ele está fazendo isso, não consigo nem pensar em me afastar.

– Agora – digo, meio sem fôlego – me passa seu número.

Ele passa.

Escrevo uma mensagem.

Emma: Melhor?

Rev: Muito. Tô perto demais? Posso me afastar.

Fico vermelha, então ainda bem que Rev está olhando para o outro lado. Posso sentir sempre que ele puxa o ar. Apesar de estarmos trocando mensagens, de repente a coisa toda parece mais íntima do que há um minuto.

Emma: Não precisa.

Fico ainda mais vermelha. Preciso me controlar. São só as costas dele.

Rev: Você tá certa sobre os e-mails do meu pai. Não contei a ninguém. É complicado.

Emma: Que nem os e-mails do Pesadelo.

Rev: Não entendo por quê. Principalmente se você não conhece o cara.

Emma: Você joga?

Rev: Às vezes mato uns zumbis no Xbox com o Declan.

Emma: Mas joga alguma coisa on-line? Com outras pessoas?

Rev: Às vezes.

Emma: Já jogou com uma mulher?

Rev: Nunca prestei atenção. Mas de jeito nenhum mandaria uma mensagem como essa, mesmo que levasse a coisa a sério.

Emma: Bom, muitos caras acham que é um espaço masculino. Eles odeiam apanhar de mulheres.

Rev: Isso acontece no jiu-jítsu também. Mas eles precisam aprender a superar.

Levanto as sobrancelhas.

Emma: Você faz jiu-jítsu?

Rev: Faço.

Quase escrevo: "Isso explica por que você é todo gostoso".
E, sério, explica mesmo.

Emma: Então se uma garota acabasse com sua raça, você não ficaria furioso?

Rev: Não. Provavelmente pediria mais uma luta, pra ver se aprendia alguma coisa com ela. Mas jiu-jítsu é uma luta cara a cara. Isso não é.

Emma: Acho que isso é parte do problema. Uma vez li que a luta num jogo libera as mesmas químicas no cérebro que lutar na vida real. Só que o jogo tira a humanidade do negócio. Tá tudo na sua cabeça. Mesmo com um headset, com as vozes, ninguém parece real. É fácil baixar a guarda e fazer amigos. E é igualmente fácil detonar alguém. E não é unilateral. Se ganho uma batalha, fico feliz. Mas a pessoa do outro lado se sente ainda pior por ter sido derrotada por alguém que seu cérebro acha que nem existe? E

quando relaciona a derrota anônima à voz de uma mulher real, é uma emasculação ainda maior? Tipo, de onde vem o ódio?

Rev fica paralisado. Ainda posso sentir cada vez que o ar entra em seus pulmões. A chuva continua caindo em volta do átrio.

– Estou pensando – ele diz.

Sorrio.

– Tá.

Finalmente, sinto seu antebraço roçando o meu enquanto digita.

Rev: Acho que o ódio vem de muitos lugares. Às vezes me preocupo que tenha herdado a violência do meu pai, que de alguma forma ela vai conseguir me usar como instrumento. Quando eu era mais novo e fui levado embora, tinha medo de que todo mundo fosse me machucar. Geoff e Kristin pensaram em me colocar numa aula de tae kwon do, mas na hora de fazer a matrícula, vi uma aula de jiu-jítsu e decidi que era aquilo. É muito bruto. Muito físico. Meus pais quase recusaram. Mas o instrutor os convenceu a me deixar tentar. E eu amei.

– Tem mais – ele diz.

– Eu espero.

Rev: Vi muita gente chegando. Sempre penso no que trazem. Quando eu era mais novo, trazia muito medo. Às vezes, as pessoas trazem muita raiva. Só querem brigar. E tudo bem, porque logo aprendem que não tem lugar pra raiva no jiu-jítsu. Na verdade, também não tem lugar pro medo. Ajuda a desenvolver o controle. Acho que é disso que gosto tanto. Mas se alguém se coloca em risco no tatame, é fácil ver e interferir. Como alguém pode interferir

aqui, se você não pedir ajuda?

Emma: Mas aí é que está: no jiu-jítsu, as pessoas pedem ajuda? Ou você só interfere? Elas querem ajuda?

Rev: Acho que depende da situação.

Emma: E se uma mulher dissesse que não quer ajuda?

Rev: Então eu não ajudaria.

Emma: E se eu te disser, agora mesmo, que não quero ajuda?

Suas costas sobem e descem conforme respira fundo. Fico tensa, esperando que insista.

O que Rev não faz.

Rev: Tá.

Emma: Obrigada.

Rev: Foi uma boa ideia. Ficar de costas.

Isso me faz sorrir.

– Faço o que posso – sussurro.

– *Shh* – ele diz. – Estou trocando mensagens com uma garota.

Sorriso mais e volto para a tela. Não quero mais falar de Pesadelo.

Emma: Não achei que fosse do tipo viciado em artes marciais.

Rev: O que achou?

Emma: Não tenho ideia. Nem esperava que gostasse de esportes, por outro lado tem esse corpo aí...

Rev: Não é só jiu-jítsu. Também faço muay thai e ioga.

Rio e viro a cabeça.

– Você não faz ioga. Minha mãe faz ioga, e ela não parece em nada com você.

Seu braço roça no meu de novo enquanto responde por mensagem.

Rev: Ajuda com a flexibilidade.

Emma: O que é muay thai?

Rev: Kickboxing. E *você* não me parece o tipo de garota viciada em jogo.

Emma: Herdei do meu pai, designer de games.

Rev: Vocês são próximos?

Emma: Somos. Ele está sempre ocupado, mas somos.

Rev não responde por um momento, e eu me dou conta de que é um assunto doloroso para ele. Pela primeira vez, suas costas parecem tensas contra as minhas.

Escrevo uma mensagem.

Emma: Vi a cicatriz. No punho. Seu pai?

Rev: É.

Raios iluminam o céu, seguidos pelo estrondo dos trovões. Me sobressalto e recupero o fôlego. Taxy choraminga e vai para baixo do banco. A luz reflete na chuva, nos fechando neste espaço.

Rev mexe a cabeça. Posso ver os contornos de seu perfil.

– Tudo bem?

Dou risada, ainda que não tenha graça nenhuma.

– Não gosto de trovões. *Você tá bem?*

– Não.

A lateral da mão dele, apoiada no banco, toca a minha. Faíscas sobem pelo meu braço. Tenho que lembrar meu coração de que não foi intencional.

Mas daí sua mão se fecha sobre a minha. E eu congelo.

– Tudo bem? – ele sussurra.

Seria um momento tão sentimentalóide e inacreditável se eu tentasse explicar depois. A chuva, o banco, a escuridão. Sua respiração está entrecortada, seus modos são incertos. Isso significa tanto para ele quanto para mim.

– Tudo bem – digo. – Quer que eu solte para você poder escrever?

Rev inspira, e sua respiração fica regulada. Então ele vira a cabeça, e sinto seu hálito no meu pescoço.

– Não quero que você solte.

– Tá.

– Nunca contei isso a ninguém – ele diz. – Meus pais sabem. Meu melhor amigo também. E só.

– Não precisa me contar.

Ele aperta os dedos só um pouco mais.

– Mas eu quero. Quero que entenda por quê. Por que é tão difícil contar a alguém.

– Estou ouvindo.

– Meu pai tinha sua própria igreja – ele diz. – Não sei quantas pessoas o seguiam, porque eu era muito novo, mas parecia uma multidão. Ele pedia contribuições toda semana. Ou seja, *dinheiro*. Me dizia que era Deus provendo, e eu acreditava. Agora, tenho consciência de que era um golpista dos bons. Mas talvez não. Talvez acreditasse que as pessoas lhe davam dinheiro porque tinha sido abençoado por Deus. De qualquer maneira, era o bastante pra gente ter uma casa grande no que hoje sei que era um bairro bem legal. Ele me dizia que estávamos cercados de pecadores. Dizia que o diabo morava naquelas casas. Se as crianças brincavam no jardim, era porque o diabo as havia atraído até lá. Se as pessoas estavam correndo, era porque fugiam do diabo. Eu tinha medo de sair de casa sem meu pai, porque parecia que o diabo estava *em toda parte*.

Ele faz uma pausa, então continua:

– Agora, em retrospectiva, acho que o diabo só estava dentro daquela casa, comigo.

Seus dedos estão entrelaçados aos meus; sua pegada é firme. Não demais, só o bastante para que eu saiba que ele não vai soltar em breve. Me pergunto se Rev precisa de algum tipo de âncora.

– Meu pai fazia uns testes – ele continua. – Dizia que, se Deus quisesse que eu fosse bem-sucedido, eu seria. Se eu não fosse devotado o bastante, beatífico o bastante, ou *qualquer outra coisa* o bastante, era dever do meu pai resolver o problema. – Sua voz fica mais tensa, não tenho certeza se de raiva, medo ou vergonha. – Eu tinha 6 anos, e ele queria que eu copiasse uma página inteira da Bíblia. Minha mão começou a doer, e meu pai decidiu que era o diabo tentando assumir o controle dela. Ele pegou uma faca e começou a me cortar. Disse que meus gritos eram o diabo lutando para se manter dentro de mim...

– Rev. – A emoção se instala na minha garganta. Sinto que estou à beira das lágrimas. – Ah, Rev...

Ele mexe a cabeça de novo, de modo que posso ver seu perfil.

– Desculpa. – Rev parece envergonhado. Seus dedos apertam os meus. – Não queria ter entrado em tantos detalhes.

Me viro no banco, então pego sua mão livre com a minha. Meu dedinho toca a cicatriz sob a manga. Ele segura o ar.

Mas não puxa a mão de volta.

– Posso fazer uma pergunta?

– Sempre – ele diz.

– Sua mãe... sua mãe biológica, digo. Ela fazia alguma coisa para impedir?

Ele solta o ar.

– Ela morreu quando nasci. Meu pai costumava dizer que tinha morrido tentando expulsar o diabo. Depois que me tiraram dele e

entrei em contato com a normalidade, comecei a questionar se tinha mentido sobre a morte dela. Em certo momento, tive certeza de que era tudo inventado, de que minha mãe estava em algum lugar, sentindo minha falta. Mas Kristin... minha mãe tem um arquivo enorme com informações a meu respeito, incluindo o atestado de óbito da minha mãe biológica. A causa da morte foi hemorragia uterina. Então era verdade.

– Sinto muito.

– Por isso os e-mails dele me deixam tão nervoso. Mesmo depois de todo esse tempo... é como se meu pai ainda tivesse suas garras em mim. Tenho medo de desobedecê-lo. Está ficando cada vez mais difícil não responder.

Rev engole em seco.

– Ele tá preso?

– Não. Abriu mão de seus direitos de pai como parte de um acordo. Cumpriu 180 dias de pena. Não faço ideia de onde está agora.

Cento e oitenta dias, depois de torturar Rev por anos. Parece brincadeira.

– Tá preocupado que ele tente te encontrar?

– Tô. Penso nisso todo dia. – Ele respira fundo. – Tenho medo de ficar fora de casa por muito tempo, como se ele pudesse aparecer lá ou coisa do tipo. Me preocupo que seja tudo um teste. E que eu não esteja me saindo bem.

– E não quer mesmo contar aos seus pais?

Sua respiração sai entrecortada de novo.

– Não sei o que eles fariam, Emma. Nunca escondi nada deles.

– Você confia neles?

Rev funga, então me dou conta de que está chorando. Não muito. Só uma lágrima escorre. Talvez nem tenha percebido. Ele não responde.

Me viro no banco para olhar para ele.

– Rev – digo. – Isso é importante.

– Eu sei.

Pesadelo é alguém anônimo. Seus e-mails são horríveis, mas posso fechar o laptop e fingir que ele não existe. O pai de Rev é real. Uma ameaça de verdade.

– Quer contar a eles? Posso ir junto, se ajudar.

Por um longo momento, me sinto uma completa idiota. Rev vai rir da minha cara. Vai me dizer que não entendo.

Vai fazer exatamente o que eu fiz com ele, quando insistiu sobre os e-mails de Pesadelo.

Mas Rev não faz isso.

Ele se levanta e diz:

– Tá. Vamos lá.

DEZESSEIS

Rev

Sábado, 17 de março, 21:06:16

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Pergunta

Você pensa em mim? Ou se entregou tanto à tentação?

Estou em meio a uma experiência emocional totalmente bizarra.

Recebi outro e-mail do meu pai.

Tem uma *garota* do meu lado.

Estamos indo juntos para a minha casa.

Está chovendo forte, estamos de mãos dadas e estou completamente encharcado. Me sinto congelado por fora e quentinho por dentro. Quero ao mesmo tempo que esse momento se encerre e se prolongue para sempre.

Enfio o celular no bolso molhado do moletom. Só peguei para ver porque achei que podia ser uma mensagem de Geoff ou Kristin.

– O que foi? – pergunta Emma.

Meus movimentos devem ter sido vigorosos demais.

– Meu pai me mandou outro e-mail.

– Você nunca respondeu?

Ela me olha. Seu cabelo molhado está colado no rosto. Seus olhos parecem enormes.

– Só a primeira carta. – Faço uma careta. – Disse para ele me deixar em paz.

Emma não diz nada. Andamos em silêncio por um tempo.

– Acha que tem uma parte sua que quer falar com ele?

– Acho. – Não tem mistério nenhum aí. – E sei que é esquisito.

– Não, eu entendo. – Ela se encolhe. – Não gosto da minha mãe, mas ela ainda é minha mãe.

– Você não gosta dela?

– E ela não gosta de nada em mim. Acha que sou uma preguiçosa que desperdiça todo o tempo jogando. Também é mais ou menos como se sente em relação ao meu pai, mas a mim ela pode controlar.

– Seus pais não se dão bem?

Ela solta um ruído de escárnio.

– Eles devem ter se dado bem em algum momento, mas não agora. Minha mãe gosta de comer coisas saudáveis, fazer atividade física e passar setenta horas por semana no trabalho. Meu pai é mais de comer nachos, ficar acordado a noite toda e também passar setenta horas no trabalho.

– Então eles nunca estão em casa.

– Não muito. Na verdade, é até bom. Quando estão em casa, só ficam brigando. Se só ele não está, minha mãe briga *comigo*.

Não é à toa que Emma sente que não tem ninguém a quem contar sobre o cara que tem mandado aquelas mensagens horrorosas.

– Você acha que sua mãe fica chateada que você faça o mesmo que seu pai?

– Tenho certeza. E isso é péssimo. Sou *muito boa* em desenvolver games. Amo a criatividade do trabalho. Faço storyboards inteiros. Tenho meu próprio jogo, uma comunidade inteira! Mas ela...

– Espera. – Aproveito que estamos de mãos dadas para fazê-la parar. – Você *tem* um jogo?

Emma fica vermelha, apesar da chuva.

– Não é nada. É pequeno.

Olho para ela.

– Seu próprio jogo. Tipo, você desenvolveu um game para computador?

– Não é nada mesmo. De verdade.

É literalmente a coisa mais fascinante do mundo, e ela diz que não é nada.

– Emma... você tá brincando comigo? Não conheço *ninguém* que seja capaz de programar um jogo de computador. Posso jogar?

– Não!

– Por quê?

Ela desvia o rosto.

– É bobo. Meio ridículo.

– Não é. Quero ver.

– Não quero que veja.

Suas palavras me fazem parar. Não tenho certeza do que fazer, muito menos com minha cabeça já ferrada e bagunçada.

– Tá.

Ela fica ainda mais vermelha.

– Ainda precisa melhorar. Não mostrei nem para o meu pai. Preciso resolver uns problemas antes de mostrar para ele.

– E imagino que não tenha mostrado para a sua mãe...

– Nossa, não. Ela não ficaria nada impressionada com isso. Acha que sou uma decepção. Passo todo o meu tempo ressentida com ela e ao mesmo tempo desejando fazer alguma coisa que a agrade. Se é que isso faz sentido.

– Claro que faz.

– Claro.

A luz e as sombras brincam com os rastros de água no rosto dela. Meus olhos vão para os seus lábios, as linhas de seu rosto, a curva suave de seu queixo. Quero tanto tocá-la que minha mão até dói.

– Você está enrolando? – Emma sussurra.

Isso quebra o feitiço. Pisco e desvio o rosto.

– Não. Vamos.

Voltamos a andar.

Você está enrolando?

Não sei o que fazer com isso, como aconteceu com sua recusa em me deixar ver seu jogo. Talvez o interesse não seja mútuo. Talvez minha cabeça nem consiga lidar com pistas comuns do trato social.

Por outro lado, estamos de mãos dadas.

Talvez Emma não esteja pronta para falar sobre a mãe, assim como não estou pronto para falar sobre meu pai.

Talvez eu *esteja* enrolando.

– Tem certeza de que seus pais não vão ligar de você chegar com alguém a essa hora? – ela pergunta. – E alguém com um *cachorro*?

– Não se preocupa. – Olho para ela. – Meus pais estão acostumados com as minhas bizarrices.

Quando viramos a esquina na minha rua, a ansiedade faz um nó se formar no meu estômago. Meu pai, Geoff e Kristin, Emma ao meu lado. Não sei se consigo.

Queria poder levá-la à casa de Declan em vez disso.

Pigarreio.

– É aqui. A casa azul.

Um raio ilumina o céu.

Emma treme.

– Parece até que você quer que eu entre lá e conte tudo no seu lugar.

– É uma opção?

Estou brincando, mas as palavras saem pesadas demais, sérias demais.

– Não. – Emma me olha. – Ou... sim? Quer dizer, se realmente quiser...

Repasso a cena mentalmente. Geoff e Kristin nunca se assustaram com nada que eu fiz ou perguntei, mas isso pode estar em outro

nível.

– Não – digo. – Só estava brincando. – Pela minha voz, não parece nem um pouco com uma brincadeira. – Você teria mesmo feito isso? – pergunto.

– Claro. Quer dizer... não tenho nada a perder. Qualquer reação não teria nada a ver *comigo*...

Minha boca fica seca.

– Acha que eles vão reagir mal?

– Quando souberem que seu pai abusivo está te mandando e-mails? Hum, acho. Tenho quase certeza de que vão reagir mal. O que mais ele te disse? Chegou a ameaçar?

A mera existência dos e-mails parece uma ameaça. Paro na chuva de novo.

– Aqui. Vou te mostrar o resto.

Estamos na calçada em frente à minha casa agora. Geoff ou Kristin poderiam olhar pela janela e me ver aqui. Mas é improvável. O quarto deles fica nos fundos. Assim como a cozinha e a sala. Eu disse que ia no Declan, então não devem estar esperando que eu chegue dessa direção. Temos tempo.

Emma lê depressa – e não é como se os e-mails fossem longos. São as mensagens subliminares que causam mais impacto em mim. Sua mão paira sobre a tela a cada e-mail.

– Achei que ele escrevesse maluquices, mas não. Seu pai parece muito lúcido. Entendo o que você quis dizer. É quase diabólico.

Diabólico. É a palavra perfeita para o meu pai – e uma que ele odiaria, porque vem de “diabo”.

Adoro que Emma a tenha usado para descrevê-lo. Me reconforta de alguma maneira. Quando as pessoas o chamam de maluco, sei que não entenderam. Ele não era maluco. Era tudo... deliberado. Calculado.

Então ela levanta o rosto.

– Rev Fletcher não é seu nome verdadeiro?

Pisco, trazido de volta.

– Quê?

– No primeiro e-mail, ele pergunta de onde você tirou Rev Fletcher. – Ela franze a testa. – Eu não deveria ter perguntado?

– Não, não, pode me perguntar qualquer coisa. – Passo a mão pelo cabelo. Tinha me esquecido. – Fletcher é o sobrenome de Geoff. Herdei quando ele e Kristin me adotaram.

– E Rev? É apelido?

– É. Mais ou menos. – Faço uma pausa. – Quando vim pra cá, costumava pular sempre que eles diziam meu nome. Porque meu pai só o usava quando... – Tenho que parar. Fechar os olhos. Respirar e afastar a lembrança. – Me deixaram escolher um novo.

– Você tem um irmão?

Não é a pergunta que eu esperava.

– Como?

– Um garoto acabou de sair pelos fundos da sua casa, viu a gente e voltou correndo pra lá.

– Como assim?

Emma aponta.

– Você disse que é a casa azul, né?

Volto todo o meu foco para a casa. A garagem, as árvores entre nosso terreno e o do vizinho, as sombras nos arbustos. Nenhum movimento.

– Espera aqui.

Corro para o gramado.

– Ei! – Emma grita quando Texas late.

Então vejo a cachorra ao meu lado. Corremos juntos até o quintal, a coleira dela arrastando na grama. Não tem ninguém.

Texas sobe nas patas de trás, arfando animada. Então para, deixando uma patinha levantada. Suas orelhas apontam para o

quintal da casa ao lado.

Com um latido alto, ela corre.

E eu a sigo.

Texas encontra Matthew agachado ao lado da central de ar-condicionado. Ela late como louca, balançando o rabo vigorosamente.

Matthew se joga contra a parede. Está ensopado da chuva. Seu olhar se alterna entre mim e a cachorra. Mantém uma mão às costas.

Penso na primeira noite dele em casa, quando o encontrei com uma faca.

Emma aparece ofegante.

– Rev. O que... o que está acontecendo?

Matthew se aproveita da distração para fugir.

Texas não é um cão policial. Ela late e o persegue, mas não o derruba nem nada.

O que não é um problema, porque eu posso fazer essa parte.

Rolamos no chão, em um emaranhado de braços e pernas. Ele luta. Fico esperando que me atinja com a lâmina em algum momento, mas ou Matthew a derrubou ou nunca teve uma. Ele me acerta com força, como se tivesse aprendido isso. Desfere uns belos socos nas minhas costelas. A chuva deixa sua pele escorregadia e difícil de agarrar.

Mas eu sou mais forte. Passo o braço por seu pescoço e o prendo com a perna de modo que não consiga sair. Com um braço solto, ele tenta agarrar meu braço, mas estou no controle e sei o que faço. Matthew resiste, então aperto a pegada.

– Para com isso e eu te deixo levantar – digo.

Ele só tenta me dar uma cotovelada nas costelas em resposta.

– Rev! – Emma grita, ainda ofegante. A chuva continua caindo sobre nós. – Rev...

– Vai pra minha casa – peço, com a voz tensa pelo esforço. – Diz aos meus pais onde estamos.

Emma se vira e corre. Adoro isso nela – a falta de hesitação. Nada de pensar duas vezes.

Matthew finalmente sossega. Sua respiração sai áspera e irregular.

– Me solta.

– Você tem uma arma?

– Vai pro inferno.

– Quer que eu te solte ou não?

– Não tenho nada. – As palavras saem por entre os dentes cerrados. – *Me solta.*

Eu solto. Assim que se levanta, Matthew tenta fugir.

Seguro seu braço. Ele gira e acerta um soco no meu rosto.

Vejo estrelas. Matthew se solta.

Ainda sou mais rápido do que ele. Eu o derrubo de novo, e dessa vez o prendo de maneira mais eficiente. Estou com um braço em volta do seu pescoço e seguro a parte inferior de seu corpo. Matthew não tem como resistir.

Minha mandíbula dói. Ninguém nunca mais me bateu, desde que me tiraram do meu pai. Um pensamento sombrio passa pela minha mente: eu poderia quebrar o pescoço de Matthew agora.

– Rev! – É a voz de Geoff. – Rev! Solta ele!

Abro os olhos. Não me lembro de tê-los fechado. Matthew afunda os dedos no meu antebraço, quase em pânico. Geoff, Kristin e Emma estão de pé na chuva, nos olhando. Taxy tenta se soltar, latindo furiosamente. Emma segura a coleira.

– Rev, querido – Kristin diz. A preocupação é evidente em sua voz. Ela toca meu braço. – Rev, solta ele.

Eu solto. Caio na grama.

Matthew não corre dessa vez. Parece engasgado, e tosse sobre a

grama.

Fui eu que fiz isso. Eu o machuquei.

A culpa me atinge como uma marreta.

Geoff e Kristin vão até ele. Fico feliz. Não mereço sua atenção agora. Não consigo olhar para eles.

– Ei – Emma me diz, ao meu lado.

Viro a cabeça e a vejo agachando na grama. Texas enfia o focinho no meu rosto e começa a lambe minha bochecha.

Dói, e me pergunto se estou sangrando. Afasto o focinho da cachorra.

– Você tá bem? – Emma questiona.

– Não – digo. – Não estou.

Me levanto.

Emma pega minha mão.

– Ainda estou aqui – ela sussurra.

– Eu sei.

Não quero olhar para ela.

Emma franze a testa e se inclina na minha direção.

– Rev, você...

– Não. – Queria que ela não tivesse visto nada. – Sou todo ferrado, Emma.

– Mas...

– Por favor, vai pra casa. Por favor, esquece que isso aconteceu. Por favor... – Minha voz falha. Não posso aguentar muito mais.

– Rev. – Ela diz meu nome suavemente. – Tudo bem. Posso ficar.

Forço meus olhos a se abrirem. Geoff e Kristin estão ajudando Matthew a se levantar.

Não sei o que vão fazer.

Não sei o que vai acontecer.

Mas sei que não quero que Emma veja. Passo a mão molhada pelo rosto.

– Por favor, Emma. Por favor, só vai embora.

– Tá – ela diz, calma. – Aqui.

Ela tira o meu casaco e o coloca sobre minhas pernas.

Está quente e tem o cheiro dela. Algo frutado, como laranjas à luz do sol.

A chuva caindo rouba seu calor e seu cheiro.

– Tem certeza? – Emma ainda pergunta.

Seguro o ar. Não tenho certeza de nada.

Às vezes me preocupo que tenha herdado a violência do meu pai.

E herdei. Está sempre à espera, dentro de mim.

Assinto.

– Vai. Não posso fazer isso agora.

– Tá.

E é isso. Ela se vira e se afasta do jardim.

DEZESSETE

Emma

A caminhada para casa parece ter quilômetros, mesmo que a gente só more a, tipo, cinco quarteirões de distância. Fico querendo voltar, para me certificar de que Rev está bem. Minha mão ainda formiga onde seus dedos me tocaram.

Ele me contou tanto sobre sua vida – mas tudo o que aconteceu na chuva mostra que muita coisa permanece um mistério.

Aquele garoto era irmão dele? Rev não mencionou um irmão em toda a conversa sobre seu pai e os anos de abuso que sofreu.

Minha cabeça é um emaranhado de nós. Uma semana atrás, toda a minha vida fazia sentido. Agora *nada* faz.

Nunca tinha visto dois garotos lutando. Os filmes fazem parecer emocionante, tudo muito claro. Um mocinho e um vilão. Mas o que aconteceu foi sujo e assustador, e eu não entendi *nada*.

Agora estou voltando para casa sozinha. Pelo menos a chuva diminuiu para uma garoa.

Tremo, então dou uma corridinha. Meu corpo precisará de uma hora de molho na banheira quente para se recuperar. Quando viro a esquina da minha rua, Texas fica um pouco para trás. Foi uma noite cansativa para ela.

Os dois carros estão na garagem. As luzes do térreo estão acesas.

Quase caio na rua. Meu pai está em casa? A essa hora?

– Vem, Taxy.

Corro até a porta, voando pelos degraus da entrada.

Eles estão sentados na sala. Os dois me olham surpresos quando entro.

Minha mãe franze a testa.

– Emma. O que foi que aconteceu? – Seus olhos vão direto para os meus sapatos, que estão cobertos de lama por conta da aventura no quintal de Rev. – Você saiu na chuva?

Onde ela achava que eu estava?

– Saí. – Estou sem fôlego. – Estava com Texy e não teve jeito. O que tá rolando?

Ela troca um olhar com meu pai.

– Andamos conversando e concordamos que precisamos fazer algumas mudanças para manter a paz...

– A paz? – repito.

Ela assente.

– Entre todos nós.

– Catharine. – A voz do meu pai sai num grunhido baixo. Seu tom é aveludado. Calmo. – Por que não deixa Emma se trocar primeiro?

A calma. É algo tão estranho nesta casa que quero deitar e aproveitá-la.

– Tá. – Coloco a coleira no cabideiro da entrada e tiro os tênis. – Tá, só preciso de alguns minutos.

O banho pode esperar. Corro escada acima e tiro as roupas molhadas.

Precisamos fazer algumas mudanças para manter a paz. Entre todos nós.

Minha mãe poderia vir com uma tabela de divisão de tarefas detalhada e ainda não haveria problema por mim. Posso cozinhar todos os dias, se isso significar que as discussões vão terminar. Teríamos que comer macarrão em todas as refeições, mas que seja. Posso passar o aspirador todas as noites, se isso fizer meu pai estar em casa num horário decente.

Eles estão propondo uma mudança. Posso sentir.

Talvez eu até mostre meu jogo para o meu pai. Talvez ele finalmente tenha tempo de ver.

Vai ficar tão orgulhoso. *Tão* orgulhoso.

Tenho que enxugar uma lágrima. Não sei o que ele vai fazer, mas vai ser incrível.

Eles ainda não estão gritando. Ninguém está bebendo. Mal posso acreditar.

Talvez tenham passado o dia em terapia de casal! Talvez tenham aprendido a se comunicar de maneira mais eficiente.

Nem sei se minhas roupas combinam, mas estão secas. Quase caio da escada quando volto lá para baixo.

De novo, eles me olham surpresos.

Preciso me acalmar.

– Desculpa. – Eu me joga no sofá. – Só estou feliz porque os dois estão aqui.

Eles trocam um olhar de novo.

– Emma – meu pai diz, com a voz gentil.

– Emma – minha mãe diz.

E então algo muda no ar. Clica. Se altera.

Algo não está certo.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Isso não está funcionando – minha mãe diz. Sua voz está exageradamente calma.

– Não podemos continuar – meu pai diz.

Meu coração bate acelerado. Nem consigo ouvir o que dizem. Não consigo ouvir nada.

– Emma? – O tom de voz da minha mãe readquire a impaciência que me é tão familiar. – Emma, você está acompanhando?

– Vocês disseram que querem mudar as coisas. Que querem manter a paz.

– Isso – confirma minha mãe.

– Vamos nos divorciar – avisa meu pai.

Eu vi quando Rev derrubou o outro garoto na chuva. Ele estava

fugindo, e Rev se jogou nele, com tudo, e o levou ao chão.

É assim que eu me sinto.

Levanto sem nem perceber. Acho que vou passar mal.

Tento falar, mas minha boca está seca demais.

– Vou levar algumas coisas para a casa do Kyle – meu pai conta. Kyle é um colega de trabalho dele.

– Não façam isso – sussurro.

– Eu disse ao seu pai que vamos ter que vender a casa. – Minha mãe retorce os lábios. – Não podemos pagar por este lugar mais um apartamento...

– Podemos falar sobre dinheiro depois? – Meu pai solta um suspiro e coça a nuca. – Ela não precisa saber os detalhes...

– Bom, *alguém* tem que se preocupar com os detalhes – minha mãe retruca.

– Claro – meu pai zomba. – Você é tão boa nisso.

– Sorte a sua, ou não teríamos *nada*. Vou ter que cuidar de tudo nesse divórcio, como sempre cuidei de tudo em relação a qualquer coisa.

– Um dos seus colegas médicos não pode te dar uma receita de um remedinho que te deixe menos...

– Nem pense em me xingar na frente da minha filha.

Sua filha. *Sua* filha.

– Não sou sua filha – interfiro. – Sou filha dele. – Olho para meu pai. – Vou fazer minhas malas também.

Ele parece surpreso.

– Emma, querida... estou indo pra casa do Kyle. Ele nem tem um quarto para mim. Vou dormir no sofá...

– Posso dormir no chão.

Minha mãe solta um ruído expressando nojo.

– Você não vai pra lá.

– Não quero ficar aqui – grito. – Você não entende? Não quero

ficar aqui com *você*.

Ela fica pálida. Parece ferida.

– Emma...

– Catharine. Chega. – Meu pai me olha. – Sinto muito, querida, mas *você* precisa ficar aqui. Quando eu achar um lugar, podemos conversar.

– Ela não vai morar com *você*. – Minha mãe se recuperou. Sua voz é como gelo.

Mesmo agora, continua tentando me controlar. Mesmo nisso. Não posso falar.

Não consigo mover as pernas. Talvez eu possa subir e começar tudo de novo. Quando eu descer, talvez tenhamos uma conversa completamente diferente.

Uma vez vi uma foto na internet que dizia: *Se estiver vendo isso, é porque estive em coma por vinte anos e estamos tentando uma nova maneira de fazer contato. Por favor, acorde.*

Fiquei olhando para o meme por um minuto inteiro.

Nunca quis tanto que algo fosse verdade.

Acorda. Acorda. Acorda.

Meus pais continuam discutindo. Ainda estou aqui. Ou não.

– Vocês não... – Minha voz falha. Eles nem me ouvem. – Vocês não podem... não podem fazer terapia de casal?

– Já fizemos – minha mãe responde.

– Vocês... o quê?

– Um ano inteiro – meu pai acrescenta. – Não funcionou, M&M. Temos que fazer isso.

O apelido é como um soco na cara.

Agora estou desperta.

– Não me chama assim – solto. – Nunca mais me chama assim.

– Emma...

– Vocês dois são *muito* egoístas.

Sigo na direção da escada.

– Volta aqui! – minha mãe grita.

– Deixa ela ir – meu pai diz. – Precisa processar tudo.

Odeio ele. Odeio ela.

ODEIO OS DOIS.

Meu quarto está frio e silencioso. As luzes do roteador piscam. Taxy fica ao meu lado e encosta o focinho na minha mão.

Eu a ignoro e abro o laptop.

Minhas mensagens aparecem na tela. Aquela que meu pai nunca respondeu.

As mensagens tensas trocadas com Cait, cujos pais são tão apaixonados que quero vomitar toda vez que estou lá. A mãe dela comenta e curte seus vídeos de maquiagem, pelo amor de Deus. A última coisa de que preciso agora é um convite para ir comer panquecas com gotas de chocolate ou alguém vindo me abraçar – e isso é exatamente o que aconteceria na casa de Cait.

A tela atualiza e todas as mensagens trocadas com Rev pelo celular surgem também.

Vocês são próximos? é uma das últimas, e se refere ao meu pai. Essas palavras fizeram com que eu me sentisse reconfortada há uma hora.

Agora parecem lava derretida, misturando-se a meus órgãos.

Talvez ele entenda, mas tudo o que meu cérebro ouve são suas últimas palavras.

Vai. Não posso fazer isso agora.

Não posso escrever para ele.

Meu pai bate na porta.

– Emma. Por favor. Fala comigo.

Seu tom é sempre tão calmo! Nada parece muito importante para ele. Eu costumava achar que era um sinal de força, que meu pai poderia lidar com o que viesse.

Agora só me irrita. Coloco o headset. Os fones de ouvido acolchoados abafam o som.

– Emma – meu pai chama.

Entro no OutraTERRA.

E então, lá em cima, vejo outra mensagem de Pesadelo.

Sábado, 17 de março, 21:36

De: Pes@de1o4

Para: Azure M

Perdeu a cabeça?

De novo, há um anexo. É o mesmo avatar, nu e amarrado, mas agora sua cabeça explodiu. O trabalho gráfico é impressionantemente detalhado.

A raiva toma conta de cada célula do meu corpo. Se antes lava derretida se espalhava pelo meu corpo, agora é como se houvesse uma supernova em algum lugar do meu peito.

Nem penso a respeito. Só respondo.

Sábado, 17 de março, 22:47

De: Azure M

Para: Pes@de1o4

TE ODEIO.

TE ODEIO.

TE ODEIO.

TE ODEIO.

TE ODEIO.

ME DEIXA EM PAZ.

Eu o bloqueio.

Então fecho o laptop com uma batida. Me viro na cama e grito no travesseiro.

Grito tão alto e por tanto tempo que esqueço como é o silêncio.

Grito até ficar sem fôlego.

E então o silêncio cai e paira à minha volta. É tanto silêncio que quase não posso suportar.

Não sei onde estão meus pais. Não me importo. Não me importo.

Meu celular toca. Quase o atiro longe.

São quase 11h da noite agora. Torço para que seja Cait, embora saiba que é impossível. Torço para que seja Rev, de alguma maneira.

Não. É uma mensagem do 5Core.

Por um momento, fico em pânico, achando que Pesadelo me respondeu, mas não é ele. É Ethan.

Ethan_177: Está on-line? Quer entrar no OutraTERRA ou no Battle Realms?

Sou tão idiota. Começo a chorar.

Estou soluçando abertamente, mas entro no jogo. Minha mãe bate na porta.

– Emma. Posso falar com você, por favor?

– Pra quê? – grito. Pareço histérica. – Pra me dizer que sou uma inútil? Pra me dizer que jogar só me faz mal? Que papai é um fracassado? Ou deixei algum assunto de fora?

– Emma. – Ela fala tão baixo que mal posso ouvi-la. – Emma...

– Esquece! – berro. – Vai embora. – Então algo me ocorre. – Se você cortar a internet de novo, vou entrar no seu laptop e deletar tudo nele.

– Emma. – Sua voz é cortante agora.

Aumento a música para não ter que ouvi-la. Está tão alta que meus ouvidos doem.

Procuro por Ethan_177. Ele está on-line. Mando um convite para formar equipe.

Ethan não aceita, mas abre uma janela de chat privado.

Ethan_177: Já estou numa equipe. Quer que te adicione?

Claro. Como se eu pudesse me juntar a outra equipe chorando desse jeito.

Azure M: Não, tudo bem.

Fico sentada ali, olhando para a tela. As palavras dos meus pais giram na minha mente.

Divórcio.

Vamos ter que vender a casa.

Não podemos pagar por este lugar mais um apartamento.

Divórcio.

Divórcio.

Divórcio.

Recebo um alerta de pedido de formação de equipe.

Mando uma mensagem rápida para Ethan.

Azure M: Não posso lidar com uma equipe inteira agora.

Ethan_177: Sou só eu.

Ah. Clico em "aceitar".

Sua voz é reconfortante nos meus ouvidos.

– E aí?

Não quero falar. Só quero jogar.

Então eu inspiro e começo a chorar. Conto tudo. Sobre minha mãe. Meu pai. O divórcio. Pesadelo e suas mensagens.

Leva um bom tempo.

– Desculpa – digo ao terminar. – Não queria descarregar tudo em

você.

– Não precisa pedir desculpa. – Ele inspira fundo. – Sinto muito quanto a seus pais. – Ele faz uma pausa. – E quanto àquele cara...

– Tudo bem. – Fungo. – Vou continuar bloqueando. Ele tem que cansar uma hora.

– Acho que sim. – Ethan espera um instante. – Posso fazer alguma coisa?

Penso na sensação dos dedos de Rev nos meus. Passo a mão no rosto e abaixo a música. Meus pais estão em silêncio lá fora.

– Podemos só jogar? – pergunto.

– Claro.

Então começamos uma missão e fazemos exatamente isso.

DEZOITO

Rev

Já passou da meia-noite.

E, mais uma vez, estou acordado.

A calmaria tomou conta da casa, mas ela é falsa. Não tem ninguém dormindo. Geoff e Kristin estão conversando; suas vozes são um zumbido baixo no corredor. A porta do quarto de Matthew fechou faz um tempo, mas sei – simplesmente *sei* – que ele não está dormindo.

Sinto uma dor pungente no maxilar, mas recebo isso bem. Quando eu era pequeno, meu pai sempre me dizia que a dor era o diabo deixando meu corpo, e isso me reconforta agora.

Não falei com Geoff ou Kristin. Depois que voltamos para casa, vim direto para o quarto, enquanto os dois lidavam com Matthew na cozinha.

Ele não estava com uma faca. Eu o ataquei daquele jeito e ele nem estava com uma faca.

Não posso encará-lo. Não quero encará-lo. Eu disse que podia confiar em mim, mas fiz *isso*.

Você se entregou tanto à tentação?

As palavras do meu pai me assombram. Me entreguei à tentação? E quem estaria me tentando? Sinto uma pressão para satisfazer todo mundo, mas não posso. Está tudo confuso.

Aquele momento na chuva, no escuro, em que eu soube que poderia machucá-lo, continua passando na minha mente. Imagino se Matthew sabe. Se conseguiu sentir.

E tudo isso aconteceu na frente de Emma.

A vergonha se alojou no meu estômago, uma sensação sombria e

retorcida que não me deixa em paz.

Preciso me desculpar. Não sei como me desculpar por quem eu sou.

Ouçõ uma batida na porta. É baixa, então imagino que seja Kristin.

– Entra.

Me enganei. É Geoff. Ele fica parado à porta; a escuridão e as sombras estão logo atrás.

– Achei que estaria dormindo – ele diz.

Balanço a cabeça em negativa, com os olhos fixos na colcha sobre a cama. Nem cheguei a me deitar. O sono tem sido uma criatura elusiva ultimamente.

– Posso me sentar? – ele pergunta.

– Pode.

Ele se acomoda na cadeira da escrivaninha e a gira para me encarar.

– É um belo machucado. – Antes que eu possa dizer alguma coisa, ele vira a cabeça e grita para o corredor: – Ei, Kris, ele precisa de uma bolsa de gelo.

Meu maxilar se contrai, mas isso dói, então me forço a relaxar.

– Não precisa.

– Pois aceita só para me agradar.

Kristin aparece à porta com um saco de gelo dentro de uma toalha. Ela dá uma olhada em mim e fica arrasada.

– Ah, Rev, você deveria ter dito alguma coisa. Ficamos conversando sem saber que...

– Não tem problema. Estou bem.

Ela entra e senta-se ao meu lado, depois põe o saco de gelo no meu rosto.

– Não imaginei que ele tivesse te batido com tanta força.

– Para. – Afasto sua mão e seguro o pacote de gelo eu mesmo.

Não quero fazer compressa, mas sei que, se não fizer, Kristin vai voltar a fazer. – Estou bem.

Ela põe a mão no meu ombro.

– Não é verdade.

Fico parado. Não sei o que isso significa.

Minha respiração acelera.

– Não era nossa intenção – ela diz, baixo. – Dissemos a Bonnie que poderíamos receber Matthew sem considerar direito como poderia ser para você.

Levo um bom tempo para assimilar as palavras.

Eles não vieram gritar comigo.

Não estão bravos.

De alguma forma, é ainda pior.

Tiro o saco de gelo do rosto.

– Para. Para.

– Rev...

– Eu machuquei ele. Não entende? Machuquei Matthew.

– Não machucou. – Kristin se aproxima de mim. Sua voz é muito gentil. – Você o impediu de te machucar. E de fugir, o que poderia ter sido muito pior.

Eles não podem mudar o que aconteceu. Sei o que fiz. Sei como me senti.

– Rev. Querido. – Ela passa o braço sobre meus ombros. – Você não fez...

– Fiz, sim.

Eu me afasto. É um movimento cheio de medo e fúria. Gostaria de poder eliminá-lo imediatamente.

Me encolho.

– Desculpa. Desculpa.

Minha voz falha. Fico esperando que Geoff me segure, que proteja Kristin.

Ele não o faz. Só aproxima a cadeira de mim.

– Rev. Olha para mim.

Não quero olhar, mas sua voz é muito eficiente quando está sem paciência. Profunda, sólida. Então levanto o rosto e meus olhos encontram os dele.

– Você não machucou Matthew – Geoff diz. – Está entendendo? Você não o machucou. Ele está bem.

– Machuquei a mamãe...

– Não machucou.

Kristin se aproxima de novo, mas levanto a mão para impedi-la.

– Para. – Não posso olhar para eles agora. Não posso olhar para nada. – Por favor. Para.

– Tá – ela diz, mas continua na cama.

Ficamos sentados em absoluto silêncio, quebrado por nada além da minha respiração irregular.

Mas eles continuam ali. Não me deixam.

Não posso mais lidar com tudo isso sozinho.

Preciso de três tentativas para conseguir forçar as palavras a saírem.

– Vocês sabem onde meu pai está?

– Não – Geoff responde. Ele se aproxima ainda mais da cama, mas não tanto de modo a tornar a distância perigosa. – Quer que eu descubra?

Olho para ele.

– Você consegue?

– Talvez. – Ele faz uma pausa. – Posso perguntar por quê?

Inspiro fundo, pensando em contar sobre a carta. Sobre os e-mails.

Mas não consigo. Parece traição, em muitos níveis.

Contudo, se eu souber onde meu pai está, posso julgar se é uma ameaça ou não. Talvez esteja do outro lado do país. Talvez esteja

preso. Talvez tenha outro filho.

A mera ideia transforma meu sangue em gelo.

– Só quero saber. – Minha voz sai estilhaçada, as palavras espremidas para fora de pulmões que se recusam a funcionar. Me sinto virado do avesso, exausto. Só o sangue congelado em minhas veias me segura. – Preciso saber. Tudo bem?

– Tudo bem. – Ele faz uma pausa, com os olhos muito preocupados. – Rev... tudo bem falar sobre seu pai. Sabe disso, não? Tudo bem.

Não é verdade.

– Não quero falar sobre ele.

Sei que parece loucura. Fui eu que toquei no assunto.

Porém não é como se eu pudesse digitar “Robert Ellis” no Google e ficar esperando encontrar o cara certo. É como se seu nome fosse João da Silva ou José Santos.

– Quer falar sobre Emma então?

Hum... Será que quero falar sobre como perdi completamente o controle e ataquei Matthew na frente dela? Sobre como nunca vou confiar em mim mesmo ao lado dela de novo?

Balanço a cabeça em negativa.

– Rev, preciso que me responda honestamente – Geoff diz. – Devo ligar para Bonnie e pedir que procure outro lar para Matthew?

Pisco e o encaro.

– Você quer que encontrem outro lar para *ele*?

– Não. Não quero. Acho que ele só precisa de tempo para confiar na gente. Mas posso ligar agora mesmo, se estiver sendo difícil demais para você.

– Não... – Balanço a cabeça em negativa. – Não foi isso que eu quis dizer. Fui eu quem fez isso. Vocês deviam saber que eu faria...

Ele se endireita na cadeira e me avalia, desorientado.

– Rev. – Sua voz sai quase num sussurro. – Não estou entendendo

o que você acha que fez.

– Estou me transformando no meu pai. Fico só esperando que aconteça. Já li sobre o ciclo da violência, e sobre como certos traços de caráter são herança genética. – Meus antebraços estão bem apertados contra meu abdome, como se eu precisasse me segurar fisicamente. – Que nem o Dec, que jura que nunca vai botar uma gota de álcool na boca. Preciso dar um jeito de fazer o mesmo. Porque não sei como começa, e não vou saber como parar.

Eles ficam em silêncio. Meus olhos estão focados na colcha. Não sei se quero encará-los e ver suas expressões. Já discuti esse assunto com Declan, mas nunca com eles.

Penso no que se passou na minha cabeça quando preendi Matthew na grama. Em como poderia ter quebrado seu pescoço.

Ou em como as palavras do meu pai abriram caminho no meu cérebro, despertando ideias há muito adormecidas.

Talvez ele esteja certo.

Talvez seja eu quem deva estar num centro de detenção. Trancafiado onde não possa machucar ninguém.

Geoff se aproxima um pouco e apoia a mão no meu joelho. Perco o fôlego, mas não me afasto, e ele não reage.

– Você disse que sabe sobre o ciclo da violência – ele diz. – Tipo o quê?

Ele fala de forma muito prática. Nada desafiadora. É só uma pergunta. Ele está usando o tom de quando vai ensinar alguma coisa.

– Sei que crianças que sofreram violência acabam se tornando adultos violentos.

– Nem sempre, Rev.

– Quase sempre.

– E sabe por quê? Não é só uma questão genética.

Titubeio.

– Sei que tem a ver com o fato de seu cérebro ter sido danificado na infância, e aí não dá pra demonstrar emoções direito.

– Isso. De certa maneira. Em um nível muito básico, o transtorno do apego reativo acontece quando a criança não desenvolve um vínculo normal com seu cuidador, seja por negligência, abandono ou abuso. Você viu isso em algumas crianças que passaram por aqui. Algumas delas nem sabem o que é confiança.

É verdade. Já vi mesmo. Me lembro do menininho que simplesmente não chorava, porque nunca ninguém tinha se importado com isso. Ele tinha três anos e não falava.

Quando sua mãe se recuperou, ele já era um tagarela e amava recitar o alfabeto. Kristin foi visitá-los diariamente por meses quando a mãe recebeu a custódia de volta.

Geoff abre as mãos.

– Crianças pequenas são simples, na verdade. Se têm fome, precisam ser alimentadas. Se estão tristes, precisam ser reconfortadas. Se estão machucadas, precisam ser atendidas. É o centro de uma relação de confiança com um adulto. Mas se não tem ninguém lá para fazer essas coisas, ou se não houver consistência, algumas partes ficam faltando na construção da personalidade dessas crianças. – Ele faz uma pausa. – Ou se a resposta a essas necessidades é negativa, e não só negligente, a criança acaba aprendendo essas respostas equivocadas. Se ela pede comida e a resposta é um tapa no rosto, acaba internalizando essa relação de causa e efeito.

Minha respiração fica rasa. Uma tensão familiar se acumula nos meus ombros.

Não sei se posso continuar falando sobre isso. Não sei se consigo parar.

– Meu pai... ele não era assim. Ele era... – *Diabólico*. — Isso é diferente – me corrijo.

– Por quê? – Geoff pergunta.

– Porque ele não era negligente. Achava que estava fazendo a coisa certa. *Acreditava* no que estava fazendo. Como posso lutar contra isso?

– *Você* acredita no que ele fazia?

A pergunta me pega de surpresa.

– Como?

– Você acredita no que ele fazia? Acredita que as ações dele eram ditadas por Deus?

Congelo. É tão óbvio, mas não consigo dizer as palavras.

Mesmo depois de todos esses anos, negar parece um ato contra meu pai.

Levo as mãos à cabeça. Uma enxaqueca repentina pulsa entre minhas têmporas.

– Não posso falar sobre isso.

Há uma breve pausa.

– Certo. Sei que está tarde. – Geoff dá uma sacudidinha no meu joelho. – Não precisamos falar sobre isso agora.

Kristin faz um carinho no meu ombro e dá um beijo na minha testa. Toques leves que me lembram de que estou aqui. Neste momento. Tenho 18 anos, e não 7.

– Foi um longo dia – ela diz. – Durma um pouco.

Ela se levanta da cama e vai embora.

Geoff não sai da cadeira.

– Eu estava falando sério antes. Se Matthew for um problema para você...

– Não é. – Pigarreio e esfrego os joelhos. – Não é.

Ele vacila.

– Sei que tem mais alguma coisa acontecendo, Rev. Gostaria que falasse comigo a respeito.

Ah, como eu gostaria de conseguir.

– Amanhã – digo. Minha voz sai fraca. Me sinto fraco por inteiro. – Amanhã, pode ser?

– Certo.

Ele levanta da cadeira e aperta de leve meu ombro.

Quando chega à minha porta, eu o impeço.

– Espera. Por que Matthew tenta fugir? Pra onde quer ir?

– Ele não diz. – Geoff contorce o rosto enquanto pensa. – Às vezes as pessoas estão tão acostumadas com negatividade que uma atmosfera positiva pode ser desconfortável, até assustadora. Tem a ver com aquilo de que estávamos falando. Quando não se pode confiar em ninguém, o desconhecido é um lugar muito assustador. – Há uma pausa pesada, carregada. – Pense a respeito, Rev. Por que você fugiu?

Desvio o rosto. Não tenho resposta. Na verdade, tenho. Mas me envergonha.

Geoff não insiste. Sua voz é bondosa, ainda que eu não mereça.

– Boa noite, Rev.

– Boa noite.

Com isso, ele fecha a porta do quarto, me deixando só com meus pensamentos.

DEZENOVE

Emma

Pai: Emma, não gosto de como as coisas terminaram ontem à noite. Quero conversar com você. Que tal um brunch? Só nós dois? Posso te pegar às 11h.

Olho para o relógio.

São 10h.

Desligo o celular.

Me viro para o outro lado.

Quando alguém bate às 11h, ignoro.

Não saio da cama o resto do dia.

VINTE

Rev

Domingo, 18 de março, 13:26:16

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Vazio

Estou com a sensação de que mando e-mails para o vazio. Você está aí?

Responda.

Não quero.

Desligo o celular.

Rolo na cama e coloco o travesseiro sobre a cabeça.

Não saio da cama o resto do dia.

VINTE E UM

Emma

Ethan_177: Talvez seja tarde demais pra escrever, mas só queria saber se você tá bem.

A mensagem aparece na tela depois da meia-noite. Tenho que acordar cedo para ir à escola, mas não estou nem perto de dormir. Nem me sinto cansada.

Talvez isso tenha a ver com o fato de que passei o dia na cama, mas acho que não.

Divórcio.

Vamos ter que vender a casa.

Para onde a gente vai? O que isso significa?

Não quero nem pensar. Trocar mensagens é uma boa distração.

Azure M: Estou viva.

Ethan_177: Bom saber. Tudo bem?

Azure M: Não saí do quarto o dia inteiro.

Ethan_177: Nem eu. Mais mensagens do Pesadelo?

Azure M: Não. E fico feliz de não ser a única louca. O que tá rolando aí?

Ethan_177: O de sempre.

Então ele me manda um gif de uma doida puxando os cabelos, com a legenda: NADA DE CABIDES DE ARAME!

É uma frase famosa de um filme antigo sobre a atriz Joan Crawford, que não conseguia lidar com o estresse de Hollywood e

descontava nos filhos. Minha mãe adora.

Eu sei, eu sei. Consigo ver a ironia.

Azure M: Sua mãe é assim?

Ethan_177: Às vezes.

Azure M: Será que todas as mães são assim? Não consigo entender.

Ethan_177: Sim. Todas as mães são loucas.

Azure M: Por outro lado, foi meu pai que deixou ela assim. Não sei.

Ethan_177: Sinto muito que esteja passando por isso.

Azure M: Obrigada.

Ethan_177: Seus pais ainda estão na mesma casa?

Azure M: Não quero falar sobre isso.

Ethan_177: Ok.

Azure M: Ok.

Ethan_177: Imagino que não queira jogar...

Azure M: Agora não.

Ethan_177: Queria poder ajudar.

Azure M: Você ajudou. Obrigada, Ethan.

Pisco para a tela. Digito rápido uma mensagem.

Azure M: Acabei de me dar conta de que nem sei se esse é seu nome real.

Ethan_177: É. Meu nome é Ethan e 177 é o meu aniversário. Dia 17 de julho. Sei que não é muito criativo, mas comecei a usar quando tinha 9 anos e agora é tarde pra trocar.

Azure M: Meu nome é Emma.

Ethan_177: Emma! Agora entendi. Achei que fosse um nome com M. Estava em dúvida entre Melissa e Melanie.

Levanto as sobancelhas.

Azure M: Cara, você podia ter perguntado.

Ethan_177: Não, foi divertido tentar adivinhar.

Azure M: Agora você sabe tudo sobre mim.

Ethan_177: Estou escrevendo sua biografia para a Wikipédia neste mesmo instante.

Quase rio, mas acho que perdi o senso de humor.

A mera ideia quase me faz chorar.

Ethan_177: Posso dizer uma coisa?

Azure M: Claro.

Ethan_177: Talvez seja melhor. O divórcio.

Certo. Agora eu choro mesmo. Estou muito feliz por estarmos trocando mensagens, em vez de falando pelo headset, ou Ethan pensaria que estou sempre em frangalhos.

Azure M: Vamos ter que nos mudar. Minha mãe disse que precisaremos vender a casa.

Ethan_177: É só uma casa. Você vai ver. Só uma casa.

Azure M: Você teve que se mudar quando seus pais se separaram?

Ethan_177: Claro.

Azure M: Não foi ruim?

Ethan_177: Não. Foi o fim da vida que eu conhecia até então. Então foi horrível.

Azure M: Nossa. Valeu.

Ethan_177: Mas sobrevivi.

Enxugo o rosto com o lençol. Minhas bochechas estão sensíveis.

Depois de um tempo, ele me manda outra mensagem.

Ethan_177: Ei, não quero ser muito ousado, mas esse é o número do meu celular. Caso queira conversar fora do jogo. Sei como é.

Então ele me manda o número. Isso afasta um pouco as lágrimas. Eu o adiciono nos meus contatos imediatamente, de modo que também deve aparecer na agenda do meu celular. Mando uma mensagem na hora.

Emma: Obrigada, Ethan.

Ethan: De nada, Emma.

Me reviro na cama e puxo o cobertor sobre a cabeça. Pela primeira vez no dia, sorrio.

VINTE E DOIS

Rev

Segunda, 19 de março, 5:26:32

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Responda

Mandei você responder.

Então responda, filho.

Não vou esperar para sempre.

Não vou esperar para sempre.

O e-mail está na minha caixa de entrada, sem resposta. As palavras me cutucam com uma frequência desagradável. Toda vez que me movo. Toda vez que inspiro. Toda vez que meu coração bate.

Elas se assemelham a uma ameaça.

– Você parece péssimo – Declan diz quando entro em seu carro às sete da manhã na segunda.

– Pareço igual a sempre.

Estou de jeans e com um moletom preto. Você sabe. Para variar. Nem me dei ao trabalho de fazer a barba, porque não quero uma série de perguntas sobre o hematoma no meu maxilar.

Declan mantém a mão no câmbio.

– Devo esperar pelo Matthew?

– Não. Pode ir.

O carro balança conforme ele pisa na embreagem e sai para a rua, acelerando.

– Sinto como se tivesse perdido alguma coisa.

– Você tem tempo de parar pra um café?

Eu teria tomado em casa, mas Matthew estava na cozinha com Geoff e Kristin. Não falo com ele desde a noite de sábado.

Não falo com ninguém desde a noite de sábado.

– Acho que sim.

Declan vira à direita no fim da minha rua, na direção da cafeteria.

Está tocando uma música alternativa no rádio, e normalmente não me importo, mas no momento as letras angustiadas e sugestivas me tiram do sério. Estico a mão e desligo.

Ficamos em silêncio.

– Você vai falar alguma coisa? – pergunta Declan.

Mantenho os olhos no para-brisa. Nuvens escurecem o céu, e a chuva atinge o vidro.

– Não sei nem por onde começar.

– Por que Matthew não veio com a gente?

– Porque quase matei ele.

Declan olha para mim.

– Quê? Espera aí. – Ele faz um retorno, então me olha um pouco mais atentamente antes de voltar para a estrada. – Alguém bateu em você?

– Matthew tentou fugir de novo. No sábado à noite. Fui atrás dele. Não gostou nada.

– Nooossa.

Ele estica tanto a palavra que ela parece ter três sílabas.

O drive-thru da cafeteria está cheio. Tem pelo menos dez carros esperando para pedir. Declan entra na fila mesmo assim.

– Posso pegar lá dentro – digo.

– De jeito nenhum. Preciso ouvir isso.

Dou de ombros e enfio as mãos no bolso do moletom.

– Não tenho muito o que dizer.

Declan suspira e passa a mão pelo rosto.

– Estou acordado? Parece a mesma conversa que tivemos na

outra noite. Tenho certeza de que você não chegou nem perto de matar o cara...

– Cheguei, sim. Achei que Geoff e Kristin iam me botar para fora.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Estamos chamando os dois pelo nome agora?

– Cala a boca.

O carro balança quando a fila anda e ele segue em frente.

– Só estou tentando entender o que está acontecendo.

– Sou perigoso, Dec! Tenho falado isso há *meses*.

Ele revira os olhos.

– Tá bom, Rev.

– Não faz isso – digo.

Não é fácil intimidar Declan. Ele encara minha agressividade de cabeça erguida.

– Você é perigoso? O cara sobreviveu ou não?

Ranjo os dentes.

– Ele está vivo.

– Ele bateu primeiro ou você?

– Isso não importa.

– É claro que importa!

– Ele me bateu – solto.

– Então você só revidou?

– Não. Eu nem bati nele.

– Nossa. Parece mesmo que você é perigoso. Talvez seja melhor sair do carro.

Olho para ele.

– Para de me zoar.

Chegamos ao alto-falante, e a voz metálica de uma mulher pergunta o que queremos. Declan pede dois cafés e olha para mim.

– Quer comer?

– Não.

Ele me ignora e pede dois sanduíches, porque me conhece melhor do que eu mesmo.

Na fila para chegar à janela e pegar a comida, Declan me olha de novo.

– Não estou zoando você. Só estou tentando entender o que está dizendo.

– Estou dizendo que preni o cara com um estrangulamento e pensei em quebrar o pescoço dele.

– E daí? Sonho em fazer o mesmo com Alan pelo menos uma vez por mês. E isso sem estar imobilizando o cara.

– Não é a mesma coisa.

– É exatamente a mesma coisa, Rev. Exatamente. Você acha que é crime pensar em machucar alguém? Pode falar com qualquer um na escola e garanto que essa pessoa teve pelo menos um pensamento violento nas últimas 24 horas. Cara, a maioria provavelmente teve um pensamento violento nos últimos 24 minutos.

Suas palavras são simples, mas, para mim, exigem um pouco mais de exame. Sinto algo diferente.

– Você passa tempo demais na sua própria cabeça – ele diz, o que me deixa mudo.

Chegamos à janela e Declan paga. Nem me pede dinheiro, e tenho a sensação de que se sente culpado pelos comentários.

Não me ofereço para pagar, porque ainda estou irritado.

Dirigimos os poucos quilômetros até a escola em silêncio, mas podemos fingir que é por causa da comida. Declan estaciona em uma vaga no mesmo instante em que sua namorada sai do carro. Juliet se aproxima e espera que ele abra a porta.

– Responde sem pensar – Declan lhe diz. – Quando foi a última vez que você teve um pensamento violento envolvendo outra pessoa?

– Três segundos atrás – ela diz. – Quando vi que você parou para comprar café e não me trouxe um.

Declan entrega o dele para Juliet.

– Errou. Esse é pra você.

A expressão dela se ilumina. Juliet dá um beijo nele, depois toma um gole de café.

Mentiroso. *Acho.*

Ela lhe devolve o café e diz:

– Podemos dividir.

Fico pensando se esse era o plano de Declan. Ele sorri e aceita o café, então pega a mão dela.

Declan faz parecer tão fácil. Já estou irritado de novo.

O corredor se divide logo na entrada da escola. Normalmente eu ficaria com Declan e Juliet no refeitório até a aula começar, mas não quero continuar a conversa na frente dela. Mal quero ter essa conversa com *e/e*. Os dois pegam a esquerda e eu vou para a direita.

– Ei – Declan chama na hora.

Não me viro.

– Tenho que pegar um livro antes da aula.

Preciso de três tentativas para abrir o armário. A combinação não funciona. Meus dedos parecem grosseiros demais, agressivos demais. Não estou familiarizado com essa sensação.

Quando consigo, me dou conta de que não quero livro nenhum. Nem precisaria ter aberto o armário.

Eu o fecho. Metal bate contra metal. O som ecoa pelo corredor. Os alunos por perto viram para olhar para mim, só por um momento, antes de seguirem em frente com seu dia.

– Parece que alguém irritou a Morte.

Me viro, com uma mão firme na alça da mochila, mas quem quer que tenha falado já foi embora.

O corredor está cheio com a onda típica de alunos tentando ir para a aula, mas um cabelo castanho-avermelhado chama minha atenção. Emma. Nunca a vi neste corredor antes – porém talvez só não estivesse procurando. Seu cabelo está solto e brilhante, mas seus olhos estão escuros e têm marcas profundas sob eles. Sua pele parece pálida, fazendo as sardas se destacarem como se fossem desenhadas.

Penso no que aconteceu com Matthew e tenho o desejo súbito de me esconder dentro do armário.

Meu olhar volta a suas olheiras. Aconteceu alguma coisa.

Me coloco em seu caminho.

– Emma.

Ela levanta o rosto, surpresa.

– Ah – sua voz sai como se atravessasse a neblina. – Oi.

– Tudo bem? – pergunto. – Você parece... – Gaguejo.

Emma assente.

Então sua face se contrai.

E ela afunda o rosto no meu moletom.

Mal sei como reagir. Ficaria menos surpreso se *Declan* fizesse isso comigo.

– Emma. – Abaixo a cabeça e falo quase em um sussurro. – O que aconteceu?

Ela treme contra o meu corpo. Os alunos continuam a passar por nós, mas eu os ignoro. Minhas mãos encontram seus ombros, e me pergunto se isso é um problema. Por outro lado, não posso evitar.

Daí, de uma vez só, ela se afasta e limpa as bochechas. Minhas mãos de repente estão vazias. Tem uns trinta centímetros de distância entre nós.

– Sou tão idiota. – Sua voz sai carregada de emoção. – Por favor, finja que isso não aconteceu.

– Emma...

– Estou bem.

– Não está, não.

Ela usa a manga para secar os olhos.

– Você foi a primeira pessoa a falar comigo, e eu não estava pronta. – Seus olhos estão focados no meu peito. – Deixei uma marca no seu moletom.

Como se eu me importasse.

– Foi Pesadelo? – pergunto. – Você recebeu outro e-mail?

– Seria melhor. – Sua voz falha. – Se tivesse sido ele.

Então Emma volta a chorar.

O primeiro sinal toca. Temos três minutos para chegar à sala.

Eu *nunca* me atrasei para a aula.

No momento, nem ligo. Pego a mão dela.

– Vem.

Ao virar a esquina, nós nos deparamos com Declan e Juliet, em frente ao armário dele. Os dois conversam sério, em voz baixa. Ela me vê primeiro, e eu observo quando seus olhos vão para a garota claramente perturbada cuja mão eu seguro.

Ela dá um tapinha em Declan e aponta com a cabeça na minha direção.

– Maravilha – Emma murmura. Ela enxuga os olhos de novo e quase se esconde atrás de mim.

– Tudo bem – eu digo.

Juliet procura alguma coisa na mochila, então se aproxima com um pacote de lenços de papel.

– Aqui – ela diz, oferecendo a Emma. – Você tá bem?

Emma funga e pisca, surpresa.

– Ah. Obrigada.

Ela pega alguns lençinhos e tenta devolver o pacote, mas Juliet se recusa a aceitar.

– Pode ficar. Tenho um monte.

Declan dá uma olhada no relógio no fim do corredor. Ele não se importa com a aula – não muito –, mas sabe que eu deveria estar do outro lado da escola neste momento.

– O que tá rolando?

– Pode me emprestar a chave do carro?

– Claro. – Ele a pega no bolso da frente da mochila e joga para mim. – Tudo bem?

O corredor já está esvaziando. Se vamos sair da escola, temos que fazer isso agora, antes que nos notem.

– Tudo. Obrigado.

Conduzo Emma até a saída.

Ela não resiste. Nem quando atravesso a porta e a levo para a chuva.

– Você não liga de matar aula, né? – pergunto.

– Na verdade, não ligo pra mais nada.

A porta bate atrás de nós. Estamos sozinhos no estacionamento dos estudantes, mas sei que não vai durar. Sempre tem os atrasadinhos. A chuva mantém todo mundo no coberto, de modo que conseguimos entrar no carro de Declan sem sermos vistos.

Emma senta-se no banco da frente e larga a mochila no chão.

– Não é o que eu estava esperando. É um carro antigo ou coisa do tipo?

– É. Um Charger. O maior orgulho do cara. Ele mesmo montou.

E me entregou a chave, como se não fosse nada.

Minha culpa cresce. Declan nunca guardaria um segredo desses de mim.

– Como seu amigo se chama?

– Declan.

Viro a chave na ignição e ligo o aquecedor. A chuva trouxe consigo o frio. Nossa respiração embaça o vidro.

– E aquela garota... é namorada dele?

– É. A Juliet.

Emma pega outro lençinho do pacote, então baixa o para-sol. Provavelmente esperava um espelhinho, mas não tem. Ela o fecha e liga a câmera de selfie do celular, para poder se ver. Faz uma careta para o reflexo e desliga o aparelho.

– Você disse que eles se conheceram trocando cartas?

– Mais ou menos. – Parece uma tentativa deliberada de evitar o assunto que a levou a chorar no meu moletom, mas por mim tudo bem. – Dec se meteu em encrenca no ano passado. Ele teve que fazer serviço comunitário num cemitério. Juliet escrevia cartas para a mãe, que morreu, e Dec começou a deixar algumas para ela.

Ela se vira para mim, com os olhos arregalados.

– Tipo, como se fosse a mãe?

– Não! Não, nada do tipo. Só... escrevia dizendo que também sabia o que era perder alguém. – Hesito. – A irmã dele morreu quando Dec tinha 13. O pai estava bêbado e bateu o carro.

– Nossa. – Emma aperta o lençinho na mão e olha através do para-brisa. – Sempre que estou sentindo pena de mim mesma me dou conta de que alguém tem problemas maiores. E então me sinto uma cretina. – Outra lágrima corre por sua bochecha. – Daí fico magoada, e me sinto uma cretina ainda maior por ficar magoada.

– A vida não é uma competição.

– Meus pais vão se divorciar. Não estão *mortos*. Nem se compara.

Balanço a cabeça. Depois de todas as lágrimas, ela solta a bomba assim, como se não fosse nada.

– Eles o quê?

– Vão se divorciar. Não quero falar a respeito.

– Espera. O que...

– Acabei de dizer que não quero falar a respeito.

Não parece o tipo de coisa que deveríamos deixar pairando entre nós.

– Você descobriu isso hoje?

– Sábado à noite.

– Sábado à noite. – O ar escapa dos meus pulmões. Tenho que desviar o rosto. – Depois?

– Depois que você me mandou embora? É. Depois.

A precisão de suas palavras me atinge. Está todo mundo irritado comigo hoje.

– Eu não... não quis expulsar você nem nada.

– Você não me disse que seus pais eram negros.

O comentário me faz pausar. É quase impossível concluir qualquer coisa a partir de seu tom de voz, com todas as emoções envolvidas. Não sei se isso é uma acusação ou só um comentário.

Embora a adoção tenha me acalmado por dentro, às vezes sinto que teve o efeito oposto por fora. Antes, eu morava com Geoff e Kristin em um sistema de acolhimento familiar. Eu era uma criança confiada a eles pelo Estado. Adoção significava ter sido escolhido.

Lembro-me de uma noite em que eu estava fazendo lição de casa e Geoff e Kristin receberam um casal de amigos para jantar. Meus pais mencionaram que estavam animados por seguir em frente com a adoção. Provavelmente ninguém supunha que eu estava ouvindo – mas talvez soubessem. Só que ouvir aquelas palavras, saber que eles me queriam... foi um momento impactante.

O amigo deles então disse:

– Não tem nenhuma criança negra esperando para ser adotada?

Isso também foi impactante.

Eles não sabem que eu ouvi. Me lembro da resposta: eu era uma criança, e todas as crianças importavam. Era uma criança que precisava deles, que precisava deles *naquele mesmo instante*. Mas as palavras deles se enterraram em mim. Na hora, tive muita vergonha para tocar no assunto. Estava preocupado demais para falar sobre aquilo, como se talvez o comentário tivesse sido um

lembrete necessário, e a adoção pudesse não continuar.

Contudo continuou. Eles nunca mais receberam aquele casal.

Tenho certeza de que aquele homem não foi o único que estranhou nossa família.

A porta da escola se abre. Uma mulher sai, correndo na chuva com um livro sobre a cabeça.

Uma leve onda de medo surge no meu peito. Nunca matei aula.

Ao mesmo tempo, tem um canto escuro no meu cérebro que está intrigado com o que vai acontecer se eu for pego.

– Não podemos ficar aqui – digo. – Tudo bem se eu der uma volta?

Ela coloca o cinto de segurança, e eu tomo isso como uma resposta.

– Sabe dirigir carro com câmbio manual?

– Sei.

Piso na embreagem e dou a partida. Oficialmente, foi Geoff quem me ensinou a dirigir, só que eu passei muito mais horas atrás do volante com Dec. Sempre fiquei com medo de estragar a embreagem ou atropelar uma caixa de correio, mas ele era surpreendentemente tranquilo com o carro. Pelo menos comigo.

Pegamos a avenida, os limpadores vão de um lado para o outro no vidro.

– Não quis ofender – ela diz. – Com a pergunta.

– Não ofendeu. – Faço uma pausa. – Só que não foi uma pergunta.

– Quando sua mãe abriu a porta, achei que estivesse na casa errada.

Quase me desculpo, mas fico pensando se seria apropriado.

– Nunca sei como tocar no assunto.

A voz dela assume um tom de cuidado:

– Você podia ter mencionado quando me contou que era adotado.

Fico feliz por estar dirigindo e que a via sinuosa exija grande parte da minha atenção. Não sei como essa conversa se transformou em algo sobre *mim*, já que começou com ela chorando, mas não me parece justo.

– Não penso a respeito. Só quando as pessoas descobrem e insistem nisso.

Um silêncio de choque toma conta do carro, então percebo o que eu disse.

– É por isso que você usa moletom? – ela pergunta. – Por que é branco?

– Não. – Olho para ela, surpreso. Ninguém nunca me perguntou isso. Nunca passou pela minha cabeça. Me pergunto se outras pessoas pensam o mesmo. – Não tenho vergonha porque a cor da minha pele é diferente da deles.

O esforço mental que ela faz provavelmente poderia virar o carro.

– É um assunto delicado pra você?

Por seu tom de voz, não consigo saber se está me julgando ou condenando.

– Não. – Nunca fui mais grato por um dia de chuva numa estrada que exige tamanha atenção. – É só que sempre tenho esse papo. Quando eu era criança e saía com Geoff, as pessoas sempre vinham me perguntar se eu estava bem. Meu pai, meu pai *biológico*, me torturava todos os dias, mas todo mundo achava que ele era o melhor pai do mundo. Ninguém nem o questionava, *nunca*. Geoff é o cara mais bondoso do mundo, e as pessoas nos paravam no mercado para perguntar se eu estava bem. Como se *ele* pudesse me machucar.

Emma me encara.

– Desculpa. Não sei o que dizer.

– Não precisa pedir desculpa. Não é você. É todo mundo.

– E o outro garoto, com quem você brigou? Quem é ele?

Toda vez que me lembro, meus ombros ficam tensos.

– Matthew. Ele veio pelo sistema de acolhimento familiar. Só está com a gente há alguns dias.

– Então... o que ele...

– Para. – Olho para Emma. A conversa toda está sendo sobre mim, e eu já estava no limite esta manhã. – Fico feliz em servir de distração, se é disso que precisa, mas era você quem estava chorando no meio do corredor.

Seus olhos se arregalam de surpresa, então ela os volta para a janela. Uma óbvia recusa a falar.

– Se não queria conversar, por que entrou no carro?

Emma se vira para me encarar.

– Tá. Você sabe algum versículo reconfortante sobre o divórcio?

Suas palavras são como uma arma, empunhada com destreza. Nem consigo responder.

Ela fica quieta. Nem parece se dar conta do impacto do que disse sobre mim.

Dirigimos em silêncio por quilômetros. A mágoa e a vergonha pairam sobre nós, até que a raiva se torna a única outra presença no carro.

– O que quer que eu faça? – finalmente pergunto.

– Não quero falar sobre meus pais.

Olho para Emma. Ela continua encarando a janela. Está de braços cruzados.

Já me sinto excluído por todo mundo na minha vida, mas isso parece calculado. Conte para Emma sobre os e-mails do meu pai. Me senti seguro com ela.

Achei que se sentisse segura comigo.

Tento deixar para lá, mas fracasso. Meus maxilares se apertam.

– O que quis dizer foi: devo continuar dirigindo?

– Me leva de volta pra escola – ela diz.

– Ok.

– Ok.

A chuva cessa quando entro no estacionamento. Temos que parar longe, porque mais alunos chegaram, ocupando todas as vagas.

Emma sai do carro e vai para a porta da frente da escola.

Vou para a entrada lateral.

Não a impeço. Ela não me impede.

Seguimos caminhos separados.

E, de alguma forma, parece que estou carregando ainda mais coisas que antes.

VINTE E TRÊS

Emma

Meus dedos estão tremendo quando entro na segunda aula. Por algum motivo, achei que a escola poderia ter entrado em contato com a polícia e mandado uma equipe de busca. Entre o carro e a porta da frente, inventei toda uma história sobre ter perdido a hora e esquecido um trabalho em casa, o que teria me levado às lágrimas no corredor e à oferta de um veterano bondoso – Rev – de me dar uma carona para que eu pudesse pegar aquilo de que precisava.

Desnecessário. Aparentemente, ninguém notou. Ou ninguém ligou.

Matar aula claramente é muito mais fácil do que eu imaginava. Eu deveria fazer isso com mais frequência.

Nem Cait dá bola. Quando me sento à minha carteira na aula de história dos Estados Unidos, ela está fazendo desenhos com uma caneta por cima do esmalte. Sua maquiagem é impressionante, com brilhantes ao longo das pálpebras e batom vibrante. Completamente deslocada na escola, mas isso nunca a impediu.

Cait mal me olha, e fala com a voz tranquila:

– Oi. Não te vi mais cedo.

A culpa é toda minha, mas, neste momento, suas palavras só agravam a raiva e a incerteza que parecem fazer pressão sobre minha caixa torácica.

Ignoro o comentário.

– Você tem uma metálica?

O tom da minha voz deve ter chamado sua atenção, porque ela levanta os olhos.

– Oi?

– Uma caneta metálica. Uma tem, você? – pergunto, no melhor estilo Yoda.

Estou tentando me livrar da irritação e da tensão que a volta com Rev criou, mas as palavras saem estranhas e hostis.

Cait levanta as sobrancelhas e me passa uma caneta.

Ela parece querer conversar, então abaixo o rosto e começo a desenhar um Dalek, do *Doctor Who*, na unha do dedão esquerdo.

O sr. Maron entra cantarolando, então joga um livro sobre a mesa. Nem me dou ao trabalho de olhar. Não vale a pena. Ele também é técnico de cross-country. Vive secando as meninas e fazendo comentários do tipo: “Belas pernas. Você deveria correr”. E se safá. O cara é nojento. E não tenho a mínima ideia de por que alguém faria cross-country.

Caso eu não esteja sendo clara: odeio esta classe e este professor.

– Matei a primeira aula – digo a Cait, mantendo a voz baixa.

– Desculpa, o que você disse? – ela sussurra de volta.

– MATEI A PRIMEIRA AULA.

Chamo a atenção de pelo menos outros seis alunos. Todos devem ter ouvido exatamente o que eu disse.

Ou só entenderam o “matei” e devem estar bem curiosos agora.

De fato, Cait me olha como se eu tivesse confessado assassinato.

– De que jeito?

– Saí pra dar uma volta com um amigo.

– Que amigo? Quem você conhece que tem carro?

– Rev Fletcher.

O queixo dela cai tanto que bate na mesa.

Não literalmente. Mas tipo isso.

O sr. Maron vira de frente para a sala, de modo que precisamos fingir que estamos prestando atenção.

Você sabe algum versículo reconfortante sobre o divórcio?

O peso esmagador no meu estômago não vai embora. Sou uma pessoa horrorosa.

E o pior de tudo é que fico pensando que soei exatamente como a minha mãe.

Sinto a vibração do celular contra a perna, mas preciso esperar um minuto antes de tirá-lo do bolso.

Fico torcendo por uma mensagem de Rev, mas daria no mesmo que esperar unicórnios voando pela janela. Uma mensagem do meu pai também seria bem-vinda – mas até parece!

É Ethan.

Pelo menos não é Pesadelo. Ele não dá sinal de vida desde que surtei. Talvez fosse tudo o que eu precisava fazer: perder completamente o controle.

Ethan: Como estão as coisas?

Emma: Normal. Gritei com uma pessoa e tô me sentindo uma cretina.

Ethan: Tudo bem. Se for sua amiga, vai entender.

Amigo. Quase corrijo Ethan, mas... não o faço. Não tenho muita certeza do motivo.

Também não tenho muita certeza do que está rolando com Rev, mas não é como se tivéssemos algo real.

Depois do que eu disse no carro, talvez nem tenhamos mais nada.

Emma: Tô superconfusa.

Ethan: Seus pais continuam brigando?

Emma: Não. Meu pai tá ficando na casa de um colega de trabalho. E eu tô evitando minha mãe.

Ethan: Você tem sorte. Meus pais não tinham para onde ir, então

moraram na mesma casa até tudo estar resolvido. Ele ficava no quarto de hóspedes. Às vezes me acordava e pedia para eu dizer alguma coisa pra minha mãe.

Fico olhando para a mensagem e imagino meus pais chegando ao ponto de me usar como pombo-correio.

Acho que minha mãe gostaria da ideia.

A constatação só me deixa com mais vontade de sair de casa.

– Emma?

Enfio o celular no bolso. O sr. Maron está me encarando. A classe inteira está me encarando.

Cait diz algo em meio a um pigarro, que não consigo entender.

Provavelmente está me dando a resposta que o professor espera, mas, a menos que essa resposta seja um sussurro truncado, estou sem sorte.

– Desculpa – digo, simpática. – Pode repetir a pergunta?

– Alguma coisa está exigindo sua atenção?

– Não. – Tusso de leve. – Sinto muito.

– Então me diga qual é o propósito geral da Declaração de Independência.

QUE BOM QUE É ASSIM FÁCIL.

– Declarar nossa independência da Inglaterra.

– E por que os colonos queriam independência?

Minha mente parece vazia. Por que o chá estava muito caro? Eles não jogaram tudo na baía de Boston?

É um milagre que eu saiba meu próprio nome neste momento. Minhas bochechas vão ficando cada vez mais quentes. Não consigo nem chutar uma resposta.

Como no carro, a vergonha começa a se transformar em outras emoções, menos estáveis.

O sr. Maron só fica ali, deixando o silêncio se prolongar, até que

fica óbvio para todo mundo na sala – na escola inteira, provavelmente – que eu não estava prestando atenção e ele me pegou. Minha mãe ficaria tão orgulhosa!

A autopiedade de hoje de manhã ameaça assumir de novo.

Se eu começar a chorar na frente da classe inteira, vou ter que me jogar da janela. Imagino meu corpo explodindo ao impacto com o concreto. Penso no faxineiro murmurando, com um esfregão na mão: “Malditas crianças”.

Deixo uma risadinha escapar.

O sr. Maron tem um derrame. Ou coisa do tipo. Os olhos dele saltam das órbitas.

– Você acha isso engraçado, Emma?

Fico séria.

– Não. Não tem graça nenhuma.

– Você tem uma resposta? Ou já desperdiçou tempo suficiente de todos?

Foi ele quem deixou o silêncio se prolongar para sempre, mas não vou ganhar pontos positivos se disser isso. Balanço a cabeça, ainda que não consiga me esquecer da imagem do corpo destruído no chão. Não sei qual é o meu problema.

– Não. – Tusso. – Não, senhor. Desculpe. Não vai acontecer de novo.

E não deveria ter dito “senhor”. Soou como sarcasmo.

Bom, e foi. Mas achei que tivesse disfarçado melhor.

Seus olhos arregalados se estreitam.

– Passe na minha mesa depois da aula.

Então ele se vira para a lousa, ficando de costas para a classe.

Eu deveria estar em pânico. Ansiosa. Chateada.

Não sinto nada disso. Me sinto entorpecida.

– Você tá bem? – Cait sussurra.

– Ah, sim. Tô ótima. Não me deixa sozinha com ele, tá?

– Quer que eu espere aqui com você?

– Quero.

Meu celular continua vibrando sobre a minha coxa. Mais mensagens de Ethan.

Ethan: Eu tinha que ficar me lembrando de que logo tudo ia acabar. E sobrevivi.

Ethan: Falei alguma coisa errada?

Ethan: Não quis parecer intrometido.

Desbloqueio o celular na hora.

Emma: Imagina. É que o professor me pegou com o celular.

Ethan: Droga. Desculpa.

Emma: Tudo bem. Nem ligo. Não ligo pra nada.

Há uma longa pausa.

Ethan: Liga, sim.

Emma: No momento, não.

É mentira.

Mas, se eu pensar muito a respeito, o faxineiro vai acabar tendo que limpar a sujeira do impacto do meu corpo.

Ethan: Emma. Você está mentindo.

É claro que ele sabe. Sinto um nó na garganta. Levo as mãos aos olhos.

– Emma. – Cait se inclina na minha direção e coloca a mão no meu braço. – Você tá bem?

Droga. Estou chorando.

Pego minha mochila e saio correndo.

O banheiro feminino fica a poucos passos, e sei que o sr. Maron não vai poder entrar lá. O lugar é pequeno, tem duas cabines apenas, e o cheiro de alvejante me faz perder o ar, mas está vazio, então posso ficar sozinha.

Me sento no chão. Meus ombros tremem com a força dos meus soluços. Eu não deveria ter vindo à escola hoje.

Depois de um tempo, Cait irrompe pela porta do banheiro. Ela se ajoelha ao meu lado, apesar do chão nojento.

– Em... Você tá bem?

– Não. – Enxugo os olhos e pisco. – Você não vai se encrencar por ter vindo atrás de mim?

– Não. – Ela sorri, um pouco forçado. – Quando você gritou “Matei a primeira aula”, de alguma maneira Ryanne Hardesty ouviu você dizendo “Acabei de ficar menstruada”. O sr. Maron acha que você sofreu um acidente. Tenho certeza de que agora todo mundo vai culpar a TPM por tudo.

Pena que não tem uma janela no banheiro de onde eu possa me jogar.

– Isso é tão humilhante.

– Vou pegar papel pra você.

– Tudo bem. Tenho lenço.

Pego o pacotinho que Juliet me deu do bolso da frente da mochila. Tenho que enxugar minhas bochechas sensíveis com cuidado.

Cait me avalia.

– Sei que tem algo acontecendo. – Ela suspira. – O que aconteceu esse fim de semana?

Solto um ruído de escárnio.

– Tudo.

– Por que não me ligou?

– Porque achei que fosse estar ocupada com sua mãe. Fazendo vídeos, panquecas ou algo do tipo.

O rosto dela se contorce, e sei que sente uma mistura de irritação e compreensão.

– Tenho certeza de que eu poderia ter feito uma pausa pra atender o telefone.

Esse parece ser meu talento. Quando alguém é legal, quando alguém tenta falar comigo, viro uma cretina. Quero me fechar em mim mesma e me esconder, mas não tenho para onde ir.

– Emma. – A voz de Cait sai baixa. – Por favor, fala comigo.

Abro a boca para contar sobre o divórcio, mas as palavras não saem. A vida de Cait é tão fácil. Ela daria um tapinha na minha mão e diria: “Coitadinha!”.

Não quero ser uma coitadinha. Já me sinto uma inútil na minha própria casa. Não quero que sintam pena de mim.

– Meus pais só estão brigando muito – digo.

Cait senta-se ao meu lado.

– Sinto muito, Em. – Ela titubeia. – Você devia ter ido pra minha casa.

– É, talvez você pudesse ter feito uma transformação total em mim.

Seco os olhos.

Ela fica tensa, então abre um zíper da mochila e pega um chocolate.

– Isso faria você se sentir melhor?

– Não. – Reviro os olhos. – Não tô de TPM.

Queria que tudo pudesse ser resolvido com uma barra de chocolate e analgésicos.

Ela me estuda.

– Sinto que tem mais coisa aí. O que está rolando com Rev

Fletcher?

– Nada. Estraguei tudo.

– Emma...

– Meu Deus, Cait. O que foi? Vai escrever sobre isso?

Ela senta-se sobre os calcanhares.

– Não sei o que tá acontecendo, mas só tô tentando ajudar.

Olho para minhas unhas.

– Esquece, Cait. Sua vida é perfeita. Você não tem ideia do que estou passando.

Ela fica quieta, por mais tempo agora. Quando fala, sua voz sai baixa:

– Minha vida não é perfeita.

Desdenho:

– É quase.

– Acha mesmo? – Pela primeira vez, sua voz é cortante. – Acha que é perfeito ter uma melhor amiga que pensa que algo tão importante pra você é uma perda de tempo?

– Quê?

– E que tal eu ter passado meses jogando um negócio só porque era importante pra *você*, mas, quando decido fazer alguma coisa eu mesma, só recebo cutucadas?

Me eriço toda.

– Cait, não sei o que você...

– Você vive reclamando de como sua mãe não respeita suas escolhas, só que me trata do mesmo jeito.

É como um soco na cara.

– Não é verdade!

– É, sim!

– Cait, é só maquiagem!

Ela se levanta depressa.

– É, Emma. E é só um jogo idiota. – Cait joga a mochila no ombro.

– Acho que preciso ir pra minha aula perfeita.

Fico olhando para o chão enquanto ela sai. Espero me sentir inocentada ou justificada. Não me sinto.

Afastei o primeiro garoto de quem gosto e minha melhor amiga.
Boa, Emma.

Não trato Cait como ela disse. Nunca tive problema com a maquiagem.

Talvez você pudesse ter feito uma transformação total em mim.

Ela está certa. Lágrimas se acumulam nos meus olhos.

Tiro o celular do bolso. Ethan não mandou mais mensagens. Leio a última de novo.

Emma. Você está mentindo.

Emma: Acabei de brigar com minha melhor amiga.

Ethan: :(

Emma: Não estou numa boa semana.

Ethan: Vai parecer clichê dizer que uma hora melhora?

Emma: Vai.

Ethan: Você se sentiria melhor se eu te lembrasse de que é foda mesmo fora do OutraTERRA?

Sorrio, mas não parece sincero.

Emma: Sentiria.

Estou mesmo mentindo para ele.

Não me sinto nem um pouco melhor.

VINTE E QUATRO

Rev

O tempo combina com meu humor. Uma cortina de água cai, atingindo as janelas do refeitório e mantendo todo mundo aqui dentro. As luzes fluorescentes me dão dor de cabeça. Kristin me mandou almoço demais, como sempre: sanduíches de pão pita com bastante carne e queijo, uvas e um pote de salada de grãos.

Não quero comer. Empurro tudo na direção de Declan.

Ele começa a abrir as embalagens.

– Não achei que você fosse voltar.

Dou de ombros. Não quero falar sobre Emma.

As palavras dela doem mais do que deveriam.

Ou talvez doam tanto quanto era sua intenção.

O refeitório está cheio. Todos os alunos almoçam no mesmo horário, o que é uma grande maluquice. Juliet está aproveitando o tempo livre para trabalhar no laboratório fotográfico, mas o lugar está tão cheio que temos que dividir a mesa com outras pessoas. Não conheço os caras do outro lado. Eles parecem felizes em nos ignorar, então retribuímos o favor.

Declan empurra metade do sanduíche para mim.

– Não consigo comer tudo.

Tenho certeza de que consegue.

– Tanto faz.

Não costumo responder desse jeito. Ele levanta as sobrancelhas.

– Emma não é como eu esperava.

– Tá.

– Imagino que não queira falar dela.

– Imaginou certo.

– Por que ela estava chorando?

Eu o encaro do outro lado da mesa.

– Quê? – Ele retribui meu olhar enquanto leva uma garfada de salada de feijão à boca. – Prefere falar sobre Matthew?

– Dec.

– Prefere ficar aqui em silêncio?

– Prefiro.

Ele fica quieto. Comendo.

Volto os olhos para a superfície da mesa. Minhas emoções são como uma bolinha de pingue-pongue, sendo jogada de um lado para o outro, colidindo com pensamentos aleatórios. Emma e a maneira como se agarrou a mim no corredor, chorando, então me afastou. Meu pai e a maneira como prometeu que não esperaria para sempre, levando-me a pensar no que isso significa. Matthew, que ainda não fala comigo e está em algum lugar nesta escola, fazendo sei lá o quê.

A decepção, o medo e a culpa emaranham-se em meus pensamentos.

Por outro lado, sinto certa satisfação perversa. Certa agressividade. Matei aula. E me safei.

Nunca fiz nada do tipo. Uma beligerância pouco familiar se instalou na minha cabeça.

– Acha que Matthew está tendo um dia ruim? – Declan pergunta.

Isso afasta os pensamentos.

– Quê?

Ele aponta com a cabeça para uma mesa a alguns passos, onde Matthew se encontra. Não tem nada na frente dele, ainda que eu tenha certeza de que Kristin mandou alguma coisa. Ele está sem mochila. Seu rosto parece vermelho e seus maxilares, apertados. Tem dois garotos ao lado dele. Não consigo ouvir o que dizem, mas nada na situação parece amistoso. Tem outras pessoas na mesa,

sem fazer nada. Só olhando.

Um dos garotos dá um peteleco na lateral da cabeça dele.

Levanto do banco sem nem pensar. Devo estar visivelmente tenso, porque outros alunos abrem caminho e atraio todos os olhares.

Me aproximo dos garotos, colocando-me entre eles e Matthew. São mais novos. Não os conheço.

– O que tá acontecendo?

O maior deles, aquele que deu o peteleco, me dispensa com um olhar.

– Não é da sua conta. Você é o namorado dele, por acaso? – Ele passa por mim para dar outro peteleco em Matthew. – Já disse pra você se levantar.

Não percebo que vou dar um soco nele até que Declan segura meu braço e o cara já está meio que se defendendo.

– O que você tá fazendo? – Declan diz baixo.

Não sei.

De verdade, não sei o que estou fazendo. Minha mente gira.

Meus músculos estão tensos, e não quero brigar com Declan. As palavras saem por entre os dentes:

– Me solta.

– Rev. – Ele parece incrédulo. Não o culpo. No passado, desempenhamos papéis inversos. – Cara. Se começar uma briga, vai ser suspenso.

Sinto vergonha e raiva. Pareço um animal enjaulado.

– Eu disse pra me soltar – falo em um grunhido.

Ele hesita. Eu me liberto sozinho.

– O que está acontecendo aqui?

É a sra. James quem fala, professora de saúde, que monitora o refeitório no horário do almoço. Ela é alta, imponente e não se deixa enrolar.

– Nada – digo.

– A gente só queria comer, aí esse cara veio e começou a pegar no nosso pé – o outro garoto diz.

A sra. James olha para mim.

– É verdade?

– Esses dois é que estavam pegando no pé *dele*.

Aponto com a cabeça para Matthew.

Ela olha para ele.

– É verdade?

Matthew não diz nada. Mantém os olhos na mesa. Suas bochechas estão vermelhas.

Estamos no meio do refeitório e somos o centro das atenções.

– Acho que é melhor cada um ir para um canto – a sra. James diz.

Isso vai resolver as coisas por exatos trinta segundos.

– Não vou deixar Matthew sozinho – falo.

O cara do peteleco desdenha.

– Rá! Eu sabia! Neil sabe?

Neil?

– Quem é Neil? – pergunto.

O rosto de Matthew se contrai. Ele se levanta de uma vez, pegando a mochila que estava em baixo do banco. Praticamente sai correndo.

– Já chega! – grita a sra. James. – Vocês dois: fora daqui!

Eles obedecem, rindo no caminho para a fila da comida.

Me viro para seguir Matthew.

A sra. James entra na minha frente.

– Não. Vai para o outro lado.

Do outro lado do refeitório, Matthew sai pelas portas duplas. Contorno a professora.

– Ei! – Ela bloqueia meu caminho de novo. – Eu mandei ir dar uma volta. Vai esfriar a cabeça.

– Rev. – Declan empurra meu ombro de leve. – Anda. Deixa pra lá.

Não quero deixar pra lá. Sou como uma mola contraída, só esperando o momento de liberar toda a energia acumulada. O mundo parece repleto de eletricidade.

Ela é alta, só que eu sou mais. Poderia forçar passagem sem muito problema. Dou um passo à frente.

Ela dá um passo atrás e levanta a mão.

– Ou você obedece ou vou chamar o segurança – avisa.

Nenhum professor ameaçou chamar o segurança por minha causa antes.

É viciante. Ultrapassei um limite que eu nem sabia que existia. Parte de mim quer saber até onde posso ir.

– Declan. – Quem o chama é outra professora, a sra. Hillard. Ela dá aula de inglês avançado para ele. Tem uma bandeja nas mãos e está a uma mesa próxima. – O que está acontecendo?

– Rev está pirando.

A voz dele é seca. Declan não está brincando.

Ela deixa a bandeja e dá a volta na mesa.

– Vamos, garotos. Por que não levam a comida para a minha sala? Podemos conversar lá.

Declan não se mexe. Seus olhos continuam em mim.

– Rev?

– Tá.

Me viro. Quando ninguém diz nada para me impedir, volto para a mesa e pego minha mochila. Afundo o capuz na cabeça, para bloquear um pouco mais da luz do refeitório. Não faz diferença. Não preciso ver os olhos dos outros alunos para saber que estão em mim. O refeitório inteiro parece se encher de sussurros. Na minha cabeça, não são só sobre o que aconteceu agora. São sobre meu pai.

Mandei você responder.

Não vou esperar para sempre.

Uma ameaça. Uma promessa. Há punição em caso de falha.

A tensão agarra forte meu pescoço. Minha garganta.

Parece que minha cabeça vai explodir.

Sinto uma mão pegando meu braço. Vejo tudo vermelho. Eu giro.
Meu braço voa. Faço contato.

Declan vai ao chão.

Eu recuo.

Meu coração é um rugido em meus ouvidos. Não consigo falar.
Não consigo pensar.

Bati no meu melhor amigo. Bati no meu melhor amigo. *Bati no meu melhor amigo.*

Eles chamam o segurança.

* * *

Um responsável tem que vir me buscar.

O que significa que preciso esperar.

Provavelmente vai ser Kristin, já que ela trabalha de casa, mas estou sentado na secretaria já faz uma hora. A chuva castiga as vidraças. Pessoas entraram e saíram, cuidando de suas coisas, enquanto mantenho a cabeça abaixada, coberta pelo capuz. Minha mão dói, mas não quero pedir gelo.

Declan está bem.

Entretanto, não sei se nossa amizade está.

Quando eu era mais novo e não passava num teste, meu pai me fazia esperar, como agora, enquanto eu pensava em como podia voltar às suas boas graças. Seria de se imaginar que a violência era a pior parte, mas não era.

Isto era. A espera.

O sr. Diviglio, o vice-diretor, me disse que, como foi o primeiro problema que tive, só não vou poder assistir às aulas pelo resto do

dia. Geoff e Kristin vão receber uma notificação. Vou ter que assistir a uma palestra sobre resolução pacífica de conflitos.

Parece brincadeira. Eu nem bati nos caras que mereciam. Bati *no meu melhor amigo*.

Penso nos momentos que antecederam. Era quase como se meus pensamentos não fossem meus. Não consigo recriar meu estado mental. Nem sei por que perdi o controle.

Uma parte de mim queria que tivessem chamado a polícia, para que eu fosse trancafiado em uma cela, longe do celular, do meu pai e de toda a situação que formou um nó no meu cérebro.

Recebo um alerta de e-mail.

Meu estômago se contorce. Não consigo me obrigar a tirar o celular da mochila. Nenhuma mensagem seria boa agora.

– Rev?

Levanto a cabeça. Geoff está aqui. Fico esperando que pareça bravo, mas não é o caso. Só parece confuso.

O que é pior ainda.

Não tenho ideia do que dizer. Pedir desculpas? Explicar? Parece que raízes prendem meus pés ao chão.

– Você está liberado – ele diz. – Vamos.

Nunca fui de desafiar, mas enquanto me levanto e jogo a mochila no ombro, me pergunto o que aconteceria se eu passasse por ele, saísse da escola e seguisse em frente.

Não faço isso.

Geoff continua em silêncio ao entrarmos no carro. A chuva molha tudo. Fechamos as portas e o automóvel se transforma em uma jaula; o cinto de segurança, em amarras.

Outro alerta do celular. Minha respiração fica rasa e acelerada. Eu o deixo na mochila.

– Você e Declan brigaram? – Geoff pergunta.

– Não.

– Quer me contar por que bateu nele?

Engulo em seco e cutuco a costura no couro da porta. Meus olhos focam no friso metálico ao longo da janela.

– Foi um acidente.

– Um acidente?

Assinto. Não quero me aprofundar no assunto.

– O sr. Diviglio disse que você se envolveu em algum tipo de confusão com outros alunos. Quer me contar o que foi?

A dúvida ainda colore suas palavras. Ele parece estar tentando decidir se deve ser severo ou compreensivo.

Eu entendo. Nunca tivemos uma conversa assim antes. Nunca me envolvi em nenhum tipo de “confusão”. Nunca nem fui para a detenção.

Dou de ombros.

– Uns garotos estavam mexendo com Matthew. Tentei fazer com que parassem.

Há uma pausa.

– Mexendo como?

– Não sei direito. Só estavam... mexendo com ele.

As mãos dele se firmam no volante.

– Devo fazer o retorno e voltar para a escola?

– Por quê?

– Se você foi suspenso porque estava tentando *defender* Matthew, preciso ter uma conversinha com o vice-diretor...

– Eles me suspenderam porque dei um soco no Dec. Matthew está bem.

Quando digo isso, me dou conta de que nem sei se é verdade.

Você é o namorado dele, por acaso?

Neil sabe?

– Declan estava mexendo com Matthew? – Geoff pergunta.

– Claro que não.

Ele suspira.

– Tá. Então por que você deu um soco nele?

Porque a violência está nos meus genes. Porque minha cabeça é uma confusão. Porque sou uma ameaça a todo mundo à minha volta. Uma bomba-relógio em contagem regressiva.

Declan sofreu o impacto da primeira explosão.

Vou destruir o estofado de tanto cutucá-lo.

– Tem algo errado com você – Geoff diz. – Acho que precisa começar a falar a respeito.

Viramos na rua de casa. Não digo nada.

– Rev. – Ele decidiu ser severo. – Responda.

Fico tenso. Meu pai me escreveu a mesma coisa. *Responda.*

Não respondo.

– Rev. – Geoff vira o rosto para mim, mas eu me recuso a olhá-lo. Ele raramente levanta a voz, mas, quando o faz, é sério. – Responda. Agora.

Não respondo. Como eu disse, essa atitude desafiadora é viciante. Mas não de um jeito bom.

Entramos na garagem, e eu deixo o carro antes que Geoff o coloque em ponto morto. Kristin saiu com o carro dela. A chuva me castiga, como no sábado à noite.

Irrompo pela porta da frente, fechando-a atrás de mim.

Geoff a segura, o tempo todo no meu encalço. Está em ótima forma, mas eu também.

– Para, Rev. Vamos ter que falar sobre isso.

Não se eu conseguir evitar. Tento bater a porta do quarto no rosto dele.

Geoff a segura. Ele a abre. E entra.

Me volto para ele:

– Me deixa em paz.

– Não.

– Me deixa em paz! – repito, com toda a hostilidade.

Ele não recua.

– Não.

Minhas mãos se fecham em punhos.

– Me deixa em paz!

Agora estou gritando.

Ele fala ainda mais baixo:

– Não.

– Me deixa em paz!

Eu o empurro, e sou forte o bastante para que dê um passo atrás, mas ele não se move além.

– Não. – Sua voz é muito tranquila. – Não, Rev.

– Vai embora. – Eu o empurro de novo, mais forte dessa vez. – Vai embora. – Minha voz falha. Estou arfando como se tivesse corrido um quilômetro e meio. – Não quero você aqui. Não quero você aqui.

– Mas vou ficar.

– Cai fora! – Eu o empurro de novo. Ele está contra a parede agora. – Não quero você aqui! Cai fora!

– Não.

Ponho minhas mãos em seu peito. Estou agarrando sua camisa. O medo e a raiva guardados dentro de mim começam a ser liberados, e eu nem consigo pensar direito. Não tenho certeza do que pretendo fazer. Cada músculo do meu corpo está rígido, preparado para lutar.

Geoff pega minhas mãos. Não para se defender. Ele só as coloca sobre as minhas.

– Está tudo bem – ele diz, tranquilo. Sua voz é baixa, calma e segura. – Está tudo bem, Rev.

Respiro tão forte que acho que posso estar hiperventilando. Forço meus dedos a relaxar. Meus braços tremem.

– Desculpa. – Minha voz falha. Estou chorando. – Sinto muito.
Geoff não me solta.

– Está tudo bem.

Então me desfaço, caindo em seus braços.

Ele me pega. E me segura.

Porque não é Geoff. É meu pai.

VINTE E CINCO

Rev

Geoff faz queijo quente.

Não, *meu pai* faz queijo quente. Ele passa manteiga nos dois lados do pão, que chia ao tocar a frigideira. Tem quatro fatias de queijo em cada sanduíche. Os ruídos produzidos pela manteiga no calor se misturam ao padrão da chuva batendo contra a porta de vidro. É o único barulho na casa, mas é um barulho gostoso.

Minha mãe deve estar em uma reunião com um cliente do outro lado da cidade, caso contrário, estaria aqui lembrando meu pai de seu colesterol alto.

Ou estaria sentada aqui comigo, segurando minha mão.

Estou jogado em uma cadeira, com os olhos úmidos. Meu pai não me pressionou mais para responder, mas a dinâmica mudou. Não me sinto sozinho. Não tenho que me esconder.

Ele pede que eu pegue refrigerante e pratos para a gente, com a voz gentil e constante. Como se fosse um dia qualquer.

Obedeço. Então ele senta-se ao meu lado.

De repente, parece que meu pai colocou um cobertor de expectativa sobre meus ombros. Levo as mãos à barriga.

– Ei. – Ele sacode meu ombro de leve. – Vamos superar. Está bem? O que quer que seja.

Assinto, prendendo o ar até que meus pulmões estejam gritando por oxigênio. Só inalo um tantinho de ar.

Meu pai nem tocou no queijo quente.

– Isso não tem nada a ver com Matthew, tem?

Balanço a cabeça devagar, em negativa.

– Coma seu sanduíche, Rev.

Pigarreio. Minha voz sai baixa e rouca, mas não falha.

– Preciso te mostrar uma coisa.

– Está bem.

A carta do meu pai está debaixo do meu colchão desde a última quinta. Não é o esconderijo mais criativo, mas sou eu quem faço a cama, e nunca dei motivos para meus pais revistarem meu quarto.

Não tenho mais medo de entregá-la a ele. O que quer que tenha acontecido no quarto soltou os fios de tensão que vinham me segurando nos últimos dias.

O envelope parece frágil, prestes a se desfazer, com cinzas se desprendendo das bordas queimadas. Eu o deixo diante do meu pai, sem cerimônia, e volto a me jogar na cadeira.

Cruzo os braços. Não quero ver seu rosto enquanto lê.

Não. É mentira. Tenho que ver. Meus olhos se fixam no seu rosto. Prendo o ar.

Ele coloca os óculos de leitura, então tira a carta do envelope com todo o cuidado.

Sua expressão congela na hora. Meu pai me olha por cima da armação.

– Onde conseguiu isso?

– Chegou com o correio.

– Quando?

– Quinta.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Quinta!

Pulo de susto. Meu pai volta a olhar para a carta. Ele a lê de novo. Seus olhos procuram os meus.

– Quando encontrei você no jardim. Chateado.

Minha respiração fica rasa de novo. Meus joelhos ficam inquietos sob a mesa. Assinto, de maneira quase imperceptível.

Ele tira os óculos de leitura e os coloca sobre a mesa.

– Rev. – Sua voz é séria. – Eu disse algo que te fez pensar que não podia me contar?

Não era o que eu esperava que ele perguntasse.

– Não. – Minha boca fica seca, e tenho que limpar a garganta de novo. – Eu não... não sabia o que fazer.

– Esta é a única carta?

Assinto.

– A única *carta*, sim.

– O que você quer dizer? – Ele volta a colocar os óculos para vasculhar o texto. – O que mais?

Esfrego as palmas contra os joelhos.

– Mandei um e-mail. E ele tem me escrito.

Geoff parece incrédulo.

– Você está conversando com ele?

Desvio o rosto.

– Desculpa. – Meus olhos ardem. Esfrego o rosto. – Desculpa. Não queria chatear você. Sei que errei.

– Rev. – Meu pai puxa a cadeira para mais perto de mim, então coloca a mão sobre a minha. – Você não fez nada de errado. Eu só... só queria ter sabido...

Meu rosto se contorce.

– Eu sei. Desculpa.

– Não. Não é isso que eu quero dizer. Eu queria ter sabido antes para poder te ajudar.

Ele é muito tranquilo em relação à coisa toda. Espero uma onda de atividade. Ligações para os advogados ou para a polícia, por algum motivo. Ando tão ansioso com a possibilidade de meu pai biológico aparecer na porta da frente, armado com um crucifixo e uma espingarda, que sentar e conversar com alguém permite que eu inspire fundo pela primeira vez em dias.

– Eu só... achei... – Tenho que me forçar a respirar devagar para

conseguir falar como um ser humano normal. – Parecia uma traição a vocês. Falar com ele.

– Não é uma traição, Rev. Não quero que se machuque, mas você não me traiu ao falar com seu pai. Nem traiu sua mãe. Não importa o que aconteça, amamos você. *Tudo* em você.

Suas palavras me aquecem por dentro, mas eu só torço o nariz e afasto o cabelo do rosto.

– Mesmo quando tô gritando para que saia do meu quarto?

– Mesmo. Todos empurramos às vezes, só para garantir que tenha alguém do outro lado, empurrando de volta.

Isso me faz pensar em Emma e em suas palavras agressivas no carro. Tenho que afastar essa imagem da cabeça antes de falar.

– E se eu empurrar forte demais?

– Isso não é possível.

As palavras deveriam me reconfortar, porém a ansiedade ainda circula dentro do meu peito.

– Acho que quase fiz isso.

– Ah, Rev. – Ele me puxa para um abraço, então beija a lateral da minha cabeça. – Nem de perto.

* * *

Comemos os sanduíches. Limpo a cozinha enquanto Geoff lê os e-mails no meu celular. Ele faz anotações num bloquinho.

– Você mandou alguma coisa para ele além daquela primeira mensagem? – pergunta, com a voz analítica agora.

– Não.

De novo, meu pai me olha por cima da armação dos óculos.

– Você quer mandar?

Responda.

Dou de ombros e viro o rosto.

– Quer que ele pare de escrever? – meu pai pergunta.

Quero. Não quero. Não sei.

Fico imóvel, apoiado na pia. Não consigo me mexer.

– Isso é importante – meu pai diz. – O que preciso saber é se devo entrar com uma medida restritiva.

– Isso significa que ele seria proibido de entrar em contato comigo, certo?

– Certo.

– Pois ele ainda não era? Por que será que esperou tanto tempo pra fazer isso?

É um alívio poder falar com alguém a respeito. Alguém que tenha respostas. Alguém que possa me dizer o que fazer. Não tinha me dado conta de como precisava de apoio até agora. Minha vontade é de simplesmente me entregar ao chão.

– Mais ou menos. Os direitos de pai dele foram revogados. Então não podia entrar em contato com você enquanto fosse menor de idade.

– Como acha que ele me encontrou?

– Não sei, mas pretendo perguntar ao advogado. – Ele suspira. – Quer que eu siga em frente com a medida restritiva?

– Acho... acho que seria pior. Saber que ele está lá fora, mas sem saber...

Não consigo terminar. Engulo em seco.

Meu pai tira os óculos de leitura.

– Posso dizer o que penso?

– Pode.

Meus dedos se contraem na bancada atrás de mim.

– Você tem 18 anos. Pode tomar suas próprias decisões. Sua mãe e eu vamos lhe dar todo o apoio de que precisa. – Ele para. – Mas essas mensagens não parecem boas, Rev. Não se trata de um cara que se reabilitou e está querendo consertar as coisas. Estamos falando de um homem perturbado que torturou você durante anos.

As palavras fazem com que eu me encolha, ainda que só um

pouco.

– Às vezes... – Minha voz sai muito baixa, e não consigo falar nem um pouco mais alto que seja. – Fico imaginando se não é um teste. Se tudo não é um teste.

– Um teste divino?

Geoff sempre foi muito aberto a discutir religião. Ele gosta do debate teológico. Meus pais não são religiosos, mas Geoff considera o conceito fascinante. Quando eu era pequeno, Kristin me levou à igreja mais próxima, porque achava que eu a acharia reconfortante e familiar. Contudo, entrar naquele lugar me lembrou demais do meu pai. Fiquei sentado bem perto dela no banco, tremendo.

Tentei voltar outras vezes, só que não deu certo.

– Isso – digo. – Um teste divino.

– Todos temos livre-arbítrio, Rev. Se é um teste para você, é um teste para mim, para sua mãe e até para o seu pai. Ele está escolhendo mandar essas mensagens. Você pode olhar para a vida toda como um teste. Ninguém vive no vácuo. Nossas ações têm impacto em todo mundo à nossa volta. Às vezes sem que a gente se dê conta.

De novo, isso me faz pensar em Emma. Ela estava bem mal esta manhã.

E Matthew. Aconteceu alguma coisa no almoço. Não sei se ajudei ou se só piorei tudo.

E Declan. Quando peguei o celular para mostrar as mensagens do meu pai, vi que me mandou uma mensagem.

Não cliquei nela. Sou um covarde.

– Um teste implica em você estar sendo desafiado por si só – meu pai continua. – Isso é impossível quando se está cercado por outras pessoas, cujas ações afetam suas decisões. E você realmente acredita que existe um Deus que escolhe pessoas específicas e coloca desafios no caminho delas? Com base em quê?

Não sei bem como responder.

Ele se inclina na cadeira.

– Às vezes eventos são iniciados a tamanha distância que fica quase impossível fazer a ligação até bem depois do fato em si. E, nesse caso, onde estava o teste? No começo? No meio? Em todo o processo? E então voltamos a pensar que a vida toda é um teste. E talvez seja. Mas se alguém é criado com um sistema de crenças diferente, pode ser julgado pelo nosso? Como esse teste poderia ser justo? Só podemos fazer o melhor com o que nos foi dado.

– Eu sei.

– Sabe? Porque eu me pergunto se há uma parte de você que ainda busca a aprovação do seu pai, mesmo depois de todos esses anos. Me pergunto se a esteve procurando esse tempo todo, considerando que praticamente decorou a Bíblia. Me pergunto se não foi a curiosidade que fez com que mandasse um e-mail, e sim um senso de obrigação. Me pergunto se é mais fácil pensar que Deus está testando você a admitir que seu pai realmente te machucou, Rev. Se tem algum teste aqui, foi você quem o criou para si mesmo.

Sua voz é tão gentil, tão bondosa. Meus dedos agarram a bancada com tanta força que tenho medo de quebrar o granito.

– Qual é o teste?

Mas eu já sei.

– Você quer seu pai na sua vida?

Minha voz é um sussurro:

– Não sei.

– Acho que sabe, sim, Rev.

Ouçõ passos nos degraus da varanda dos fundos, e dou uma olhada no relógio do micro-ondas. Os armários bloqueiam a visão da porta de correr, mas estamos no meio da tarde. Matthew deve estar de volta da escola.

Ele poderia ter fugido. Entretanto não o fez.

Meu pai se levanta para abrir a porta. Matthew passa por ele sem dizer uma palavra. Nem olha para mim. Só atravessa a cozinha no caminho para o quarto.

Imagino que o resto do dia tampouco tenha corrido bem.

Então ouço mais passos vindos da varanda.

É Declan. Sei que é.

A vergonha se ilumina dentro de mim. Queria poder me esconder no quarto também.

Ele entra na cozinha como um furacão. Me viro para a pia, antes de me dar conta do que estou fazendo e me forçar a olhá-lo nos olhos.

– Oi, Declan – meu pai cumprimenta, como se nada tivesse acontecido e esta fosse uma tarde qualquer.

– Oi.

Dec passa por ele e pela fileira de armários para me encarar. Sua expressão é feroz. Seu maxilar está inchado e roxo. Devo ter acertado em cheio.

Meu rosto se contorce. Não tenho a menor ideia do que dizer.

– Quer dar o troco? Você pode, se quiser.

– Não, não quero dar o troco, seu idiota. Te mandei tipo umas trinta mensagens. Você está bem?

Ergo as sobrancelhas.

– Está perguntando se *eu* estou bem?

– Isso.

É como quando eu me dei conta de que meu pai não ia me deixar expulsá-lo do quarto. Só quero me entregar ao chão.

– Não – eu digo. – Não estou.

– Então vem.

Não me mexo. Minha mente gira.

– Aonde?

– Lá embaixo. Pega suas luvas. Se precisa dar uns socos, vamos encontrar um alvo melhor que o meu rosto.

VINTE E SEIS

Emma

Meus pais estão discutindo o acordo de separação na cozinha.

Estou no sofá, vendo um filme velho na Netflix, ouvindo-os brigar por coisas como quem paga uma parcela maior pelo carro e quanto cada um deve pagar por comida. Nenhum deles me disse nada desde que voltei da escola. Estão trancados numa bolha que eles mesmos criaram.

Queria poder me trancar numa bolha no meu quarto, mas não suporto a ideia de não saber o que estão negociando.

Quando terminarem, serei só mais um item na lista.

Não posso fazer isso. Não consigo ficar aqui.

Assovio e pego a coleira.

A chuva diminuiu para uma leve garoa. Tornou-se um hábito ir na direção da igreja, e Taxy vira no fim da minha rua automaticamente.

Fico torcendo para que Rev esteja lá, esperando por mim.

É, até parece. Não marcamos de nos encontrar e, depois do modo como eu o tratei naquele carro, não posso imaginar que vá querer mais.

Ainda assim mantenho as esperanças.

Almocei na biblioteca, debruçada sobre o computador. Evitando Cait. Evitando Rev. Evitando a vida. Queria matar mais uma aula, mas, sem carro, não tinha como sair da escola depressa, além de não querer andar na chuva.

Então entrei no Battle Realms e joguei com Ethan. Tinha um aviso bem claro sobre cada monitor dizendo PROIBIDO JOGAR DURANTE O HORÁRIO DE AULA, mas uma parte do meu cérebro estava muito

disposta a ignorá-lo.

Os bancos da igreja estão vazios. O gramado em volta do prédio também.

Claro. Não vai ter nenhum encontro de comédia romântica esta noite.

Deixo Texy fazer o que precisa e então assovio. Ela obedece na hora, apagando qualquer esperança restante de que Rev esteja em algum lugar lhe dando nuggets, fora do meu campo de visão.

Sou ridícula.

Você sabe algum versículo reconfortante sobre o divórcio?

Eu não podia ter perdido a paciência assim. Fico pensando se minha mãe gostaria que eu dissesse que herdei sua tendência a fazer comentários afiados, e não seu comprometimento com a medicina.

Talvez eu deva ir até a casa de Rev me desculpar.

Antes que eu perceba, já estou fazendo exatamente isso. Vai ser fácil encontrar o lugar. A luz brilha em todas as janelas, fazendo com que pareça um farol em meio à nevoa e à garoa. Seus pais parecem legais.

Então sei que não vou bater à porta. Não posso encarar uma família normal. Não agora. Não com toda a confusão que me espera em casa. É o mesmo motivo pelo qual não posso ir à casa de Cait.

Meu celular apita.

Ethan.

Ethan: Como estão indo as coisas? Não te vi on-line.

Talvez seja um sinal.

Sigo na direção contrária, voltando para a igreja, digitando.

Emma: Estou passeando com a cachorra porque eles estão brigando por causa do acordo de separação.

Ethan: Sério?

Emma: Quando saí, eles estavam discutindo pra ver quem tinha pago o que pra comprar a casa. Acho.

Ethan: Ih...

Emma: Nem me fala.

Ethan: É um saco ter que passear com a cachorra toda noite?

Emma: Não, nem me importo. Minha mãe diz que é o único jeito de me tirar do computador. Gosto do sossego. E sempre trago o celular.

Ethan: Qual é o nome da cachorra?

Emma: Texas.

Ethan: Me manda uma foto.

Abro a câmera e estalo a língua para chamar Texas, que me olha por cima do ombro, levantando as orelhas. Tiro uma foto e mando para Ethan.

Ethan: Ela é bonita.

Emma: Obrigada. É muito boazinha.

Ethan: Queria ter um cachorro. Acho que ajudaria ter alguém ao meu lado.

Emma: Texas é ótima nisso.

Mordo o lábio e escrevo outra mensagem em seguida.

Emma: Você se sente sozinho?

Ethan: O que acha?

Fico olhando para a tela. Antes que consiga pensar em uma resposta, ele me escreve.

Ethan: Desculpa. Não quis ser um babaca.

Emma: Tudo bem. Você não foi.

Ele não escreve mais.

Ótimo. Arruinei outra amizade sem nem tentar.

Então recebo uma longa mensagem.

Ethan: Sim. Eu me sinto sozinho. Passei um ano trancado no quarto. Fico on-line a noite toda. Só tenho conversas de verdade no jogo. Durante o dia, todo mundo me ignora. Não é culpa deles, eu também ignoro eles. Isso não ajuda a minha popularidade, claro.

Não sei o que dizer. Tem algo de incrivelmente triste nessa confissão.

Fico pensando se deveria agradecer à minha mãe por me forçar a sair de casa todos os dias.

Ethan: Desculpa. Falei demais.

Emma: Não, eu que peço desculpa. Tem algo que eu possa fazer?

Ethan: Me empresta sua cachorra?

Ele me manda um emoji sorrindo de óculos escuros.

Emma: Hahaha, claro!

Ethan: Vou cobrar.

Então ele manda outro sorriso.

Ethan: Acho que você não mandaria uma foto sua, né?

Emma: Pra quê?

Ethan: Fico curioso. Fico te imaginando como Azure M, e sei que não deve ser assim.

Emma: Também penso em você como o cara do OutraTERRA.

Há uma longa pausa, então recebo uma foto.

Está granulada e escura, mas é ele. É ELE. Ethan tem cabelo loiro e curto. Olhos claros. Rosto estreito e ombros largos. A luz do computador reflete em seu rosto, fazendo com que as cores fiquem estouradas, mas dá para notar que tem um sorriso bonito. Tímido, mas bonito. Bochechas suaves.

E, graças a Deus, está totalmente vestido. Bom, a parte superior de seu corpo está. É tudo o que consigo ver. Até onde sei, pode estar pelado da cintura para baixo.

POR QUE ESTOU PENSANDO NISSO?

Ele está com a mão para cima, na postura exata de aceno do seu personagem no jogo. Isso me faz sorrir.

Recebo uma mensagem em seguida.

Ethan: Não acredito que mandei isso. Acho que vou ter um infarto.

Meu coração amolece.

Emma: Não morre antes de eu retribuir. Espera aí.

Seguro o celular à minha frente e tiro uma foto.

Tá, tiro sete. O flash me deixa branca em todas. Acabo optando por uma em que não pareço tão boba e mando.

Ethan: Você parece mesmo com a Azure M.

Emma: Não pareço.

Ethan: Parece.

Emma: Azure M não usa óculos.

Ethan: Talvez essa seja sua identidade secreta.

Sorriso.

Emma: Você meio que parece o Ethan.

Ethan: Ainda bem, porque eu sou o Ethan.

Emma: Você sabe o que quero dizer.

Ethan: Eu sei.

Emma: Muito prazer, Ethan.

Ethan: Muito prazer, Emma.

Emma: Que bom que você me escreveu. Estava mesmo precisando de uma distração.

Ethan: Também achei bom te escrever.

Emma: Posso ir pra casa e entrar no OutraTERRA, se quiser jogar.

Ethan: Ótimo!

Emma: Te vejo em dez.

Estalo a língua para Taxy.

– Vamos!

Ela me puxa para a direção da igreja, a direção de Rev, a direção de tudo em que não quero pensar.

Eu a puxo para a direção oposta e vamos para casa.

VINTE E SETE

Rev

Eu já achava que estava exausto antes.

Agora estou todo suado e meus músculos parecem gelatina.

Fizemos um intervalo para o jantar – que foi silencioso e desconfortável, com Kristin tentando puxar conversa, Matthew ignorando tudo o que diziam e Declan fazendo piada sobre precisar comer de canudinho depois do que fiz com ele.

Agora estamos de volta ao porão. Toda vez que paro para respirar, Declan pergunta:

– Já chega?

Então minha mente se enche de pensamentos relacionados ao meu pai, Emma e toda essa confusão em que me meti, e desfiro outro soco.

Já passa das 20h agora. Eu me afasto do saco de pancada, arfando. Declan me joga uma garrafa de água, e eu quase a viro de uma vez só. Mesmo com as luvas, meus nós dos dedos estão sensíveis. Meus ombros tremem por causa do esforço excessivo.

– Chega? – Declan diz.

Quero dizer não, mas minha cabeça confirma.

Ele solta o saco e se joga sobre uma bola de ioga no canto.

Arrasto o banco de levantar peso e o encosto na parede do espelho, então tiro as luvas.

Declan parece tranquilo. Não tem nenhuma tensão no ar.

Mesmo assim, é difícil olhar para ele.

– Você tá bravo porque não te contei?

– Não. – Ele faz uma pausa para pensar. – Você ia me contar na sexta à noite, não ia?

Há um leve arrependimento em sua voz. Dou de ombros.

– E aí eu comecei a divagar – ele continua.

– Tudo bem – digo.

Declan se apoia na parede e olha para o teto.

– Já que estamos falando dos nossos pais, também tenho um segredo.

Isso chama minha atenção. Eu me endireito, recostando-me no espelho.

– É mesmo?

– Vou visitar o meu.

Declan nunca visitou o pai no presídio. A mãe dele tampouco.

– Sério?

– Sério. – Declan hesita. – Não consegui contar pra minha mãe. – Outra pausa. – Mas já vi tudo. Ele pode receber visitas durante a semana. Posso ir depois da escola. Ela e Alan estão tão focados no bebê chegando que acho que nem vão notar.

Declan já pensou em tudo.

Estive tão envolvido em meu próprio drama que nem por um momento considerei o que estava acontecendo na vida dele.

– Quer companhia? – pergunto.

– Não precisa.

Não sei bem o que dizer, então ficamos em silêncio. Meus pais estão assistindo a algum filme de super-herói lá em cima, coisa que eles não costumam fazer. Fico imaginando se não é uma tentativa de atrair Matthew para fora do quarto.

Declan interrompe o silêncio:

– Quero companhia, sim.

Eu sabia disso há quatro minutos, mas é um alívio ouvir. Significa que estamos bem.

– Quando você quer ir?

– Amanhã?

Faço que sim com a cabeça.

– Fechou.

Identifico um movimento de canto de olho e fico paralisado. É como na outra noite, quando achei que estava sendo vigiado.

Mas *não é* como na outra noite. Os demônios na minha mente estão sob controle. Ou talvez tenham sido domados pelas pessoas nesta casa.

Olho para Declan.

– Acho que Matthew está aqui embaixo – sussurro, tão baixo que quase nem sai som.

Declan não é tão discreto.

– Onde?

Olho para o canto onde o porão se transforma em escuridão e uma porta leva à lavanderia e a um banheiro.

Declan desce da bola de ioga e vai até lá.

– Matthew?

Não vejo como pode acabar bem. Me levanto do banco e vou até lá, para impedir o que quer que esteja prestes a acontecer.

Mas Declan só aponta para o lugar onde estávamos sentados.

– Se quer ficar aqui no porão com a gente, é só chegar.

Por um momento, a expectativa paira no ar.

Então Matthew sai da escuridão. Ele é bom em se esconder, porque não o vi descendo. Volto a me sentar no banco.

Declan arrasta um divã do canto oposto e o deixa ao lado de Matthew.

– Aqui. Pode sentar.

Então volta para a bola de ioga.

Matthew olha para mim, depois para Declan, e eu acho que ele vai subir a escada correndo.

Ele não faz isso. Só se senta no divã.

Isso *com toda a certeza* parece um teste.

– Você não pode ficar escondido nas sombras, como um maluco – Declan diz. – O Rev se assusta.

– Valeu – digo.

– O que foi? É verdade.

É mesmo, não tenho como negar. Gosto de como Declan simplesmente diz como as coisas são. Sento no banco, mais tranquilo. Ele resolveu o problema.

Acho que passo mesmo tempo demais dentro da minha própria cabeça.

– E não se aproxima do cara sem que ele saiba. – Declan passa a mão na mandíbula. – Rev é capaz de bater como um...

– Dec.

Reviro os olhos.

– Mas fico feliz que tenha me acertado. Acha que aqueles babacas vão encher o saco do Matt depois de ver o que você é capaz de fazer?

– Cara. Cala a boca.

– Tô falando sério. – Ele olha para Matthew. – É só esperar. Você disse que eles não disseram nada durante a tarde. Garanto que não vão nem te olhar mais.

– Quando conversaram sobre isso? – pergunto.

– Ele me contou quando na volta.

– Quê?

Declan me olha como se eu fosse incapaz de seguir uma conversa tão simples como essa, o que meio que é verdade.

– De que outra maneira a gente teria chegado aqui no mesmo horário?

– Não tinha pensado a respeito.

Mais uma vez fico impressionado com a habilidade de Declan de fazer algo do tipo. Queria ter o que quer que ele tenha que lhe confere tamanha confiança. Quando conversamos à mesa, Matthew

insistiu em pegar o ônibus. Declan leva um soco na cara e dá uma carona para o garoto no primeiro dia.

Declan olha para Matthew, que ainda não disse nada.

– Mas falar em “conversa” já é um pouco demais.

Matthew dá de ombros.

– Por que eles estavam te enchendo? – pergunto.

Ele dá de ombros de novo, mas desta vez é menos convincente. Sabe o motivo.

– Vocês já se conheciam? – pergunto.

Ele não responde.

– Deu essa impressão – Declan diz.

Matthew disse que já estudou na Hamilton. Será que esteve metido em encrenca na época? Imagino se meus pais sabem, ou se existe algo como privacidade estudantil ou coisa do tipo, que impediria o sr. Diviglio de contar.

– Quem é Neil? – pergunto.

Uma espécie de fúria congelada toma conta do rosto de Matthew.

– Ninguém.

– Não parece.

– Já disse: ninguém.

– Tá bom, tá bom. – O tom de Declan é quase preguiçoso, mas tranquiliza um pouco as coisas. – Não é ninguém. – Ele faz uma pausa. – Esse *ninguém* estuda na Hamilton?

Não acho que Matthew vá responder, mas ele responde:

– Não mais.

Não conheço ninguém com esse nome, mas isso não significa nada. Tem mais de dois mil alunos na escola, com gente de toda a cidade. Só no último ano somos mais de seiscentos. Não sei nem o nome de todo mundo da minha turma, quanto mais do restante.

– Ele era seu namorado? – pergunto com todo o cuidado.

– Não. – A voz de Matthew sai tensa. – Não sou gay.

– Tudo bem se você for – digo. – Meus pais não ligam. Eu não ligo.

– Eu não ligo – diz Declan.

A expressão de Matthew é feroz.

– Nem eu. Mas não sou.

Não tenho ideia se está dizendo a verdade, mas não vou insistir. Dou de ombros.

– Tá bom.

– Declan? – Kristin chama de lá de cima. – Sua mãe quer saber se você vai para casa logo mais. Ela precisa de ajuda para mudar uns móveis de lugar.

– Já vou – ele grita de volta. Declan suspira e sai da bola de ioga, murmurando: – Isso está me matando.

– Acontece o tempo todo?

– Todo dia, Rev. Todo dia. Se tiver que mudar os móveis da sala de lugar de novo, vou ter que vir morar com vocês.

Nós dois sabemos que ele mudaria os móveis mais uma dúzia de vezes de lugar se a mãe dele pedisse. Declan vai embora.

Espero que Matthew suba atrás dele, mas não sobe.

Preciso de um banho urgente, porém é a primeira vez que ele fica voluntariamente na minha presença, e não quero desperdiçar isso.

Uma calma se instala à nossa volta, quebrada apenas pelo som de explosões na televisão lá em cima.

– Eu não sabia – ele diz, finalmente. – Que tinha te assustado.

– É um problema meu. Não seu.

Matthew balança a cabeça e olha em volta.

– Esqueço que somos todos zoados.

– Quem somos?

– Garotos sem pais. – Ele faz uma pausa. – Declan me contou sobre... sobre o que aconteceu com você.

Me remexo, passando a mão pela nuca. Sinto que deveria estar

irritado, mas não estou. O que aconteceu comigo não é segredo, e Declan é a última pessoa que faria fofoca a respeito.

Uso o mesmo tom de Matthew, constante, cuidadoso e baixo.

– Aconteceu o mesmo tipo de coisa com você? Com seu pai?

– Não. – Matthew não desvia o rosto. – Não faço ideia de quem é meu pai. E não vejo minha mãe... há uma eternidade. – Ele faz uma careta, depois passa a mão no rosto. – Nem me lembro da cara dela.

Quero dizer que sinto muito. É uma resposta automática. Ao mesmo tempo, é inútil.

– Já passei por 11 lares temporários – ele diz. – E você?

– Um. – Faço um gesto abrangendo minha casa. – Vim para cá quando tinha 7 anos. Eles me adotaram quando estava com 12.

Matthew solta um ruído de desdém, como se estivesse decepcionado.

– Você tem sorte.

Sorte. Se eu tirasse a blusa, poderíamos debater sobre minha sorte até o fim dos tempos. Mas, no geral, concordo com ele. Então assinto.

– Eu sei.

Ele fica em silêncio por um tempo. Daí levanta o rosto.

– Neil era o filho de um casal que me recebeu.

Estudo seus hematomas mais antigos e me pergunto se Neil teve alguma coisa a ver com eles.

– Na última casa?

– Não, na antes dessa. Ele foi para uma escola particular, mas costumava estudar na Hamilton. Então teve que ser transferido. Neil está no segundo ano. Aqueles caras no refeitório eram amigos dele. Por isso me conhecem.

A voz de Matthew sai inabalável, mas tudo o que sei sobre ele caberia numa caixa pequena, com espaço de sobra. Não tenho ideia

de para onde essa conversa vai.

– A família de Neil costumava trancar os quartos à noite – ele diz.
– Não se pode fazer isso, para caso de incêndio ou coisa do tipo. Mas as pessoas fazem mesmo assim. Se alguém foge de um lar temporário, a família para de receber os cheques mensais.

Me mantenho imóvel.

Matthew se encolhe, mas seu corpo está completamente rígido. Ele olha para a parede oposta.

– Costumavam me trancar no quarto com Neil. – Ele solta uma risada estrangulada. – Como eu disse, um centro de detenção teria sido melhor. Ouvei histórias sobre a prisão, e imagino que até isso seria melhor.

– Por que não contou a ninguém?

Ele me olha.

– Eu contei. Mas era minha terceira casa naquele ano, e era minha palavra contra a dele. Os caras trancavam crianças no quarto. Acha que se importavam com o que acontecia lá dentro? – Outra risada estrangulada. – Provavelmente sabiam. Ele não era silencioso.

– O que Neil fazia?

A expressão em seus olhos é brutal.

– Adivinha.

Não quero adivinhar. Não quero adivinhar.

– Quanto tempo durou?

– Uma eternidade. Não sei. Quatro meses. Então ele se meteu em encrenca na Hamilton por agredir outro aluno, e o assistente social finalmente me levou a sério. Neil foi transferido pra outra escola. Eu fui transferido pra outra casa.

Minha respiração está rasa.

– A casa de que veio agora.

– Isso. – Seus olhos brilham, mas sua voz não acusa as lágrimas.

Ele nem treme. Esse garoto aprendeu a esconder suas emoções. – Eu era a única criança em sistema de acolhimento familiar. Por, tipo, *um dia*, fiquei aliviado. Já segurou o ar por tanto tempo que parece que você não se lembra de como respirar? Me livrar de Neil foi mais ou menos assim. Mas então o cara começou a ficar amistoso demais.

– O pai?

– É. Mas não tinha nada de paternal nele. – Matthew balança a cabeça, com um desprezo quase dirigido a si mesmo. – Eu estava tão confuso. Não sabia o que viria até que ele começou a ir ao meu quarto durante a noite. No começo, ele me dizia que eu havia tido um pesadelo e que queria saber como eu estava. Então passou a acariciar minhas costas... – Ele estremece, em um movimento involuntário. – Quando finalmente foi pra cima de mim, lutei como louco. O cara conseguiu me segurar, então a mulher chegou em casa e nos encontrou, antes que pudesse fazer qualquer coisa. Ele disse que eu o ataquei. – Matthew me encara. – E agora tô aqui.

Isso explica as marcas no pescoço dele. A briga que ele “começou”.

– Matthew. Podemos contar aos meus pais. Eles vão registrar queixa. Vão...

– Não! – ele grita. Então engole em seco, mas sua voz se mantém firme. – Só contei porque... por causa do que Declan me disse. Mas não quero contar a mais ninguém. Já saí de lá. Acabou.

– Mas ele pode fazer o mesmo com outra pessoa. Você não...

– NÃO!

– Mas...

– Ele vai me achar e me matar. – Pela primeira vez, a voz dele vacila. Seus olhos brilham nas sombras do porão. – Por que peguei a faca?

– Meninos? – minha mãe chama lá de cima, então desce alguns

degraus para nos olhar. – O que está acontecendo?

Não sei o que dizer.

Matthew devolve o divã ao lugar e sobe as escadas. Minha mãe põe a mão em seu braço.

– Matthew, querido, calma. Vamos conversar...

Ele se solta e corre para o quarto. Mas não bate a porta.

Minha mãe olha para mim.

– Rev?

Ainda não sei o que dizer.

– Está tudo bem. Estamos bem.

Não está. E não estamos. Meu tom deixa isso bastante óbvio.

Ele vai me achar e me matar.

Ainda não sei o que dizer.

Como sempre, minha mãe vem em meu resgate.

– Devo ir falar com ele?

– Sim.

Ela nem hesita. Se vira e sobe as escadas.

VINTE E OITO

Emma

Meu pai afinal me convence a tomar café da manhã com ele.

Infelizmente, é terça. Tenho aula e ele precisa ir trabalhar, então marcamos às 6h.

O lugar está lotado – o que eu não esperava – e muito mais barulhento do que o de costume a esta hora da manhã. Tem uma jukebox pequena em cada mesa, e metade está ligada. Os garçons vão de um lado para o outro, servindo café e entregando pratos em alta velocidade.

Estou quase pegando no sono, desejando ter trazido óculos escuros. Essas pessoas não dormem?

Foi estranho meu pai ter ido me buscar. Fiquei sentada na entrada, esperando ver os faróis do carro se aproximando. Imagino se vai ser assim quando terminarem de discutir sobre as visitas dele.

Minha garganta se fecha, e tomo um gole de café. Está quente, e eu quase cuspo tudo na mesa.

– Cuidado – meu pai alerta. – Ela acabou de servir.

São as primeiras palavras que ele me diz desde que nos sentamos.

O café da manhã está sendo bem desconfortável. Só preciso sobreviver aos próximos noventa minutos, até que ele me deixe na escola.

Que é onde posso ficar desconfortável com Cait e Rev. E com o resto dos alunos.

Meu pai está mandando uma mensagem no celular. Não entendo por que tivemos que sair para tomar café. Preferiria ser ignorada de

pijama.

Nem acredito que estava animada para mostrar o Outra-TERRA para ele.

Recebo uma mensagem. É cedo demais para Ethan e até para Cait, então imagino que seja spam.

Não. É um tipo diferente de pesadelo.

Terça, 20 de março, 6:42

De: Pes@de1o5

Para: Azure M

É seu aniversário? Porque tenho uma surpresinha pra você.

Congelo. Não tem anexo na mensagem.

A velocidade dos meus batimentos cardíacos triplica. Não ouço falar dele há dias. Já estava nutrindo esperanças de que tivesse se cansado.

– Ficou acordada até tarde? – meu pai pergunta.

Sua voz interrompe meus pensamentos, embora ele ainda esteja olhando para o celular. Por um momento, nem tenho certeza de que está mesmo falando comigo.

Engulo em seco e me forço a focar nele.

– Fiquei – respondo. – Ando jogando com um cara novo.

– Ah, é? Alguém da escola?

– Não, a gente se conheceu no jogo mesmo.

Não consigo parar de olhar para o celular.

Que tipo de surpresinha?

Quero responder.

Mas, ao mesmo tempo, não quero.

E não posso bloqueá-lo daqui.

Não consigo parar de pensar em seu comentário sobre minha foto de perfil, em que a blusa da escola estava visível.

– Quem é ele?

Meu pai levanta os olhos por um segundo antes de retornar ao celular.

Faço um gesto indicando que aquilo não importa.

– Não o conheço pessoalmente. Só jogamos juntos às vezes.

– Você está tomando cuidado?

Pela primeira vez, presto atenção de verdade nas palavras do meu pai. Ele está preocupado com Ethan enquanto outro cara me promete uma surpresinha. Eu o encaro.

– Não sei, mandei umas nudes. Acha que pode acabar mal?

– Emma.

Quase tenho toda a sua atenção agora. Ele chega até a fazer contato visual.

– Tenho 16 anos, pai. Não sou uma idiota.

– Nunca se sabe quem está do outro lado da tela, Emma.

– Eu sei.

Estou vivendo isso na pele neste exato momento.

Eu deveria contar sobre Pesadelo. Mas não tenho vontade de compartilhar nada com ele agora. O medo, a irritação e a raiva estão se digladiando no meu estômago.

A garçonete aparece ao lado da mesa.

– Estão prontos para pedir?

– Vá em frente – meu pai diz, olhando para o celular. – Só vou tomar café.

A irritação vence a batalha.

– Você me chamou para tomar café da manhã e não vai comer nada?

Ele levanta os olhos rapidamente.

– Emma.

– Quero ovos beneditinos e bolinhos de caranguejo – digo, só para provocá-lo. É o item mais caro do cardápio.

Meu pai nem pisca.

– Certo – diz a garçonete, anotando o pedido.

Uma onda de culpa me atinge quando penso na minha mãe dizendo que vamos ter que colocar a casa à venda.

– Na verdade – digo –, acho que vou querer a panqueca pequena.

Ela risca o que tinha escrito.

– Pode deixar.

Então pega os cardápios e vai embora.

Meu pai continua no celular.

Tomo um golinho de café.

– O que tá rolando? – pergunto.

– Ah, você sabe como são essas coisas. Estamos fazendo os últimos ajustes antes de lançar.

– Você deve estar fazendo falta lá.

Meu pai solta um ruído de desdém.

– Você não tem ideia.

ELE NEM NOTA QUE ESTOU SENDO IRÔNICA.

Tomo outro gole de café. Talvez eu deva ser mais clara.

– E você aqui perdendo seu tempo comigo.

– Não é perda de tempo – ele diz, ainda escrevendo. – Posso fazer as duas coisas.

Meu rosto parece um daqueles emojis com linhas retas no lugar da boca e dos olhos.

Deixa pra lá. Pego meu próprio celular. A mensagem de Pesadelo ainda está aberta. Eu a fecho antes que volte a hiperventilar.

Além disso, qual é a pior coisa que ele pode fazer? Aparecer na escola? Não é como se ele pudesse me reconhecer com base numa foto das minhas costas. Vai ser difícil encontrar uma garota cuja marca identificadora é um rabo de cavalo escuro. E ele já mexeu com meu avatar. Não é como se eu ainda não tivesse passado por isso.

Respiro fundo. Vai ficar tudo bem.

Quero mandar uma mensagem para Cait, mas estraguei tudo com ela.

Estraguei tudo com Rev também.

Me sinto presa sozinha numa ilha.

Talvez eu pudesse escrever uma carta para Rev. Foi o que o melhor amigo dele fez antes de conhecer a namorada pessoalmente.

Abro o navegador e procuro um versículo da Bíblia sobre divórcio.

Quem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério.

Não, não essa.

Uma mulher está ligada ao marido enquanto viver. Mas se o marido morrer...

Tá, definitivamente não essa.

Assim, cada um em particular deve amar sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher deve reverenciar o marido.

De acordo com essa última, meu pai está casado com seu iPhone.

Muitos versículos tratam de sexo, nenhum deles é reconfortante.

Torço o nariz.

– O que foi? – meu pai pergunta.

– Tô lendo a Bíblia.

– O quê?

– Isso mesmo. – Eu o dispenso com um aceno, sem fazer nenhum esforço para esconder a irritação. – Volta para o seu jogo.

– Emma... – Ele não parece muito seguro quanto a como proceder.

Eu não posso ajudá-lo. Eu, pessoalmente, não tenho ideia de como proceder. Mergulhar nos eletrônicos funcionou no passado. Pelo menos, computadores fazem o que eu quero. Não levanto o olhar.

Não entendo *de jeito nenhum* como Rev consegue encontrar conforto neste negócio. Sinceramente, estou cansada de ler que duas pessoas casadas só podem se separar se alguém morrer.

Mudo minha busca para encontrar versículos sobre perdão.

Agora todos falam sobre pedir perdão a Deus. Não é o que eu quero.

O mais triste é que eu provavelmente poderia ir até Rev e perguntar: "Tem um bom versículo para pedir perdão a alguém? Estou precisando".

Na verdade, seria um bom jeito de começar um pedido de desculpas, agora que estou pensando no assunto.

Não. Pode parecer que estou tirando uma com a cara dele.

Preciso continuar procurando.

A garçonete volta à mesa com um prato de panquecas. A manteiga vem derretida, o que é ótimo. Despejo ela toda, então coloco litros de calda.

– Você quer conversar – meu pai diz – ou vai ficar com a cara enfiada no celular o tempo todo?

Solto o celular na mesa com força.

– Você tá brincando? Só pode.

Chamo a atenção de todo mundo à nossa volta.

– M&M – meu pai diz, baixo. – Não entendo por que você está sendo tão...

– O que você não entende? – solto. – Não entende por que estou chateada? Que tal o fato de que tive que acordar às 5h para tomar café com você e...

– Sinto muito se é um sofrimento tão grande.

Seus olhos brilham.

– ... e você nem tira os olhos do celular pra conversar comigo. E daí, quando uso o *meu* celular porque estou entediada e você nem vai comer...

– Tenho um *emprego*, Emma.

– ... você pega no meu pé por não te dar atenção, quando foi exatamente o que fez desde que me buscou em casa.

– Em primeiro lugar – ele diz, pontuando as palavras enquanto bate o dedo na mesa –, não estou à toa no celular. Você sabe que é um momento tenso pra mim, sem considerar tudo o mais que está acontecendo. Em segundo lugar...

Bufo.

– Então talvez você não devesse ter pedido o divórcio.

– ... quis que você tomasse café comigo porque estava com saudade, e acho que não mereço esse tipo de comportamento da sua parte.

– Você tem razão – digo com toda a doçura; minha voz cheia de sarcasmo. – Você não merece nada disso. Talvez eu deva ir lá pra fora com uma taça de vinho enquanto você revira os olhos com uma garrafa de cerveja pra que essa seja considerada uma discussão adulta.

– Quê? – ele indaga. – O que você quer de mim, Emma?

Atenção.

Quase digo isso. O peso da palavra está aqui, na minha boca, como algo que eu tivesse que cuspir para poder respirar.

Tenho toda a atenção da minha mãe, mas não a quero.

Não recebo nenhuma atenção do meu pai, por mais que a deseje.

Como os dois podem ser tão cegos?

– Nada – sussurro. A adaga da vergonha entra um pouco mais fundo. Pigarreio. – Acho que é melhor você me levar pra casa.

Ele suspira.

– Emma.

– Não quero ficar aqui. Preciso ir pra casa.

– Come as panquecas. Podemos falar sobre a escola ou qualquer coisa que ande jogando...

– Quero ir pra casa. – Afasto o prato. – Só isso.

– Você está sendo ridícula – ele solta. – Não sei o que sua mãe anda te falando, mas não quero saber de você se comportando

assim todas as vezes que nos encontrarmos.

O nó na minha garganta se aperta.

– Ela não anda me falando nada. – Saio do banco. – Não precisa se preocupar.

O celular do meu pai toca, e ele dá uma olhada na tela.

– Para. Emma, para. Quero falar sobre isso. – Ele nem espera por uma resposta para atender o celular. – Oi, Doug. Me dá trinta segundos, tá?

Trinta segundos. Meu pai acha que vamos resolver isso em trinta segundos.

– Pode atender – digo, jogando a mochila no ombro.

– Aonde você vai?

– Preciso de ar. Vou lá fora enquanto você fala.

Por algum motivo, espero que encerre a ligação e venha atrás de mim. O que não acontece. Eu o ouço falando:

– Valeu, Doug. É que eu estava com a minha filha...

É hilário. Do jeito que ele fala, parece que Doug interrompeu um momento agradável em família.

Encontro um lugar para me sentar em um banco em frente ao restaurante. O vento cortante atinge minhas orelhas, mas a chuva finalmente parou. Os carros voam na avenida. Posso ver meu pai pela janela, falando sem parar.

Queria poder ir embora. Tem um ponto de ônibus mais para a frente. Eu me pergunto se tenho coragem de correr e subir em um qualquer, então ficar rodando para sempre.

Não, não tenho.

E eu precisaria de fôlego para isso.

Sem aviso, lágrimas se formam nos meus olhos. Nunca me senti tão sozinha.

Ligo para Cait.

A mãe dela atende.

– Alô?

Fungo, tentando esconder as lágrimas na minha voz.

– Oi, sra. Cameron. Aqui é a Emma. A Cait já acordou?

– Ela está no banho. É cedo ainda, querida.

– Eu sei. – Fungo de novo, e é como se meus olhos se recusassem a continuar lutando. Começo a chorar de vez. – Desculpa. Desculpa. Pode dizer a ela que a gente se vê na escola?

– Emma? O que foi?

A voz dela é tão calorosa. É tão diferente dos meus pais, que só me criticam.

– Nada. – Minha voz falha. – Não é nada.

– Ah, querida. Você está chorando. Não pode ser nada. Está tudo bem?

– Não. – As emoções dentro de mim lutam para se liberar. Meus soluços tornam quase impossível falar. – Meus pais vão se divorciar.

O motor de um caminhão ganha vida em algum lugar aqui perto.

– Sinto muito, Emma. Onde você está?

– Do lado de fora da lanchonete. Ia tomar café com meu pai, mas ele está ocupado demais para isso.

– Ah, Emma. Quer que eu vá te buscar?

– Quero – digo. – Por favor.

– Chego em dez minutos. Não saia daí, está bem?

Passo todo esse tempo retorcendo as mãos e me perguntando se deveria ligar para ela e dizer para não vir. Imaginando o que vou dizer a Cait quando olhar para ela.

Imagino também se meu pai vai notar a passagem do tempo ou que estou sentada aqui fora chorando.

Ele não nota.

Quando vejo a minivan marrom brilhante da sra. Cameron chegando, mando uma mensagem para o meu pai.

Emma: Não quero me atrasar pra escola. Vou pegar uma carona

com a Cait.

Talvez isso chame sua atenção.

Meu pai olha para o celular e depois para a janela, no exato momento em que o carro para à minha frente.

Então faz sinal de positivo. A porcaria de um sinal de positivo.

Me viro para o carro. Cait está abrindo a porta.

– Desculpa – digo, e irrompo em lágrimas *de novo*. – Cait, eu sinto muito...

Ela chega mais perto e me envolve em um abraço.

– Ah, Emma. Você devia ter me contado.

– Vamos, meninas – diz a sra. Cameron. – Tenho que levar os meninos para a escola.

Entramos no carro. Fechamos a porta.

E eu me lembro de como é ser querida.

VINTE E NOVE

Rev

Rev,

“Pois eu mesmo conheço minhas transgressões, e meu pecado está sempre diante de mim.” (Salmos 51,3)

Em outras palavras: desculpa.

Emma

O bilhete foi enfiado no meu armário. Eu o encontro antes do almoço, quando vou trocar meus livros. Leio-o três vezes.

Não sei bem como respondê-lo. Ainda estou muito ansioso por conta do meu pai. Por conta de Matthew, que não disse nada à minha mãe, e agora seus segredos pesam tanto quanto os meus. Não sei se o pedido de desculpas de Emma é uma tentativa de esquecer tudo ou um convite à discussão. Não sei se está tão perdida em meio a seus próprios problemas que é melhor deixar isso para lá.

Não sei. Não sei. Não sei.

Enfio o bilhete na mochila. Preciso comer.

Declan está me esperando à mesa.

Para minha surpresa, Matthew também. Tem um saco de papel à sua frente, mas ele ainda não tirou nada de lá. Me pergunto se está esperando para ver se vou mandá-lo embora. Ele se manteve em sua rebelião silenciosa na vinda para a escola.

Ele deve estar pensando quando vou revelar seus segredos.

Talvez eu devesse fazer isso mesmo. Contar tudo ao meu pai foi um alívio inesperado. Eu estava tão preocupado que ele fosse me condenar – mas ele só me lembrou de que não estou sozinho.

Contudo não tenho o direito de revelar um segredo que não é meu.

Jogo minha mochila debaixo da mesa e pego meu próprio almoço.

– Oi – digo.

Matthew espera um momento, então abre o saco com a comida.

Juliet chega com uma bandeja, acompanhada por sua amiga Rowan e o namorado dela, Brandon Cho. Estão todos rindo. Declan e Brandon não têm nada em comum, mas se toleram pelo bem das namoradas. Em geral tenho que dar um chute nele por baixo da mesa quando seus resmungos ficam um pouco afiados demais. Tenho certeza de que Juliet faz o mesmo do outro lado.

Matthew observa todos ocuparem os bancos. Sua mão para sobre os potinhos que Kristin mandou.

As meninas e Brandon o cumprimentam e se apresentam.

– Oi – ele murmura, voltando sua atenção para a comida, embora ainda não tenha aberto nada. Um momento se passa e eles retomam sua conversa, sem se incomodarem. Gostaria de saber o que Declan disse a Juliet sobre Matthew.

Eu me inclino sobre a mesa.

– Tudo bem? – pergunto a Matthew.

Seus dedos brincam com a tampa de um pote.

– Tudo.

– Podemos ir pra outra mesa.

– Eu disse que tudo bem.

Ele não está tentando brigar. Sua voz é baixa. Parece mais que está tentando convencer a si mesmo.

Ouçó uma foto sendo tirada. Dou um pulo, e Matthew também.

– Desculpa – Juliet diz. – Desculpa. Eu devia ter perguntado. É só que... era uma foto muito boa.

– Tudo bem.

Tento acalmar os nervos.

Matthew fica quieto. Ele volta a olhar para a comida.

Juliet aperta uns botões da câmera enquanto olha para a tela atrás. Brandon está ao seu lado e se inclina para ver.

– É uma boa foto mesmo.

Ela vira a câmera para que eu veja. Na foto, Matthew e eu estamos nos olhando com uma expressão intensa. Os outros alunos são um borrão colorido e ativo ao fundo.

Rowan se inclina para olhar. Diferente de Juliet e Brandon, ela não é fotógrafa, mas diz:

– Eu gosto. O título devia ser algo como “o embate final”.

– Não estamos brigando – digo.

Matthew continua em silêncio.

Declan também está quieto. Me pergunto se está pensando em seu pai. E se contou a Juliet o que vai fazer. Quando pegou a gente hoje de manhã, ele disse:

– Hoje à tarde ainda tá de pé.

Eu concordei, e ele mudou imediatamente de assunto.

Juliet avalia Matthew.

– Eu devia ter pedido sua permissão também. Sei que Rev não gosta... – A voz dela falha. – Não quis ser insensível.

– Tudo bem. Não me importo. – A voz de Matthew é baixa e discreta. Ele finalmente abriu um pote e come como um animal que tem medo de que alguém roube sua comida.

Declan disse que os garotos de ontem não iam mais incomodá-lo depois do que eu fiz, mas talvez esteja errado. Talvez Matthew esteja com a gente para se esconder.

Deveria ser animador depois de um começo difícil. Mas não é. É deprimente.

Então ele olha para mim.

– Você não gosta de sair em fotos?

Congelo. No fim da mesa, o rosto de Juliet se contrai. “Desculpa”

– ela faz com os lábios.

E é claro que agora a atenção de todo mundo está em mim.

– Esquece – Declan diz. – Você não precisa se explicar.

Mesmo aqui, meu pai tem poder sobre mim. Largo a comida e olho para Matthew.

– Quando eu era pequeno, meu pai costumava tirar fotos. Para que eu não me esquecesse.

– Esquecesse do quê? – pergunta Rowan, antes que Juliet possa impedi-la.

Matthew me encara.

– Seu pai parece um cretino total.

Isso arranca uma risada de mim. Matthew volta a olhar para a comida e não fala mais nada.

Fico feliz que tenha dito alguma coisa, mesmo que a respeito do meu pai. Me dou conta de que conheço as piores partes da sua vida, mas, fora isso, não sei mais nada.

– Como estão suas aulas? – pergunto.

Ele levanta os olhos, como se estivesse surpreso com a pergunta. Talvez seja só por isso que responde:

– Ok. Me colocaram nas mesmas turmas de antes.

Penso em como seria ficar mudando de escola o tempo inteiro, mesmo que sem sair da cidade. Conhecer professores na metade do semestre, aprender uma nova rotina. As palavras de Geoff ressoam na minha cabeça, sobre como o desconhecido pode ser especialmente assustador quando não se confia em ninguém.

– Aqueles garotos de ontem estão na sua sala?

– Estão.

– E continuam pegando no seu pé?

Ele dá de ombros.

– Sei lá.

– Sem essa. Você pode mudar de turma.

– Tanto faz. Não vou ficar muito tempo aqui mesmo.

Isso me pega de surpresa.

– Você não pode viver fugindo.

Ele bufa.

– Não estou falando de fugir.

Pisco.

– Mas...

– Não tô falar sobre isso, tá?

Seus ombros estão tensos, e seus olhos se mantêm na comida.

– Tá.

Olho para Declan, para ver o que acha, mas ele está perdido em seus próprios pensamentos. Ótimo. Vamos todos ficar aqui em silêncio.

Não tô falando de fugir.

Ele só pode estar falando dos meus pais. Tenho vontade de lhe dizer que eles nunca, *nunca*, desistiram de uma criança. Nunca precisaram encontrar uma alternativa para quem quer que fosse.

Por outro lado, nunca receberam um adolescente. E meu pai de fato me perguntou se precisava levar Matthew para outro lugar. Se fosse demais *para mim*. Eu disse que não. Mesmo sem saber seu histórico, nunca diria que sim. Me pergunto se Matthew sabe disso. Olho para seus ombros curvados, para o jeito como devora a comida, e me pergunto se isso importa.

– Aquela garota era sua namorada? – Matthew pergunta, do nada.

– Que garota?

– A do cachorro.

– Emma. Não.

Não faço ideia de como defini-la.

Olho para Juliet e Rowan, que não estão mais prestando atenção, concentradas em uma conversa sobre o Baile da Primavera. Não sei quando vai ser. É meio que um milagre que eu sequer saiba que ele

exista.

Imagino que Declan vá. Fui a um único baile em todo o ensino médio, no início do ano letivo, no último outono. E só para ajudar o Dec com as garotas.

Matthew continua:

– Aquela noite, quando vi vocês na chuva, achei que estavam se beijando.

As palavras são como um solavanco.

– Não.

Seus olhos se estreitam um pouco.

– Tem certeza?

Ele quase parece estar tirando uma com a minha cara. Estreito os olhos para ele também. Talvez Juliet aproveite para tirar outra foto intensa.

– Tenho certeza de que me lembraria, se a gente estivesse se beijando.

– Acho que ela faz uma aula na classe do outro lado da minha. No laboratório de informática, na verdade. Eu a vi ontem e hoje de novo.

– Ela gosta de programação. – Faço uma pausa, pensando na carta. Emma estava chorando no carro de Declan ontem, e eu fui agressivo com ela. – Como ela estava?

– Como uma garota que gosta de programação.

Matthew começa a tampar os potinhos.

Enrugo a testa.

– Aonde você vai?

Ele enfia tudo na mochila.

– Pra aula.

– O horário de almoço ainda não terminou.

– E?

Ele desaparece em meio aos outros alunos.

Não sei o que acabou de acontecer.
Meu celular toca. Eu o tiro do bolso, feliz por ter uma distração.
Qualquer uma.
Com exceção desta. É um e-mail do meu pai.

Terça, 20 de março, 12:06

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Obediência

Se um homem tem um filho contumaz e rebelde, que não obedece à sua voz, e, quando castigado, não lhe dá ouvidos, então esse homem pode se apoderar dele e levá-lo aos anciões da cidade, e à porta desse lugar, e dizer: "Este nosso filho é contumaz e rebelde, não dá ouvidos à minha voz. É um comilão e beberrão". Então todos os homens da cidade vão apedrejá-lo até a morte, de modo que o mal será tirado de você.

– Rev. Ei. Rev.

É a voz de Declan.

Pisco. Levanto os olhos. Metade dos alunos já foi embora do refeitório, incluindo Rowan e Brandon. Declan e Juliet me encaram.

Por quanto tempo fiquei olhando para a tela?

Tempo demais, se o horário de almoço terminou.

Conheço bem esses versículos. Bem demais. Melhor que quaisquer outros da Bíblia.

São do Deuteronômio. Do Velho Testamento, cheio de histórias cruéis como essa. Na verdade, incluem a mãe também, mas meu pai deve tê-los adequado às suas necessidades. Já fez isso antes. Sabe as palavras de cor.

– Rev? – Declan chama de novo.

O e-mail poderia me esmagar. Acho que estava me esmagando, até Declan me resgatar.

O sinal toca. Temos três minutos para chegar à classe. Ele olha para Juliet e diz:

– Vai lá. É melhor não se meter em encrenca.
Ela não se move.
– Vocês também.
– Estou bem – digo. – Podem ir.
Mas não me mexo.
Declan olha para Juliet. Eles conversam com os olhos. Ela vai.
– Seu pai? – Declan pergunta, baixo.
Entrego o celular para ele, que lê.
– Meninos! – chama a sra. James, minha nova professora favorita,
que se aproxima da mesa depressa. – O primeiro sinal já tocou.
– Vamos – Declan diz, levando meu celular com ele.
Eu o sigo.
– Quer que eu escreva para ele? – Declan pergunta. – Estou tendo
que me esforçar muito para não fazer isso.
– Não.
Pego o celular de volta.
Os homens da cidade vão apedrejá-lo até a morte.
Não posso deixar que isso me desestabilize de novo.
Fico pensando no bilhete de Emma.
*Porque conheço minhas transgressões, e meu pecado está sempre
diante de mim.*
Ela estava pedindo desculpas. É um sinal de que devo me
desculpar para meu pai?
Meu celular toca. Uma mensagem de texto aparece.
De Geoff.

Pai: Só queria ver como você está.

Quero começar a chorar aqui mesmo, no meio do corredor. Não
estou sozinho. Não estou.

E talvez esse seja o sinal que eu deva escutar.

Faço uma captura de tela e mando para que ele veja.

– Vamos – chamo Declan.

Tenho que engolir as lágrimas. Ele deve estar pensando que só estou com alergia. Não tem problema.

Meu celular apita. Geoff.

Pai: Você não é contumaz e rebelde.

Você é bondoso.

Tem consideração pelos outros.

É o melhor filho que eu poderia ter.

Amamos você. Temos orgulho de você.

O celular apita, apita e apita, conforme suas mensagens vão chegando. As palavras são melosas, mas, no momento, cada uma é como uma injeção de segurança no meu coração.

Estamos no ponto em que Declan vai para um lado e eu para o outro. O corredor está quase deserto, e temos menos de um minuto antes que o sinal toque, quando já deveríamos estar na classe.

– Quer sair daqui? – Declan pergunta.

– Não. – Esfrego o rosto. Minha voz engrossa. – Não, tô bem. Encaminhei para o Geoff.

– Boa.

Nos separamos, e de alguma forma encontro meu assento na aula de cálculo. Os alunos passam por mim, situando-se e me ignorando. Fico feliz por isso.

Meu celular apita uma última vez.

Pai: Me avisa se quiser que Kristin vá te buscar. Tudo bem se precisar espairecer.

Sorrio e respondo.

Rev: Não, tudo bem.

Depois de um momento, pego o celular da mochila e mando outra mensagem.

Rev: Valeu, pai.

Então travo a tela, enfio o aparelho de volta na mochila e me concentro na aula.

TRINTA

Emma

"Como o ferro com ferro se afia, assim o homem afia outro homem." (Provérbios 27,17)

Vou sair com Dec depois da aula, mas posso encontrar você na igreja às oito se quiser conversar.

Rev

Cait me traz o bilhete no fim do dia.

Adoro que Rev tenha me escrito de volta. Adoro sua caligrafia, clara e uniforme, cada traço e curva controlados. É a cara dele. Quero apertar o bilhete contra o peito e dançar com ele. Quero passar o dedo sobre seu nome.

Praticamente saltito para o ônibus, com Cait ao lado.

– Você gosta mesmo dele.

Sua voz é doce. Passamos o horário de almoço na biblioteca, quando joguei minha vida inteira em seu colo. Ela sabe de tudo, dos meus pais e o divórcio a Pesadelo e a trollagem. Sabe sobre Rev e nossos encontros secretos atrás da igreja.

Sabe a bagunça completa que eu sou.

Paro de saltitar.

– Estou sendo ridícula? Estou, né? Pode dizer.

– Não está, não. – Ela para, criando coragem para revelar um segredinho. – A voz dele é *bem* interessante. Nunca tinha percebido.

– Você *falou* com ele? – Paro na hora e praticamente a ataco. – O que foi que ele disse?

– Ele não soltou o bilhete na minha mão e foi embora. É claro que eu falei com ele.

Quero sacudi-la.

– *O que foi que ele disse?*

– Vou tentar lembrar... ele disse tanta coisa... – Cait leva o dedo aos lábios pintados de roxo e olha para o céu. – Ah, sim! Ele disse: “Pode entregar isso pra Emma?”.

Ela diz isso com a voz baixa de um barítono, imitando um cara que não tem nada a ver com Rev. Mas consigo imaginá-lo dizendo aquelas palavras.

Mais uma vez, quero dançar.

Fico pensando em suas costas contra as minhas, no dia em que fugimos da chuva. Em nossos dedos se tocando. Na longa curva de seu queixo, no modo como seus olhos ficam à sombra do capuz. Em sua boca.

Passo tempo demais pensando em sua boca.

O ônibus estaciona na frente da escola, e Cait e eu subimos. Nos acomodamos nos assentos verde-oliva.

– Quer ir pra minha casa?

Ela soa casual, mas há um peso no convite.

E ainda mais quando acrescenta:

– Se quiser ir pra casa trabalhar no seu jogo, não tem problema. Só queria convidar.

– Não – falo, e ela parece chocada, ainda que pouco. Balanço a cabeça depressa. – Não, digo, não tenho que trabalhar no jogo. Quero ir para a sua casa.

– Sério?

Ela arregala os olhos.

– Sério. – Enfio o celular no bolso da frente da mochila e fecho o

zíper. – Preciso de um descanso de toda a tecnologia. – Faço uma pausa, querendo oferecer alguma coisa, já ela que está sendo tão paciente comigo. – E, como tenho um encontro, pensei que você poderia me ensinar a fazer meus olhos iguais aos seus.

Seu rosto se suaviza.

– Claro, Em!

Penso no bilhete de Rev, sobre uma pessoa afiar a outra. É uma via de mão dupla. É possível tanto voltar uma pessoa contra você ou construir uma amizade.

Ou salvar uma, acho.

A porta do ônibus se fecha e ouço o freio sendo liberado. Saímos do estacionamento da escola.

– Sinto muito por todas as coisas que eu falei – digo, baixo. – Não tinha ideia do que estava fazendo.

– Tudo bem – ela diz, rápido.

– Não está tudo bem. – Eu a avalio, notando que tem pequenos brilhantes verdes acompanhando a linha do cabelo atrás da orelha, combinando com os apliques da mesma cor, o que faz com que pareça um pouquinho punk. – Você é muito boa no que faz.

Ela cora.

– Obrigada, Em.

– Tô falando sério. – Estico o braço para tocar os brilhantes em seu pescoço. – Tipo, quem pensaria numa coisa dessas?

Cait revira os olhos.

– Já perdoei você. Não precisa ficar puxando meu saco.

– Eu só... – Hesito. – Nunca achei que fosse perda de tempo. Talvez... talvez estivesse com um pouco de ciúme.

– Ciúme?

Engulo em seco.

– Porque sua mãe te apoia.

Cait me avalia.

– Em...

– O que foi?

Ela suspira.

– Talvez sua mãe te apoiasse, se desse uma chance a ela.

Fico tensa na hora, mas então penso no café da manhã com meu pai. Penso em como ele estava distraído, distante.

E, assim como lembrei minha mãe ao julgar Cait, acho que lembro meu pai ao evitar minha mãe.

Desvio o rosto.

– Você tem razão.

– Opa. O que foi que você disse?

Fico vermelha e dou um empurrãozinho nela, de brincadeira.

– Eu disse que você tem razão.

– Estou certa e vou poder fazer sua maquiagem? Alguém me belisca, por favor. – Ela finge estar embasbacada. – Quer ficar pra jantar também?

– Claro.

Cait leva as mãos ao meu rosto e olha nos meus olhos.

– Quem é você? O que fez com Emma?

Dou risada.

– Sou sua melhor amiga. – Minha voz pega na garganta. – Acho que me esqueci disso por um tempo.

– Ah, Em. – Ela joga um braço sobre meu ombro e se aproxima mais. – Você vai me fazer chorar.

Eu a abraço.

Então ela diz:

– Isso significa que posso te maquiar como a Arlequina?

Bufo.

– Não exagera.

– Viúva Negra?

Isso me faz sorrir.

– Fechou.

TRINTA E UM

Rev

Entrar no presídio é mais difícil do que imaginei.

Talvez isso seja engraçado. Talvez eu deva dizer ao Declan.

Talvez não. Ele está ao meu lado na sala de espera, com os joelhos agitados. O cômodo é mais confortável do que eu esperava, com carpete verde listrado e paredes amarelas. A única coisa que indica que estamos num presídio é o vidro grosso que nos separa dos guardas. E as portas pesadas de metal. E os avisos de que é proibido ingressar com uma série de coisas, de modo que os visitantes estão sujeitos a uma revista detalhada antes de entrar.

Tá, é bem óbvio que estamos num presídio.

Estamos sentados há meia hora, e isso depois da longa viagem até aqui. Tivemos que preencher formulários e deixar que tirassem nossas digitais. O guarda do outro lado do vidro ainda está com nossos documentos, e só podemos pegá-los na hora de ir embora. Agora, estamos esperando que verifiquem nossa ficha. Depois, vamos passar por uma revista e só daí poderemos ver o pai de Declan.

Se ele quiser nos ver.

Não acho que Declan estava preparado para esta tortura. Acho que assumiu que seria como na televisão: a gente viria, pediria para vê-lo e esperaria do outro lado de um painel de vidro enquanto alguém ia avisá-lo. Ele ficaria surpreso e começaria a pensar quem poderia ser.

Não, o pai de Declan vai saber quem está aqui. E vai poder escolher se quer nos ver ou não.

Então estamos aqui sentados. Esperando.

Tem outras pessoas esperando também, mas não tanto quanto a gente. Acho que todos já vieram antes, pois o processo é mais rápido. Mas a sala de espera não está lotada. Terças à tarde não devem ser o horário mais visado para visitas na penitenciária do estado de Maryland.

Com um zumbido alto, a porta de metal destrava. Declan pula como se tivesse sido cutucado com ferro em brasa. Fez isso todas as vezes que a porta se abriu.

Dessa vez, o guarda nos chama.

– Declan Murphy e Rev Fletcher – ele anuncia com a voz entediada.

Declan fica de pé. Estou bem atrás dele.

– Tem certeza de que quer que eu entre também? – pergunto, em voz baixa.

– Tenho.

Sua voz é firme. Ele não demonstra emoção, mas sei que está com medo.

Declan *nunca* fica com medo.

Temos que passar por três portas trancadas e um pequeno corredor até sermos admitidos em uma salinha branca sem móveis. Seu rosto está tão pálido que parece dois tons mais claros, o que faz com que as sardas se destaquem.

– É aqui que vamos encontrar meu pai?

A voz dele sai rouca e baixa, mas ainda firme.

– Não – o guarda diz. Ele tem uma plaquinha com seu nome escrito, MARSHALL, e continua parecendo entediado. – Abra os braços. Está carregando alguma arma?

Declan balança a cabeça em negativa.

O guarda olha para ele.

– Preciso de uma resposta verbal.

– Não.

O guarda começa a revistá-lo. Apesar da voz entediada, parece bem metucioso, checando até os tornozelos de Declan, depois passando a mão por entre os fios de cabelo.

– Drogas ou objetos de uso pessoal?

De novo, Declan balança a cabeça, mas então limpa a garganta para responder:

– Não.

– Está liberado. – Ele se vira para mim. Sua expressão é imparcial quando diz: – Essa blusa é larga demais. Eles deveriam ter exigido que a deixasse na entrada.

Congelo. É claro que justamente hoje estou de manga curta por baixo do moletom.

Estive me preparando psicologicamente para a parte da revista, que já me parece ruim o bastante. Mas tirar a blusa é algo de outro nível. Não estou preparado.

O guarda faz um gesto. Ele acha que estou hesitando porque não sei o que fazer.

– Eu levo de volta.

Declan me olha.

– Tudo bem – ele diz. – Posso entrar sozinho.

Mas já estou tirando o moletom. O ar parece frio e estranho em contato com a minha pele. Não me lembro da última vez que usei manga curta sem nada por cima.

Declan sabe das marcas no meu corpo. Não temos segredos. Mas me preparo para a reação do guarda.

Que não vem. Ele nem fica olhando. Só me revista, de forma surpreendentemente clínica, independente da minha aparência, e faz as mesmas perguntas que fez a Declan.

Então ele diz:

– Está liberado.

Simples assim, e vai até a porta do outro lado do cômodo.

Declan me olha.

– Valeu – ele sussurra.

Dou de ombros, como se não fosse nada de mais.

Por dentro, estou um caos.

Mas talvez não um caos tão grande quanto achei que fosse estar. Os modos desinteressados do guarda ajudaram. Talvez ele tenha visto tanta gente passar por aqui que nada o surpreenda mais.

A porta se abre com mais um zumbido alto, e somos conduzidos para um cômodo que parece muito com um refeitório. Luzes fluorescentes brilham no teto. Uma dúzia de mesas redondas estão espalhadas. A maior parte delas está ocupada. É fácil identificar os detentos – eles usam um macacão laranja desbotado. Um zumbido baixo de conversa preenche o espaço. Uma mulher muito grávida chora a uma mesa. Cinco guardas se alinham na parede.

Eu estava esperando cubículos e telefones.

Acho que Declan também, porque sua respiração acelera.

Então me dou conta de que ele está olhando para uma mesa mais à frente na sala. Um homem sozinho levanta depois de nos avistar. Parece familiar, mas não pode ser o pai de Declan, porque dá a impressão de ser menor do que me lembro. Jim Murphy parecia se assomar sobre os outros, com uma personalidade expansiva.

O preso à nossa frente é alto, mas não mais do que eu. Seu cabelo é castanho-avermelhado com alguns fios brancos, e ele tem barba. Mas seus olhos cinza como o aço são iguais aos de Declan. Sua expressão surpresa é virtualmente idêntica à do meu amigo.

É claro que ele não parece mais tão alto. Não o vejo desde que eu tinha 13 anos.

Todos ficamos paralisados. Ninguém se mexe.

O guarda fala conosco.

– Seu detento não pode sair da mesa. Qualquer contato é limitado a três segundos. Mantenham as mãos sobre a mesa. Podem se

sentar quando estiverem prontos.

Seu detento. Parece tão íntimo – e tão alienante.

Mas as palavras colocam Declan em movimento. Ele vai em frente, e eu o sigo. Passamos pelos outros visitantes e paramos em frente à mesa onde seu pai está.

Fico para trás, só um pouco, porque não sei o que Declan quer fazer. Vai abraçar o pai? Apertar sua mão? Gritar com ele?

Talvez nem Declan saiba ainda. Ele não sabia no carro.

Os dois só ficam frente a frente, olhando um para o outro.

– Murphy! – um guarda grita da parede.

Declan e seu pai pulam e se viram. Seria cômico em qualquer outra situação.

– Você e seus visitantes precisam se manter sentados – o guarda diz.

Ocupamos nossos assentos. A mesa de aço presa ao chão é fria.

O pai de Declan não consegue parar de encarar. É outra coisa que ele e o filho têm em comum. Sendo sincero, não consigo parar de encarar também.

Tudo isso é tão... surreal. Achei que ele fosse me parecer familiar, mas o homem diante de mim é um estranho. Está mais magro do que me lembro, sua expressão mais contida. Declan e eu somos amigos desde os 7, e minhas lembranças do seu pai são claras. Acampávamos no quintal, contávamos histórias de fantasmas à luz da lanterna, derretíamos marshmallows na fogueira, comíamos cereal puro no sofá e jogávamos Xbox até mais de meia-noite, quando sua mãe descia e balançava a cabeça em reprovação. Nossas famílias faziam churrascos no jardim, e nossos pais papeavam ao lado da churrasqueira enquanto bebiam algumas cervejas.

Lembro-me de que o pai de Declan tomava mais do que algumas.

As recordações de Declan devem ser muito mais claras,

entremeadas por muitas outras não tão felizes. Ele se culpa parcialmente pela morte da irmã. Sempre se culpou. Queria saber atrás do que ele está: de um recomeço ou de um ponto-final.

– Oi – ele finalmente diz. Sua voz é séria e baixa, como se não tivesse certeza de estar preparado para falar. – Pai.

O pai de Declan leva o punho à frente da boca, então abaixa e abre as palmas sobre joelhos, depois sobre a mesa. Eu não tinha notado como ele estava tremendo.

– Oi, Declan. – Há uma leve ondulação em sua voz. – Eu não estava preparado para... – Ele tem que limpar a garganta. – Sua voz engrossou.

Declan parece surpreso com o comentário.

– Tenho 18 anos.

– Eu sei. Eu sei que tem. – Ele volta os olhos para mim. – E você... é o Rev?

Faço que sim com a cabeça.

A respiração do sr. Murphy vacila.

– Fico tão... tão feliz que ainda sejam amigos.

– Claro que somos – Declan diz, mas sua voz é incerta.

Eles ficam em silêncio, só olhando um para o outro. O ar fica cheio de uma energia nervosa, vinda de ambos os lados. Tenho vontade de sair da mesa, dar espaço a eles, mas não quero deixar Dec aqui, com tudo ainda parecendo tão imprevisível.

O pai dele puxa o ar de forma lenta e instável.

– Quando eles... quando me disseram que você estava aqui... – Seu rosto se contorce, e ele leva uma mão aos olhos. – Achei que fosse algum tipo de piada.

Os olhos de Declan estão úmidos também, mas ele bufa.

– Seria uma piada horrível.

O pai ri em meio às lágrimas.

– É verdade. Seria mesmo. – Ele estica a mão para tocar a do

filho. – Estou tão feliz que tenha vindo. Senti saudade... – A voz dele falha. – Senti tanta saudade.

A respiração de Declan vacila, e ele vira a mão para segurar a do pai.

– Também senti.

– Murphy! – o guarda grita. – Três segundos.

Eles se soltam. Puxam as mãos de volta. Um lembrete de que não se trata de um reencontro normal entre pai e filho.

Mas a interrupção parece ajudá-los a superar as lágrimas.

– Sua mãe sabe que você veio?

Declan nega com a cabeça.

– Achei... – Ele hesita, como se não estivesse preparado para aquela pergunta. – Achei que poderia ficar chateada.

O pai dele assente, e uma onda de emoções passa por seu rosto.

– Mas ela tá bem?

– Ela... – Declan respira fundo. Em sua hesitação, há uma porção de coisas sobre as quais ele não sabe se quer falar. O casamento dela com Alan. A gravidez. Sei disso porque conversamos a respeito no carro. – É, ela tá bem, sim.

Seus ombros ficam tensos. Declan tem medo de que o pai insista em obter mais informações e a visita acabe mal.

Mas ele não faz isso. Só estica o braço para tocar Declan, quase como se não pudesse evitar.

– Eu... tenho que dizer como estou arrependido. Como me arrependo do que fiz vocês passarem. Como sinto muito pela pobre Kerry.

Uma lágrima rola pelo seu rosto.

Declan assente.

– Eu também. – Ele recolhe a mão, então olha para os guardas. – Não quero que gritem comigo de novo.

O pai sorri com os olhos molhados, então enxuga o rosto.

– É *comigo* que eles gritam.

– Ah.

Declan parece envergonhado.

– Me conta sobre você. Tudo o que eu perdi.

Declan puxa o ar e solta devagar.

– Não sei como resumir cinco anos em meia hora.

Os olhos do pai ficam embaçados de novo, mas ele procura se controlar.

– Tenta. Por favor.

A expressão de Declan se alterna enquanto vasculha a memória. Me pergunto o que está procurando. A mãe não é um tópico seguro. Talvez ele não se sinta confortável para falar de Juliet, dada a maneira como se conheceram e o fato de grande parte de seu relacionamento ser pautada pelo luto e pela superação.

É estranho ficar sentado aqui com eles, sabendo que fui parte da vida de Declan por tanto tempo, enquanto seu pai não foi.

De repente, me dou conta de que o oposto também é verdade.

Declan finalmente diz:

– Ainda tenho o Charger.

– É mesmo?

O rosto do pai se ilumina.

Declan balança a cabeça. Parte da tensão em sua postura se esvai. Ele pode falar sobre carros com qualquer pessoa, em qualquer lugar, até o fim dos tempos. Assim como seu pai.

– Terminei de remontar depois que... – Ele para. – *Depois*. Eu mostraria uma foto, mas não deixam entrar com o celular aqui.

– Tudo bem. Tudo bem. Eu mataria para colocar as mãos num motor de novo.

As palavras pairam no ar por um momento. É como se os dois se dessem conta do que ele disse.

Declan deixa para lá.

– Tô trabalhando em uma oficina que customiza carros. É divertido. E tenho que guardar dinheiro pra faculdade.

– Faculdade! É verdade, você vai se formar este ano. Vai estudar onde?

– Ei – chamo. É como se tivessem esquecido que estou aqui. O que não tem problema. É até bom, na verdade. – Vou esperar perto da porta pra vocês terem um pouco de privacidade. – Olho para Dec. – Tudo bem?

– Tudo – ele diz. – Valeu, Rev.

Fico com medo de que vão me dar uma bronca por não sentar com “meu detento”, mas, quando chego à porta, o guarda mais próximo pergunta se estou pronto para ser escoltado para fora. Digo que prefiro esperar, se puder, então ele aponta para uma mesa vazia.

– As regras ainda se aplicam – diz.

Não é como se eu pudesse tocar alguém de onde estou, mas imagino que signifique que preciso manter as mãos visíveis. Posso fazer isso.

A sensação de ficar sentado à mesa, com os braços à mostra, aqui, de todos os lugares, é esquisita. Sempre tenho que tirar a blusa para tomar banho e me trocar, claro, mas não chego a *me olhar*. São muitas cicatrizes, variadas. O arco da boca do fogão. As linhas brancas e grossas dos ferimentos à faca em que eu provavelmente deveria ter tomado pontos. Pequenas marcas cor-de-rosa onde fui queimado com um fósforo ou um isqueiro. A tatuagem de quando meu pai quis se certificar de que eu *realmente* compreendesse a lição.

Como o sr. Murphy, essas marcas me são familiares, mas também estranhas. Eu as encaro por tanto tempo que começo a pensar que estou olhando para outra coisa.

– Rev. Podemos ir.

Olho para Declan. Ele parece... *ferido*. Meus olhos correm para a mesa em que estávamos sentados, mas seu pai não está mais lá.

– Tudo bem? – pergunto.

– Tudo.

Ele se vira e se dirige à porta.

Declan não fala muita coisa enquanto saímos, pegamos nossas coisas e deixamos o presídio para trás. O sol já está se pondo, o que torna a brisa cortante. Sinto o ar frio nos meus braços, mas não quero colocar o moletom. Prefiro esticá-los e senti-los.

Me sinto um tolo, andando ao lado do meu melhor amigo, que claramente está passando por algo importante. Quando chegamos ao estacionamento, ele pega a chave no bolso e a oferece a mim.

– Pode dirigir?

Nem questiono. Só fecho os dedos em volta do metal.

– Claro.

É só quando estamos entrando no carro que Declan finalmente me olha.

– Você não pôs o moletom.

– Eu sei. – Dou a partida e engato a marcha. – Tá com fome? Falei pra minha mãe que a gente não ia voltar pro jantar.

Ela sabe onde estamos. Não aguento mais mentir, e sei que ela não vai contar para a mãe de Declan.

– Não. – Ele fica olhando para o pôr do sol. Então se vira para mim. – Se quiser parar em algum lugar, tudo bem.

– Não quero.

Quando pegamos a estrada, com o asfalto zumbindo abaixo de nós, ele finalmente fala:

– Não sei o que estava esperando. Acho que criei um monstro dentro da minha cabeça. Se é que faz sentido. – Ele me olha, porém não espera pela resposta. – Bem, é claro que faz. Mas estava tão preocupado que não fosse querer me ver, que tivesse

me culpado esse tempo todo... Só que não. Ele culpa a si mesmo. E tá tão triste! Não achei que fosse estar tão triste. – Declan passa a mão pelo rosto. – Ele é só um homem que estragou tudo, Rev. É só... é só um *homem*. Acho que nunca me dei conta disso. É idiotice?

– Não – digo.

Ele não fala mais nada. O carro gradualmente escurece conforme o sol se põe, e ficamos presos na segurança do nosso pequeno casulo. Um silêncio intenso perdura por tanto tempo que tenho que olhar.

Declan está dormindo.

Uau. Que bom que me pediu para dirigir.

Olho para o relógio no painel. Estamos quase chegando, mas ainda são 18h30. Falta uma hora e meia para meu encontro com Emma.

Então passo nossa saída. Continuo dirigindo. Declan dorme.

TRINTA E DOIS

Emma

Há uma reunião na igreja esta noite, então as luzes estão acesas e o estacionamento está lotado. Tem algumas pessoas na entrada principal. Não sei se Rev queria me encontrar nos bancos de novo, mas não é uma opção, a menos que estejamos dispostos a dividi-los com um homem que cuida de duas crianças pequenas.

Dou a volta, com Texy trotando obediente ao meu lado. Não posso soltá-la com tanta gente em volta, e quero evitar que algum intrometido grite comigo porque a deixei fazer cocô no gramado.

Me sento na grama, pego o celular e espero.

Tenho uma surpresinha pra você.

Até agora, nada de Pesadelo. A cada minuto que passa, meus músculos ficam mais tensos. Fora do jogo, suas mensagens são muito sugestivas, mas não contêm nada claramente ameaçador. Nem tenho como provar que se trata da mesma pessoa.

Queria poder desligar meus pensamentos.

Reconheço o carro que diminui a velocidade e estaciona no meio-fio, e concluo que Rev pegou o carro de Declan emprestado.

Quando sai do banco do motorista, vejo que veste o moletom e passa a mão no cabelo para tirar a estática.

Rev estava sem moletom. *Interessante.*

Texy fica animada ao vê-lo, e eu solto a coleira para que possa cumprimentá-lo direito. Ela quase o derruba.

Ele faz carinho em sua cabeça e em seu pescoço, então brinca um pouco com ela. Posso ver seu sorriso daqui. Ilumina todo o seu rosto. Acho que nunca o vi sorrir assim. Rev parece mais... relaxado que antes. Me pergunto o que mudou.

E fico com inveja.

– Oi – ele diz. – Não sabia que estaria assim cheio aqui.

– Nem eu.

– Quer ir a algum outro lugar?

Fico chocada. Olho para o carro atrás dele.

– Seu amigo não vai se importar com os pelos de cachorro?

Conhece algum lugar para onde a gente possa ir com a Texy?

Ele se encurva.

– Na verdade, achei que a gente podia andar um pouco. Dec está dormindo no banco do passageiro.

– Sério? São oito horas.

– Ele teve um longo dia.

– Pode ser. Mas tudo bem deixar ele aqui?

– Não vamos *deixar* Declan aqui. – Ele aponta. – Podemos andar até aquele beco sem saída.

– Tá.

Então andamos. A grama em volta da igreja foi aparada recentemente, de modo que o cheiro de mato e pólen no ar é forte. Aos poucos dias de chuva, se seguiu uma queda na temperatura, e uma brisa bate nas minhas bochechas.

Não tenho ideia do que dizer.

O mesmo deve se passar com ele, que anda em silêncio. A plaquinha de identificação de Texy tilinta conforme ela nos acompanha.

– Desculpa – Rev diz. – Eu não devia ter estourado com você no carro, quando começou a perguntar sobre meus pais.

– Você não tem que se desculpar.

– Tenho, sim. Tudo bem perguntar. Sabe aquela história de que não existem perguntas ruins? Meu pai diz isso o tempo todo. Ele adora que as pessoas façam perguntas. Adora *quando* as pessoas fazem perguntas, em especial sobre política ou religião. Ele diz que

a internet dá uma voz alta demais a algumas pessoas, enquanto silencia outras, mas só ouvimos as que gritam. Temos que fazer perguntas, se quisermos ouvir as que estão em silêncio.

– Acho que eu ia gostar do seu pai – digo.

Rev sorri, e há um calor genuíno em sua voz.

– Não quis deixar as coisas tão sérias. Porém, como você pediu desculpa, achei que também devia.

Ele não precisava ter feito isso. Ou talvez precisasse, porque resolveu o que havia entre nós com tanta simplicidade, tão poucas palavras!

– Gostei do versículo no bilhete. Sobre uma pessoa afiar a outra.

Ele assente.

– É um dos meus favoritos.

Um carro passa na rua. Rev se volta para trás, para se certificar de que está tudo bem com o amigo dele, então continua a olhar para a frente.

– Procurei por uma citação relacionada a divórcio antes – digo. Franzo a testa e tiro uma mecha de cabelo do rosto. – Eram todas tão... horríveis.

– Às vezes tenho que me lembrar de que o mundo era diferente quando aquelas palavras foram escritas. E, mesmo que supostamente tenham sido inspiradas por Deus, ainda são interpretadas pelo homem, e homens cometem erros. Quando se olha para tudo com certa perspectiva, qualquer sistema de crenças parece meio maluco. Especialmente ao se considerar o que as pessoas fazem em nome da religião.

– Está falando de guerras?

– Poderia ser, mas não. Estou falando das pessoas.

– Que tipo de pessoa?

Chegamos ao fim do caminho, onde o gradil dá para o mato. Tem mais pedrinhas e detritos nesta parte da rua, porque estamos a

meio quarteirão da encruzilhada, e a única casa aqui está à venda e parece deserta. A luz do poste queimou.

Rev se vira e senta no gradil. Dá para ver a igreja e o carro de Declan, imperturbado. Os vitrais ficam impressionantes com as luzes acesas lá dentro: daqui, as imagens da crucificação em cores borradas não parecem retratar sofrimento, só beleza.

– De todos os tipos – Rev diz, baixo.

E então me dou conta de que ele está falando do pai.

Me sento ao lado dele no gradil, então solto a coleira de Texy para deixar que o cheire.

– Você não estava de moletom no carro – digo.

Ele fica quieto por um momento.

– Fomos visitar o pai de Declan. Não me deixaram entrar com o moletom.

Ergo as sobrancelhas.

– Nossa. Onde ele está? Na prisão?

É uma brincadeira, mas Rev balança a cabeça positiva-mente.

– Fazia cinco anos que Dec não o via. Como eu disse, foi um longo dia. Acho que ele está esgotado.

Cinco anos. Tento imaginar como seria ficar cinco anos sem ver meu pai.

No momento, parece uma boa ideia.

Olho para Rev. Sempre que estou com ele, sinto certa necessidade de encará-lo. Pode ser porque ele mantém tanta coisa escondida. Tudo o que vejo é o limite do seu queixo, a curvatura dos seus lábios, a linha do seu nariz. Seus olhos estão sempre nas sombras.

Penso nos jogos, quando estou no controle e ninguém vê meu verdadeiro eu. O computador talvez seja minha versão do capuz dele.

Nossas mãos estão lado a lado no gradil, mas esta noite é diferente de sábado. Não tenho coragem de tocá-lo.

– E por que o vestiu? – pergunto a ele.

– Não sei.

– Mentira. É claro que sabe.

Ele fica imóvel, mas então balança a cabeça e solta uma risadinha.

– Você não tem medo de nada.

Devo estar sonhando.

– Quê? De jeito nenhum.

– É verdade. Você nunca hesita. – Ele vira a cabeça para me olhar direito. – Acho que é do que mais gosto em você. É o motivo pelo qual pensei no versículo sobre ferro afiando ferro. Quando estou perto de você, quero ser mais corajoso.

Minha mente gira. E eu que achava que nada poderia ser melhor que Ethan me chamando de “foda”.

Rev se vira e volta a olhar para a rua. Ele chuta as pedrinhas no chão.

– Coloquei o moletom porque não queria que pensasse mal de mim.

– Rev. – Balanço a cabeça. – Eu nunca...

Ele tira a blusa.

O ar deixa meus pulmões em um segundo. Eu estava errada. *Agora* estou sonhando.

Ele deixa o moletom ao lado. Não olha para mim.

– Se eu tiver um derrame, liga pros meus pais – ele diz.

Não consigo evitar fixar os olhos nele. A camiseta preta é justa no corpo, e estamos sentados no canto escuro da rua, mas as cicatrizes em sua pele branca são óbvias. Assim como a escrita em preto que se prolonga dos pulsos à manga de cada braço, em inesperadas tatuagens.

Contudo, sinceramente, o que chama mesmo minha atenção são seus bíceps.

– Tá. Se eu tiver um, liga pros meus.
Ele solta uma risada suave e olha para mim.

– É a segunda vez que fiz isso hoje. Sempre espero que vai ser horrível. E não é.

– Horrível como?

– Não sei. Não sei o que acho que vai acontecer. Não é estranho?

– Não.

– Antes de hoje à tarde, só um punhado de pessoas tinha me visto de manga curta.

– Não consigo acreditar que tá sentado aqui assim e ainda diz que eu é que não tenho medo. – Faço uma pausa. – Você nunca foi pra escola desse jeito?

– Não. – Ele faz uma pausa. – Por isso me chamam de Morte. Não sabia?

– Sabia. Não sabia que *você* sabia.
Ele me olha.

– Por favor. Posso ser esquisito, mas não sou idiota.
Acho engraçado que ele se chame de esquisito. Rev é o adolescente mais autoconsciente que já conheci.

– Incomoda você?

– Quando eu era mais novo, incomodava bastante.

– O que aconteceu?

– Nada. Eu sentava no fundo da sala e ignorava. Uma hora eles cansaram e encontraram outro alvo. – Rev dá de ombros, como se não fosse nada. – Isso é tão estranho – ele diz. – Esqueci como é sentir o ar na pele. – Ele estica os braços acima da cabeça, então os deixa cair sobre as pernas. – Me sinto como uma criança.

Se Rev não parar de alongar os braços ao meu lado, vou acabar desmaiando. Me aproximo um pouco.

– O que a tatuagem diz?

– Não é uma tatuagem. – Ele para. – Quer dizer, é, mas... foi meu

pai quem fez. Vai até meus ombros. De um braço até o outro.

Sempre que Rev me conta algo sobre o pai, acho que não pode ficar pior, mas *fica*. Engulo em seco.

– Ele fez isso *por conta própria*?

Me impeço antes de perguntar se doeu. É claro que doeu.

– Fez.

Começo a ler:

– ... *o mal será tirado de você...*

Rev dá um tapa no próprio braço.

– Não lê em voz alta.

Eu me afasto e me endireito, horrorizada.

– Desculpa.

– Não. – A voz dele é tensa. Após um momento, ele afasta a mão de forma deliberada, então apoia as duas mãos no gradil. – Desculpa. É um versículo sobre um filho desobediente, que deve ser morto. – Rev faz uma pausa. – Ele me mandou isso por e-mail esta tarde também.

Nossa. Não sei nem o que dizer.

– Odeio isso – ele fala, e acho que pela primeira vez ouço veneno em sua voz.

– Quer colocar o moletom de volta? – sussurro.

– Sim. E não.

Ele não faz menção de vesti-lo.

– Quer segurar minha mão?

Eu a ofereço a ele.

Rev parece surpreso.

Então respira fundo e entrelaça nossos dedos.

Sinto sua palma quente contra a mim, seus dedos seguros e fortes. É isso que falta nas amizades on-line. O calor da conexão humana. O som de sua respiração e a sensação de sua pele. Por um momento, quero fechar os olhos e desfrutar.

– Você vai para a escola sem moletom amanhã? – por fim pergunto.

– Não sei. Acho que não. Não quero... não estou pronto.

Levanto meus olhos e deixo que eles passem pelo braço dele de novo, e pelos músculos definidos de seu peito. Minhas bochechas estão pegando fogo, e me sinto honrada que confie tanto em mim.

– Garanto que não seria para suas cicatrizes que todo mundo olharia...

Agora *e/le* fica vermelho. Então desvia o rosto.

– Você é engraçada.

– Não tô brincando. Se eu te desse um soco, você sentiria?

As sobrancelhas dele se erguem.

– Acha que consegue me acertar?

É o mais próximo de flertar que ele já chegou. Faz com que eu *queira* dar um soco nele, só para ver o que faria. Olho em seus olhos e vejo as estrelas ali.

– Quer descobrir?

Rev ri.

– Tá vendo? Você não tem medo de nada. – Ele fica sério. – Vai em frente. Dá o seu melhor.

– E se eu te derrubar do gradil?

– Vou te pedir pra me ensinar a fazer igual.

Adoro que não haja nenhuma arrogância na voz dele. Principalmente considerando que *e/le* provavelmente poderia me derrubar do gradil com um só dedo.

Talvez seja isso que me dá coragem de cerrar o punho, me preparar e arriscar um soco.

Rev se move como um *raio*. Espero que afaste meu braço, mas não o faz. Não é isso que acontece. Ele se move comigo, e de repente estou em seus braços, seu rosto contra meu ombro.

Sinto seu calor. Perco o fôlego e fico meio tonta.

– Eu deveria ter tentado te socar há muito tempo.

– Você não tentou de verdade.

Ele me solta, o que é uma pena, sinceramente.

Rev está de pé agora, e eu o encaro.

– Você impede um soco com um abraço? Eu tinha entendido o jiu-jítsu totalmente errado.

Ele ri, com força.

– Você tem que se manter próximo. – Depois de uma pausa, complementa: – A distância pode ser usada pra machucar você.

– Pode fazer de novo?

– Claro.

Tento desferir outro soco. Ele me agarra.

– Acho que vou precisar de mais umas cem demonstrações – digo.

Ele ri, e sei disso pelo seu corpo. No sábado à noite, fiquei fascinada pela sensação de suas costas contra as minhas. Isso é um bilhão de vezes melhor.

Rev demora mais para me soltar desta vez.

– Então é assim que se evita um soco? – pergunto. – A TV mentiu pra mim.

– Tecnicamente eu deveria te levar ao chão, mas...

– Isso parece interessante.

Meu cérebro está claramente desconectado da minha boca. Meu rosto pega fogo.

Ele ergue as sobrancelhas. Bem altas. Então deixa escapar uma risada estrangulada.

– ... não achei que você fosse gostar de cair no asfalto.

Pego a mão dele.

– Tá. Vamos lá.

Ele me segue na hora, e eu o guio até o jardim da casa para alugar. Meu coração bate forte no peito. A grama está alta, e o chão deve ter ficado mais macio com a chuva recente. Texy trota pelo

jardim, arrastando a coleira consigo.

– Agora faz, sério – digo.

Rev hesita. Parece estar pensando a respeito.

– Com medo? – provoco, perdendo o fôlego ao falar.

– Não. – Ele faz um intervalo, e suas bochechas ficam coradas de novo. – Talvez. E você?

– Não tenho medo, lembra?

Cerro o punho e me preparo.

Ele segura a parte superior do meu corpo, mas não estou pronta para o pé que se engancha na minha perna. Estou de costas na grama antes de me dar conta de que caí.

Sinto seu peso sobre mim, seu rosto próximo do meu, sua respiração no meu pescoço.

Eu poderia na boa ficar *bem aqui* pela próxima hora.

Mas Taxy escolhe esse momento para começar a lambar minha testa. Dou risada.

– Taxy, sai! Fora daqui!

Ela lambe minha testa mais um pouco e se manda.

Rev recuou. Está olhando para mim, com as mãos apoiadas no chão, ao lado dos meus ombros. Faz maravilhas com os bíceps dele.

– Foi tudo o que você achou que seria?

Dou risada.

– E muito mais. – Paro. – E agora?

Seus olhos brilham na escuridão.

– Você me diz.

– O especialista em jiu-jítsu não sou eu.

– Bom... – A voz dele sai rouca. – No jiu-jítsu, não se pode dar distância.

– Porque distância é ruim.

Ele assente.

– Porque distância é ruim.

Minhas mãos encontram seus ombros, só o mais leve toque de dedos em seu calor, descendo pela manga até encontrar a pele.

Rev fica completamente parado. O sorriso desapareceu.

Meus dedos param também.

– Tudo bem? – sussurro.

Ele faz que sim, num movimento diminuto e quase imperceptível, como se não confiasse em sua própria voz.

Toco mais alguns centímetros de pele com meus dedos, e ele treme.

– Ainda tudo bem? – sussurro.

Ele assente de novo. Um braço desce até o cotovelo. Rev está mais próximo agora, e sinto um pouco de seu peso sobre mim. Seu peito se expande contra o meu conforme respira.

– Tudo bem? – ele sussurra.

É minha vez de assentir.

Seus dedos percorrem meu rosto, demorando-se como se ele quisesse memorizar a sensação. O arco das minhas sobrancelhas, a curva das minhas bochechas, a linha do meu queixo.

Minhas mãos ficam paradas em seus braços. O movimento de seus dedos me enche de um mel quente. Procuro seu rosto com as mãos, seu queixo um pouquinho áspero sob minhas palmas. Quero que se aproxime de vez.

A distância é mesmo ruim.

Seus olhos se fecham, e ele vira o rosto para beijar a parte interna do meu pulso. Solto o ar.

– Tudo bem? – ele pergunta, suave.

Assinto com vigor, e Rev sorri.

Então seus lábios estão nos meus, e eu arfo. Meus dedos se enfiam em seus cabelos.

Outro roçar de lábios, mas dessa vez Rev se demora um pouco mais. Sua boca se movimenta contra a minha, e meus lábios se

abrem em resposta. Ele tem gosto de canela e cheira a baunilha. Eu me afogo no momento.

Suas mãos encontram minha cintura, a faixa de pele entre minha blusa e o jeans é revelada quando rolamos na grama. Meus dedos entram por baixo de sua manga, e eu agarro seus ombros, puxo-o para mim.

Então sua língua se esfrega na minha, arrancando um ruído suave da minha garganta. Sua mão desliza por baixo da bainha da minha camiseta, a palma quente contra a pele da minha cintura. Meu mundo se resume a este momento: ao calor, à doçura, à sensação de seu corpo contra o meu.

Rev recua. Sua respiração está um pouco rápida, seus olhos escuros e intensos.

– Não tenho ideia do que tô fazendo, mas acho que deveria ir mais devagar.

Estou quase arfando.

– Também não tenho ideia do que você tá fazendo, mas tô achando que é muito bom nisso.

Ele sorri e se afasta ainda mais.

– Não – digo. – Distância é ruim.

O sorriso dele se transforma em uma careta, mas ele rola de lado e deita perto de mim.

– Espera. Estou tendo um momento existencial.

Seus dedos passam de leve pelos meus.

– Isso é algum tipo de eufemismo? – pergunto.

– Sem comentários. – Rev ri.

Não consigo nem acreditar nas coisas que saem da minha boca.

Minha nossa, fiquei brincando on-line por tempo demais. Agora *isso* parece um eufemismo. Ainda bem que não disse em voz alta.

Me viro de lado e olho para ele. As sombras quase escondem suas cicatrizes, e o luar faz seus olhos faiscarem. Seu rosto está

desprotegido, sua expressão aberta. É o mais relaxado que já o vi.

– Não sei onde você pratica jiu-jítsu – digo –, mas eles deviam colocar isso no folhetinho de propaganda. Acho que atrairia mais gente.

Ele leva nossas mãos entrelaçadas até a boca e dá um beijo nos meus nós dos dedos.

– Vou pôr na caixa de sugestões.

Eu me aproximo dele, colocando uma mão contra seu peito para me apoiar.

– O que mais tem pra me ensinar?

Rev sorri. Gosto de como seu rosto todo se ilumina. Esse é um Rev que ninguém vê.

– Tenho certeza de que posso pensar em mais alguma coisa.

TRINTA E TRÊS

Emma

Já me imaginei beijando caras de diversas maneiras, mas nunca envolvendo jiu-jítsu.

Não que minha mente tenha ido muito longe.

Mas agora sim. Minha mente vai longe, quero dizer. Mais ou menos. Não tenho nenhuma experiência para comparar. Mas vi *Game of Thrones*.

Ótimo. Neste momento estou vermelha. Quero esconder meu rosto. Ainda bem que os olhos de Rev estão voltados para as estrelas no céu acima de nós.

Nossos dedos estão entrelaçados de novo, e sinto sua palma quente contra a minha. Taxy está deitada na grama em algum lugar por perto. Meus lábios estão inchados, meu cabelo está uma bagunça e a grama fica pinicando meu braço, mas não me importo. Penso na sensação dos braços dele no meu corpo, nos breves momentos em que ele ficou parado e meu mundo se resumiu a tocar, respirar, e meu coração a bater forte.

A cor das minhas bochechas nunca vai voltar ao normal.

Ele vira de lado com o cotovelo apoiado, reduzindo a distância entre nós pela metade. Olha para mim, bloqueando a luz que vem da lua. Seu rosto fica nas sombras, seus olhos refletindo apenas as estrelas. Nossos rostos estão a menos de 15 centímetros de distância.

– No que está pensando?

Mordo o lábio. Estou pensando que minhas bochechas não param de queimar.

– Por que ter medo agora? – Rev sussurra. Seus olhos são tão

intensos, escuros e brilhantes. Ele levanta a mão, e seus dedos tiram uma mecha de cabelo do meu rosto. Seu toque é leve como uma pena, mas me atinge como um raio. Toda vez que paramos para respirar, acho que é uma coisa boa, mas então Rev me toca e eu só quero mais, tudo de uma vez.

Seu dedão acaricia minha face. Meu corpo inteiro se aquece com esse simples toque. Meus lábios se abrem, quase por conta própria.

Texas late.

Dou um pulo. Sento rapidinho. Batemos as cabeças sem querer.

Ai. Pronto, ficou esquisito.

De alguma maneira, consigo pegar a coleira, mas Texy me arrasta um pouco pela grama antes que eu a controle. Ela estava pronta para pular em cima de um senhor passeando com um minúsculo yorkshire. Ele olha para nós duas, mas continua andando.

Esfrego a testa e me viro para Rev, que está fazendo a mesma coisa.

– Você acredita que tudo acontece por um motivo? – pergunto.

Ele sorri.

– “Ora, a fé é o fundamento das coisas esperadas e a prova das coisas que não se veem.”

– Acho que preciso de uma tradução.

Rev se aproxima e se inclina na minha direção, como se fosse sussurrar na minha orelha. Tremo com a proximidade.

– Quer dizer que as coisas acontecem quando têm que acontecer – ele diz, com a voz suave.

O celular dele apita. Duas vezes.

Rev se endireita e suspira.

– Tipo agora.

Então ele olha para a tela e dá risada.

– Dec quer saber se eu deixei ele em frente à igreja de propósito.
– Ele destrava a tela para responder. – Eu deveria tirar uma com a

cara dele, dizendo que não sei do que tá falando.

Sorrio, então pego meu próprio celular para dar uma olhada. Deixei no mudo, mas acho que não vai ter muita coisa. Minha mãe provavelmente nem notou minha ausência e, se notou, vai ver que saí com Texy e que não tem motivo para se preocupar.

Para minha surpresa, tenho 12 mensagens. Todas de Ethan.

Ele começou a escrever às oito e meia da noite.

Ethan: Você tem entrado no OutraTERRA?

Tem algo acontecendo. Você precisa entrar no computador.
Cinco minutos depois:

Ethan: Tá, tem MESMO algo acontecendo.

Quatro minutos depois:

Ethan: Tem placas por todos os territórios. Estou olhando pra uma agora mesmo que diz que Azure M é uma putinha.

Cada grama de calor gerado por Rev é substituído por gelo. Não consigo respirar.

Dez minutos depois:

Ethan: Emma, por favor, vê suas mensagens.

Você tem qualquer informação sobre o cara que tem te mandado os e-mails?

Procurei pelas contas anteriores, mas foram apagadas.

Ele está no 5Core? Conheço umas pessoas que podem rastrear o cara.

Estou tremendo.

Oito minutos depois:

Ethan: É pior do que eu pensava.

Olha.

Ethan mandou uma imagem do que imagino que seja a tela do seu computador. No meio da minha taverna, o ponto de encontro dos novos personagens, tem uma imagem altamente pornográfica. Não está muito nítida, mas consigo distinguir uma mulher de joelhos.

Solto um ruído baixo.

Dez minutos depois:

Ethan: Emma. Sinto muito.

Essa última mensagem foi mandada há 15 minutos.

– Ei.

Levanto o rosto. Meus dedos estão tremendo no celular. Rev me avalia.

– Tudo bem? – ele pergunta.

– Eu não... eu não sei.

Releio as mensagens de Ethan. Ele devia estar olhando para a tela e viu a confirmação de leitura de cada uma, porque começa a me escrever outra mensagem na mesma hora.

– Seus pais? – Rev pergunta.

– Não... é só... um cara com quem eu jogo às vezes.

– Pesadelo?

Engulo em seco.

– Não. Ethan é meu amigo. Mas aconteceu alguma coisa. Ele... não sei o que fazer com essas mensagens.

– Posso ver?

Hesito, então entrego o celular, e uma nova mensagem de Ethan aparece. Não consigo ver o que diz.

Quase não quero ver o que diz. A captura de tela já foi o bastante.

Rev lê tudo, então olha para mim.

– Emma. Você precisa... ligar pra polícia ou coisa do tipo. Isso só pode ser ilegal.

– Preciso ir pra casa. Preciso tirar o jogo do ar. E bloquear o cara...

– Não acha que isso tá muito além de bloquear alguém? – Ele repassa as mensagens de novo. – Esse Ethan não sabe quem é?

Minhas bochechas ficam vermelhas. Pego o celular de volta.

– Não.

– Ele disse que conhece umas pessoas que podem rastrear o perfil. Acha que é alguém da escola?

– Não... Ethan nem estuda na Hamilton. Eu não... a gente se conhece do jogo. Nunca se viu na vida real.

Rev franze a testa.

– Mas ele tem seu celular?

– Tem! – Perco o controle. – E ainda bem, porque senão eu nem saberia que isso estava acontecendo.

É terrível. Preciso ir para casa. Preciso tirar o Outra-TERRA do ar.

Estou prestes a chorar.

Texy enfia o focinho na minha mão. Coço suas orelhas, sem prestar atenção.

– Você consegue resolver? – Rev pergunta. – O que posso fazer pra ajudar?

Olho para o celular.

Ethan: Pode ir pra casa? Te ajudo a encontrar o cara.

– Nada – digo. Levanto o rosto para ele. – Preciso ir pra casa.

– Tá. Vou só levar a chave do carro pro Dec...

– Não. Preciso resolver isso.

Engulo em seco. Aquela imagem nojenta está impressa nas minhas retinas. Quero chorar. Quero socar alguém. Quero gritar.

Rev pega minha mão.

– Emma, tá tudo bem. Vou com você.

Eu me solto e olho para ele.

– Está falando sério? – digo. – Não viu o que eu vi?

– Vi.

É uma perda de tempo. Começo a andar.

– Preciso ir pra casa. – Minha voz falha. – Só me deixa ir, tá?

Rev franze a testa.

– Emma. Você precisa contar para os seus pais. Por favor, me deixa ir com você...

– Acha que posso contar pra eles? Tá maluco?

– Não estamos falando de trollagem – ele diz, com a voz firme. – Por que não deixa ninguém ajudar?

– Porque posso lidar com isso, Rev. Você não entende.

– Emma. – Ele ainda está me seguindo. – Eu deixei que você me ajudasse. Quando tinha que falar com meus pais sobre os e-mails...

– Não. – Me viro para ele. – Você me mandou embora. E eu fui.

Ele para na hora. Sabe que estou certa.

– Posso lidar com isso – digo. – Você me disse que, se alguém não pedia sua ajuda no tatame, procurava ficar na sua. Que não interferia. Agora eu tô falando: é a *minha* vez de te mandar embora.

Ele fica imóvel com essas palavras. Me arrependo delas imediatamente. É como se não conseguisse controlar o que sai da

minha boca.

– Tá – ele fala, baixo.

Quero que Rev me siga. Ele não segue.

Entro nas sombras escuras da rua.

TRINTA E QUATRO

Rev

Terça, 20 de março, 22:05:44

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Provérbios

O que gera um tolo o faz para sua própria tristeza; e o pai do insensato não tem alegria.

Meu celular apita quando estou subindo os degraus da porta dos fundos. A cozinha está escura, e eu deslizo a porta de vidro com cuidado. Um silêncio pesado me recebe, e eu sigo na ponta dos dedos pelo piso frio. Não jantei, então estou morrendo de fome. Pego uma caixa de cereal e um Gatorade da geladeira, depois me preparo para me esgueirar pelo corredor.

– Rev?

A voz suave da minha mãe me encontra no meio do caminho.

Me viro e a encontro sentada com um livro no canto da sala.

– Achei que tinham ido todos dormir – sussurro.

– Eles foram. Eu fiquei esperando.

– Por mim?

Ela assente.

– Como foi?

Preciso de um momento para entender que está perguntando de Declan. Parece que a visita ao presídio foi há dias. Não quero falar sobre Declan e o pai dele, assim como não quero falar sobre o que aconteceu com Emma. As últimas palavras dela não saem da minha cabeça.

É a minha vez de te mandar embora.

Não sei se mereço isso. Talvez.

Queria poder voltar atrás. Queria poder consertar tudo por ela. Queria poder protegê-la de alguma maneira.

Me joga no sofá em frente a Kristin e enfio a mão na caixa de cereal.

– Tudo certo. Acho que fez bem a ele.

– Você demorou muito mais do que eu esperava.

– Dec pegou no sono na volta. Fiquei dirigindo sem destino por um tempo. – Faço uma pausa. – Então fui dar uma volta com Emma.

– Emma. – A expressão da minha mãe se alegra. – Estava querendo saber mais sobre ela.

Minha própria expressão se desanima.

– É?

– Claro. – Ela faz uma pausa. – É bom ver você saindo um pouco da concha.

Interessante. Isso afasta um pouco a minha irritação.

– Você acha que eu me escondo?

– Não diria isso. Mas acho que mantém o ambiente sob um rígido controle. Você e Declan. – Ela hesita. – Sinceramente, estava torcendo pra que, com ele namorando, uma portinha se abrisse pra você também.

É um comentário bem honesto, e não tenho certeza de que estava preparado para ele. Fico procurando os marshmallows da caixa de cereal e separando-os na mão.

– Hum.

Minha mãe espera.

Meus pensamentos estão confusos. Preciso de tempo para desemaranhá-los.

– Tudo bem se a gente não falasse da Emma agora?

Ela ergue as sobrancelhas, mas assente.

– Claro.

Olho para o corredor.

– Como Matthew estava hoje à noite?

– Bem. Ele e seu pai foram dar uma volta depois do jantar.

Fico chocado. Tenho certeza de que minha expressão demonstra.

Minha mãe sorri.

– Era isso ou lavar a louça.

Se eu tivesse que apostar, meu dinheiro iria para Matthew de pé na cozinha, com um pano de prato na mão e os pensamentos seguros na mente.

Mas então penso em como ele se sentou comigo e com Declan no refeitório, depois de ter soltado aquela bomba ontem à noite. Meu pai disse que às vezes só empurramos para ver se alguém empurra de volta.

Fico imaginando se empurrei de volta do jeito certo.

Minha mãe me observa.

– Pode continuar a ler – digo. – Acho que não quero conversar.

Ela me olha demoradamente, então abre o livro. Fico comendo cereal e ouvindo o som das páginas virando. Esse som está pregado na minha memória. Minha mãe lia antes que eu dormisse quando eu era menor. Ela faz isso com todas as crianças que ficam aqui em casa. Quer que saibam que ela está presente.

– Por que me adotaram? – pergunto.

Ela fecha o livro com cuidado.

– Porque amamos você e queríamos que fosse nosso filho.

Está sendo sincera, mas não quero ouvir esse lugar-comum.

– Não. Por que *eu*?

– Acho que não entendi a pergunta, Rev.

– Vocês receberam dezenas de crianças. Por que eu?

Minha mãe fica em silêncio por um tempo, até que eu me

pergunto se fiz a pergunta errada.

– Você sabe que adoramos crianças – ela diz. – Quando casamos, nem esperamos. Queríamos muito um filho. Mas então... tive um aborto. É comum, principalmente da primeira vez, mas ainda assim foi devastador. Então aconteceu de novo. E de novo. E mais uma vez. Eu me lembro de estar no consultório, lendo alguma revista boba, quando passei por um artigo sobre uma mulher que tinha oito filhos. Ela brincava que fazia uma década que estava grávida. Lembro--me de ficar com ódio dessa mulher quando li. Fui embora e chorei a noite toda. – Minha mãe faz uma pausa. – Falamos sobre adoção. Uma família da vizinhança tinha adotado um bebê, e conversamos com um advogado sobre nossas opções. Geoff estava disposto a pagar uma agência de adoção, mas... não parecia certo para mim. Só que eu estava tão triste com todos os abortos, e não queria chatear seu pai também, então um dia, quando saímos para tomar um café, concordei em fazer o que ele quisesse.

Mais uma pausa. Sei que deve haver mais, então espero. A maneira como fui adotado não foi nem um pouco tradicional.

– Quando saímos do café, vimos uma mulher com um pneu furado. Ela perguntou se podíamos ligar para o guincho. Geoff se ofereceu para trocar o pneu, e ela aceitou. Estava atrasada para pegar uma criança.

– Bonnie – digo, surpreso. A amiga da minha mãe. Sei como se conheceram. Só não tinha ideia das circunstâncias.

Ela sorri.

– Isso, Bonnie. Enquanto Geoff trocava o pneu, começamos a conversar. Eu nem sabia da existência do sistema de acolhimento familiar. Ela foi almoçar em casa no dia seguinte. Nos demos bem de cara. Foi o destino. Sei que foi. Precisei de um pouco de tempo para convencer Geoff. Agora sei que ele se preocupava comigo. Tinha me visto perder bebês demais. Estava preocupado com como

eu lidaria quando uma criança tivesse que ir embora. Seguimos todos os passos. As entrevistas, as visitas à casa, tudo. Preparamos o quarto. E então esperamos por uma ligação. Achei que viria imediatamente. Não veio. Depois de alguns dias, comecei a duvidar. Geoff estava ansioso. O quarto parecia tão vazio! Me perguntei se tinha feito a escolha errada. Uma noite, fui para a cama, mas não consegui dormir. Lembro-me de que olhava para o relógio a cada hora. Estava exausta. Já eram cinco da manhã e eu ainda não tinha dormido nada. Me lembro de pensar: "Por favor. Sei que tem uma criança que precisa de mim. Por favor".

Ela enxuga os olhos, então pega um lenço da caixa no canto da mesa.

– Minha nossa. Não estava preparada pra essa conversa. Achei que fôssemos falar sobre Declan. – Ela enxuga o rosto, então me olha por entre as lágrimas. – E nesse mesmo instante... Rev, no *mesmo instante* em que pensei nisso, o telefone tocou. Era Bonnie. Para falar de você.

É claro que não me lembro dessa história do lado da minha mãe, mas me lembro do meu. Depois que a polícia me tirou do meu pai, fui mandado para o hospital. Muitos desses momentos estão gravados no meu cérebro, enquanto outros são um grande branco. Às vezes me pergunto se isso acontece porque não fui capaz de processar tudo. Eu nunca tinha ido ao médico. Não tinha tomado vacina, feito nenhum exame físico, *nada*. Se eu estivesse bem, talvez tivessem me dado um dia ou dois para me acostumar com a ideia, mas a equipe do pronto-socorro não podia ignorar meu braço quebrado. Nem as cicatrizes e marcas. Eu estava tão desesperado para sair do hospital que teria ido para qualquer lugar, com qualquer um.

Quando Bonnie me trouxe aqui, achei que tinha morrido. Achei que estava no inferno. Achei que estava sendo punido.

– Você estava com tanto medo – minha mãe falou, baixo. – Eu havia lido muitos livros sobre crianças acolhidas por famílias e imaginado os mais diferentes cenários, mas nada como você. Achei que nosso maior desafio seria um bebê com síndrome de abstinência ou uma criança maior com distúrbio do desenvolvimento. Mas você... você não falava. Não deixava ninguém te tocar. Bonnie me disse depois, *muito* depois, que a assistente social do hospital queria que você fosse mandado para uma instituição. Ela chegou a ameaçar entrar com o pedido, mas Bonnie a confrontou e impediu.

Nem me mexo. Não sabia.

Apago mentalmente tudo o que sei da minha vida e tento me imaginar crescendo numa instituição.

Fracasso. Tudo o que consigo ver é a prisão em que deixamos o pai de Declan, e acho que talvez não esteja muito distante do que eu encontraria mesmo.

Engulo em seco.

– Desculpa.

– Por que desculpa? – Ela se levanta da poltrona e vem sentar-se ao meu lado no sofá. Pega minhas mãos e as segura entre as suas.
– Quando você fugiu para a casa de Declan naquele primeiro dia... Ah, ficamos tão preocupados! Geoff achou que tínhamos cometido um erro. Eu estava com tanto medo de ligar para Bonnie, porque tinha certeza de que iam te levar embora e mandar para algum lugar. E quando encontramos você com Declan, quando vimos que estavam brincando de Lego...

Sua voz some. Ela leva uma mão ao peito e fecha os olhos.

– O que foi? – pergunto, devagar.

A voz dela volta baixa:

– Nunca vou me esquecer da expressão no seu rosto. O modo como você largou as pecinhas e se afastou. Nunca vi aquele olhar

em outra criança, e espero não ver.

Eu me lembro desses momentos. Do primeiro dia, quando meu mundo virou de cabeça para baixo, quando as marcas da boca do fogão ainda estavam quentes e rosadas por baixo dos curativos. Soltei o Lego porque estava com medo de fazerem coisas ainda piores que as que meu pai fazia, como cortar minhas mãos fora. Eu nem sabia brincar, mas sabia o bastante sobre castigo.

Eles não me puniram. Nem me fizeram ir embora da casa de Declan. Minha mãe sentou-se com a gente e se juntou à brincadeira.

Penso em Matthew e no que contou sobre Neil e o homem que o acolheu depois. Olho para minha mãe. Seus olhos são tão bondosos! Ela quer o melhor para todo mundo.

– Mas talvez veja.

– Eu sei. – Ela aperta minha mão. – Talvez eu veja. E vou fazer o máximo para ajudar essa criança a superar.

– Você ainda não respondeu minha pergunta.

– Rev, não sei se consigo. Por que *não* você? No momento em que o telefone tocou, eu soube que estava destinado a ficar conosco. Ainda me lembro da primeira risada que deu. – Minha mãe leva a mão ao peito de novo, então a levanta e apoia a palma na minha bochecha. – Ah, demorou tanto. E você virou um jovem tão generoso e bonzinho...

Afasto a mão dela, mas sem ser grosseiro.

– Tá bom, tá bom.

– Ah, Rev, mas é verdade. Lembro-me de quando você tinha 10 anos e perguntou por que não podíamos ajudar mais uma criança, já que tínhamos um quarto sobrando. Nem consegui acreditar. Você, entre todas as crianças, merecia a paz e a tranquilidade de ficar numa casa sozinho, mas quis saber por que não ajudávamos mais alguém. Então a pequena Rose veio, tão doce. Você se lembra

dela, não?

– Lembro.

Rose foi a primeira criança acolhida depois de mim. Ela tinha 2 anos. Deve estar com 10 agora. Minha mãe deve saber. Provavelmente ainda a vê. Faz tudo o que pode para ficar em contato com todas as crianças que passaram por esta casa.

– Claro que se lembra. A mãe dela se esforçou tanto para se reabilitar! Lembro-me de que Geoff ficou muito preocupado com como seria difícil ver Rose indo embora, e foi mesmo. Sempre é. Mas adoro ajudar outras mães. – Ela faz uma pausa. – Depois que Rose foi embora, você me perguntou...

– Perguntei se eu teria que ir embora também.

Minha voz sai rouca. Me lembro bem.

– É. – Ela pega outro lenço e leva aos olhos. – Sua voz... nunca vou me esquecer. Coitadinho. Eu disse a Geoff naquela noite que queria te adotar. Ele já tinha falado com o advogado. Demorou uma eternidade. Fiquei morrendo de medo de que fossem encontrar uma brecha, algum modo de tirar você da gente. – Outro lenço. – Nunca senti tanto alívio quanto quando o juiz aprovou o pedido.

– Eu também – digo, sincero. O dia está muito claro na minha memória. O terno novo que usei no tribunal. O advogado me dando tapinhas no ombro. A constatação de que meu pai não podia fazer nada, *nada*, para me separar da minha nova família.

Nada, a não ser me mandar uma carta depois do meu aniversário de 18 anos.

Franzo a testa.

– Papai descobriu alguma coisa sobre *ele*?

Minha mãe hesita, o que é raro.

– Pode falar – peço.

– Ele mora em Edgewater – ela diz. – É tudo o que o advogado sabe por enquanto.

Edgewater. A sudoeste de Annapolis. Não fica longe. Passamos próximo no caminho para o presídio.

Ao mesmo tempo... eu sabia que devia ser perto. Vi o carimbo do correio na primeira carta.

Espero que a notícia me acerte como uma bala, como tantas outras coisas recentemente. Não acontece. É um fato. Ele mora em Edgewater.

Não, é mais do que um fato. É uma provação, colocada no meu caminho.

Penso em Declan, sentado na sala de espera da prisão, morrendo de medo. Se ele conseguiu, também consigo.

– Quero ver meu pai – digo.

Kristin funga e fecha o punho, formando uma bola com o lenço.

– Estava com medo de que dissesse isso.

Tento ler a expressão em seu rosto, a emoção em sua voz.

– Você não quer que eu o veja.

– Não, Rev, não quero.

Mais lágrimas se seguem, e ela puxa alguns lençinhos da caixa.

– Está preocupada... Acha que...

Não sei como terminar nenhuma dessas frases.

– Tenho medo de que ele te machuque. Tenho medo de que faça com que duvide de si mesmo. Quando Geoff me contou o que estava acontecendo, me senti uma *idiota* por não ter percebido. Vi aquele e-mail que ele te mandou, sobre matar uma criança desobediente. Esse homem maligno e desprezível...

O piso do corredor estala, e ela para. Espero que Geoff apareça e interrompa seu discurso, mas não é ninguém.

– Não – ela diz, mais tranquila. – Não quero que vá.

Fico sentado aqui, pensando em cada momento da última semana, em cada e-mail do meu pai, em cada palavra que eu disse a Emma, a Declan, a Matthew. Penso nas minhas conversas com

Geoff, em como tudo acontece por um motivo, mas há motivos por trás dos motivos, e eventos que não controlamos, levando a consequências que talvez nem saibamos.

Quando falo, minha voz sai calma:

– Depois que Declan viu o pai, ele disse: “É só um homem”. Meu pai também. Acho que nunca me dei conta disso. Ele sempre foi o líder da congregação. Sempre foi todo-poderoso. Mas... não é. E acho que preciso ver isso com meus próprios olhos.

Minha mãe fica um bom tempo sem dizer nada. Quando o faz, não é o que eu esperava.

– Tá – ela sussurra.

Então me dá um beijo na testa, vai para o corredor e desaparece no quarto.

* * *

Matthew não está dormindo.

Seu quarto emana uma escuridão silenciosa, mas há uma energia nervosa no ar indicando que ele ainda está acordado.

A porta está encostada, mas não fechada, então bato de leve. Isso faz com que ela abra alguns centímetros.

É como se eu o tivesse surpreendido com uma espingarda. Ele senta-se na hora.

– Desculpa – digo.

Matthew se mantém em silêncio.

– Só queria dar oi. Desculpa por ter te deixado aqui e sumido pelo resto da tarde.

Nada ainda.

– Então tá – digo, pegando a maçaneta para voltar a encostar a porta na saída.

– Ouvi um pouco da sua conversa com Kristin – ele diz.

Paro, com a mão ainda na maçaneta. Não tenho certeza do que concluir desse comentário.

– Não estava bisbilhotando – ele acrescenta, rápido. – É que fui ao banheiro.

– É?

Fico pensando o que ele ouviu.

– Seu pai te ensinou a lutar? – Matthew pergunta.

Isso me pega de surpresa.

– Não. Aprendi depois.

– Imaginei.

Ele fica em silêncio de novo. Encosto a porta e solto a mão da maçaneta.

Meu quarto é um refúgio bem-vindo. Me jogo na cama e coloco um braço sobre os olhos para bloquear a luz.

Então me sento e tiro o moletom, ficando só de camiseta. Quero sentir o ar contra minha pele de novo. Deito no travesseiro e deixo o braço cair sobre os olhos mais uma vez.

É *pele* que sinto sobre os olhos. Queria poder catalogar a sensação. É como ver o mar pela primeira vez. Ou sentir a neve derreter na língua.

Beijar Emma na grama foi assim também. Tudo isso, completamente estranho, maravilhoso e inesperado. Houve momentos em que a abracei e só quis dizer: “Para. Espera. Me deixa te segurar assim”.

Mas então tudo ruiu.

Pego o celular e mando uma mensagem.

Rev: Você tá bem?

Espero uma eternidade, até que não acredito mais que possa responder.

Ouçõ alguém falar da porta:

– *Caramba.*

Matthew. Enfio os braços nas mangas do moletom sem nem pensar.

Não, definitivamente não estou pronto para ir assim à escola.
A constatação é deprimente. Não consigo afastar a emoção da voz.

– O que foi?

Ele continua à porta. Seus olhos escuros não revelam nada.

– Não precisa colocar a blusa por minha causa. Não ligo. Só fiquei... surpreso.

Fico mexendo na costura da manga, mas não consigo tirá-la. O clima parece incerto entre nós.

Olho para Matthew.

– Quer entrar?

Ele quer. Senta-se na beirada do futon, do lado da porta, sobre as pernas cruzadas. Os hematomas em seu rosto diminuíram consideravelmente. Restaram algumas manchas amarelas, mas nenhum inchaço.

– Foi Geoff que te ensinou? – ele pergunta.

Está falando da luta de novo.

– Não. Faço aula.

– Ah.

Não consigo identificar o tom de sua voz. Não é decepção, mas quase.

– Quer aprender? – pergunto. – Tem uma aula pra iniciantes às quintas. Você pode ir.

Ele bufa, escarnecendo.

– Eles não vão pagar por algo desse tipo.

– Talvez paguem. Mas, de qualquer maneira, você pode experimentar algumas aulas grátis. – Faço uma pausa. – Ou posso te ensinar.

– Pode ser.

Matthew não diz mais nada. Tampouco deixa o futon.

Olho para o relógio, então para ele.

– Quer falar sobre mais alguma coisa?

– Não – Matthew responde.

Mas permanece ali mesmo assim.

Queria poder ver dentro da sua mente. Queria conseguir entendê-lo. Penso em como se juntou a nós na mesa, quase se escondendo no fim. Considero seu passado e me pergunto se um quarto vazio é uma fonte de ansiedade, não um refúgio. Sei como é temer o desconhecido.

Pego um dos meus travesseiros e jogo no futon. Então me estico e apago a luz.

– Pode ficar aí se quiser. Eu vou dormir.

Então rolo, virando de costas para ele.

Meu celular apita.

Emma.

Emma: Tô. É tão zoadado.

Hesito, sem saber bem como deixamos as coisas. Devagar, escrevo uma mensagem.

Rev: Tô aqui, se quiser falar.

Emma: Eu não deveria ter dito aquilo. Desculpa.

Isso alivia parte da pressão no meu peito.

Rev: Eu não deveria ter insistido.

Emma: Só quero resolver sozinha. É importante pra mim.

Rev: Eu sei. Mas não precisa, Emma.

Emma: Obrigada, Rev.

Rev: Você acha que pode arrumar o jogo? Queria poder ajudar...

Emma: Queria que você pudesse usar seu jiu-jítsu com esse cara.

Rev: Quer que eu acabe beijando ele também?

Assim que envio, fico vermelho. Então me lembro de que não estou sozinho no quarto.

Dou uma olhada para o futon. A cabeça de Matthew está apoiada no travesseiro. Seus olhos estão fechados.

Se ele não está dormindo, sabe fingir muito bem. Acho que é a primeira vez que ele fecha os olhos na minha presença.

Recebo uma mensagem.

Emma: Não, pode guardar esse tipo de aula pra mim.

Meu coração pula. Sinto como se pudesse voar.

Então recebo outra mensagem.

Emma: Tenho que reiniciar o servidor e mexer na programação. Falamos amanhã?

Rev: Claro.

Emma: ≡

Isso faz meu próprio coração disparar. Fico ainda mais vermelho.

Levo uma eternidade para pegar no sono.

Pela primeira vez em muito tempo, nem ligo.

TRINTA E CINCO

Emma

Ethan: Encontrei.

A mensagem me acorda às cinco e meia da manhã. Sento na cama e esfrego os olhos.

Não quero me lembrar de nada, mas lembro.

O que Pesadelo fez.

O que Rev fez.

O que eu fiz.

Preciso ler três vezes para entender o que Ethan está dizendo.

Emma: Você encontrou o cara??

Ethan: Levei a noite toda.

Emma: Você ficou até agora fazendo isso?

Ethan: Bem, depois que você tirou o jogo do ar, fiquei meio à toa...

Eu *tinha* que tirar o jogo do ar. Foi a primeira coisa que eu fiz. Os danos eram extensos. Estavam em toda parte. Pesadelo deve ter passado o dia todo mexendo com o meu código.

Tenho um backup, então vai ser fácil fazer o jogo voltar ao normal, mas acho que a sensação de violação não vai me deixar assim rápido.

Ainda bem que nunca contei ao meu pai sobre o jogo. Imagino o que ele diria.

Muito bem, querida. Adorei o showzinho na taberna. Segurança

acima de tudo!

Faço uma careta e volto para as mensagens.

Emma: COMO?

Ethan: Eu falei. Conheço umas pessoas.

Emma: Quem é ele?

Uma imagem aparece na tela. É uma carteirinha de estudante. O nome nela é William Roll. Não o conheço. Olho para o ano escolar.

Emma: Ele está no primeiro?? Na South Arundel?

Ethan: Pois é. Mandeí todas as capturas de tela pra mãe dele.

Engasgo e tenho que ler a mensagem de novo.

Emma: Você fez O QUÊ?

Ethan: E pro diretor também. O garoto é pirado.

Fico olhando para as mensagens, dividida entre o alívio e a decepção.

Era o maior problema da minha vida, e nem consegui resolver eu mesma.

Ethan: Não se preocupa. Borrei seus dados.

Emma: Valeu.

Ethan: Tranquilo.

Nem sei o que dizer.

Ethan: Desculpa. Eu devia ter perguntado o que você queria fazer. Mas odeio quando esses babacas mexem com gente legal. Você trabalhou duro no seu jogo.

Emma: Imagina, tenho que te agradecer. Eu nunca conseguiria ter encontrado o cara.

Ethan: Relaxa. Agora só preciso pensar em um jeito de convencer minha mãe de que passei mal à noite pra poder ficar dormindo.

Emma: Vai dormir. Você é meu herói.

Ethan: ≡ 😊

Fico olhando para o coraçãozinho por um minuto inteiro. É só um emoji. Não significa nada.

Eu deveria escrever para Rev. Meu coraçãozinho para ele de fato significou alguma coisa.

Sinto as bochechas queimando. Talvez deva tomar café primeiro.

Minha mãe está na cozinha quando desço, o que é uma grande surpresa. Nada de ioga, nada de música country. Em vez disso, tem papéis espalhados em cima da mesa, que parecem contas ou demonstrativos financeiros. Ela tem uma caneta na mão, e está parada sobre um bloco de notas. Tem uma xícara fumegando ao seu lado, mas ela deve ter feito um bule inteiro, porque a cafeteira está ligada.

Minha mãe fazendo um bule inteiro de café?

Ela levanta o rosto quando apareço à porta. Está com bolsas debaixo dos olhos, mas não parece estar chorando. Só cansada.

– Oi – digo, receosa.

– Oi, Emma.

Não consigo identificar muita coisa em sua voz. Talvez pareça contida, mas minha mãe nunca é contida.

Em qualquer outra manhã, eu escolheria ignorá-la, pegaria uma caneca enorme de café e voltaria para o quarto. Mas o café da manhã com meu pai e a maneira como a atenção dele estava toda focada no iPhone e no lançamento do novo game não saem da minha cabeça.

Pela primeira vez, me pergunto se minha mãe não se sente solitária.

Me sento à mesa.

– O que está fazendo?

Ela olha para o bloco de notas.

– Estou tentando fazer um relatório da nossa situação financeira para o advogado. Não quero deixar nada de fora.

– Ah.

Ela olha para o relógio sobre o fogão.

– Acordou cedo.

– Tenho que ir pra aula.

– *Eu sei*, Emma. Mas faltam 45 minutos para o ônibus chegar.

Uma sombra de seu temperamento cotidiano se mostra em sua voz, e eu tenho que me segurar para não reagir. Talvez sua agitação só seja uma reação à minha.

– Pensei em fazer o café da manhã. – Faço uma pausa. – Pra gente. Quer?

O silêncio paira na cozinha por um breve momento, mas que parece interminável.

– Quero. Obrigada.

Faço ovos mexidos. Tudo ainda está silencioso a esta hora, e o batedor na tigela parece fazer barulho como nunca. Fico de costas para minha mãe enquanto coloco os ovos na frigideira, mas não me sinto desconfortável. Não parece que ela está me vigiando. É como se estivesse à deriva, como se sua cadeira fosse um bote sem remo, e eu estivesse em uma costa distante.

Coloco os ovos numa travessa, polvilho um pouco de salsinha em cima e coloco dois pratos na mesa.

– Mais café? – pergunto.

– Você já fez os ovos. Eu cuido do café.

Quando nos sentamos para comer, o barulho dos garfos na

porcelana parece ainda mais alto que o do batedor.

De repente, ela deixa o garfo de lado e me olha.

– Sei que me odeia por isso, Emma. Sinto muito. Mas eu não aguentava mais.

Congelo, com o garfo suspenso no ar.

– Eu não... – Minha voz falha, e tenho que pigarrear. – Não odeio você.

– Também mereço ser feliz.

– Eu não sabia que você não era.

Só que eu sabia. Assim que as palavras saem da minha boca, percebo que não são sinceras. Minha mãe também, porque me olha nos olhos.

– Eu sabia – digo. A emoção força passagem até meu peito, fazendo tudo parecer opressivo. – Desculpa.

– Não – ela diz. – Não precisa pedir desculpa. Minha felicidade não é responsabilidade sua.

– Era do papai.

Minha mãe balança a cabeça.

– Não, nem dele. É minha. – Ela olha em volta. – Sabe como dizem que o dinheiro não compra felicidade? Eu bem que tentei.

Não sei o que dizer, então pego mais uma garfada de ovo. Ela também. Voltamos a ficar em silêncio.

Eventualmente, ela deixa o garfo de lado de novo.

– Tenho certeza de que o café da manhã com seu pai foi mais divertido que isso. Não estou conseguindo ser boa companhia agora, Emma.

– Foi pior – digo.

Ela ergue as sobrancelhas.

– O quê?

– Foi pior. – Faço uma pausa. Não consigo olhar para ela enquanto falo. – Ele não largava o celular. Tive que ligar pra mãe da Cait ir

me buscar pra não chegar atrasada na escola.

– Emma. – Ela põe a mão sobre a minha. – Você podia ter me ligado.

Fico olhando para sua mão, para as unhas perfeitas, e me dou conta de que não me lembrava da última vez que minha mãe tinha me tocado.

– Eu não... você já estava tão brava com ele. E achei que estivesse brava comigo também.

– Não estou brava com você, Emma. – Ela faz uma pausa. – E sinto muito que o café da manhã não tenha sido como esperava. Sei que sempre idolatrou seu pai.

Tenho que enxugar os olhos. Queria que parassem de lacrimejar.

– Eu não sabia que ele era assim.

Porque eu estava sempre enterrada nos meus próprios aparelhos, nos meus próprios projetos. Queria ser como ele. Nunca tirei os olhos da tela por tempo o bastante para ver o que estava acontecendo à minha volta.

– Desculpa – digo.

– Não – ela diz. – Eu que tenho que pedir desculpa. Não deveria ter deixado que isso se prolongasse tanto. – Ela olha para a cozinha em volta. – Nem sei o que estamos fazendo nesta casa. Não precisamos de tanto espaço. Não precisamos de todas essas coisas. Lembro-me de quando estávamos procurando um lugar neste bairro e seu pai disse: “Vai ser difícil por um tempo. Não quero ter uma casa enorme e uma família infeliz”. E foi assim que terminamos.

– Não sou infeliz – sussurro.

– Não? – Ela funga. – Porque eu sou.

Fico perplexa.

Ela olha em volta de novo.

– Sempre quis o melhor para a nossa família, Emma. Fui criada pra dar duro. Foi assim na faculdade, no trabalho. Achava que seu

pai era um espírito livre, que equilibraria a balança. Não me dei conta de que significava que eu nunca poderia deixar de dar duro.

Fico tensa.

– Papai também trabalha duro.

Ela me olha.

– Acha mesmo isso, Emma?

– Eu... eu sei. Ele está sempre trabalhando...

– Ele está sempre jogando. – A voz dela é muito tranquila. – Tem uma diferença...

– Eu sei que tem.

Arrasto a cadeira para trás.

– Emma. – Minha mãe continua controlada. – Preciso te dizer uma coisa.

Não quero esperar... tampouco quero ir embora. Respiro fundo.

– Tá. O quê?

Ela levanta os olhos para encontrar os meus.

– Seu pai foi demitido. De novo.

As palavras me atingem como duas balas separadas, não sei qual machuca mais.

– De novo? – sussurro.

– Ele sempre teve dificuldade em manter um trabalho no longo prazo. Só vai trabalhar até o jogo ser lançado na semana que vem.

– Mas... mas o papai sempre teve um emprego.

– Não, Emma. Nem sempre. Ele sempre teve um game pra jogar, mas nem sempre teve um emprego. – Ela faz uma pausa. – Em parte, é a natureza do trabalho. Ele assina um contrato para desenvolver um produto específico. Mas em parte é a natureza *dele*. E é por isso que tento te afastar dessa área de vez em quando. – Outra pausa. – É por isso que quero que tenha uma carreira um pouco mais estável.

Engulo em seco.

– Vai ficar tudo bem. Sempre ficamos bem.

Não sei o que dizer. Estamos tão distantes que nem acho que exista um mapa que possamos usar para voltar a nos encontrarmos.

Ela gesticula para nossos pratos.

– Quer dizer, olha só isso. Você fez o café da manhã.

– São só ovos mexidos.

– É o café da manhã. – Ela faz uma pausa. Seus olhos se fixam nos meus de novo. Fico chocada ao pensar que mal consigo me lembrar da última vez que tive sua atenção, ou que lhe dediquei toda a minha. – Desculpa, Emma. Sinto muito que estejamos passando por isso.

Olho para ela.

– Desculpa por não ter sido uma boa filha.

– Ah, Emma. – A voz dela falha, e sei que está sendo sincera. – Sinto muito por ter feito você pensar assim. Te amo tanto.

A emoção em sua voz traz a minha própria à superfície. Tenho que levar a mão aos olhos.

– Também te amo.

– Só quero o melhor pra você.

– Posso ser melhor, mãe.

Ela sorri.

– Eu também.

* * *

Espero na frente do armário de Rev. Passei delineador e um pouco de blush esta manhã. Quando Cait me viu no ônibus, seus olhos quase saltaram das órbitas.

Então ela me ofereceu um gloss.

Não é difícil achar Rev. O moletom preto voltou. Ele está se escondendo de novo. Penso em como o afastei e me pergunto se tenho algo a ver com isso.

Mas ele me mandou uma mensagem esta manhã para saber se eu ainda queria encontrá-lo antes da aula.

Uma energia nervosa explode no meu abdome.

Ele para à minha frente e sorri, ainda que hesitante.

– Emma.

Fico vermelha. O modo como diz meu nome é como um abraço.

– Oi.

Rev estica a mão para tirar uma mecha de cabelo dos meus olhos. Seus dedos roçam minha bochecha, e eu estremeço.

Quero atacá-lo aqui mesmo, no corredor.

Então ele pergunta:

– Deu tudo certo com o jogo?

– Ah! Deu. Deu, sim. – Não consigo parar de pensar em beijá-lo, e tagarelo: – Ethan descobriu quem era o menino. E mandou capturas de tela para o diretor da escola dele.

Rev fica imóvel.

– É mesmo?

– É. Ele disse que conhece alguém que pode entrar no 5Core e...

– Achei que você quisesse resolver tudo sozinha.

– Eu tentei. Não consigo hackear um sistema pra descobrir a identidade de alguém. Não sou esse tipo de nerd...

– Ah. – Rev fica quieto por um segundo, mas parece uma hora. – Bem, preciso trocar meus livros.

Saio da frente e o vejo deixar alguns volumes e pegar o que precisa. Seus movimentos são rápidos e eficientes, e ele nem me olha. Com o capuz escondendo a maior parte do rosto, é impossível captar seu humor – apesar de parecer que estamos longe de tocar um no rosto do outro agora.

Rev fecha a porta do armário com cuidado, então joga a mochila por cima do ombro.

– Tenho cálculo. Podemos ir por aqui?

Sua voz é fria. Concordo depressa:

– Claro.

É esquisito andar pelos corredores com Rev. As pessoas nunca saem da minha frente, mas saem da dele. E Rev está certo – elas o encaram mesmo. Ou talvez seja porque estejamos juntos. Uma porção de olhos se volta para mim. Gostaria de saber o que pensam.

Dou uma olhada nele para ver como recebe a atenção, mas não consigo ler sua expressão.

– Pode baixar o capuz? – peço. – A menos que...

– Tudo bem. – Ele o tira, então me olha. – Melhor?

Rev parece diferente sob as luzes fortes do corredor. É a primeira vez que o vejo sem capuz em um lugar com iluminação decente. Seu cabelo é um tom mais claro do que eu pensava, e sua pele não é tão pálida.

– Sim. – Engulo em seco. – Obrigada.

Me sinto instável.

– Você tá bravo por causa do Ethan? – tento adivinhar.

– Não tô bravo, Emma.

– Não parece feliz. – Me apresso a explicar: – Eu disse que não consigo resolver sozinha...

– Eu sei. – Ele aperta os maxilares. – E ontem à noite eu disse que você não precisava resolver sozinha. Então ficou brava e disse que não *queria* ajuda.

– E eu não queria! – digo. – Não queria a ajuda dele também.

– Então falou pra esse cara não interferir e ele fez isso mesmo assim?

– Não... ele estava tentando ajudar... – Já não sei mais o que estamos dizendo, ou melhor, discutindo. Sinto que um de nós tem que estar errado aqui, e uma pequena parte de mim se preocupa que seja eu. – Ethan só resolveu porque podia. Ele achou que

estava ajudando.

– Que maravilha! Você conhece um pessoal incrível na internet.

– Qual é o seu problema? Eu nem conheço o Ethan! Como você pode ter ciúmes de um cara que eu nem conheço?

Ele faz uma careta, então franze a testa.

– Acha que estou com *ciúmes*? Tem alguma ideia de como soa quando você diz “Falei pra ele não fazer, mas ele fez mesmo assim?”.

Sinto como se tivesse levado um soco.

O primeiro sinal toca, e ele dá um passo atrás.

– Tenho que ir pra aula.

– Espera. – Não consigo entender como o drama da minha vida se desenrola tão rapidamente. – Por favor, não vai embora assim. Podemos nos encontrar hoje à noite na igreja? Pra conversar?

Ele hesita, e o tempo se concentra neste momento sem fôlego, em que estou convencida de que a vida vai continuar me passando rasteira.

Então ele assente.

– Tá.

TRINTA E SEIS

Rev

Não deveria ser tão difícil.

Talvez seja um sinal. Fico tentando fazer as coisas darem certo com Emma, mas talvez ambos estejamos quebrados e além do reparo.

Conto tudo a Declan. E a Matthew, porque ele se sentou conosco à mesa do refeitório como se tivesse feito isso a vida inteira.

Matthew dormiu no futon ontem à noite. Estava ferrado no sono quando acordei, e o deixei lá. Ele não disse uma palavra a respeito, então fiquei quieto também.

O refeitório não está muito cheio hoje. Faz um tempo lindo lá fora, daí a maior parte das pessoas leva a bandeja para o pátio.

Queria que Juliet estivesse aqui, porque preciso do ponto de vista de uma garota, mas ela está trabalhando em alguma coisa para o anuário.

– O que acha que eu devo fazer? – pergunto.

Declan abre as mãos.

– O que você quer? Você já prometeu que ia encontrar Emma hoje à noite.

– Quero que me diga o que devo fazer.

– Não. – Declan balança a cabeça. – Você passa tempo demais se preocupando com o que deve fazer. Mas a questão é: o que você *quer* fazer?

– Não sei o que quero fazer.

Como o restante da minha vida, Emma não é simples – é complexa.

Nem consigo acreditar que ela acha que estou com ciúmes.

Mas, ao mesmo tempo, consigo. Pelo que Emma diz, todo mundo na sua vida é egoísta e controlador. Por que eu não seria?

– Ei. – Declan estica o braço e me dá um tapa na cabeça. – Para de pensar, cara. Come alguma coisa.

– É tudo tão complicado.

– Não é – Declan diz. – A garota quer conversar. Você sabe fazer isso. Se ela achasse que vocês são diferentes demais, aí seria complicado.

– Quê? – pergunta Matthew.

– Longa história.

Empurro o pacote com meu almoço na mesa. É tudo um saco.

– Não tô com fome.

As palavras de Declan giram na minha mente. *Você passa tempo demais se preocupando com o que deve fazer. Mas a questão é: o que você quer fazer?*

Parece uma conversa que tive com Geoff.

Você quer seu pai na sua vida?

Não sei.

Acho que sabe, sim, Rev.

Declan também sentia que precisava confrontar o pai, então o fez. Até Matthew queria tomar uma atitude. Ele pegou uma faca e estava pronto para fugir pela porta da frente.

Não foi uma atitude sábia, mas pelo menos Matthew tentou fazer alguma coisa

Emma quer conversar.

E eu fico aqui, paralisado pela indecisão.

Do outro lado da mesa, Matthew se mantém imóvel também. Está fazendo aquela coisa de olhar sem olhar, como nas primeiras noites morando com a gente.

– O que foi? – pergunto.

– Nada.

– Assim como Neil não era nada?

Seus olhos encontram os meus rapidamente, então ele se fecha em si mesmo.

– Não toca nesse assunto.

Olho para as pessoas no refeitório, e então os encontro – os garotos que estavam incomodando Matthew no outro dia.

– Eles continuam pegando no seu pé?

– Esquece.

– Cara. Eles não...

– *Esquece.*

Declan se vira para onde estou olhando, então me encara.

– Lembrete rápido: se for começar alguma coisa, bata *neles*. Não em mim.

– Não vou começar nada.

Matthew simplesmente parou de comer. Seus ombros estão tensos, os dedos cutucam a tampa de um pote.

– Você deveria contar aos meus pais – digo.

Ele bufa.

– *Claro.*

– Acha que não?

– Não consegue entender que estou tentando não criar problemas?

Sua voz é baixa e desdenhosa. Seu olhar continua em outro ponto.

Os garotos estão no caixa, pagando. Um deles nos vê, então cutuca o outro e aponta para o lugar em que estamos sentados.

Matthew enfia a comida de volta no saco. São movimentos muito controlados.

– Aonde vai? – pergunto.

– Lugar nenhum.

Ele joga a mochila no ombro e se afasta da mesa.

Quero deixá-lo ir. Não gosto de confrontos. Mas talvez esse seja o problema.

– Cuida das minhas coisas – digo a Declan.

Matthew chega antes de mim à porta que dá para o corredor, mas eu o alcanço com facilidade. Ele está indo para a direção sul, o que me surpreende. Só a ala de artes fica naquela área. Juliet deve estar lá, no laboratório fotográfico.

Matthew não para. Ele nem me olha.

Sem aviso, entra em uma sala.

É tão inesperado que eu quase não me viro a tempo. É o estúdio, onde nunca tive aula. É preciso fazer uma disciplina optativa da área de artes para se formar, então estudei apreciação musical no nono ano, para já tirar isso do caminho.

O estúdio é enorme, mas de alguma forma parece apertado. Há cor em toda parte, das pinturas e desenhos dispostos nas paredes às resmas de papel, potes de tinta e bobinas de papel-jornal nos fundos. Metade do espaço é ocupada por seis mesas compridas, com banquinhos embaixo. A outra metade tem uma dúzia de cavaletes. A iluminação vem das sequências de spots no teto, em vez de ser fluorescente, como nas outras salas da escola. É um lugar tranquilo. Pacífico.

Fico pensando se Matthew faz alguma aula aqui ou se é só um esconderijo conveniente.

– Você faz aula de artes?

Ele hesita, então dá de ombros.

– Faço. Só uma optativa.

Matthew larga a mochila perto da lousa branca na frente da sala e vai para as prateleiras estreitas sob a janela. Ele pega uma tela escura e a leva até um cavalete.

Sob a luz, percebo que não é uma tela escura – é uma tela pintada com cores escuras. A maior parte dela tem faixas grossas

vermelhas, com listras pretas e curvas irregulares e quebradas. A parte superior da tela não foi tocada. A pintura é muito abstrata, mas irradia ódio.

Matthew a coloca no cavalete. Não me olhou desde que entramos aqui. O clima fica desconfortável de repente, como se eu tivesse interrompido algo muito privado.

– É mais do que uma optativa, não é? – pergunto.

Ele não responde, mas nem precisa.

– Comecei há alguns meses. A sra. Prater guardou pra mim. Primeiro fiquei feliz, porque é um saco parar algo no meio. Mas fico tentando e tentando, e não consigo acertar. Ando pensando em jogar fora e recomeçar.

Quanto mais olho para a pintura, mais difícil é virar o rosto. Fico encontrando detalhes. São curtas pinceladas roxas e laranjas, quase escondidas entre as pinceladas vermelhas e pretas.

– Como aprendeu a fazer isso? – pergunto.

– Não sei. – Ele dá de ombros – Em uma das casas em que morei, havia uma ilustradora. De livros infantis, sabe? Ela me deixava pintar. – Matthew faz uma pausa. – É algo que dá pra fazer meio que em qualquer escola.

Identifico um tom saudoso em sua voz, e me pergunto o que aconteceu com a ilustradora. É a primeira vez que ele menciona um lar temporário sem ressentimento na voz.

Matthew me olha, como se lesse meus pensamentos.

– O marido dela foi transferido, e eles não estavam interessados em adoção. Não se pode sair do estado com uma criança que se acolhe, então...

Ele dá de ombros de novo.

– Você é muito bom.

Matthew abre um sorriso cínico.

– Você nem sabe o que está olhando.

Mas ele parece satisfeito.

– Tem mais algum quadro aqui? – pergunto.

Ele assente, e levanta os olhos para a parede.

– Ali em cima. A floresta.

Encontro a pintura que ele indica. É em sua maior parte preta e cinza, árvores escuras sob um céu noturno. Há algumas estrelas entre os galhos secos. Nada indica inverno, mas de alguma maneira a pintura me faz pensar no frio. Na base de uma árvore há uma pequena figura escura, como alguém agachado, e uma explosão de cores, em tons de amarelo e laranja, como uma fogueira.

Penso no que ele acabou de dizer. É um saco parar algo no meio. Me pergunto quantas pinturas inacabadas dele estão escondidas em salas de arte da cidade – trabalhos que começou e teve que abandonar.

Parece um segredo ainda maior do que aquilo que Matthew me contou sobre as famílias com que ficou. Não há nada que indique um gosto pela arte em seus pertences. De alguma forma, isso o deixa mais acessível.

– Você deveria contar a Kristin e Geoff – digo. – Pode arrancar o quadro com o alfabeto no seu quarto e pintar o que quiser.

Ele sorri.

– Seria legal. – De novo, seu sorriso desaparece. – Mas eles não iam deixar.

– Por que não? É só tinta.

– Porque não é minha casa.

Não sei o que dizer. Mas sei que não posso forçá-lo. Dou de ombros.

– Bom, deveria pelo menos contar que gosta disso. Eles podem te arranjar o que precisar. Tinta ou sei lá o quê.

Por um breve instante, Matthew parece considerar, então sua expressão se fecha.

– Eles já gastaram uma grana com a cama e outras coisas.

É a segunda vez que Matthew menciona dinheiro. O que foi que ele disse no refeitório? *Não consegue entender que estou tentando não criar problemas?* Pensei em todas as coisas que ele fez desde que foi morar com a gente. As fugas. A faca. Ficar escondido no escuro. Mas nunca pensei nas coisas que *não* fez. Matthew não discutiu com meus pais. Não se meteu em encrenca na escola. Não evitou tarefas, começou brigas ou mesmo levantou a voz.

Não revidou, ainda que os garotos não parassem de pegar no seu pé.

Isso me faz pensar no comentário do meu pai sobre termos que fazer perguntas para ouvir os que são mais quietos.

Com toda aquela história de pular de um lar temporário para outro, com toda a sua insistência de que seu tempo conosco é limitado, não me dei conta do quanto isso deve pesar para ele. Me lembra de quando morava com meu pai, do intervalo de tempo entre a ação e o castigo, quando eu sabia que algo terrível viria, mas não quando ou como.

A incerteza, a espera... Deve ser horrível para ele.

Meu celular apita, e eu o tiro do bolso.

Quarta, 21 de março, 12:05:34

DE: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

PARA: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

ASSUNTO: Responda

“Meus dias são mais velozes do que a lançadeira do teceão, e se acabam sem esperança.”

Talvez isso seja sutil demais. Talvez você tenha esquecido o que ensinei.

Exijo uma resposta.

Talvez seja a exigência. Talvez seja o tempo que passei com meus pais. Talvez seja tudo o que está rolando com Emma, ou com Matthew, ou com Declan.

Mas, dessa vez, o e-mail dele não me deixa chateado. Só me

irrita.

O sinal toca, anunciando o fim do almoço. Tenho que voltar ao refeitório para pegar minhas coisas.

Matthew está sentado num banco em frente ao cavalete.

– Acho que você sabe o que quer fazer.

Levanto a cabeça depressa.

– O quê?

– Ela gosta de você. Acho que você sabe o que quer fazer. Só precisa criar coragem e *fazer*.

Ele está falando de Emma.

Estou pensando no meu pai.

Os alunos começam a encher a sala. Matthew olha para o relógio na parede.

– Você não tem que ir pra aula?

Ele está certo. Tenho, sim.

Enfio o celular no bolso e me volto para a porta.

Então paro e viro para ele.

– Ei – digo, mantendo a voz baixa. – Você não precisa ficar fugindo deles. Estou aqui. E Dec também.

Ele parece assustado, mas se recupera rápido. Volta a olhar para o quadro. Não acho que vai dizer alguma coisa.

E estou *mesmo* atrasado para a aula.

– Ei – Matthew me chama. Mal consigo ouvi-lo por cima do barulho de empurra-empurra para entrar na sala.

Me viro de novo.

– Fala.

– Valeu.

* * *

Declan me espera no corredor com minha mochila. Ele tem o horário livre depois do almoço, então não precisa ir a lugar nenhum.

– Tudo certo? – pergunta.

– Tudo. Espera aí.
Abro o e-mail do meu pai no celular e, sem nem pensar, clico em “responder”.

Quarta, 21 de março, 12:09:14

DE: Rev Fletcher <rev.fletcher@freemail.com>

PARA: Robert Ellis <robert.ellis@speedmail.com>

ASSUNTO: Re: Responda

Não vou fazer isso por e-mail. Se quiser conversar, vai ser cara a cara. Me diga quando e onde.

Clico em “enviar” antes que possa mudar de ideia.

Então pego minha mochila e vou para a sala.

Dec se apressa para me acompanhar.

– O que acabou de acontecer?

Mostro a tela, e ele lê rápido.

– Cacete, Rev.

Normalmente, eu olharia feio para ele por causa do palavrão, mas, no momento, nem ligo.

Dec me olha e compreende errado meu silêncio.

– Desculpa. Mas o que você fez merecia um...

– Eu entendi.

– Olha. Ele já respondeu.

Declan me devolve o aparelho.

Outro e-mail, com um endereço – do apartamento dele, imagino. Ou um apartamento qualquer. Mas fica em Edgewater, o que só confirma minha suspeita.

E um horário. Quatro da tarde.

Cacete.

Declan me observa.

– O que você vai fazer?

Minha respiração fica rasa, e meu ritmo cardíaco triplica. Apesar

disso, me sinto surpreendentemente calmo.

Olho para ele.

– Vou pegar seu carro emprestado.

TRINTA E SETE

Emma

Ele não me mandou nenhuma mensagem.

Verifiquei o celular umas mil vezes hoje. Nada. Agora estou no ônibus, voltando para casa.

Emma. A maneira como pronunciou meu nome está gravada nos meus ouvidos, se repetindo eternamente. *Emma. Emma. Emma.*

Preciso consertar isso. Todos os meus relacionamentos estão fraturados, instáveis.

– Ele vai escrever – Cait diz. Ela está me vendo abrir e fechar o aplicativo de mensagens. – E, mesmo que não escreva, vocês ficaram de se encontrar hoje à noite, não foi? Você não disse que tem um monte de coisa rolando com ele?

– É...

Tem mesmo. Sei que tem.

Mas comigo também.

Mordo o lábio.

– Estou com medo de ter estragado nosso... sei lá.

– Você não estragou nada.

– Talvez tenha estragado. Não sei o que tem de errado comigo.

Cait fica quieta por um tempo.

– Emma, acho que não tem nada de errado. Você diz o que pensa. É uma coisa boa.

Ela para.

– É seu jeito de me dizer pra deixar de ser uma vaca?

– Você não é uma vaca. Só acho que está treinada pra se defender.

Isso me faz pensar em Rev, que foi treinado para fazer

exatamente isso, mas de uma maneira diferente. Por motivos diferentes.

– Talvez você deva se aproximar dele de outra forma – Cait diz. – Quando estiver tudo resolvido.

Abro um sorriso sem graça para ela.

– Obrigada por dizer “quando”, e não “se”.

O ônibus para no fim da minha rua. Cait se inclina para me dar um abraço.

– Liga se quiser ir pra minha casa, tá? Minha mãe vem te buscar.

O ar está frio quando saio do ônibus, mas a luz do sol me banha. Por todos os critérios, é um dia lindo. São 15h30, e tenho a tarde toda para mim. Encho os pulmões de ar fresco.

As coisas com minha mãe ainda estão tensas, mas não insuportáveis. Tenho certeza de que *em algum momento* vou resolver tudo com meu pai.

Estou bem. Respiro fundo. Estou bem.

Então vejo a placa de “vende-se” na frente da minha casa.

Ela colocou mesmo à venda. Não achei que conseguiria.

Fico zozona. Minha vista fica cheia de manchas.

Preciso respirar. Preciso respirar.

Meus pés me levam em frente. O mundo se resume às letras na placa. “V-E-N-D-E-S-E”. A estaca de madeira branca. A placa de metal, balançando ao vento.

Os carros desconhecidos na garagem. Um é um sedã de luxo. Outro é uma SUV grande. Ambos caros e brilhantes.

Conforme me aproximo, me dou conta de que tem gente na nossa varanda. À porta, há uma mulher com um elegante terninho listrado. Ao lado dela, um jovem casal com um bebê no sling.

– Você disse que acabou de ser colocada à venda? – o homem pergunta.

– Isso – diz a mulher de terno. – É difícil encontrar algo do tipo

em Annapolis. O interior está impecável. Os proprietários cuidaram muito bem do lugar...

Ela abre a porta. Eles desaparecem lá dentro.

Minha mãe não pode fazer isso. Não pode.

Ela nem me disse para onde vamos. Achei que só estava ameaçando meu pai. Tentando chamar sua atenção. Um último recurso para salvar o casamento.

Não tinha ideia de que falava sério.

E a casa entrou à venda *hoje*? Ela nem pensou em mencionar isso no café?

Posso ser melhor.

Eu também.

Que palhaçada.

Estou na calçada em frente à minha própria casa, sem ar. Preciso sair daqui antes que o casal feliz olhe pela janela e me veja vomitar no gramado.

E Taxy? Onde ela está? Por que não está latindo?

Entro correndo pela porta da frente. Eles ainda não passaram da sala de jantar. Os três me encaram como se eu fosse louca. A mãe coloca a mão sobre a cabeça do bebê, como se não quisesse que ele visse alguém tão descompensada.

A srta. Terninho Listrado franze a testa para mim.

– Posso ajudar?

– Eu... é... minha cachorra... – Minha voz sai trêmula. Engulo em seco. – Preciso levar a cachorra pra passear.

– Ah! Você é a Emma? A dra. Blue disse que ia tirar a cachorra da casa essa semana, para que eu pudesse mostrar aos interessados. Tenho certeza de que deve estar se divertindo no canil.

Minha mãe levou Taxy para o canil. Ela tirou minha cachorra de casa sem nem me avisar.

Que vaca.

– Está se sentindo bem, querida?

A corretora se aproxima de mim. Soa um pouco preocupada, um pouco irritada, como se não recebesse comissão por isso.

Tenho que sair daqui.

– Não... desculpa. – Esfrego os olhos antes que comece a gritar com completos desconhecidos. – Preciso... Tenho que...

Então estou do lado de fora, o asfalto sob meus pés, e começo a correr.

* * *

Rev não está atrás da igreja. Não sei por que achei que estaria. Estamos no meio da tarde. Estou arfando, suada, prestes a ter um troço.

Pego o celular e mando uma mensagem.

Emma: Rev. Preciso falar com você.

Espero, espero e espero. Ele não responde.

Emma: Por favor. Sei que tá bravo, mas não me ignora.

Ele me ignora.

Ou talvez nem veja minhas mensagens. Mas, do jeito como as coisas andam, acho que me ignora mesmo.

Ligo para Cait. Faz só 15 minutos que nos separamos, então sei que ainda está no ônibus, mas sua mãe talvez esteja em casa.

Não está. Eles têm uma secretária eletrônica, mas estou chorando tanto que, quando o bipe soa, só desligo.

Ligo para minha mãe.

Por algum milagre, ela atende.

– Emma?

– Você colocou a casa à venda? – grito.

Há uma pausa.

– Emma, eu disse que não podemos ficar com a casa. Quando liguei, a corretora falou que havia algumas pessoas interessadas que poderiam ir hoje. Tive que tomar uma decisão rápida. Sinto muito.

– Você nem me contou! Pra onde a gente vai? O que vai...

– Emma. – Ela baixa a voz. – Você precisa se controlar. Não posso discutir isso agora.

– Você disse que ia melhorar. – Minha voz falha. – Acha que isso é melhor?

Ela suspira.

– Emma...

– Esquece.

Não consigo acreditar que fiz o café da manhã para ela. Não consigo acreditar que fiquei com *pena* dela. Clico no botão que encerra a ligação.

Então me sento na grama e choro. Choro sem parar.

Tento ligar para a casa de Cait de novo. Ninguém atende. Não deixo mensagem de novo.

Estou desesperada o bastante para ir até a casa de Rev?

Aparentemente, sim, porque de repente estou nos degraus da frente, batendo na porta sem nem estar pronta para vê-lo. Ouço alguém abrindo, e enxugo o rosto depressa.

Estou horrível.

O que estou fazendo?

Se tiver sorte, não vão chamar a polícia dizendo que tem uma maluca na entrada.

A porta se abre, e vejo o garoto que os pais de Rev acolheram. Acho que nunca me disseram seu nome.

Ele dá uma olhada em mim e diz:

– Rev não está.

Antes que eu possa impedir, isso dá origem a uma nova onda de lágrimas. Levo as mãos aos olhos.

– Claro que não. Tá.

Me viro de costas.

– Espera... quer que eu chame a Kristin? Ou...

– Matthew, querido? – Uma voz de mulher o chama lá de dentro.

– Quem é?

– Não. Não. – Sacudo a mão para ele, engasgando com as lágrimas. – Não.

– Mas... você tá bem? Kristin pode ligar pra ele...

– Não.

Desço os degraus correndo. Foi um grande erro. É muita humilhação. Sou uma tola.

Volto para o gramado atrás da igreja e me jogo no chão. Os vitrais brilham à luz do sol.

Tento ligar para Cait de novo. Nada. São quase quatro, de modo que ela já devia ter chegado. Deixo uma mensagem chorosa.

– Me liga, tá? Me liga.

Desligo.

Quase na mesma hora, recebo um alerta de mensagem de texto. Meu coração salta. Rev?

Não é ele. É Ethan.

Ethan: Ei, cadê você? Tudo bem?

Emma: Não. Nem um pouco.

Ethan: O que foi?

Emma: Tudo.

Meu celular brilha quando recebo uma ligação. De Ethan.

Nem hesito. Deslizo o dedo para atender.

– Oi – digo, com a voz marcada pelas lágrimas.

– Emma. O que foi?

Sua voz é igual à que ouvi no jogo, o que por algum motivo me surpreende.

Respiro acelerado.

– Minha mãe colocou a casa à venda. Levou minha cachorra embora. Tem gente indo conhecer. Estou tentando falar com a minha amiga...

– Opa. Calma aí. Ela levou sua cachorra?

– Para um canil, pra que as pessoas pudessem visitar a casa. – Minha voz falha, e eu volto a chorar. – Não sei onde vou morar.

– Ah, Emma. Sinto muito.

– Não sei pra onde ir. Minha amiga não atende o telefone. Não posso ir pra casa, porque tem gente lá.

– Quer que eu vá te buscar?

Sua voz é tão bondosa. Fungo e enxugo os olhos.

– Você nem me conhece.

Ethan dá uma risada curta e autodepreciativa.

– Claro que conheço. Mais ou menos. – Ele faz uma pausa. – Podemos tomar um café ou coisa do tipo. Onde você tá?

– No gramado atrás da Saint Patrick. Em Annapolis.

– Que engraçado.

– O quê?

– É a igreja que a gente frequenta. Chego em 15 minutos. Você vai ficar bem?

– Vou. – Inspiro de forma trêmula e prolongada. – Obrigada.

– Já nos vemos.

TRINTA E OITO

Rev

A viagem até Edgewater demora uma eternidade. Quanto mais dirijo, mais me arrependo de ter forçado Declan a não vir junto. Ele não ficou muito feliz com a ideia. Achei que fosse ter que roubar o carro dele.

Mas tenho que fazer isso sozinho. Esta visita não tem nada a ver com a que fizemos ao pai dele.

Não tem nada de positivo aqui. Nem mesmo as lem-branças.

– E se ele tentar te machucar? – Declan perguntou.

– Não vou deixar.

Disso tenho certeza. Ele não vai me tocar. Meus músculos já estão tensos.

– E se ele tiver uma arma? Você não vai conseguir desviar de uma bala.

Ele quase me pegou com essa pergunta. Então eu falei:

– Nem você. Tô indo.

Encontro fácil a rua do meu pai, e não é o que eu esperava. A vizinhança é tranquila e pacífica, com casas grandes afastadas da calçada. Não vejo prédios, e um deles pareceria deslocado aqui. Me pergunto se estou no lugar errado. Os nomes de rua se repetem por todo o estado. Estaciono para olhar o mapa no celular, e confirmo que estou no lugar certo.

Talvez seja uma casa dividida em apartamentos?

Só pode ser, porque o número é de uma grande casa amarela, com detalhes brancos. Pedras cinza margeiam o jardim, assim como os enormes arbustos dispostos a intervalos regulares. A entrada para carros dá para um pequeno estacionamento. Uma rampa para

deficientes foi instalada ao lado dos degraus da varanda.

Paro em uma vaga e fico avaliando a casa. Tem outros seis carros estacionados aqui, embora o imóvel não pareça grande o bastante para abrigar tantas famílias. Fui tirado do meu pai há dez anos, então não tenho muita ideia do seu gosto, mas este não parece o tipo de lugar em que o imagino morando.

Agora que estou aqui, não consigo me forçar a sair do carro.

A influência que ele tem sobre mim parece indestrutível. Tenho que me lembrar de que não sou mais uma criança. Vim dirigindo até aqui. Tenho mais de um metro e oitenta. Sei como me defender sozinho.

O que o pai de Declan disse assim que ouviu sua voz fica repassando na minha mente. *Sua voz engrossou.*

O que meu pai espera encontrar? O que ele vai dizer?

Meu celular apita no bolso, e eu dou um pulo.

É uma mensagem de Kristin.

Mãe: Matthew disse que Emma passou aqui e estava chateada. Achei que você ia querer saber. Bjs

Meus olhos correm para o relógio. São 15h57.

Chateada? Chateada como? Queria que Matthew tivesse um celular.

Chateada o bastante para ir me procurar.

Então percebo que tenho outras duas mensagens não lidas. Chegaram enquanto eu estava dirigindo.

Emma: Rev. Preciso falar com você.

Por favor. Sei que tá bravo, mas não me ignora.

Mando uma mensagem rápida para ela.

Rev: Não tô bravo. Estava dirigindo. Você tá bem?

Espero, mas ela não responde. Agora estou sentado aqui por tempo o bastante para parecer suspeito. São 16h02.

Eu me pergunto se meu pai está me vendo.

O comentário de Dec sobre a arma parece muito inapropriado agora. Tento imaginar meu pai com um rifle de longo alcance, mas não consigo. Não é o estilo dele.

Preciso sair deste carro.

É bom ver você saindo um pouco da concha.

Não acho que era de algo desse tipo que minha mãe estava falando.

Mas suas palavras funcionam. Saio do Charger de Declan. Caminho pelo cascalho do estacionamento e estudo cada janela da casa. Meu coração bate forte. Examino cada painel de vidro, procurando por um rosto me olhando.

Nada. Todas as janelas estão cobertas por persianas ou cortinas.

Sei que deveria abaixar o capuz. Deveria tentar parecer normal. Mas o moletom é como o cobertor de uma criança. Por um estranho momento, fico feliz por meu pai não estar na prisão.

Então tiro o capuz. Meus pais passaram anos tentando me ensinar boas maneiras. Não vou entrar na casa de alguém parecendo a Morte.

Conforme subo os degraus, a porta da frente se abre. Meu rosto se contrai com o som, mas é só uma jovem com uniforme de enfermeira saindo. Deve ser uma moradora indo para o trabalho.

Ela para quando me vê. Seus olhos parecem cansados, mas bondosos.

– Ah, oi! Veio ver um hóspede?

Fico surpreso. Um hóspede? Isso é uma espécie de hotel?

– Eu... não sei.

A mais leve ruga se forma entre seus olhos. Fora isso, sua expressão não se altera.

– Quem você veio ver?

Não quero dizer “meu pai” em voz alta. E não sei qual é a dela. Mas sua cara é tão animada que não posso ignorá-la.

– Vou ao 105.

– Ah! O sr. Ellis?

Engulo em seco.

– Isso. Você o conhece?

A pequena ruga reaparece.

– Claro. Sou Josie. Vem comigo.

Ela se vira e parte em direção à porta pela qual acabou de sair.

Agora estou duplamente confuso. Meu pai tem uma colega de quarto?

Assim que entro, me vejo olhando para um amplo balcão que percorre toda a extensão do que deve ter sido a sala de uma casa. Tem alguns sofás próximos à parede, e uma TV em frente. Há pilhas de revistas sobre a mesinha de centro.

Atrás do balcão, duas mulheres e um homem observam monitores. Eles usam uniformes de enfermeiros, como Josie. Na parede atrás dele, em letras manuscritas azuis, há um cartaz escrito “Asilo de Chesapeake”.

Minha boca fica seca.

Não pode ser. Paro no corredor.

– Espera.

Josie para e me olha de novo. De perto, percebo que não é tão jovem quanto pensei. Tem alguns fios grisalhos perto das têmporas, e mais rugas se formam na região dos olhos quando expressa preocupação.

– Está tudo bem? – Ela faz uma pausa. – É sua primeira vez aqui?

Não precisa ficar com medo.

Sua voz é tão doce. Me lembra da minha mãe.

Engulo em seco.

– Espera. – Mal dá para ouvir minha voz. – Espera.

Agora estão todos olhando para mim.

Outra enfermeira se afasta do monitor, enche um copo de água e o traz para mim. Ela é mais velha, e dá alguns tapinhas na minha mão ao entregá-lo.

Sinto vergonha. Aceito o copo, constrangido.

– Desculpa. Eu não... não sabia o que era este lugar. Ele só me deu um número. Achei que fosse... – Engulo em seco. – Um apartamento. Não...

Não um asilo.

Não um lugar aonde as pessoas vão para morrer.

– Então o sr. Ellis está esperando você?

– Está – digo.

– Ótimo – Josie diz. – Posso te levar até ele quando estiver pronto.

Não estou pronto.

Não estou pronto.

Não estou pronto.

Não parece justo. Não posso confrontar meu pai em seu leito de morte. Tento reavaliar seus e-mails agora que tenho essa informação. Entendi alguma coisa errado? Ele estava procurando algum tipo de conexão?

Fico paralisado no espaço entre o balcão e a porta, e quero começar de novo. Quero entrar neste lugar sabendo de tudo.

Devia ter trazido Declan comigo.

Não. Isso interrompe os pensamentos que giravam na minha mente.

Eu consigo.

– Desculpa. – Minha voz sai rouca. – Estou pronto.

Josie me conduz pelo corredor. Viramos para um lado. Nossos pés são leves no carpete. Eu daria qualquer coisa por guardas e grades agora.

Então ela para em frente ao 105 e me dá um tapinha de leve. Estamos na parte de trás da casa; as janelas deste lado não dão para o estacionamento. Ele ainda não me viu.

– Entra – uma voz diz lá de dentro.

A voz dele. Eu me lembro bem.

Dou um passo atrás sem nem perceber.

Então crio coragem, me enrijeço e entro.

TRINTA E NOVE

Emma

Ethan tem um Corolla prata. Um carro totalmente sem graça. Quando ele estaciona, fico surpresa. Por algum motivo, meu cérebro fica sobrepondo o personagem do jogo ao cara real. Achei que ele fosse ter algo de selvagem e meio doido.

O vidro do carro baixa. Ele franze a testa e diz:

– Azure M não chora.

Isso me faz sorrir, e eu enxugo as últimas lágrimas das bochechas.

Ethan parece com a foto que me mandou, o que é um alívio. Só é maior do que eu esperava. Não gordo. Só... corpulento.

Abro a porta do passageiro e me acomodo no assento.

– Oi. Obrigada por fazer isso.

– Aproveitar uma desculpa para tomar café com uma jogadora foda? Há lendas circulando no Reddit sobre isso.

– Você é engraçado.

Fecho a porta e ele a trava, então sai com o carro.

É muito diferente de andar com Rev. O carro de Declan é alto e agressivo. Este é pequeno e tranquilo. Tem um crachá pendurado no câmbio, com uma sigla em letras enormes em vermelho no topo, indicando o sistema escolar da região. Abaixo, em preto, vem o nome E. NASH, seguido por uma linha em fonte menor que diz TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO.

Ethan me vê olhando.

– É da minha mãe. Ela trabalha com TI. Eu falei que conhecia umas pessoas.

– Foi ela quem encontrou o Pesadelo?

– Não, fui eu. – Ethan parece um pouco incomodado. – Só usei o

sistema a que ela tem acesso.

– Ah... não, que bom. Fico feliz. – Ouço a voz de Rev, repetindo que eu tinha dito que queria cuidar daquilo eu mesma, mas deixei Ethan resolver tudo. Suas palavras não saem da minha cabeça, se recusando a me deixar em paz. – Eu ia mexer no jogo esta tarde, mas aí... bem, você sabe.

Meus olhos lacrimejam de novo.

– É um saco isso da sua casa – Ethan comenta.

– Não consigo acreditar que minha mãe fez isso sem me contar. – Faço uma pausa. – Conversamos hoje de manhã. Achei que as coisas estavam melhorando. Ela não mencionou que tinha falado com uma corretora. – Olho através da janela e ouço o som distante de Ethan dando a seta para virar. – Minha mãe sabia que eu veria a placa quando voltasse pra casa. O que esperava? Que eu não fosse nem me dar conta do... – Vejo o que ele está fazendo e me interrompo. – Por que estamos pegando a rodovia?

– Starbucks? Café?

Ah.

– Tem um no shopping.

– Só conheço o da Solomons Island. Eles têm drive-thru.

Fica do outro lado de Annapolis. Mas qual é a diferença? São só alguns quilômetros pela rodovia.

– Você vai colocar o jogo de volta no ar? – Ethan pergunta.

– Quero colocar – digo. – Especialmente agora que Pesadelo já era.

– Que bom que encontrei o cara pra você – Ethan diz.

Meu celular toca, vibrando contra minha perna. Eu o tiro do bolso.

Cait.

– Alô? – atendo.

– Em? Você tá bem?

Ethan suspira e murmura alguma coisa.

Franzo a testa. Então lembro que sempre faço coisas esquisitas. Talvez ele seja alvo da mesma maldição.

– Desculpa – sussurro para ele, afastando o celular da orelha. – Deixei tipo umas cem mensagens pra minha amiga. – Volto ao telefone. – Oi, Cait. Estou bem, sim.

– Minha mãe disse que podemos ir te buscar. Onde você está?

– Ah. – Olho para Ethan. – Estou bem agora. Vamos ao Starbucks.

– Vamos?

– É. Eu e um... um amigo.

Ela parece mais tranquila.

– Ah, Rev finalmente ligou? Não falei?

Ethan parece prestar uma atenção especial à conversa agora. Tenho quase certeza de que consegue ouvir cada palavra.

– Não, é... Cait, posso te ligar depois?

– Claro. Não tem pressa.

Ela desliga, e meu celular volta à tela inicial.

Recebi uma mensagem de texto. Como não ouvi o alerta?

Rev: Não tô bravo. Estava dirigindo. Você tá bem?

Meu coração palpita. Não estou preparada.

– Quem é Rev?

Por uma fração de segundo, esqueci que estava no carro com Ethan.

– Oi?

– Quem é Rev?

Não sei se ele viu a mensagem na tela ou se só escutou minha conversa com Cait. De qualquer maneira, parece bastante intrusivo.

– Só um amigo.

– Ah.

Ele soa irritado.

O clima entre nós mudou.

– Você tá bravo por algum motivo?

– Não sei, Emma. – Ele dá uma risadinha. – Não sei o que pensar.

Engulo em seco.

– É só um cara da escola.

– Você acabou de dizer que era um amigo.

– E é!

– É o mesmo amigo da outra noite?

Vacilo, sem querer. É tudo de que ele precisa.

Ethan tira os olhos da estrada para me encarar.

– Quem você pensa que é? Pra ficar fazendo joguinho?

– Não tô fazendo joguinho.

– Quando te liguei, estava toda, tipo, como se ninguém ligasse pra você. Só que, desde que entrou no carro, duas pessoas já correram atrás de você...

– Mas...

Eu paro. É verdade.

Espera. É mesmo?

Ethan passa a mão pelo cabelo curto.

– Você sabe o quanto isso significa pra mim.

Toda vez que ele diz algo, meu cérebro demora mais que o normal para processar. É como se Ethan falasse mais consigo mesmo do que comigo.

– O que é que significa tanto pra você?

– Isso! – Ele me olha. – Você e eu.

E então me dou conta de que passamos a saída para a Solomons Island.

Meu coração parece um tijolo no peito.

– Aonde estamos indo? – pergunto.

– Desculpa. Você me chateou e perdi a saída.

Mas ele não desacelera. Nem muda de faixa.

– Pega a próxima. Quero ir pra casa.

– Já vai, tá? – ele solta. – Só me dá um minuto.

Dou um minuto a ele. O carro continua na mesma faixa. Passamos voando por mais uma saída. E outra. Meu coração acelera.

Escrevo uma resposta discreta para Rev.

Emma: Não. Não tô bem.

– Você tá mandando uma mensagem? – Ethan explode. – No meu carro? Que tipo de pessoa faz isso, Emma?

O tipo de pessoa que daria qualquer coisa para estar em outro lugar neste momento.

Me sinto muito pequena e sozinha no banco do passageiro. Rezo para os três pontinhos cinza indicando que Rev está escrevendo.

Eles não aparecem.

Ethan está na pista da esquerda, e passa voando pelos outros carros. Não parece que tem qualquer intenção de sair da rodovia em breve. Olho para o velocímetro. Estamos a mais de 140 por hora.

Meu coração bate três vezes mais rápido que o normal. Talvez um policial nos veja e nos force a parar.

Nunca desejei tanto ser parada por excesso de velocidade.

Engulo em seco.

– Desculpa. Pode pegar a próxima saída, por favor?

Ethan não fala nada. Só continua dirigindo. O carro voa sobre o asfalto. Sua boca está cerrada, seus dedos seguram firme o volante. O medo envolve a pedra de gelo no meu peito.

– Ethan? – Minha voz tremula. – Por favor, pega a próxima saída.

Olho para o celular. Rev não respondeu.

Meus dedos voam pela tela.

Emma: com ethan.

A mão dele parece saída do nada. Minha cabeça atinge a janela. A dor explode dos dois lados do meu rosto. O celular voa da minha mão, aterrissando em algum lugar entre a porta e o assento. Sinto gosto de sangue na boca.

Isso é ruim. Sou uma idiota. Respiro tão rápido que estou prestes a hiperventilar. Manchas pretas pontuam minha vista.

NÃO NÃO NÃO. Preciso ficar consciente.

Preciso ficar consciente. Mando as manchas pretas sumirem.

Depois de um momento, elas obedecem.

Estou arfando contra a janela. Dói mais do que qualquer outra coisa que eu possa imaginar. Meus dentes parecem soltos, minha mandíbula lateja. Queria ter prestado mais atenção no que Rev me ensinou sobre autodefesa, e não na sensação de seus braços à minha volta.

A pior parte é o choro baixo que deixo escapar.

– Não achei que seria assim – Ethan diz. – Pensei que você fosse diferente.

Jura?

Não quero me recompor. Não quero responder. A velocidade do carro é uma prisão mais eficiente que qualquer outra. Meu celular está bem aqui, apoiado contra a porta. Vejo as mensagens trocadas com Rev. Ele ainda não me respondeu. Estico a mão para tentar pegá-lo.

Encosto. E ele escorrega.

NÃO.

Talvez eu ainda consiga alcançá-lo. Talvez.

Toco a tela, mas não consigo segurar o aparelho. Me esforço, e meu dedo do meio toca o pequeno "i".

Ótimo. Agora vejo as informações do contato, em vez das

mensagens.

Não que eu fosse conseguir mandar uma mensagem. A metade inferior do celular está baixa demais. É inútil.

Preciso pensar. Preciso *pensar*. Ethan respira forte ao meu lado. Parou de falar. Não sei se é algo bom ou ruim.

Tento ligar para Rev. O botão está distante demais, à direita. Eu me estico.

De qualquer maneira, não tenho nenhuma garantia. Não sei se vai me atender. E como poderia me encontrar?

Espera. Tem um link debaixo das informações do contato. Nunca o usei.

Compartilhar localização.

Me esforço para clicar.

De repente, sou puxada para a esquerda. Grito. A mão de Ethan segura minha trança. Ele apoia minha cabeça em seu corpo. Só no abdome, mas é horrível mesmo assim. Posso sentir seu cheiro, uma mistura de sabão e suor que revira meu estômago. Posso ver seus pés. Sua pegada firme no meu cabelo dói. Seu antebraço prende meu rosto.

– O que você estava fazendo? – Ethan pergunta.

Não sei se consegui clicar. Não sei.

E, mesmo que tenha conseguido, o que Rev vai fazer com isso? Não tem ideia do que está acontecendo.

– Por favor – arfo. – Por favor, Ethan. Sinto muito. Me deixa sair.

– Não. Quero que pense no que fez.

– Você tá certo – balbucio. – Você tá certo. Foi muita falta de educação. Desculpa.

Minhas mãos estão soltas, mas, se eu pegar o volante, vamos bater. Estamos indo rápido demais.

Já estamos tão distantes da saída certa que não tenho ideia de onde viemos parar. Meu maior medo agora é que ele de fato pare.

– Por favor – sussurro. – Por favor, Ethan. Faço o que você quiser.
Só me deixa ir.

– O que eu quiser? – ele repete, então dá a seta para virar. –
Gostei da ideia.

QUARENTA

Rev

Meu pai está sentado em uma das duas poltronas perto da janela, o que me pega de surpresa. Depois que percebi que estava num asilo, esperava encontrar um inválido na cama. Ele está de jeans e suéter verde. Um caninho de soro desaparece sob sua manga, e há um saco de fluidos suspenso atrás da cadeira. Ele também tem um tubo de plástico preso ao nariz, fornecendo oxigênio. Fora isso, poderíamos estar em uma sala comum.

Meu pai não diz nada. Nem eu.

Josie ainda está conosco, verificando seu braço, o monitor e o tubo de oxigênio com eficiência. Faz isso em silêncio, para não nos atrapalhar.

Quero implorar para que fique no quarto.

Tudo no meu pai é fino. O cabelo grisalho é fino. A pele é fina. *Fino*. As roupas ficam penduradas em seu corpo como se fosse um cabide. As maçãs do rosto se sobressaem, fazendo seus olhos parecerem mais profundos do que eu me recordava. Ele deve estar perto dos 50, só que parece dez anos mais velho. Talvez vinte. Eu poderia quebrá-lo se quisesse.

Penso naquele momento na cozinha, quando admiti que Matthew me deixava nervoso. Declan disse: *Rev, sério. Você é tipo vinte quilos mais pesado que o menino*. E eu disse que não era daquilo que eu estava falando.

A sensação é idêntica à de agora.

Não, não idêntica. O que sinto agora é um bilhão de vezes mais intenso.

Não quero cumprimentá-lo. Não quero ser o primeiro a falar.

Quero enfiar um travesseiro em seu rosto e encerrar o processo que seu corpo já iniciou.

Josi termina o que quer que tenha que fazer e vai embora. A porta se fecha com um clique delicado atrás de mim.

– Ah – meu pai diz. – Agora eu vejo.

Sua voz faz com que eu queira me encolher, mas me esforço para me manter imóvel.

– Vê o quê?

– O menino tentando se passar por homem. Seu e-mail foi divertido. – Ele solta uma risada fraca. – Sua exigência de falar cara a cara. Como se fosse conquistar algo que eu não estivesse disposto a dar.

Ouçõ o alerta de mensagem do celular, mas ignoro.

– Como sabia onde me encontrar?

Ele dá de ombros.

– Isso importa?

– Sim.

Não acho que vai me responder, mas então ele olha para a porta.

– Tinha uma mulher aqui. Juíza aposentada. Ficamos amigos. Falei sobre como queria reencontrar meu filho há muito perdido. Ela mexeu uns pauzinhos para mim.

Tinha uma mulher aqui. Ele convenceu alguém à beira da morte a lhe fazer um favor. Meu pai, o homem que convenceu uma congregação inteira de sua benevolência. Claro.

– E por que você queria me encontrar?

– “A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha seu pai.” Você foi entregue a si mesmo, Abraão?

O nome me atinge como uma bala. Meu rosto se contrai.

– Esse não é mais meu nome.

– Eu dei esse nome a você. É seu, querendo ou não. – Ele faz uma

pausa. – Abraão.

Contraio o rosto de novo. O nome desperta lembranças de algum lugar dentro de mim. Quero cair de joelhos e implorar por seu perdão. É um instinto muito poderoso.

Então penso no que ele disse. *A criança entregue a si mesma envergonha seu pai.*

É um versículo dos Provérbios. As palavras ficam na minha mente, me incomodando, até que descubro o motivo. Olho para ele.

– O versículo fala sobre a vergonha que uma criança entregue a si mesma leva à mãe.

Faço uma pausa, pensando na palma da minha mãe contra minha bochecha, ontem à noite. *E você virou um jovem tão generoso e bonzinho...*

Me concentro na sensação. É quase o bastante para afastar a influência do meu pai na minha mente.

Ele parece surpreso por eu tê-lo corrigido.

– Está aberto a interpretação.

Claro.

– Tá. Pode interpretar do jeito que quiser. Não envergonhei meu pai nem minha mãe.

– Talvez *eu* deva julgar isso.

– Você não é mais meu pai.

– Ainda sou seu pai, Abraão. Você ainda é meu filho. Nada pode mudar isso.

Travo os dentes. Outro versículo vem à minha mente, impedindo que palavras furiosas saiam pela minha boca. *A resposta branda afasta a cólera; a palavra dura suscita a ira.*

– Para – digo, mas minha voz soa fraca, e não branda. – Para de me chamar assim.

– Você ficou tempo demais afastado, Abraão. – Sua voz é gentil agora. – Posso sentir o peso do mundo sobre suas costas. Sente-se

aqui comigo.

Meu coração desacelera ao ouvir esse tom de voz. Quando era pequeno, *ansiava* por ele. Um tom gentil significava que eu tinha uma chance de consertar tudo.

Não posso falar. Tenho medo de que, se minha boca se abrir, vou prometer tudo o que ele quer.

– Venha – meu pai repete, sem dizer meu nome. – Quero ver como cresceu. Você claramente continuou lendo a Bíblia. Isso me deixa orgulhoso.

Suas palavras atingem o alvo. Sento-me na outra poltrona.

Ele se estica e coloca a mão sobre a minha. Tremo, mas não a puxo de volta.

– Sabe por que escolhi esse nome? – meu pai pergunta. – Depois que sua mãe perdeu sua batalha contra o mal, eu sabia que você teria que ser firme para superar aquelas forças. Sabia que você seria testado de novo e de novo. Então te chamei de Abraão.

Já sei disso. Ele costumava me falar o tempo todo.

Li a história de Abraão. O último teste foi quando Deus lhe pediu que matasse o próprio filho. E Abraão foi fazê-lo, esperando que interviesse no último minuto.

Sempre que leio a passagem, fico em dúvida quanto a esse nível de fé.

Meu pai continua falando:

– Quando levaram você embora, eu sabia que o maior teste de todos viria. E sabia que voltaria para mim. O que de fato aconteceu.

Não aconteceu.

Mas não consigo dizer isso. Porque de fato aconteceu. Estou aqui. Quero fechar os olhos e pensar em Geoff e Kristin.

Meus pais.

Não Geoff e Kristin. Meus pais.

Inspiro o ar de forma trêmula e lenta. Minha mãe estava certa. Eu

não devia ter vindo.

Ele é mais do que um homem. Sempre foi.

– O que você quer? – pergunto.

– Morrer – ele responde, simples assim.

Eu o encaro.

– Não entendo.

– Não? – Ele levanta as mãos. – Não está vendo? Não vê o que foi feito de mim?

Ainda não entendo.

– A dor. É o meu teste, Abraão. A agonia. É minha punição por ter te deixado ir embora. E agora você voltou.

Ele baixa o braço, apoiando a mão no meu e apertando de leve.

Me pergunto se sabe que a pousou em cima da queimadura da boca do fogão.

Talvez saiba. Tudo o que meu pai faz é meticuloso.

Mas, nesse caso, é um erro. Um lembrete. E muito necessário.

Você estava com tanto medo.

Meu braço se enrijece como aço.

Meu pai continua olhando para mim, com os olhos quase assombrados.

– Você voltou. Meu menino. É um sinal. Um presente. Está aqui para acabar com meu sofrimento.

Preciso de um momento para me dar conta do que acabou de dizer. O choque me paralisa. Minha respiração fica rasa.

– Como? – sussurro.

– Seu propósito aqui. Você veio encerrar meu sofrimento.

Um momento atrás, eu de fato pensava em sufocá-lo com o travesseiro.

Agora a ideia me deixa doente.

– O câncer tomou conta dos meus pulmões – ele diz. – Vai ser fácil. Só preciso da sua mão por um momento.

Não sei se ele quer que o sufoque, quebre seu pescoço ou alguma outra coisa que nem sou capaz de considerar, mas pulo da poltrona e me afasto dele.

– Não.

– Sim. “Sendo chamado pela fé, Abraão obedeceu.” Não está vendo?

Não vejo nada. Vejo tudo. Balanço a cabeça com firmeza.

– Não.

– Sinto muita dor. – Sua voz falha. – Pode compactuar com tamanho sofrimento?

O tempo para. Suas palavras me atingem como mil facas. Cem punhos. Um raio. O fogo.

– Como *você* pôde? – grito. – Como *você* pôde compactuar com tamanho sofrimento? Sabe o que fez comigo? Tem alguma ideia?

– Eu criei *você* – ele diz, com a voz ainda gentil, sem nenhuma potência.

– *Você* *falhou* comigo.

– Eu criei *você* .

– Não estou nem aí – continuo gritando. Queria que Geoff estivesse aqui para me segurar. – *Você* não é meu pai.

– Sou, sim. E estou sofrendo agora por causa das *suas* falhas. *Você* vai fazer isso para mim.

A porta se abre. Josie enfia a cabeça para dentro.

– Está tudo bem aqui?

– Não – respondo.

– Está, sim, Josie – meu pai diz, simpático. – Meu filho está chateado. Dá para entender.

– Claro – ela sussurra, então vai embora. Ouço a porta se fechando.

Todo mundo sempre faz o que ele quer.

– Se vira sozinho – digo, minha voz num sussurro rouco. – Se vira.

– Você sabe que não posso. Quero entrar no reino dos céus com pureza de...

Bato a mão contra a parede.

– NÃO VOU FAZER ISSO!

A dor sobe pelo meu pulso. A sensação é boa. A dor é bem-vinda. Me ajuda a focar.

Não sei o que estou fazendo aqui. Não sei o que eu esperava. Não vou conseguir chegar a um ponto-final.

Levo a mão à maçaneta.

– Por favor – meu pai pede.

Sua voz falha de novo, de modo que sinto a dor que deve estar sentindo. Apesar de tudo, sua dor desperta algo dentro de mim.

Em parte, é compaixão. Em parte, não.

Conheço esse tipo de dor.

– Por favor – ele repete, e suas palavras se dissolvem num soluço.

– Filho. Por favor. Estou morrendo.

– Que bom.

Então bato a porta e vou embora.

* * *

Saio correndo do estacionamento. Preciso ir para longe deste lugar. Meu pé não consegue pisar fundo o bastante no acelerador. Declan vai ter muito trabalho amanhã, porque estou acabando com a transmissão.

Quando chego à placa de “pare” no fim da rua, estou arfando. O carro parece insuportavelmente quente.

Paro o automóvel no meio-fio e ligo o pisca-alerta. Preciso me recompor.

Arranco o suéter. Esfrego o rosto.

Vai ser fácil.

Só preciso da sua mão por um momento.

Não consigo respirar. Sou eu quem está sufocando.

Mas então consigo. O ar entra nos meus pulmões.
Eu disse não. Disse *não*.
Ele *era* só um homem. Um homem horrível.
E não consegui me obrigar a obedecê-lo.
Meu pulso ainda queima por ter batido na parede. Flexiono a mão, então olho para meus dedos, conjecturando.
Vai ser fácil.
Só preciso da sua mão.
Ele queria que eu o matasse.
Depois de tudo que fez comigo, não deveria ser um choque – mas é. Ele queria que eu o *matasse*. Achou que eu faria tal coisa por conta da minha infância? Porque somos como desconhecidos agora? Ou achou que eu faria isso só porque mandou que eu fizesse?
Talvez todas as opções.
Levo as mãos às têmporas. Declan e eu conversamos no carro sobre pensamentos violentos. Eu tinha certeza de que perderia o controle sobre eles algum dia e agiria.
Mas eu disse não. Disse não ao meu pai. O único homem que merece toda a minha raiva e violência.
Eu disse NÃO ao meu PAI. Pela primeira vez em... pela primeira vez na vida, me senti no controle.
Me sinto zozzo. Sem ar. Trêmulo.
Preciso ligar para Declan. Ele deve estar encarando o celular há meia hora. Passo a mão pelo cabelo para tirá-lo do rosto, então procuro o telefone em meio à blusa amontoada sobre o banco.
Algumas mensagens chegaram. Declan nem conseguiu esperar.
Mas então eu vejo. Não são dele.
Emma.

Emma: Não. Não tô bem. com ethan

Emma Blue compartilhou sua localização com você.

Meu coração para. Quando ela mandou essas mensagens? Vejo o horário.

Vinte minutos atrás.

Vinte minutos.

com ethan.

Como? Como isso aconteceu?

E ela me mandou sua localização. Meu pai já fez isso por acidente antes, quando estava nervoso por não conseguir usar o celular e começou a apertar todos os botões. Mas Emma sempre sabe o que está fazendo quando se trata de tecnologia. Se mandou sua localização, é porque queria que eu soubesse.

Não. Não tô bem.

Ah, Emma.

Paro de pensar e ligo para ela. Chama e chama, então cai na caixa postal.

Não sei nada de Ethan além do primeiro nome. E de que joga no computador. Não tenho ideia de onde mora. Por minhas conversas com Emma, me parece que ela tampouco sabe muito sobre ele.

A culpa me devora. Eu deveria ter escrito antes. Estava envolvido demais nos pensamentos sobre meu pai.

Para. Você pode se sentir culpado depois. Se concentra nas mensagens.

Um mapinha aparece sob o aviso de compartilhamento de localização. Toco nele. Ela está do outro lado do rio South. A uns dez minutos de distância.

Mas continua se movendo. Na direção leste. Se afastando de mim. Só pode estar num carro.

EMMA. O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

Engato a marcha.

Espera. Entro na minha troca de mensagens com Declan. Mando a

minha localização a ele, então escrevo uma mensagem pedindo para me ligar.

Volto ao mapa e coloco o celular no suporte preso ao painel.

Preciso voltar para a estrada. Piso no acelerador.

Declan me liga. Coloco no alto-falante.

– Liga pra polícia – digo.

Ele deve notar a urgência na minha voz.

– O que aconteceu? – Sua voz soa alarmada. – Você tá machucado?

– Não, não sou eu. É Emma. Ela tá com um cara. Tem alguma coisa errada.

– Espera. Quê? – Ele parece incrédulo. – Rev, o seu pai...

– Depois, Dec. Depois. Me ajuda aqui.

– Tá. – Ele mexe em alguma coisa. – Preciso de mais informações. Que cara? Onde ela está?

– Não sei. O nome dele é Ethan. Os dois se falam pela internet.

– Onde ela está?

– *Não sei.* Ela me mandou a localização. Estou tentando ir até lá.

– Você... Rev, o que você tá fazendo?

– Não sei! Mas não sei o que mais fazer!

Passo pelo farol no instante em que fica vermelho. Estou a um quilômetro e meio da estrada. O pontinho que é Emma continua se movendo.

– Tá. Fica calmo. Aguenta aí. – Declan respira acelerado. – Droga, Rev. Eu deveria ter ido com você.

– O que você tá fazendo?

– Minha mãe e Alan saíram. Não tenho outro telefone, então estou correndo pra sua casa.

Ouçõ a porta de correr. Quero dizer que estamos perdendo tempo, que ele precisa ligar para a polícia.

Ao mesmo tempo, sei que é impossível. Não temos nenhuma

informação. Nem sei o tipo de carro em que eles estão. O que Declan vai dizer? *Procurem por um carro com uma garota de óculos dentro?*

– Rev. Estou na sua cozinha. Vou te colocar no viva voz. Conta pra Kristin tudo o que você sabe.

Eu conto.

Enquanto isso, continuo olhando para o pontinho se movimentando na estrada. Estou na Rota 50 agora, indo rápido demais. Ethan também deve estar correndo, mas acho que estou encurtando a distância entre nós.

Kristin tem uma dúzia de perguntas, as quais não sei responder. Sei o nome da mãe de Emma? E do pai? Tenho qualquer informação sobre Ethan, tipo, onde ele mora ou estuda? Sei onde Emma mora?

Não. Não. Não. Não.

O medo surgiu como uma minúscula torção no estômago, mas se transformou em algo muito mais invasivo.

– Rev – Kristin diz. – Você acha que tem alguma chance de Emma estar exagerando?

Penso em Emma e nos muros que construiu à sua volta, tão altos quanto os meus. Ela não teria me mandado uma mensagem desse tipo se não fosse sério. Não mandaria sua localização sem motivo.

– Não – respondo.

O pontinho deixa a estrada.

– Eles estão do outro lado do rio Severn – digo. – Estão indo para o norte na Ritchie.

O carro de Ethan está a mais de 12 quilômetros à minha frente, mas continuo reduzindo a distância entre nós. Estamos indo na direção do parque Arnold e Severna. A Ritchie é cheia de semáforos e a hora do rush se aproxima, o que deve me ajudar. Espero.

Percebo que ninguém diz nada ao telefone já faz um tempo. Eles me deixam dirigir. Eu deixo que pensem.

Então Kristin pergunta:

– Rev, o que você estava fazendo para esses lados?

A voz dela é tranquila e cuidadosa. Eu sei que ela sabe.

A emoção me atinge forte e rápido, e eu quase perco o controle.

Vai ser fácil.

Só preciso da sua mão por um momento.

Tenho que contar tudo.

– Depois – digo, e minha voz falha. Respiro fundo e me recomponho. – Depois, tá?

– Tá – ela concorda. – Mas, por favor, me diz que você tá bem.

– Estou. Estou bem, mãe. – Faço uma pausa. Preciso focar. – Estou na saída. Vou pegar a Ritchie. Eles continuam indo para o norte.

– Quando pararem – ela diz –, me passa o endereço. – Sua voz está firme. – Estaciona longe e espera a polícia. Entendeu?

Sua voz está muito séria.

– Entendi.

– Você não sabe o que está acontecendo, Rev. Tudo o que tem é uma mensagem de texto. Você...

– Eu sei. Eu sei.

O pontinho vira à esquerda.

– Eles viraram!

– Onde?

– Na Arnold. – Estão a alguns quarteirões à frente. – Tem uma farmácia.

– Sei onde é. – Minha mãe fica quieta por um momento. – Tem um estacionamento abandonado lá.

Um estacionamento abandonado. O medo se expande no meu peito.

– Ei. – É Declan quem fala. – Sua mãe tá no telefone com a polícia. Estou te acompanhando pelo mapa. Você tá bem?

– Tô.

O pontinho para. Estou no farol da Arnold.

– Eles pararam – digo, e engulo em seco. A menos de um quilômetro daqui. Na direita.

Declan repete o que eu disse para Kristin.

O farol demora uma eternidade para abrir.

Declan deve ter me tirado do alto-falante, porque sua voz de repente fica baixa e clara.

– Rev, você não sabe nada sobre esse cara. Eu estava meio que brincando sobre seu pai ter uma arma, mas...

– Eu sei, Dec. Vou esperar.

– Promete, Rev.

– Eu prometo.

Então o farol fica verde, e eu viro à esquerda.

QUARENTA E UM

Emma

Estamos dirigindo há uma eternidade.

Ethan ainda está pegando na minha trança. Ele segura meu cabelo com tanta força que sei que está arrancando alguns fios.

Dói. Muito.

Estou chorando em sua camiseta. Tento não fazer isso, mas é impossível.

Passamos da rodovia a uma rua normal há alguns quilômetros, mas estou com o rosto abaixado, quase sobre as pernas dele, e não tenho ideia de onde estamos. Entre sua mão no meu cabelo e seu braço me segurando contra seu corpo, Ethan mantém sua pegada tão firme que mal posso respirar. Assim que ele para, me debato para tentar me soltar e buzinar, de modo a chamar a atenção dos carros por perto.

Ethan bate minha cabeça contra o painel. Sangue escorre de algum lugar, chegando aos meus olhos.

Agora ele pressiona minhas omoplatas para manter minha cabeça baixa. A princípio, penso que está me conduzindo para sua virilha, mas então me dou conta de que quer me manter fora de vista, em meio ao trânsito mais pesado. A luz do sol entra pelas janelas. Faz um dia lindo lá fora, enquanto eu vivo um completo pesadelo aqui dentro.

– Não consigo acreditar que você tá fazendo isso comigo – ele continua dizendo. – Não consigo acreditar que fez isso, Emma.

– Não tô fazendo nada com você – digo.

– Está, sim. Você me chamou pra sair então começou com os joguinhos.

– Por favor, Ethan... Só me deixa sair do...

– NÃO. – Ele puxa minha trança com tanta força que sinto um solavanco na lateral do pescoço. Vejo estrelas. O carro faz uma curva fechada, e eu não tenho como me segurar. Minha cabeça roça em suas pernas. Quase vomito nele.

Outra curva. E outra. O carro balança conforme passamos por inúmeros pequenos obstáculos.

E então paramos. Ele desliga o motor.

E eu morro de medo.

Estamos numa sombra. Em algum lugar sob inúmeras árvores. O padrão rendado das sombras forma imagens como as dos testes de Rorschach no estofado. Consigo ouvir o barulho do trânsito, mas a distância.

De repente, minha respiração fica mais pesada.

E a respiração dele também.

Então me dou conta de que Ethan está chorando.

– Não sei o que estou fazendo – ele diz, baixo. – Não sei o que estou fazendo.

– Tudo bem. – Engulo as lágrimas. Minha voz vacila. – Tudo bem, Ethan. Só me deixa sair.

Ele ainda não me soltou. Talvez esteja agarrando meu cabelo com ainda mais força.

– Gosto tanto de você.

Quero dar um soco no saco dele, mas, na posição em que estou, é impossível. Não quero que me bata de novo. E o melhor jeito de evitar é fazê-lo continuar falando. Enquanto aproveito para pensar.

– Gosto de você também. É meu parceiro favorito de jogo.

– Mas é tudo o que eu sou pra você. Um companheiro de jogo.

– Não – digo. Minha voz sai grossa. – Somos amigos.

– Achei Pesadelo pra você. Fiz isso pra *você*. Não significou nada?

Ouçõ uma sirene ao longe.

Por favor, que esteja vindo para cá.
Mas sei que não tem como.
Outra sirene se junta a ela.
Por favor, por favor.
Elas parecem estar ficando mais altas. Mais próximas.
Talvez alguém tenha nos visto. Talvez eu tenha conseguido mandar minha localização para Rev.
Talvez. Talvez. Talvez.
Ethan congela.
As sirenes ficam mais altas – então passam batido por nós. Sem parar.
NÃO. Ah, meu Deus, não.
Ele parece mais tranquilo. Mais carinhoso.
– Pode me soltar? – Minha voz tremula. – Podemos conversar. Ainda não tivemos a chance.
Por um momento eterno, Ethan não se move. Fico com medo de ter dito a coisa errada.
– Tá – ele diz. – Tá bom então.
Ele solta meu cabelo. Eu me endireito no assento.
Estamos em um estacionamento abandonado, de frente para as árvores. Não consigo ver mais nada. Me mantenho imóvel. Considero minha posição. E a dele.
Então destravo a porta com uma mão, abro a maçaneta com a outra e me jogo para fora do carro.
– Socorro! – grito. – Me ajudem!
É um estacionamento abandonado. Estamos rodeados por mata. A rodovia Ritchie fica a 150 metros de distância, os carros passam em alta velocidade além das árvores.
Não tem ninguém aqui.
Ninguém além de Ethan, que é bem alto para alguém do seu tamanho. Eu esperava que fosse lento, preguiçoso, mas talvez ficar

trancafiado na casa da mãe lhe dê bastante tempo para malhar.

Ele me derruba. É tão pesado. Bato contra o pavimento. Luto para me soltar, mas ele me segura de costas. O asfalto esfola minha pele.

E então – *e então* – eu me lembro de algo que Rev disse. É como se sua voz estivesse na minha mente. *Você tem que se manter próximo. A distância pode ser usada para machucar você.*

Quando Ethan se afasta um pouco, coloco um braço em volta do seu pescoço. Outro debaixo do dele. E me seguro.

Sinto sua surpresa. Ethan tenta se soltar, mas eu enfio as unhas nele. Aproximo seu rosto do meu. Seguro com toda a força.

Sirenes de novo. Voltando a se aproximar.

Estou debaixo dele, mas de repente me sinto em vantagem. Não consigo respirar com o peso do seu corpo sobre o meu, mas Ethan não pode bater em mim com meu corpo colado ao dele. Sou pesada o bastante para impedi-lo de se levantar. Me recuso a afrouxar a pegada em seu pescoço.

Então Ethan tenta outra tática. Ele recua e força meu corpo contra o chão.

Bato a nuca no asfalto. Não consigo me segurar. Não consigo ver nada. Vou passar mal.

Ele pega meus ombros e me levanta.

Vai me bater de novo. Minha cabeça não vai aguentar. A última coisa que eu vou ver vai ser seu rosto horroroso, lamentando o fato de que éramos amigos, enquanto esmaga meu crânio contra o asfalto.

E então seu peso simplesmente... some. Alguém o levanta dali.

Não. Alguém o arrasta.

Então vejo Rev armar um soco e acertar em cheio a cara de Ethan.

QUARENTA E DOIS

Rev

As sirenes estão por toda parte, mas agora é tarde demais.

Eu quase cheguei tarde demais. Tentei esperar, mas não consegui.

Ethan poderia tê-la matado. Vi isso quando a derrubou. Ele teria matado Emma.

Meu primeiro soco quase o levou ao chão. Queria ter conseguido nocauteá-lo, mas estava sem equilíbrio, depois de tê-lo tirado de cima dela. Eu o machuquei, mas Ethan não ficou inconsciente.

Ele é rápido: agarra minha cintura para me derrubar.

Ethan não é como Matthew – tem bastante massa e é motivado pela fúria. Consegue me levar ao chão. Sinto a dor do impacto com o asfalto na aterrissagem, agravado pelo fato de seu corpo cair sobre o meu.

Então ele se afasta para me socar. E se abre para o meu ataque.

Cada movimento é tão claro que parece acontecer em câmera lenta. Meus pensamentos não são nublados pela dúvida. Estão absolutamente claros.

Não posso atingi-lo do chão. Ethan está em vantagem. Aproveito o movimento para agarrar sua barriga. Afundo a cabeça em seu ombro. Seguro um pé e o viro.

Agora estou por cima. No controle.

Nunca bati em alguém nessa posição. Espero que meu cérebro visualize tudo, que eu vá longe demais, bata forte demais, quebrando ossos e deformando seu rosto.guardo pelo medo e pela hesitação.

Enquanto isso, meu treinamento assume automaticamente. Já acertei Ethan duas vezes. Ele não se mexe. Tem sangue no seu

rosto, nas minhas mãos, no asfalto.

Ah, não.

Penso no meu pai.

Vai ser fácil.

Só preciso da sua mão por um momento.

O peito de Ethan sobe. Ele está respirando. Está vivo.

Se meu pulso já estava ruim antes, agora então... Sinto a dor queimando o antebraço.

Olho para Emma. As lágrimas abriram caminho pela maquiagem. Ela tem um hematoma na lateral do rosto. Está machucada, olhando para mim.

– Você tá bem? – pergunto. Quero ir até ela, mas não posso soltar Ethan, caso acorde.

Emma assente depressa. Seus olhos se concentram em mim, parecendo maravilhados.

– Você me encontrou.

– Sim – digo. – Encontrei.

Ela solta um soluço e enxuga as lágrimas com ambas as mãos.

– Fiz o que você disse. Tentei diminuir a distância.

– Eu sei. Como já disse, você não tem medo de nada.

Emma deixa uma risada escapar.

– Não é verdade.

Os carros de polícia invadem o estacionamento. As sirenes agora são ensurdecadoras. Tem uma ambulância também, e Emma é rapidamente escondida por uma série de técnicos de emergência e paramédicos.

Ethan é preso.

Eu também.

Declan estava certo. É assustador.

QUARENTA E TRÊS

Emma

Durante a viagem de ambulância, uma partezinha idiota de mim espera que meus pais se encontrem no hospital e se deem conta de que precisam um do outro. Fico ouvindo a voz de Rev dizendo que as coisas acontecem quando têm que acontecer, e me pergunto se isso significa que tive que passar por tudo aquilo com Ethan para que meus pais não se divorciem.

Devo estar delirando – o que é possível, considerando a situação em que me meti.

Minha fantasia não se concretiza. Meu pai não aparece no hospital.

Falamos ao telefone. Ele me diz que está tentando segurar o emprego e que a pior coisa que pode fazer agora é se afastar.

– Sua mãe está aí para você – meu pai diz.

E, sim, ela está.

Minha mãe está sentada ao lado da maca no pronto-socorro. Não soltou minha mão por um minuto, a não ser quando me levaram para a tomografia. Faz horas que estamos aqui, mas ela continua me perguntando as mesmas coisas. Dizendo as mesmas coisas.

Ela sabe de tudo. Sobre Pesadelo. Sobre Ethan.

Sobre como vi uma ameaça tão declarada que nem me dei ao trabalho de prestar atenção às outras.

Depois de me ouvir repetir tudo, ela finalmente fica quieta.

– Só quero entender uma coisa – minha mãe fala então.

Me sinto exposta, escancarada. Só em parte devido à tomografia.

– O quê?

– Por que não me disse que estava recebendo aquelas

mensagens? Do tal Pesadelo? – Ela faz uma pausa. – Ou, pelo menos, ao seu pai...

– Eu tentei. – Engulo em seco. – Comecei a contar pro papai, mas ele estava ocupado...

Ela solta um suspiro cheio de decepção.

– Emma. Sinto muito.

– Queria resolver tudo sozinha. É uma indústria muito masculina.

– Desvio o rosto. – Eu só... Acontece com todo mundo. Não queria que pensassem que eu não aguentava o tranco.

Minha mãe suspira de novo.

– Mas claramente não aguento – digo, enojada. – Já que Ethan teve que consertar tudo pra mim.

Agora ela se endireita, e sua expressão parece feroz.

– Ele não consertou nada, Emma. Poderia ter matado você. Aliás, não tem nem como *saber* o que aconteceu de verdade. Só sabe o que ele *disse* que fez.

Ela está certa.

Completamente certa. Sou uma idiota.

Minha mãe suspira uma terceira vez.

– Vou te dizer uma coisa sobre a faculdade de medicina...

Meus olhos estão carregados de lágrimas, e ainda estou chocada com como caí nas garras de Ethan tão facilmente. Isso não parece com o início de um sermão, mas me deixa confusa.

– Você quer... falar sobre a faculdade de medicina?

– Isso. – Ela faz uma pausa. – Eu tinha que passar pela mesma coisa.

– Que coisa?

– O machismo. A misoginia. A ideia de que é um mundo masculino.

– Não acho que a faculdade de medicina seja igual ao universo dos games.

Ela segue em frente como se eu não tivesse dito nada:

– Uma vez, quando eu era residente, dois médicos começaram a ver um filme pornô na minha frente. Quando eu pedi que desligassem, zombaram de mim, dizendo que eu nem aguentava olhar para o corpo humano. Me senti uma idiota. Suportei esse tipo de coisa por tempo demais, porque acreditava que era parte do que uma mulher passava.

Olho para ela. Não sei o que dizer.

– É tudo coisa da sua cabeça, Emma. – Ela para um instante. – Você tem que poder jogar um game sem ter que passar por isso. Tem que poder desenvolver um jogo de computador sem ser assediada. Tem que poder viver sem ter que enfrentar isso, independentemente do campo em que está. Não querer ver pornografia, não querer ser chamada de... daquela palavra horrível que ele usou, não é um sinal de fraqueza. Fico horrorizada que você tenha pensado que precisava aguentar.

Enxugo as lágrimas.

– Sinto muito, mãe.

– Não. *Eu* sinto muito. Sinto muito que seu pai tenha te feito pensar que era algo aceitável.

– Ele não...

– Emma, acho que precisamos entrar em um acordo.

– Como assim?

– Vou parar de pegar no seu pé por causa do jogo – ela diz.

– Quê?

Talvez eu esteja tendo um barato por causa de todos os analgésicos, porque nem parece minha mãe falando.

– Mas preciso saber o que você está fazendo. E preciso saber com quem.

– Mãe...

– Você tem que concordar. – Seus olhos se enchem de lágrimas. –

Emma, preciso que concorde. Não posso te perder também.

Então começo a chorar.

– Tá bom, mãe. Combinado.

Uma policial bate na parede, então enfia a cabeça pela cortina. Deve ter uns 30 anos, e seu cabelo está preso em um rabo de cavalo firme.

– Emma? Meu nome é Jennifer Stone. Sou do departamento de polícia da região. Está se sentindo disposta o bastante para responder a algumas perguntas?

Passo as mãos no rosto.

– Sim. Sim. Tudo bem.

Ela entra e aperta a mão da minha mãe, então a minha. Minha mãe oferece sua cadeira, mas a policial a dispensa com um gesto. Ela se inclina contra a parede e puxa um bloquinho.

– Pode me dizer como conheceu o sr. Nash?

Preciso de um momento para perceber que está falando de Ethan. Chamá-lo de sr. Nash torna tudo mais sério.

Mas é claro que é sério.

Repasso tudo. OutraTERRA. Battle Realms. O e-mail de Pesadelo, o fato de Ethan tê-lo encontrado. Enquanto falo, me dou conta de que não sei se isso é verdade, ou se Pesadelo ainda está por aí, esperando para causar mais problemas. A policial promete dar uma olhada nisso.

Minha voz falha quando conto sobre o divórcio e sobre ter passado meu número de celular, enquanto minha mãe faz ruídos desaprovadores.

– Ethan disse que os pais dele também se divorciaram – explico. – Disse que mora com a mãe. Falamos sobre como é difícil. Achei que fôssemos amigos.

A policial faz uma anotação no bloco.

– E quantos anos o sr. Nash tem? Ele disse a você?

– Só disse que era aluno da Old Mill.
– Então ele disse que está no ensino médio?
– Isso... está no perfil dele no 5Core. – Engulo em seco. –
Imaginei que estivesse no último ano.

Ela faz outra anotação.

– Podemos ficar com seu telefone para ter acesso às mensagens?
– Mas... mas eu preciso...
– Emma – minha mãe sibila. – É claro que eles podem levar o celular. E o que mais precisarem pra trancafiar esse homem.

Engulo em seco.

– Certo. Estava no carro de Ethan. Caiu debaixo do assento.
Outra anotação no bloco. Ela está escrevendo bastante.
– Posso fazer uma pergunta? – digo.
Ela para de anotar e me olha. Seus olhos são frios e analíticos, mas enxergo compaixão neles também.

– Claro.

– Quantos anos ele tem? Você pode me contar?

Ela volta algumas páginas no bloco.

– Vinte e nove.

Meu coração palpita. Tenho que levar a mão ao peito. Minha mãe faz a mesma coisa ao meu lado.

A policial volta a olhar para o bloco, depois para mim.

– Ele mora sozinho, em um apartamento. Sem a mãe. – Ela faz uma pausa. – Trabalha no departamento de TI local. É assim que tem acesso ao servidor.

E. Nash. Tecnologia da informação.

Estava literalmente na minha frente. E eu fui tola o bastante para acreditar que era o crachá da mãe dele.

– Já tem algumas acusações de assédio e perseguição na ficha – diz a policial.

– Emma.

Minha mãe volta a chorar.

Eu não. Estou chocada demais.

– Mas... mas...

Quase digo: “Ele era tão bonzinho. Era meu amigo”.

Ethan não era bonzinho. Não era meu amigo.

– Acontece bastante – diz a policial. – Esses caras são espertos. Pegam alguma coisa que você diz e usam para fazer com que a outra pessoa sinta que há uma conexão. Não é difícil trabalhar a partir daí. – Ela hesita. – Você tem muita sorte por não ter terminado de outro jeito.

– Ele disse que ia com a mãe à igreja Saint Patrick – sussurro. – Disse que ela era controladora e maldosa com ele.

Minha mãe solta um soluço engasgado.

– E o que você disse a ele sobre mim?

Muita coisa. Quanto mais penso em nossas conversas, mais percebo que lhe dei todo o material de que precisava.

Quero me fechar em mim mesma. Me sinto tão idiota. Tão tola. Deveriam *me* colocar na cadeia.

A policial leva a mão ao meu ombro.

– Não seja dura demais consigo mesma. Como eu disse, esses caras são espertos. Não foi a primeira vez dele. E você tem sorte. Fiquei sabendo que compartilhou sua localização. Queria que mais pessoas soubessem como fazer isso.

Rev.

– Rev está bem?

– Ele foi preso...

– Quê? – pergunto. – Por quê?

Ela levanta a mão.

– É um caso claro de legítima defesa, e havia câmeras de segurança no estacionamento. Se seu amigo ainda não tiver sido solto, logo será.

QUARENTA E QUATRO

Rev

Quando me liberam na delegacia, a noite já caiu, e a dor no meu pulso se transformou de queimação ao próprio inferno. Ele está inchado e roxo sob a manga. Estou rangendo os dentes há uma hora, mas estava morrendo de medo de que me acusassem de agressão, então mantive a boca calada e tentei me manter invisível.

Fico me perguntando se vou ter que ligar para meus pais, mas, quando um policial me guia até o saguão da frente, encontro os dois lá, esperando. Matthew não veio com eles.

Meu pai nem espera que eu pegue minhas coisas. Me abraça na mesma hora.

Minha mãe se junta a nós.

– Eu disse pra você esperar. – Sua voz está cheia de emoção. – Rev, eu disse pra você esperar.

Quero abraçá-los de volta, mas o movimento faz meu braço doer de forma tão intensa que tenho medo de vomitar em cima deles.

– Amo vocês também. – Minha voz sai tensa. – Mas acho que preciso ir pro hospital, mãe.

* * *

Meu pulso está quebrado. De novo.

Não sei por quê, mas parece apropriado. Um símbolo da separação do meu pai.

Desta vez, em definitivo.

Estou esperando com meus pais na ala ortopédica do hospital. Contei aos dois tudo o que ele me disse. Não estão bravos por ter ido vê-lo.

Mas estão bravos porque não avisei que estava indo.

Ouvi tantos "e se?" que encheriam um livro.

Mas ouço todos eles. Ouço e deixo que seu amor e sua preocupação me preencham.

Meus pais me levam para casa.

E eu durmo como nunca.

QUARENTA E CINCO

Rev

Matthew está no meu quarto quando acordo. Está sentado no futon, lendo um livro. Raios de sol entram pelas janelas, enchendo o quarto de luz.

Luz? Olho de soslaio para o relógio no criado-mudo. Já são mais de dez da manhã.

– Ei – Matthew diz. – Olha só quem acordou.

Tento me sentar, então meu pulso me lembra do que aconteceu. O gesso é como um tijolo que vai dos dedos ao cotovelo. Tudo dói.

Volto a me deitar.

– Não estamos perdendo aula? – pergunto a Matthew.

– Kristin disse que você não precisava ir.

– Você também?

Ele dá de ombros e olha para a porta do armário.

– Eu disse que queria esperar você acordar.

Minha mãe deve ter adorado isso, mas não caio no papo dele.

– Você só não queria encontrar aqueles caras que ficam pegando no seu pé. – Faço uma pausa. – Mas Declan cuidaria de você. Já te disse.

– Hoje não. – Outro dar de ombros. – O irmão dele nasceu. Declan saiu umas 4h.

– Da manhã? Ele estava aqui?

Matthew assente.

Esfrego os olhos com a mão boa, então tento me sentar de novo.

– Preciso de uns minutinhos. Sabe se tem café?

Ele dobra uma orelha na página e fecha o livro.

– Posso fazer.

Vejo que tem uma mensagem de texto esperando por mim. Na verdade, três.

Emma: Por favor, me diz que está bem.

Vou fazer minha mãe passar na sua casa pra garantir que você tá bem se não me responder.

Aparentemente nossas mães se conheceram. Trocaram números de telefone e tudo. Bem esquisito. Mas pelo menos sei que você tá bem. Me manda uma mensagem quando acordar.

Sorriso.

Rev: Acordei.

Mas ela deve estar dormindo, porque não recebo resposta.

Me tranco no banheiro. Não lembro o que o médico disse sobre tomar banho e não quero ter que colocar o gesso de novo, então prefiro esperar. Escovar os dentes com a mão esquerda é tão desafiador que desisto de fazer a barba.

Levo duas vezes mais tempo para me vestir que o normal. A camiseta de manga curta foi lavada e dobrada, e está no topo da pilha de roupas passadas. Nem hesito.

Não me dou ao trabalho de vestir um moletom.

Matthew está me esperando na cozinha, comendo cereal direto da caixa. Seus olhos se arregalam ao ver meus braços expostos, mas ele não diz nada. Só chacoalha a caixa.

– Quer?

Balanço a cabeça.

– Só como cereal à noite.

Ele não age como se isso fosse estranho, mas pergunta:

– Por quê?

Pego uma caneta do armário. Uma lembrança volta à minha mente, mas essa não é tão terrível.

– Quando eu tinha 5 anos, uma mulher da igreja me deu uma caixa de Froot Loops. Eu sabia que meu pai não ia me deixar comer, então a escondi debaixo da cama. Ficava comendo no escuro, enquanto ele dormia. – Faço uma pausa. – Morria de medo de que ele me pegasse, mas o cereal era viciante. Eu não conseguia parar. Guardei a caixa durante meses. Eu me lembro de rezar para que Deus me desse mais. Não funcionou. Claro. Então eu achei que estivesse sendo punido. Por aquele enorme pecado.

Matthew fica olhando para mim. Ele parou de comer.

– Desculpa. – Abro um sorriso torto e me sirvo de café. – Não queria despejar tudo isso em você.

Ele solta a caixa. Pega uma tigela e coloca cereal nela. Acrescenta leite e pega uma colher.

Então coloca tudo à minha frente na bancada.

– Seu pai que se dane. Come o cereal.

Eu o encaro, meio em choque. Meio emocionado.

Então me sento e como o cereal. Tenho que fazer isso com a mão esquerda, sem muito jeito, mas como. É algo bobo, mas libertador.

Matthew continua comendo direto da caixa.

Ficamos em silêncio, mas não há nenhuma tensão no ar.

Depois de um tempo, ele o quebra.

– Conte a Kristin.

Não preciso perguntar do que está falando. Sua voz é firme. Ele está separando os marshmallows do cereal na mão. Eu me forço a continuar comendo.

– É?

– É. Ontem. Depois da escola. Estava só a gente em casa. Eu não... não conseguia parar de pensar no que você disse. Sobre como ele poderia receber outra criança no meu lugar.

Matthew encontra um marshmallow e o esmaga.

– O que foi que ela disse?

– Ela perguntou se eu queria prestar queixa. – Matthew dá de ombros. – Eu não... não consigo. Depois de tudo o que aconteceu com Neil.

Matthew esmaga outro marshmallow.

– Essa é a melhor parte do cereal – digo.

Ele olha para o pó de marshmallow nas mãos.

– Ah. Desculpa. – Então limpa no jeans. – Ela perguntou se podia falar com a assistente social. – Faço uma pausa. – Eu disse que achava que tudo bem.

Mas Matthew não tem muita certeza. Dá para notar pela sua voz.

– Vai ficar tudo bem – digo. – Minha mãe vai cuidar disso.

Ele fica em silêncio de novo. Mastigamos o cereal. Penso em Declan, que está no hospital, conhecendo o irmão recém-nascido. Penso em como nossas vidas mudaram nas últimas 24 horas.

– Posso pedir um favor? – Matthew pergunta.

– O que quiser.

Ele parece sentir o impacto do que eu disse, mas só por um momento.

– Se eu fizer alguma coisa que pode vir a estragar tudo, você me avisa?

Solto a colher. O cereal ficou mole, mas está difícil comer com a mão esquerda mesmo.

– Você não vai estragar nada, Matthew. Meus pais não são assim.

– Mas... se acontecer...

– Tá. – Levo a tigela até a pia. – Mais alguma coisa?

– Não. – Ele hesita. – Talvez.

– O quê?

– Acha que pode me chamar só de Matt?

QUARENTA E SEIS

Emma

Faz um dia tão lindo quanto ontem: quente e ensolarado. Durmo até o meio-dia.

Quando acordo, Texy está no quarto, enrolada ao lado da cama. Minha mãe foi buscá-la. Só para mim.

Sento no chão e choro nos pelos dela. Meu rosto dói, e tenho certeza de que estou com uns hematomas enormes. A vergonha se espalha dentro de mim. Não tenho como escapar dela.

Fui tão tola. Tão idiota.

Minha mãe me deixou um bilhete.

Fui olhar alguns apartamentos. Me liga se quiser que eu venha te pegar. É uma decisão que temos que tomar juntas.

Talvez hoje à noite você possa me mostrar o tal game. Eu adoraria ver algo que você criou.

Te amo,

Mamãe

Isso libera uma onda de lágrimas.

Eventualmente, tenho que tomar um banho e escovar os dentes. Os hematomas não estão tão ruins quanto eu esperava. A maior parte se concentra de um lado do rosto. Deixo o cabelo solto, de modo que nem dá para ver que um cara me bateu.

Eu me afasto do espelho antes que uma nova onda de lágrimas tome conta de mim.

Minha mãe entregou todos os meus equipamentos eletrônicos para a polícia ontem à noite. Na hora, eu queria mesmo que

ficassem com eles. Tudo parecia contaminado.

Mas gostaria de poder ficar on-line agora.

Então percebo que estou tentando me esconder de novo.

Assovio.

– Vem, Taxy. Vamos dar uma volta.

* * *

Talvez ele ainda não tenha voltado da escola, mas sua mãe me deixe esperar na sala. Taxy e eu subimos os degraus da varanda da frente, e eu dou uma batida suave na porta.

Rev atende.

De manga curta.

Com o braço engessado.

– Emma.

Seu tom é emotivo e caloroso. Quero que diga meu nome de novo e de novo. Rev parece tão surpreso quanto eu.

O choque faz com que eu dê um passo atrás. Minha mãe não mencionou esse detalhe depois de ter falado com a mãe dele.

– Você... quebrou o braço?

Rev faz uma careta.

– O pulso, na verdade. – Ele me olha. – Você tá bem? Já pode sair?

– Fizeram uma tomografia. Nada de concussão. Só os hematomas. Tomei um analgésico.

– Ah. Isso é bom. – Ele levanta o gesso. – Uma fratura leve. Não é tão ruim.

– Então estamos os dois só um pouco quebrados.

Ele solta o braço.

– Acho que já estávamos antes.

Engulo em seco.

– Verdade.

Ficamos ali por tanto tempo que começo a me sentir boba. Taxy

se adianta e cheira as mãos de Rev. Ele coça suas orelhas enquanto ela balança o rabo e me olha, com a língua para fora. Rev não diz nada.

Talvez eu deva ir embora.

– Quer entrar? – ele pergunta.

– Com Taxy?

– Claro.

Rev escancara a porta. Taxy trota para dentro, as unhas batendo no piso frio da entrada.

O garoto que está morando com eles aparece no alto da escada.

– Eba, um cachorro!

Taxy late, mas ele desce os degraus correndo para fazer carinho nela, e os dois se tornam melhores amigos na hora.

– Vem – Rev diz. E pega minha mão.

Sinto seus dedos quentes e firmes nos meus enquanto me guia escada acima.

– Você faz companhia à Taxy, né, Matt?

Minha cachorra enorme está tentando subir no colo de Matt.

– Claro – ele responde.

Fico surpresa quando Rev me leva para o quarto. Ele deixa a porta aberta e faz sinal para que eu me sente no futon.

– Devemos ficar de costas um para o outro? – pergunto. De repente estou nervosa quanto à direção que isso está tomando.

– Não. Cara a cara.

Rev senta de pernas cruzadas, do mesmo jeito que no banco em frente à igreja. Ele apoia o gesso nas pernas, um lembrete austero de como as coisas deram errado ontem.

Me sento de forma mais cuidadosa. A maior parte dos meus músculos dói.

– Rev – titubeio. – Queria agradecer por... por... por ter feito o que fez...

– Não precisa me agradecer. – Sua voz sai num sussurro sincero. – Me sinto culpado por não ter te respondido antes. Se tivesse ligado... – Ele faz uma pausa. – Não é desculpa, mas tinha muita coisa rolando comigo.

– Eu não deveria ter me irritado quando começou a perguntar sobre Ethan. – Engulo em seco. – Não é desculpa, mas tinha muita coisa rolando comigo também.

Seus olhos estão nítidos. Ele sustenta meu olhar abertamente.

– Eu sei, Emma.

Toda vez que diz meu nome, tremo um pouco.

– Você é a única pessoa na minha vida que não está o tempo todo me decepcionando. Não fui... eu não soube como lidar com isso. Então... desculpa.

– Não precisa pedir desculpa. – Ele estica a mão e afasta meus cabelos do rosto. – Sei como é achar que não se pode confiar em ninguém.

Fecho os olhos e me inclino na direção de seu toque.

Mas Rev recolhe a mão.

– Emma... o que você disse sobre Ethan ontem... quando perguntou se eu estava com ciúme...

– Eu não devia ter feito aquilo, desculpa. Nunca houve nada entre mim e Ethan. Foi tudo... tudo construído. Eu só estava procurando alguém em quem me apoiar.

– Eu sei.

– E sei que você não estava com ciúme. Sei que só estava preocupado.

– Não... – O rosto dele se contorce. – Não, eu fiquei preocupado. Muito preocupado. Principalmente quando vi como as mensagens dele eram esquisitas. – Rev faz uma pausa. – Mas antes disso... talvez estivesse com ciúme. Um pouco. E só ontem percebi que vivia falando sobre como as coisas acontecem por um motivo, que

vivia esperando por algum tipo de sinal, quando o que eu de fato precisava fazer era parar de me *preocupar* com estar ou não agindo certo e simplesmente chamar você pra sair.

Eu o encaro.

– Rev...

– Emma?

– Sim?

– Quer ir comigo ao Baile da Primavera?

Engasgo sozinha e quase deixo uma risada escapar.

– Você quer que nosso primeiro encontro seja na escola?

As bochechas dele ficam vermelhas.

– Bom, eu ia perguntar se você queria comer nuggets atrás da igreja, mas pareceu tão repetitivo...

Dou risada.

– Sim. Pras duas coisas.

Ele faz carinho no meu rosto de novo. Cubro sua mão com a minha e então me lembro do beijo.

Desço sua mão e passo os dedos nas costas dela.

– Não consigo acreditar que você quebrou o pulso – digo. – Bateu nele com tanta força assim?

– Queria bater ainda mais forte.

– Dói?

– Ontem, eu queria cortar fora. Hoje está melhor.

Olho para ele.

– Posso assinar?

Rev sorri.

– Claro. Acho que tem uma caneta na escrivaninha.

Tem três canetas ali: vermelha, azul e preta. Eu me inclino sobre seu braço.

– Posso escrever qualquer coisa?

– Claro. Escrever, desenhar, o que quiser.

Toco o gesso com a caneta azul. Ele passa a mão no meu cabelo enquanto o faço, e a sensação é tão boa que quero escrever todo um romance ali.

Então eu paro e levanto o rosto.

– De onde veio o “Rev”? Você começou a contar, mas nunca foi em frente.

– Ah.

Ele fica vermelho de novo e desvia o rosto.

– É da Bíblia? – pergunto. – Tipo, sei que o Apocalipse também é conhecido como o Livro das Revelações...

– Não. – Ele sorri. – Mas bom chute.

O quarto está tão silencioso, o clima entre nós tão pacífico! Qualquer tensão que existisse antes se extinguiu. Não quero sair nunca daqui.

– Vem de reverendo?

– Não.

– É uma abreviação de...

Seus lábios se contorcem.

– Vai ficar tentando adivinhar ou quer que eu conte?

– Conta.

– É bobo. Eu tinha 7 anos.

– *Conta.*

– Tá. – Ele estica o braço. – Pode continuar escrevendo.

Eu continuo. Ele fala:

– Foi algo que meu pai disse. No jantar. Ele é professor da faculdade, de ciência política, então está sempre falando *alguma coisa*. Quando cheguei aqui, eu mal falava, mas ouvia *tudo*. Ele repetia uma citação: “A revolução não é uma maçã que cai quando madura. Você tem que colhê-la”. – Rev faz uma pausa. – Eu tinha acabado de escapar do meu pai. Só conhecia a Bíblia. Guardei a citação na minha cabeça e a repeti para mim mesmo de novo e de

novo.

Paro de escrever e o encaro.

– Revolução.

– Isso. – Ele faz outra pausa, então abre um sorriso provocativo. – Mas pode me chamar de Rev.

– Adorei. – Continuo desenhando no gesso, criando um bloco de letras enormes. – Quem disse isso?

– Che Guevara. Ele era a favor de mudanças radicais.

Me endireito no futon.

– E aí? O que achou?

Rev olha para baixo. O sorriso desaparece de seu rosto, mas sua expressão não é infeliz.

– Você escreveu “destemido”.

– Tudo bem?

Ele passa os dedos por cima do gesso.

– Claro.

– Você vai continuar usando manga curta e deixar os braços à mostra?

É uma provocação sutil, mas também uma pergunta genuína.

Rev hesita.

– Não precisa fazer isso – digo.

– Não. Não, eu quero. – Rev passa a mão pelos cabelos, exasperado. – Acho que... por tanto tempo, tive vergonha das cicatrizes. Eu as via como uma marca de todas as maneiras como falhei com meu pai. Não queria que ninguém mais visse como eu era terrível.

Ponho sua mão boa entre as minhas.

– Rev.

– Quando estava no hospital engessando o braço, uma enfermeira me disse: “Você parece ter sobrevivido a algo terrível”. – Ele para um momento. – Outras pessoas me disseram isso. Mas ontem,

depois de ver meu pai...

– Você viu seu pai?

Quase caio do futon.

– Vi... mas não quero falar sobre ele. Não merece nem mais um pingo da minha atenção. Contudo, quando a enfermeira disse isso, eu percebi que ela estava certa. Ele me deu todas essas cicatrizes. Eu sobrevivi *a ele*.

– Sobreviveu – confirmo.

Rev estica os braços.

– A única coisa que eu odeio é o versículo. As pessoas o veem e começam a ler, então eu tenho que...

– Aqui. Eu conserto.

Tiro a tampa da caneta. Apoio a ponta em seu braço.

Ele fica imóvel. Levanto os olhos.

– Tudo bem?

Os olhos dele estão fechados, mas Rev assente.

Escrevo. Respiramos audivelmente no espaço entre nós.

– O que está escrevendo? – ele sussurra.

– Estou transformando as marcas dele em arame farpado. E, logo acima, escrevendo “A revolução não é uma maçã que cai quando madura...”.

Rev segura meu rosto e pressiona seus lábios contra os meus. Seu beijo é lento e paciente, igualzinho a ele. Um roçar de bocas, seguido por mais.

Quando se afasta, só um pouquinho, eu sorrio.

– Eu ainda não tinha terminado.

– Desculpa.

Rev estica o braço de novo.

– Posso terminar depois. – Fico vermelha e fecho a caneta. – O que eu quis dizer é que não tinha terminado o beijo.

Então eu o puxo de volta e levo meus lábios aos dele.

AGRADECIMENTOS

Quando apresentei Rev Fletcher em *Aos perdidos, com amor*, sabia que o melhor amigo de Declan precisaria de um passado tão sombrio e complicado quanto o dele. Quanto mais escrevia sobre Rev naquele livro, mais vontade tinha de poder contar sua história – só não pensei em como seria avassalador entrar nessa de cabeça. Este livro é fruto do apoio gigantesco de muita gente, e vou fazer o meu melhor para não deixar ninguém de fora.

Meu marido, como sempre, foi meu melhor amigo, meu confidente, meu porto seguro. Ele me incentivou a continuar escrevendo quando eu só queria me encolher e mergulhar na Netflix, ou então desistir. Ele também manteve os meninos na linha quando a mamãe precisava se esconder no quatinho dos fundos para brigar com as palavras. Obrigada por tudo, querido.

Você não estaria segurando este livro em suas mãos se não fosse pelo incentivo constante que recebi da minha mãe enquanto crescia. Ela adora contar que guardou o primeiro livro que eu “escrevi”, no terceiro ano. Era sobre um cachorro. Obrigada por tudo, mãe.

Minha agente, Mandy Hubbard, é destemida e incrível, e tenho muita sorte de poder contar com ela como guia nesta jornada. Finalmente tivemos a oportunidade de nos conhecer pessoalmente, e eu irrompi em lágrimas e a abracei por, tipo, vinte minutos. (É importante mencionar que eu choro por qualquer coisa.) Obrigada por tudo, Mandy.

Minha editora, Mary Kate Castellani, faz mágica. De verdade. Foi necessário muito trabalho para botar este livro de pé, e de alguma forma ela enxergou a história de fato em meio aos rascunhos que

eu enviava. Mary Kate, é uma bênção poder contar com você. Cresci muito como autora graças ao seu acompanhamento. Obrigada pela paciência, pelo brilhantismo e pelas ideias.

Toda a equipe da Bloomsbury foi fenomenal, do design da capa original à revisão e à publicidade – vou ter que comprar pizza, flores e chocolate para todo mundo, porque não consigo mesmo acreditar que tenho vocês ao meu lado. Obrigada por tudo o que fazem por mim.

À minha relações públicas, Julia Borcherts, da Kaye Publicity, que trabalha incansavelmente nos bastidores e é a mulher mais paciente e encorajadora que conheço. Obrigada, Julia, por tudo o que faz.

Minha melhor amiga Bobbie Goettler esteve ao meu lado desde o início da minha jornada como escritora, e nem sei como enfrentaria isso tudo sem ela. Bobbie lê cada uma das palavras que escrevo e me ajuda a melhorá-las. Você é uma mulher, esposa e mãe inspiradora, e tenho sorte de tê-la na minha vida. Obrigada por tudo.

Este livro foi lido por muita, muita gente, de muitas, muitas formas diferentes. Vou tentar me lembrar de todos vocês. Se te deixei de fora, por favor me pegue pelos ombros e chacoalhe, então exija que eu te leve para beber. Alison Kemper Beard, Bobbie Goettler, Amy French, Nicole Choiniere--Kroeker, Nicole Mooney, Jim Hilderbrandt, Joy Hensley George, Lee Bross, Michelle MacWhirter, Sarah Fine, Helene Dunbar, Shyla Stokes, Darcy Jacobsen e Lea Nolan, obrigada.

Este livro também exigiu uma enorme quantidade de pesquisa. Um agradecimento especial à dra. Maegan Chaney--Bouis, por me ajudar a entender como é ser uma pediatra e pelas histórias interessantes (e deprimentes) sobre o machismo na faculdade de medicina. À Sarah Vargo Kellner e à equipe da Conquest por me

mostrarem o poder das mulheres no jiu-jítsu. Ao dr. David Ley, por elucidar algumas consequências do abuso infantil, e como práticas esportivas podem ajudar as pessoas a lidarem com traumas. Um agradecimento especial ao sargento detetive L. Gary Yamin, do Departamento de Polícia de Baltimore, pelas informações sobre assédio e perseguição virtuais, e por histórias realmente horríveis sobre como os adolescentes se deixam levar com facilidade quando se trata de internet.

Muito obrigada aos meus filhos, Jonathan, Nick, Sam e Zach, por serem tão pacientes quando tenho que me fechar para escrever – e por ser tão legal passar o tempo com eles nos outros momentos. Amo muito todos vocês.

E, finalmente, agradeço a você. Sim, a você. Se está segurando este livro nas mãos, significa que é parte do meu sonho. Muito obrigada por embarcar nesta jornada comigo.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo "Assunto".

1ª edição, jan. 2019

FONTE Minion Pro 11 x 15 pt

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3



Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

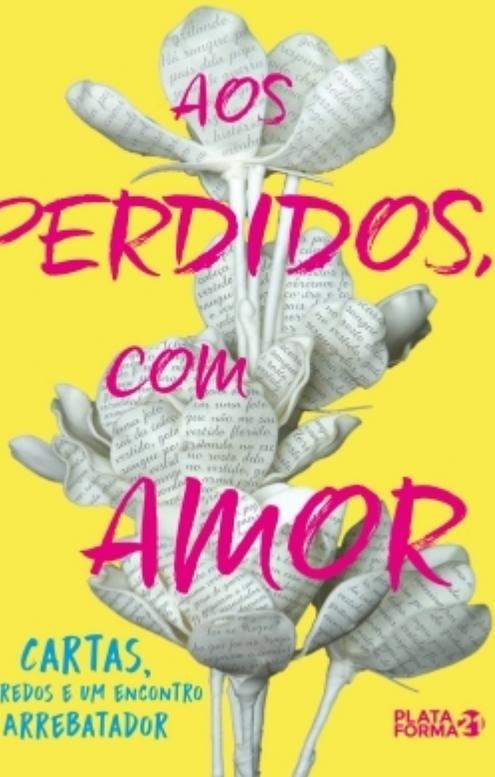
A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a

natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)

BRIGID KEMMERER

AOS
PERDIDOS,
COM
AMOR



CARTAS,
SEGREDOS E UM ENCONTRO
ARREBATADOR

PLATA
FORMA 3

Aos perdidos, com amor

Kemmerer, Brigid

9788592783372

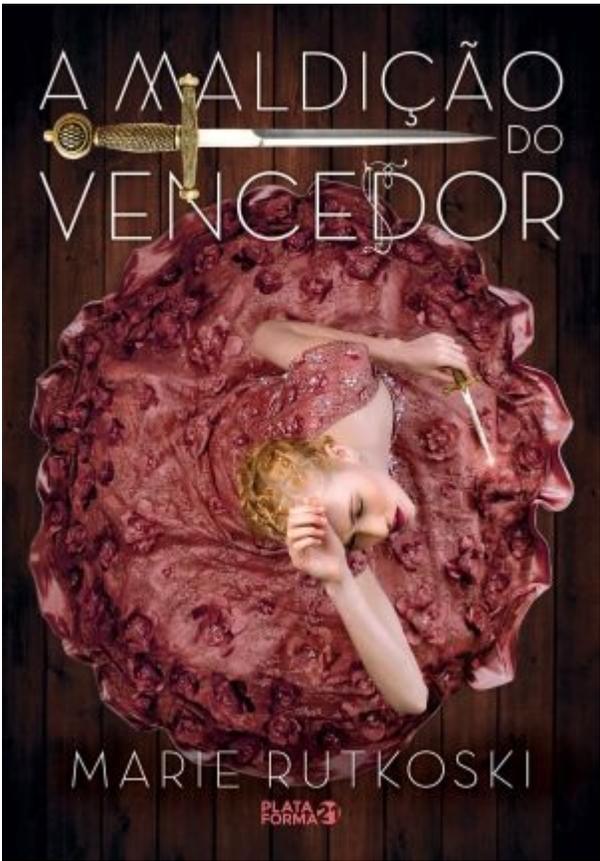
452 páginas

[Compre agora e leia](#)

Juliet Young sempre escreveu cartas para sua mãe. Mesmo depois da morte dela, continua escrevendo – e as deixa no cemitério. É a única coisa que tem ajudado a jovem a não se perder de si mesma. Já Declan Murphy é o típico rebelde. O cara da escola de quem sempre desconfiam que fará algo errado, ou até ilegal. O que poucos sabem é que, apesar da aparência durona, ele se sente perdido. Enquanto cumpre pena prestando serviço comunitário no cemitério local, vive assombrado por fantasmas do passado. Um dia, Declan encontra uma carta anônima em um túmulo e reconhece a dor presente nela. Assim, começa a se corresponder com uma desconhecida... exceto por um detalhe: Juliet e Declan não são completos desconhecidos um do outro. Eles estudam na mesma escola, porém são tão diferentes que sempre se repeliram. E agora, sem saber, trocam os segredos mais íntimos. Mas, aos poucos, a vida real começa a interferir no universo particular das confidências. E isso pode separá-los ou uni-los para sempre. Entre cartas, e-mails e relatos, Brigid Kemmerer constrói uma trama intensa, repleta de descobertas e narrada sob o ponto de vista dos

dois personagens. Uma história de amor moderna de arrebatador o coração.

[Compre agora e leia](#)



A maldição do vencedor

Rutkoski, Marie

9788576839781

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Kestrel quer ser dona do próprio destino. Alistar-se no Exército ou casar-se não fazem parte dos seus planos. Contrariando as vontades do pai – o poderoso general de Valória, reconhecido por liderar batalhas e conquistar outros povos –, a jovem insiste em sua rebeldia. Ironicamente, na busca pela própria liberdade, Kestrel acaba comprando um escravo em um leilão. O valor da compra chega a ser escandaloso, e mal sabe ela que esse ato impensado lhe custará muito mais do que moedas valorianas. O mistério em torno do escravo é hipnotizante. Os olhos de Arin escondem segredos profundos que, aos poucos, começam a emergir, mas há sempre algo que impede Kestrel de tocá-los. Dois povos inimigos, a guerra iminente e uma atração proibida... As origens que separam Kestrel de Arin são as mesmas que os obrigarão a lutarem juntos, mas por razões opostas. A maldição do vencedor é um verdadeiro triunfo lírico no universo das narrativas fantásticas. Com sua escrita poderosa, Marie Rutkoski constrói um épico de beleza indômita. Em um mundo dividido entre o desejo e a escolha, o dominador e o dominado, a razão e a emoção, de que lado você permanecerá?

[Compre agora e leia](#)

GAROTAS DE NEVE E VIDRO



MELISSA BASHARDOUST

PLATA 3

Garotas de neve e vidro

Bashardoust, Melissa

9788592783655

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mina é filha de um mago cruel e sua mãe está morta. Aos dezesseis anos, seu coração nunca bateu apaixonado por ninguém – na verdade, ele jamais bateu de forma alguma, e Mina sempre achou esse silêncio normal. Ela nunca suspeitou que o pai arrancara seu coração e, no lugar, colocara um coração de vidro. Então, quando Mina chega ao castelo de Primavera Branca e vê o rei pela primeira vez, ela cria um plano: ganhar o coração dele, tornar-se rainha e finalmente conhecer o amor. A única desvantagem desse plano, ao que tudo indica, é que ela se tornará madrasta. Lynet tem quinze anos e é a imagem de sua falecida mãe. Um dia, ela descobre a verdadeira razão disso: a partir da neve, um mago a criou à semelhança da rainha morta. Mas, apesar de ser a projeção visual perfeita da falecida rainha, Lynet preferiria ser forte e majestosa como sua madrasta, Mina. E Lynet realiza seu desejo quando o pai a torna rainha dos territórios do sul, tomando assim o lugar de Mina. A madrasta, então, começa a olhar para a enteada com algo que se assemelha ao ódio, e Lynet precisa decidir o que fazer – e quem quer ser – para ter de volta a única mãe que de fato conheceu... ou simplesmente vencer Mina de uma vez por todas.

Garotas de neve e vidro traça a relação de duas mulheres fadadas a serem rivais desde o princípio – a não ser que redescubram a si mesmas e deem novo significado à história que lhes foi imposta. Este aclamado conto feminista do clássico Branca de Neve nos leva a um mundo singelo e, ao mesmo tempo, maravilhoso – como nos contos de fadas. Uma releitura contemporânea para mantê-lo sempre atual e presente. "Esplêndido." – AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – Starred Review "Arrebatadora adaptação feminista do clássico Branca de Neve num tratamento sombrio e fantástico." – KIRKUS – Starred Review "Reconto empoderador com protagonistas complexas. Inovador e atual – altamente recomendado." – SCHOOL LIBRARY JOURNAL – Starred Review "A autora reflete sobre instituições estabelecidas, identidades, individualidades, amor e livre arbítrio." – PUBLISHERS WEEKLY "Uma narrativa sofisticada que une magia, relações entre mãe e filha, além de mulheres gloriosamente poderosas buscando triunfo num mundo estritamente patriarcal." — TRACI CHEE, best-seller do New York Times e autora da série Mar de Tinta e Ouro.

[Compre agora e leia](#)



*O cara
dos meus sonhos*
(OU QUASE)

Jenn Bennett

PLATAFORMA

O cara dos meus sonhos (ou quase)

Bennett, Jenn

9788592783464

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

E se você tivesse que atravessar o país para descobrir um grande amor? A cinéfila Bailey "Zibelina" Rydell troca mensagens com um nerd carismático igualmente apaixonado por filmes – Alex, seu crush virtual. Eles viviam separados por mais de mil quilômetros, até Bailey se mudar para a casa do pai na Califórnia – mais precisamente, para a mesma cidade de Alex. Insegura e temendo que o Alex da vida real seja muito diferente de suas idealizações, Bailey não conta a ele que estão na mesma cidade. Ou que conseguiu um trabalho num museu "caça-turistas" local. Ou que ela está, pouco a pouco, sendo fisgada por um rapaz irritantemente atraente que trabalha no lugar – Porter Roth, cujo berço é uma lendária família de surfistas. Só que a vida é muito mais complicada que qualquer filme, principalmente quando Bailey percebe a estreita fronteira entre ódio, amor ou seja lá o que está sentindo por Porter. Além disso, descobrir a verdadeira identidade de Alex mostra-se uma tarefa mais difícil do que ela imaginava. Assim, conforme o verão passa, Bailey precisa decidir se permanece apegada a suas projeções de um Alex que ela nem sabe se existe

ou se arrisca uma relação com Porter. Afinal, o cara dos seus sonhos não pode ficar só no mundo virtual.

[Compre agora e leia](#)